

VÍTOR JOCHIMS SCHNEIDER

NOTES SUR L'ACCENTUATION LITUANIENNE:
uma ciência em construção

Porto Alegre

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
ESPECIALIDADE: ANÁLISES TEXTUAIS E DISCURSIVAS
LINHA DE PESQUISA: TEORIAS DO TEXTO E DO DISCURSO

NOTES SUR L'ACCENTUATION LITUANIENNE:

uma ciência em construção

Tese de doutorado em Análises textuais, discursivas e enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Valdir do Nascimento Flores

Porto Alegre

2016

CIP - Catalogação na Publicação

Schneider, Vitor Jochims

Notes sur l'accentuation lituanienne: uma ciência em construção / Vitor Jochims Schneider. -- 2016. 199 f.

Orientador: Valdir do Nascimento Flores.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Ferdinand de Saussure. 2. epistemologia linguística. 3. história da linguística. 4. lituano. I. Flores, Valdir do Nascimento, orient. II. Título.

VÍTOR JOCHIMS SCHNEIDER

NOTES SUR L'ACCENTUATION LITUANIENNE:
uma ciência em construção

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Núbia Rabelo Bakker Faria – UFAL

Prof^a Dr^a Cristina Rorig Goulart – IFRS

Prof^a Dr^a Luiza Ely Milano – UFRGS

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores – UFRGS (Orientador)

Porto Alegre

2016

para a Vó Landa

AGRADECIMENTOS

Pertenço, por motivos que não sei explicar, ao grupo dos bem aventurados que têm muito a agradecer.

Agradeço aos meus pais e irmãos, pela acolhida. À minha mãe, por ter me dado araquá enquanto me embalava embaixo de uma árvore em Guaíba. Ao meu pai, por ter me ensinado a amar os mapas, as estrelas, as religiões, as anatomias. Aos meus irmãos, por serem as amizades mais longas e por me darem sobrinhos. Ao Luís Felipe, por ter jogado futebol comigo no corredor do nosso apartamento. À Júlia, por ter me dado, sem que soubesse, a primeira aula de inglês que tive na vida.

À minha avó Iolanda, pelas histórias, rimas, quindins, jantas e cafés fartos que me nutriram durante as jornadas de trabalho. Aos meus sobrinhos, Luísa, Pedro, Eduardo e Helena, por serem criaturas enérgicas que balbuciam, cantam, pulam, desenham e contam histórias.

Agradeço ao grande grupo de tios e primos, por terem me englobado numa tribo de gente afetuosa. Agradeço à Ana e ao Majá, por terem me feito uma fantasia de casa em 1992. Agradeço à Regina e ao Babico, por terem me hospedado vários verões e me levado à praia. Agradeço à Fafa pelos livros que me deixou numa caixa, em especial, O segundo sexo. Agradeço ao Zé, por me abraçar com força. Agradeço ao Kiko por fazer galinhada inúmeras vezes e por uma vez ter me levado ao cinema num fim de semana muito frio. Agradeço à Landinha, por ter feito muitas sobremesas e uma coberta de lã muito colorida.

Agradeço aos meus amigos, por compartilhem os dias e as vontades. Aos companheiros de APPH, pela vontade de criar e manter no centro da cidade uma zona autônoma temporária. Agradeço ao Fernando, por ser meu interlocutor de todas as horas. Agradeço à Germana pela leitura atenta e pelas muitas noites compartilhadas. Agradeço à Anelise pelo coração aberto e pelos convites irrecusáveis. Agradeço à Caroline pelas paçocas e pelo humor notívago.

Agradeço ao Leandro e ao Thomaz, por serem uma fonte inesgotável de surpresas. Ao Pedro, por me dar vontade de ler e escrever versos. Ao Igor, por regar minha curiosidade e alimentar a certeza de que o mundo é um infinito a ser cuidado. À Maitê, por ser um acúmulo de memórias e risos. À Petra, pela confiança e pelos poderes dos cristais.

Agradeço ao professor Valdir Flores, por me acompanhar no que faço, penso, leio e escrevo há alguns anos. Sou muito grato pela doação de longas horas dos seus dias, pelos chás, pelos livros emprestados e pela confiança depositada.

Agradeço imensamente à equipe de professores que aceitou fazer a leitura crítica e colaborativa deste material. À professora Luiza Milano, pelas diversas aulas, encontros, e rodas de leitura do CLG. Agradeço em especial pelas suas leituras e comentários em torno deste texto. Agradeço à professora Núbia, que, apesar da distância, se disponibilizou a participar da qualificação deste material. Agradeço à professora Cristina Rorig Goulart por ter aceito realizar uma leitura crítica desta tese.

Agradeço também às professoras Mônica Nariño e Márcia Velho, por terem confiado no meu trabalho junto ao Núcleo de Ensino de Línguas por Extensão. Agradeço aos alunos com quem trabalhei, pelos desafios que me trouxeram. Agradeço a todos os professores e funcionários da UFRGS, em especial àqueles que se esforçam por fazer do Instituto de Letras um espaço de vivências transformadoras.

A todos esses e a todos os outros por vir, meu sincero agradecimento.

Gracias a la vida.

Probablement, tout et tous - et nous-mêmes - ne sommes-nous que des rêves immédiats de la divine Matière. Les produits textuels de sa prodigieuse imagination. Et ainsi, en un sens, pourrait-on dire que la nature entière, y compris les hommes, n'est qu'une écriture; mais une écriture d'un certain genre; une écriture *non significative*, du fait qu'elle ne se réfère à aucun système de signification; qu'il s'agit d'un univers indéfini : à proprement parler *immense*, sans mesures.

Tandis que le monde des paroles est un univers fini. Mais du fait qu'il est composé de ces objets très particuliers et particulièrement émouvants, les sons significatifs et articulés dont nous sommes capables, qui nous servent à *la fois* à nommer les objets de la nature et à exprimer nos sentiments intimes,

Sans doute suffit-il de *nommer* quoi que ce soit - d'une certaine manière - pour exprimer tout de l'homme et, du même coup, glorifier la matière, exemple pour l'écriture et providence de l'esprit.

Francis Ponge

RESUMO

O objetivo desta tese é produzir uma leitura analítica do manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne* de Ferdinand de Saussure a fim de identificar os procedimentos epistemológicos empregados pelo linguista durante a construção de um novo modo de fazer ciência. Tal empreitada é realizada com base no estabelecimento de uma aliança teórica entre a historiografia da linguística e os estudos saussurianos. Na primeira parte da tese, apresenta-se o campo de pesquisas da historiografia da linguística enquanto um cruzamento de perspectivas *histórica* e *epistemológica*. Com base na articulação desses dois eixos, são expostos os diversos modos pelos quais o nome de Ferdinand de Saussure pode ser situado numa marcha de desenvolvimento da linguística enquanto ciência. Num segundo momento, apresenta-se como a linguística geral saussuriana foi identificada a uma matriz epistemológica de ordem aristotélica, ou seja, uma produção de conhecimento derivada da manipulação de conceitos ordenados em axiomas indemonstráveis. Na segunda parte da tese, o cruzamento entre história e epistemológica foi reproduzido sobre o objeto deste estudo: manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne*. Portanto, apresenta-se inicialmente um exame do contexto histórico e científico no qual os estudos de Ferdinand de Saussure sobre a língua lituana foram realizados. Após a localização de tal material, é realizada uma leitura descritiva e analítica de alguns fragmentos do texto manuscrito. Por fim, elabora-se uma síntese interpretativa do material apresentado. Conclui-se que os procedimentos epistemológicos neste manuscrito não configuram uma epistemologia aristotélica, tal como a identificada em outras porções do corpus saussuriano. Este manuscrito em específico apresenta que a linguística geral de Saussure deriva de práticas analíticas específicas que impunham a necessidade de elaborar uma ciência cujo objeto tem condições de existência distintas das verificadas nas outras ciências modernas.

Palavras-chave: estudos saussurianos; epistemologia linguística; história da linguística.

RESUMÉ

Le but du présent travail, c'est de produire une lecture analytique du manuscrit *Notes sur l'accentuation lituanienne* de Ferdinand de Saussure afin d'identifier les procédures épistémologiques employés par le linguiste pendant la construction d'une nouvelle manière de faire de la science. Telle entreprise est basée sur l'établissement d'une alliance théorique entre l'historiographie de la linguistique et les études saussuriennes. Dans la première partie de la thèse, on présente le champ de recherche de l'historiographie de la linguistique comme un croisement des perspectives *historique* et *épistémologique*. Par l'articulation de ces deux axes, on expose les différentes façons comment le nom de Ferdinand de Saussure peut être situé dans une progression de développement de la linguistique en tant que science. Deuxièmement, on présente la manière dont la linguistique générale saussurienne a été identifiée avec une matrice épistémologique d'ordre aristotélicien, c'est-à-dire une production de connaissance dérivée de la manipulation de concepts ordonnés en axiomes indémontrables. Dans la seconde partie de la thèse, le croisement entre histoire et épistémologie a été reproduit sur l'objet de cette étude-ci : le manuscrit *Notes sur l'accentuation lituanienne*. On présente donc, d'abord, un examen du contexte historique et scientifique dans lequel les études de Ferdinand de Saussure sur la langue lituanienne ont été réalisées. Après la localisation de ce matériel, c'est réalisée une lecture descriptive et analytique de quelques fragments du texte manuscrit. Finalement, on élabore une synthèse interprétative du matériel présenté. On conclue que les procédures épistémologiques dans ce manuscrit ne configurent pas d'épistémologie aristotélicienne dans d'autres parts du corpus saussurien. Ce manuscrit, spécifiquement, montre que la linguistique générale de Saussure dérive de pratiques analytiques spécifiques qui imposent la nécessité d'élaborer une science dont l'objet a des conditions d'existence distinctes de celles vérifiées dans d'autres sciences modernes.

Mots-clés: études saussuriennes; épistémologie linguistique; histoire de la linguistique.

APRESENTAÇÃO

Esta tese foi elaborada com o intuito de propiciar uma compreensão de ciência da linguagem que não se dobrasse a reducionismos de qualquer ordem. Este desejo é fruto de uma rinação de ideias iniciada nas aulas de Epistemologia Linguística, ministradas pelo professor Valdir do Nascimento Flores no primeiro semestre de 2012.

Naquele período, travei contato com diferentes porções do corpus saussuriano, o que se apresentava como um rico manancial de reflexões a respeito do estatuto de ciência da linguística. Essa leitura foi o estopim para que eu me ejetasse do círculo de leituras dos estudos linguísticos e caísse desamparado num desfiladeiro de textos do campo difuso e híbrido da epistemologia e da história da ciência.

Clássicos da história e filosofia da ciência – Alexandre Koyré, Karl Popper, Gerald Holton – mediados por estudiosos da linguística saussuriana, permitiram-me colher diversas ferramentas conceituais para produzir uma leitura analítica do material saussuriano, a fim de diagnosticar a matriz epistemológica suposta por tais textos. A jornada de leituras do corpus saussuriano, no entanto, não encontrou sossego nessa possibilidade.

Identificar princípios, axiomas, articular e desenhar mapas conceituais, adequações de positividade e não-positividade, todos esses recursos conduziam-me a produção de um discurso filosófico etéreo. Ao fim de tudo, o que se atingia era uma compreensão da atividade científica como uma pura produção discursiva capaz de justificar certezas. O desejo de contribuir para uma compreensão não redutora do fazer científico não seria satisfeito por essa via, que substituiria a imagem limitada da pura empiria do censo comum por um mapeamento de relações proposicionais. Para produzir uma figura não reducionista de ciência foi necessário recorrer a leituras que me conduzissem à materialidade – e não à pura conceituação - que compõe as ações de cientistas.

Em 2013, graças a meu amigo Fernando Silva e Silva, tive contato com o gigantesco estudo biobibliográfico de John E. Joseph (2012) a respeito de Ferdinand de Saussure. Essa massiva obra apresentava não apenas uma quantidade imensa de dados muito pertinentes para os estudos que realizava como também uma perspectiva extremamente adequada para o desenvolvimento de uma compreensão não reducionista da atividade científica. Num livro tão absorvente quanto um bom romance, Joseph demonstra como as ideias do linguista genebrino se articulam com as grandes questões investigativas de seu tempo.

O par sujeito-objeto, protagonistas da atividade científica, é apresentado de maneira totalmente distinta da imagem de censo comum de ciência que encontramos nos manuais de

linguística. Joseph retrata um Ferdinand de Saussure engajado, ainda que de um modo muito peculiar, com problemas metodológicos da gramática comparada de seu tempo. Saussure, apresenta-nos o biógrafo, é um linguista produtivo, que circula de modo peculiar entre diversos meios intelectuais, desloca-se com frequência no território acadêmico, estabelece correspondências de afeto e desafeto com colegas, tem desavenças institucionais, padece de problemas financeiros e familiares.

Essas cenas biográficas não são o simples contexto que envolve o conteúdo da atividade intelectual de um Saussure isolado em sua bancada. A obra de Joseph é exemplar na criação de um ponto de vista no qual não há uma divisão entre contexto exterior e conteúdo interior da atividade científica. A produção de conhecimento é apenas uma, e em nada especial, das diversas atividades desenvolvidas por um coletivo humano. Os objetos e atitudes dessa atividade, por não pertencerem a um estrato superior da intelectualidade, estão submetidos às mesmas dimensões espaço-temporal de todas as ações humanas.

Este laço entre história e produção científica, tão bem atado por Joseph, surgiu como uma vereda muito produtiva para produzir uma compreensão não reducionista de ciência. Essa nova perspectiva, na qual Saussure é investigado como sujeito histórico e não como uma matriz cognitiva, fez com que duas imensas prateleiras de leitura se abrissem em meu cérebro: a primeira dedicada à história da linguística; a segunda, ao pensamento saussuriano.

As investigações levadas a cabo pelos estudos de história e historiografia da linguística, como o próprio trabalho de Joseph, foram de crucial importância para o desenvolvimento de um olhar capaz de apreender a historicidade dos conceitos e atitudes que dão forma aos saberes linguísticos. Nesse sentido, os trabalhos teóricos de Sylvain Auroux (1980; 1988; 1989; 1997) e as pesquisas de Ernst Frideryk Konrad Koerner (1973; 1996; 2014) fomentaram a elaboração de uma abordagem do corpus saussuriano consciente de seus limites.

O considerável conjunto de leituras interpretativas produzidas pelos investigadores do pensamento saussuriano foi reduzido à obra de um autor em específico: Jean-Claude Milner (1987; 1995; 2003). Essa escolha se justifica não apenas pela qualidade do trabalho de Milner, mas sobretudo pelo fato de que esse autor desenvolve a todo instante um questionamento a respeito dos critérios de cientificidade da linguística. Em virtude dessa abordagem epistemológica, sua leitura é considerada como exemplo de uma interpretação bem elaborada da matriz epistemológica de Saussure, tal como pode ser lida a partir de em uma determinada porção de textos.

Outro pesquisador do pensamento saussuriano que ofereceu uma direção no trabalho de leitura das NAL foi Johanes Fehr (1996). Ao relatar o trabalho desenvolvido para elaborar a versão alemã dos *Escritos de Linguística Geral*, o investigador propõe fazer uso dos conceitos de ciência pronta e ciência em ação, propostos por Bruno Latour (2000), para estabelecer uma perspectiva de leitura dos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Pensar que a leitura da obra fragmentária de Ferdinand de Saussure constrói uma ciência em progresso é um primeiro passo para se desfazer a imagem cristalizada de um Saussure situado no instante zero do big-bang fundacional de uma ciência.

Todas essas leituras formativas retornaram ao objeto de pesquisa que havia sido seu estopim: o corpus textual de Ferdinand de Saussure. Após cursar as disciplinas formativas do programa de pós-graduação, tinha diante de mim a possibilidade de reler diversas porções da grande massa textual saussuriana. As diferentes versões do *Curso de Linguística Geral*, os *Escritos de Linguística Geral*, os textos do *Recueil des Publications Scientifiques* e uma série de manuscritos editados disponíveis para leitura enfileiravam-se como portas de entrada para o território saussuriano. A escolha pelo manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne* foi totalmente induzida pelas leituras realizadas nesse rápido e intenso mergulho no campo da história da linguística.

A publicação parcial de NAL na revista L'Herne foi tomada como objeto de análise deste trabalho por uma série de motivos. Em primeiro lugar, por ser um texto manuscrito, esse material revela uma ciência em ação, isso é, a construção de um pensamento que manipula um objeto de maneira que ocorra uma produção de conhecimento. Ao contrário da ciência bem-acabada que costuma ser lida no CLG e, em menor escala, nas publicações do RPS, os manuscritos de Ferdinand de Saussure revelam a produção de uma ciência sob constante avaliação e transformação. As centenas de páginas deixadas pelo linguista genebrino abrangem uma grande diversidade de temas. Poderíamos nos dedicar às reflexões sobre a linguística geral, à teoria silábica, à poesia latina, aos versos homéricos, à mitologia germânica. A acentuação lituana era apenas mais um item de um catálogo de opções extremamente tentadoras.

A escolha de tal tema, no entanto, não se deu por uma preferência, mas sim pelo fato de que a acentuação da língua báltica foi uma questão de pesquisa que muito instigou a comunidade científica nas últimas décadas do século XIX e que, até os dias atuais, segue sendo tema de debates entre especialistas (ARKADIEV et al.,2015). A partir deste problema de pesquisa, podemos localizar o trabalho de Ferdinand de Saussure na rede de produção e circulação de conhecimento de sua época.

A leitura das NAL transformou-se numa tarefa excitante e incerta. Não tenho formação disciplinar em linguística comparada. Além disso, como devem supor, ao princípio deste trabalho, não conhecia nem mesmo uma palavra em lituano, o que dizer de sua acentuação. Diante de tal desafio, restava-me arregaçar as mangas.

Diversos foram os livros, artigos, blogs, vídeos online e métodos de ensino consultados para obter uma compreensão da acentuação lituana que me permitisse penetrar com um pouco menos de insegurança nas anotações e artigos de Ferdinand de Saussure. Por alguns meses, as paredes do meu quarto estiveram cobertas por tabelas com declinações, paradigmas acentuais e um vocabulário básico da língua lituana. Nos momentos de folga, sobretudo nas madrugadas, passei longas horas no site memrise.com na tentativa de aprender o idioma báltico. Esse contato me fez desenvolver uma certa simpatia pela Lituânia, porém, não sou capaz de dominar com clareza o que se espera de um principiante no idioma. Assim como o jovem Saussure que retorna frustrado de sua viagem à Lituânia, confesso minha decepção de não ter aprendido a utilizar a língua tanto quanto gostaria. Ainda que seja frustrante, tal atividade foi de grande valor pedagógico, pois me levou a transformar um dado totalmente formalizado em uma experiência sensível.

Essa imersão em leituras e análises reverteu-se no texto que compõe esta tese, que tem como objetivo específico produzir uma leitura do material saussuriano – com foco nas NAL – que apresente como Ferdinand de Saussure constrói o seu fazer científico. Ao contrário de uma reflexão puramente epistemológica a respeito do alcance do sistema conceitual elaborado pelo linguista, tal como elaborado no princípio desta experiência, este trabalho permite ancorar o pensamento saussuriano em uma prática científica historicamente localizada.

Evidentemente, tal empreitada de trabalho visa a contribuir com o crescente conjunto de pesquisas acerca da linguística saussuriana que vem se consolidando em nosso meio acadêmico. Espero que a proposta de ler no texto saussuriano uma ciência em construção seja uma abordagem produtiva para a compreensão de diferentes momentos e problemas da história das ciências da linguagem.

O trabalho que segue, fruto dessa trajetória heteróclita, não se caracteriza por um trabalho redondo, como costumam ser descritas as teses bem acabadas. O texto está organizado em três partes que representam três momentos da pesquisa desenvolvida. Na primeira delas, estão registradas as contribuições teóricas colhidas durante o percurso e leituras teóricas já mencionadas. A segunda parte apresenta a leitura descritiva e analítica das NAL, feita a partir das ferramentas conceituais e colhidas na primeira etapa. A terceira e última parte apresenta como conclusão uma interpretação sintética da leitura descritiva

apresentada anteriormente. Esta divisão entre reflexão teórica e prática analítica não foi previamente estabelecida, ela é resultado final de um tortuoso caminho que cruza inúmeras vezes as fronteiras dessas duas atividades.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: <i>IMs.fr.3953, f. 271</i>	57
Figura 2: Mapa atual da Lituânia.....	73
Figura 3: Linha cronológica de 1880 a 1922.....	86
Figura 4: Mapa da viagem de Ferdinand de Saussure à Lituânia.....	91
Figura 5: Linha cronológica de 1889 a 1896.....	112
Figura 6: Diagrama do processo editorial das <i>NAL</i>	118
Figura 7: <i>IMs. fr. 3953, f.257-276</i>	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Correspondências fonéticas entre latim, grego, sânscrito e lituano.....	74
Tabela 2: Estudos bálticos contemporâneos a Saussure.....	78
Tabela 3: Publicações de Ferdinand de Saussure sobre a língua lituana.....	83
Tabela 4: Descrição e distribuição dos contornos tonais lituanos.....	98
Tabela 5: Paradigmas acentuais da língua lituana.....	98
Tabela 6: I paradigma acentual.....	99
Tabela 7: II paradigma acentual.....	99
Tabela 8: III paradigma acentual.....	99
Tabela 9: IV paradigma acentual.....	100
Tabela 10: Diferença distribucional entre padrões tonais lituanos.....	101
Tabela 11: Correspondência fonética entre acentos lituanos e formas fonéticas do sânscrito, grego e latim.....	102
Tabela 12: Reconstrução da diferença tonal lituana.....	103
Tabela 13: Repertório vocálico de Karl Brugman e Ferdinand de Saussure.....	104
Tabela 14: Reconstrução da entonação aguda lituana.....	105
Tabela 15: Mudança do padrão acentual agudo lituano.....	107
Tabela 16: Correspondência entre referências bibliotecárias e títulos dados pelos editores das <i>NAL</i>	119
Tabela 17: <i>Table de matières</i> de <i>NAL</i>	121

LISTA DE ABREVIATURAS E REFERÊNCIAS

Dado que os textos de Ferdinand de Saussure são citados inúmeras vezes nesse trabalho, optou-se por adotar a notação descrita abaixo como forma de referência:

- RPS *Recueil des publications scientifique*. Texte établi par BALLY, C. et GAUTIER, L. Genève: Librairie Payot, 1922.
- MLFS *Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1908.
- MVI *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig: B. G. Teubner, 1879.
- ELG *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CLG *Curso de Linguística Geral*. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger. São Paulo: Cultrix, 1991.
- NAL *Notes sur l'accentuation lituanienne*. Editado por Ludwig Jäger, Mereike Buss e Lorella Ghiotti. In: BOUQUET, S. (dir). *Saussure, Cahiers de l'Herne*, Paris: Éditions de l'Herne, 2003.

As citações diretas desses textos obedecem à seguinte formatação:

“Citação” (Título do texto abreviado [data de publicação do texto] página do texto).

Exemplo:

“Les langues d'Europe avec leur vocalisme varié apportent des témoignages plus positifs” (MVI [1879], p. 38).

O texto editado a partir do manuscrito *Notes sur l'accentuation lituanienne*, objeto de análise desta tese, será referido do mesmo modo que os textos mencionados acima. No início das citações diretas, porém, incluiremos o registro da passagem tal como elaborado pelo sistema da *Bibliothèque de Genève* (antiga *Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève*).

O registro *Ms.fr. 3935* refere-se ao conjunto de 327 folhas cuja organização será apresentada no capítulo 5.1. Para fins de referência a tal texto empregaremos a seguinte formatação:

Unidade textual. Registro bibliotecário. Número da folha

“Citação” (NAL [2003], número da página).

Exemplo:

I.Ms.fr.3951, f.260

Par le nombre des cas ou par la surface qu’il couvre, un phénomène – absolument quelconque, pourvu qu’on le prenne dans *un état de langue* défini - : est *partiel* ou ne l’est pas. (NAL [2003], p. 328).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: ARTICULAR HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA.....	21
1.1	UM PANORAMA HISTÓRICO DOS SABERES LINGUÍSTICOS.....	24
1.2	HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA: ARTICULAÇÃO METODOLÓGICA	27

PARTE I

2	EIXO HISTÓRICO: SAUSSURE, UM NOME DE AUTOR.....	36
2.1	MESTRE GENEBRINO.....	41
2.2	AUTOR DE UM LEGADO.....	42
2.3	CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL	44
2.4	PARA ALÉM DO CLG.....	47
3	EIXO EPISTEMOLÓGICO: SAUSSURE, UM CIENTISTA.....	50
3.1	A CIÊNCIA LINGUÍSTICA	51
3.2	A CIÊNCIA SAUSSURIANA	62
3.3	MANUSCRITOS SAUSSURIANOS: UMA CIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO.....	67

PARTE II

4	O LITUANO NA GRAMÁTICA COMPARADA DO SÉCULO XIX.....	73
4.1	O LITUANO NO CORPUS SAUSSURIANO	78
4.1.1	O lituano no CLG	80
4.1.2	O lituano no RPS	82
4.2	O LITUANO COMO TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA.....	85
4.2.1	De Leipzig à Krottingen	86
4.2.2	Da vogal * ^A ao acento agudo	96
5	EIXO EPISTEMOLÓGICO: A CIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO NAS NAL	113
5.1	A EDIÇÃO DAS NAL E SUAS POSSIBILIDADES DE LEITURA	117
5.2	LEITURA ANALÍTICA DAS NAL	122
5.2.1	Leitura analítica I: As folhas encadernadas.....	123
5.2.2	Leitura analítica II: primeira porção das folhas soltas.....	139
5.2.3	Leitura analítica III: segunda porção de folhas soltas	159

PARTE III

6	UMA CIÊNCIA EM ESTADO DE MANUSCRITO	169
6.1	UMA FENOMENOLOGIA.....	173
6.2	UM OBJETO	177
6.3	UMA DISCIPLINA.....	183
6.4	UMA CIÊNCIA POR VIR	187
	REFERÊNCIAS	195

1 INTRODUÇÃO: ARTICULAR HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA

A leitura do manuscrito saussuriano *Notes sur l'accentuation lituanienne*, exercício almejado nesta tese, é uma tarefa que se apresenta envolta numa espessa camada de desafios teóricos e metodológicos.

Em primeiro lugar, esse texto – produzido em maio de 1894 – chega ao público após um largo período de tempo, no qual foi consolidada uma leitura dos textos atribuídos ao nome Ferdinand de Saussure. A dimensão temporal, ou seja, histórica, deve ser empregada e amarrada de maneira cuidadosa para que a manipulação de tal material discursivo não recaia numa leitura simplista e incoerente.

Em segundo lugar, o manuscrito em questão apresenta aos leitores os registros de uma reflexão sobre como produzir um saber sobre a linguagem. O conteúdo do texto, por assim dizer, impõem aos leitores a necessidade de somar à dimensão histórica, que atravessa a leitura desse material, a dimensão epistemológica. Para que seja possível penetrar no manuscrito é necessário um olhar capaz de detectar as propostas de um modo de produzir conhecimento, suas implicações e consequências. Determinada essa dupla necessidade, recorreremos à história/historiografia da linguística enquanto um campo investigativo que oferece pontos de vista, conceitos e ferramentas metodológicas úteis para o desenvolvimento do trabalho almejado nesta tese¹.

¹ As denominações *história* e *historiografia* são empregadas por diferentes pesquisadores dedicados ao exame do desenvolvimento do conhecimento linguístico. Se fizéssemos um levantamento das diferentes nomeações desse vasto terreno investigativo, construiríamos um amplo glossário: *história das ideias linguísticas*, *história das teorias linguísticas*, *história da ciência linguística*, *historiografia linguística*, *historiografia da linguística*, dentre muitos outros. Visto que não visamos a produzir reelaborações teóricas dentro deste campo, não reservaremos espaço para elucidar essas diferentes abordagens. Este trabalho estabelece uma *aliança* – e não uma filiação – com as investigações previamente produzidas em torno do desenvolvimento da linguística, portanto, tal relação deve ser travada de modo consciente. Explícito em nota a diferença que os termos *história das ideias linguísticas* e *historiografia linguística* – empregados ao longo desta tese – pode vir a significar para o leitor.

Tradicionalmente, os termos *história das ideias linguísticas* e *historiografia linguística* estão vinculados a dois grandes nomes de autor. *Historiografia linguística* é a denominação dada por E. F. Koerner (1996) para os trabalhos que visam a descrever eventos da história da ciência linguística seguindo uma série de princípios metodológicos. Já a *história das ideias linguísticas* é a denominação empregada pelo grupo de pesquisa consolidado em torno de Sylvain Aurox. Esse projeto de pesquisa que visa a construir um domínio investigativo da história e epistemologia das ciências da linguagem como um setor autônomo da história e da filosofia das ciências (AUROUX, 1996). É necessário frisar que entre essas duas grandes produções científicas, apesar das diferenças no modo de conduzir trabalhos, não são verificadas oposições ou disputas teóricas. Pesquisadores de formação anglófila e francófona compartilham em diversos momentos da escrita de obras na qual um mesmo objetivo é almejado sem que ocorram divergências.

Ao apresentar o primeiro volume da revista *Histoire Epistemologie Langage*, Jean Claude Chevalier (1979) aponta que a imensa massa de hipóteses teóricas, escolas de pensamento e conflitos interpretativos da ciência linguística incita os pesquisadores do campo a desenvolverem uma avaliação crítica das produções de conhecimento com as quais convivem. Segundo o autor, uma forte necessidade de organização interna do campo de pesquisa nada mais é do que um sintoma de maturidade disciplinar, pois somente um campo investigativo com larga produção teórica e analítica requer dos seus pesquisadores o desenvolvimento de tal olhar.

A então recém lançada publicação da *Société d'histoire et d'epistemologie des sciences du langage* é apresentada por Chevalier como sendo um espaço de reflexão sobre as produções de conhecimento do campo linguístico. A especificidade dessa reflexão – que toma como objeto os mais diversos tipos de investigação linguística – reside na articulação das perspectivas *histórica* e *epistemológica*.

Esse cruzamento de perspectivas é justificado pelo fato de que a *história* permite colocar as produções realizadas no campo da linguística em uma perspectiva cronológica, ao passo que a *epistemologia* elabora compreensões das metodologias empreendidas em diferentes momentos do desenvolvimento das ciências da linguagem. Esse espaço de reflexão demarcado pelas coordenadas histórica e epistemológica justifica-se pela necessidade que toda ciência madura tem de compreender a trajetória do seu processo disciplinar e dos métodos que a compõem.

Essa necessidade, segundo Chevalier, tem um peso especial para as ciências humanas, pois essas dependem diretamente das suas condições de constituição. No caso das ciências da linguagem, essa demanda é reforçada, visto ser esse um terreno de constante conflito com os critérios de cientificidade, o que torna a abordagem histórico-epistemológica necessária para

Na academia brasileira, as duas denominações são empregadas para referir a grupos de pesquisa com, evidentemente, diferentes formações e filiações teóricas. O termo *historiografia linguística* é normalmente empregado nos trabalhos do Grupo de Estudos em Historiografia Linguística, da Universidade de São Paulo, coordenado por Cristina Altman. Esses pesquisadores, mais próximos da produção anglófila, dedicam-se ao resgate das formas de conhecimento linguístico produzidos no território brasileiro. Para tanto, mantêm um acervo com diferentes materiais que servem de fonte para documentados e análise. Já o termo *história das ideias linguísticas* é empregado para referir ao projeto História das ideias Linguísticas no Brasil, da UNICAMP, sob coordenação de Eni Orlandi e Eduardo Guimarães. As pesquisas desenvolvidas por este grupo são fortemente orientadas pela análise do discurso francesa e se dedicam a examinar a constituição da identidade linguística brasileira.

Consciente dessa distinção, tomo a liberdade de empregar os dois termos sem suscitar valores institucionais. Para a escrita deste trabalho considereei apenas a diferença semântica – muito bem apontada por Koerner (1996) – entre os termos *história* e *historiografia*. Empregarei o termo *historiografia* para referir-me à atividade metodologicamente consciente de escrita de uma *história*. Evidentemente, essa escrita carrega consigo a tarefa de interpretar e reconstruir um passado. Tal preciosismo terminológico se necessário pelo fato de *história* ser um termo ambíguo, que pode referir tanto à marcha dos eventos ocorridos num tempo passado como ao discurso sobre esse passado elaborado por um historiador.

que os interessados em investigar fenômenos de linguagem tenham consciência de suas atitudes investigativas.

Olhar para o texto de Ferdinand de Saussure – assim como para as obras de outros autores – enquanto um ponto localizado nas diferentes trilhas do desenvolvimento da linguística não é uma atitude inédita. Diversos são os trabalhos que buscam revirar estados pretéritos da linguística para definir o modo como formulações teóricas e objetos de estudo foram forjados. Esse estudo sobre o desenvolvimento da linguística encontra-se formalmente organizado enquanto campo de pesquisa disciplinar desde os últimos anos 70 (Colombat et al, 2010). Nessa década, surgem revistas consagradas ao tema em questão. Nesse quesito, além da já apresentada *Histoire Epistemologie Langage*, é necessário apontar para a fundação de outro periódico de peso em torno do tema: *Historiographia Linguistica*, criada em 1974, sob direção de E. F. Koerner.

Numa década após a fundação da revista *Histoire Epistemologie Langage*, responsável pela circulação de diversos estudos sobre o desenvolvimento das ideias linguísticas, é publicada a gigantesca obra *Histoire des idées linguistiques*. Essa obra imensa é resultado de uma intensa atividade de pesquisa desenvolvida por um grupo numeroso de investigadores espalhados por diferentes países e dedicados a diferentes objetos de pesquisa. Devido à sua grande extensão, a obra é organizada em três volumes. O primeiro deles, (AUROUX, 1989), trata do estabelecimento de tradições gramaticais em diferentes sociedades. Para tanto são mobilizados diversos pesquisadores que se dedicam a investigar os discursos metalinguísticos produzidos na antiguidade clássica, nos povos do Oriente Médio, na região índica, no extremo oriente, dentre outros contextos. O segundo volume da obra (AUROUX, 1992a), restringe-se aos saberes produzidos no território europeu ao final do século XVIII e ao longo do século XIX. Por ser esse um período de grandes modificações na história dos saberes acerca das línguas, um grupo de pesquisadores se dedica a descrever os processos de constituição das instituições de saber consolidadas e os processos nelas desenvolvidos. O terceiro e último volume da obra (AUROUX, 1997), é totalmente dedicado ao século XX, e, pela primeira vez, os pesquisadores organizam a obra em torno das disciplinas que costumam ser descritas como tradicionais pela maior parte dos manuais e currículos de linguística: fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e lexicologia.

As investigações em história dos saberes linguísticos, como se vê, já produziram diversas interpretações a respeito dos mais variados pontos específicos do desenvolvimento das ciências da linguagem. Dada a fertilidade investigativa deste campo, colheremos nele alguns referenciais teóricos e metodológicos para a realização da leitura analítica do

manuscrito NAL. Para tanto, apresentaremos aqui uma sequência de conceitos e considerações relevantes para apontar de maneira geral as atitudes investigativas que caracterizam os trabalhos em história das ideias linguísticas.

1.1 UM PANORAMA HISTÓRICO DOS SABERES LINGUÍSTICOS

Partindo do pressuposto de que o saber linguístico é múltiplo e emerge naturalmente na atividade humana, Auroux (1988; 1992b) afirma que esse saber pode ser distinguido em duas grandes categorias: o saber *epilinguístico* e o saber *metalinguístico*².

Um exemplo clássico de um saber *epilinguístico* é a aquisição de linguagem. O sujeito que constitui esse saber transforma-se ao desenvolver uma percepção diferenciada da matéria da linguagem – no caso as cadeias sonoras – e passa a ocupar a posição de sujeito falante. Esse mesmo sujeito, no entanto, não produz um discurso sobre o saber que foi produzido. Todo falante de uma ou mais línguas sabe fazer uso do idioma, mas dificilmente elabora um saber a respeito do processo vivenciado. A experiência vivida é o amplo terreno onde germina o saber *epilinguístico*. O saber *metalinguístico*, por sua vez, caracteriza-se pela produção de um discurso específico capaz de formular uma representação simbólica para o saber que se constituiu. O terreno desse saber é muito mais estreito.

A distinção entre saber *epilinguístico* e saber *metalinguístico* é traçada por Auroux (1988) por meio de uma analogia com a fisiologia da percepção e da representação. Dizemos que a percepção sensível é desencadeada pelo contato de determinadas terminações periféricas do sistema nervoso com determinado objeto externo, ao passo que a representação é um processo decorrente de atividades do sistema nervoso central, que pode ser desencadeada sem a necessidade de contato imediato com objetos externos. Ao saber *epilinguístico* equivale a transformação perceptiva sofrida pelo sujeito em relação a determinado objeto após uma experiência sensível; ao saber *metalinguístico* equivale a experiência de construção de uma representação que é feita independentemente do objeto manipulado na experiência sensível.

Em termos discursivos, e é aqui que se concentra nosso interesse, essa diferença de registros é demarcada pelo desenvolvimento de uma metalinguagem. O exercício representativo formula um discurso sobre a relação estabelecida entre sujeito e objeto; a

² O termo *epilinguístico* é tomado de Antoine Culioli para distinguir o saber constituído sem demonstração acerca dos fatos de linguagem. Nas palavras do próprio Culioli, lemos: “[le] qualificatif épilinguistique, il désigne l’activité métalinguistique non consciente de tout sujet et se distingue donc de l’activité métalinguistique délibérée” (1999, p.74).

experiência sensível, decorrente da dimensão epilinguística, é responsável pela emissão de um discurso acerca do objeto apreendido. O discurso representativo desenvolve, portanto, uma série de ferramentas conceituais capazes de descrever a construção da representação de objetos. A essas ferramentas que nos possibilitam descrever um modo de representar um objeto— e não de percebê-lo —, damos o nome de *metalinguagem*.

O campo de pesquisa das investigações em história das ideias linguísticas detém-se sobre os *discursos metalinguísticos*, ou seja, aqueles produzidos com o intuito de criar a representação de um objeto linguístico. A metalinguagem, arsenal conceitual disponível e em constante transformação que possibilita a produção de diferentes modos de representar os fenômenos de linguagem, é objeto de extremo interesse para o investigador da história da linguística.

Segundo Aurox (1988, 1992b), o saber metalinguístico pode ser tanto de natureza especulativa, produzido com o objetivo específico de criar representações, como de natureza prática, ou seja, produzido com vistas a desenvolver determinadas habilidades. No mundo ocidentalizado, dois saberes práticos — a gramática, um saber relacionado ao domínio das línguas; e a lógica, um saber enunciativo — foram responsáveis por um intensivo deslocamento do saber de natureza prática para um saber puramente especulativo. O esforço de mover o saber acerca da linguagem desde o terreno prático para o território do saber especulativo é uma prática infinita. Frequentemente são suscitadas dúvidas acerca do valor de tal empreitada. Por ser a linguagem uma atividade na qual concorrem múltiplos fatores, a estabilização de um objeto capaz de ser descrito por um aparelho discursivo puramente especulativo é motivo de questionamento. Esses questionamentos tomam a forma de uma constante análise crítica dos critérios de cientificidade do conhecimento produzido a respeito dos fenômenos de linguagem. Perguntar se a linguística é de fato uma ciência é medir o deslocamento produzido desde um saber prático para um saber desinteressado e especulativo.

De acordo com Aurox (1988; 1992b), o processo de migração do saber linguístico prático para um saber puramente especulativo sobre a linguagem tem como marco inicial o desenvolvimento da escrita. As técnicas desenvolvidas para a produção de registros gráficos são empregadas com o objetivo de tornar a linguagem em um objeto manipulável. Essa seria a primeira grande operação produzida a partir do saber epilinguístico e é, segundo o autor, uma etapa necessária para o surgimento de uma abordagem metalinguística dos fenômenos de linguagem.

Os séculos XVIII e XIX são cruciais no desenvolvimento do conhecimento linguístico. É nesse período de contato com uma variedade de línguas que passaram a ser documentadas,

que irão ser elaborados métodos para a criação de um objeto de estudos científicizados. Após séculos de produção de discursos de saber vinculados às práticas enunciativas e às técnicas de escrita que buscavam estabelecer uma gramaticalização das línguas vernáculas europeias, os intelectuais europeus passaram a se dedicar a uma investigação cujos objetivos estavam descolados de tais práticas, o que desenha a figura de um saber puramente especulativo a respeito da multiplicidade de línguas. Uma boa porção da intelectualidade abandona o projeto de instituir os usos adequados de uma determinada língua e passa a se dedicar a compreender os mecanismos que podem ser verificados no uso de diversas línguas.

O objetivo das pesquisas realizadas nos séculos XVIII e XIX no mundo ocidentalizado passou a ser determinar regularidades e padrões que não estão na esfera da prescrição, mas que podem ser verificadas como inerentes à atividade linguística humana. Aurox (1988; 1992b) sublinha com precisão que a produção de um saber desinteressado e abstrato, isso é, produtor de representações destituídas de finalidades práticas, é uma prática muito singular na história das ideias linguísticas. Em nenhum outro momento histórico ou espaço cultural verificou-se prática semelhante.

Nessa constatação, Aurox aproxima-se da análise empreendida por outros autores. Michel Foucault (1999), por exemplo, ao dissecar as diferenças entre as epistemes que organizam as produções de saber clássica e moderna, aponta com detalhe para a alteração no modo como a linguagem passa a ser concebida. Enquanto na gramática geral a representação era o conceito organizador de todo saber, para a gramática comparada iniciada por Franz Bopp, Rasmus Rask, Friederich Schlegel e Jacob Grimm, a representação não é uma propriedade da linguagem a ser considerada. A gramática comparada inaugura uma nova positividade pelo fato de que a linguagem passa ser tomada enquanto um objeto, enquanto uma organização dos elementos das línguas que obedece a uma série de regras combinatórias. Esse olhar para os elementos da língua enquanto componentes de uma ordem – não como representações do mundo ou do pensamento – possibilita a produção de um exame matematizado da linguagem. (FOUCAULT, 1999).

Essa mudança marca a última migração do saber prático para o saber linguístico puramente especulativo, que é comparado por Aurox (1988; 1992b) com a física galileana. Essa ciência, compreendida como o modelo de ciência moderna, foi capaz de romper com os

paradigmas das cosmologias clássicas e estabelecer um terreno no qual seria possível produzir um discurso direcionado para a matematização do real³.

Ferdinand de Saussure situa-se historicamente na sequência desse processo de migração dos saberes práticos para os puramente especulativos. Michel Foucault, ainda que não se dedique a explicitar um exame da linguística saussuriana, situa o mestre genebrino num horizonte que abarca o maior pico da produção de conhecimento empreendido pela gramática comparada. Sua contribuição reside na restauração da *dimensão da língua em geral* (FOUCAULT, 1999, p. 394).

1.2 HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA: ARTICULAÇÃO METODOLÓGICA

Partindo do fato de que o homem, enquanto sujeito falante, produz um discurso específico para a criação de representações de fenômenos de linguagem, a *metalinguagem* é constituída no seio de diversas relações sociais estabelecidas entre saberes práticos e especulativos. A partir dessa perspectiva, somos levados a afirmar que toda metalinguagem, isso é, todo discurso representativo dos fenômenos de linguagem, é uma produção historicamente localizada.

A investigação produzida pela historiografia linguística tem como objetivo fazer com que conceitos empregados de maneira extremamente difundida ou específica como *vírgula, sílaba, adjetivo, oração, sintagma verbal, sinonímia*, dentre outros, sejam compreendidos como criações dotadas de uma história. Será tarefa do investigador historicizar tais conceitos, isso é, descrevê-los não enquanto componentes operacionais de um sistema abstrato, mas enquanto criações conceituais e ferramentas discursivas empregadas para representar fenômenos de linguagem.

Esse exercício de situar historicamente as ferramentas conceituais que organizam as práticas de um campo de saber requer que o investigador tenha uma abordagem especialmente cuidadosa para que não sejam produzidas narrativas descabidas. Olhar o passado a partir dos julgamentos do presente não cria uma história da linguística capaz de ampliar um saber sobre a produção de conhecimento linguístico; muito pelo contrário, o olhar puramente retrospectivo cria narrativas progressivas e lineares que situam as teorias do passado como degraus necessários para que o pensamento tenha avançado até o estado presente. Trata-se de

³ O termo *ciência galileana* é de suma importância para os estudos de história da ciência. Um exame detalhado do que caracteriza tal tipo de produção de saber pode ser lido na seção 3.1, em que é apresentada a análise epistemológica da linguística proposta por Jean-Claude Milner.

uma narrativa que louva as teorias contemporâneas, despreza o passado e impede o exercício crítico do estado presente e a exploração da potencialidade das teorias pretéritas.

Para que se criem novas formas de narrar, é necessário produzir o cruzamento entre história e epistemologia (Chevalier, 1979). Tal proposta torna-se mais clara na medida em que definirmos, primeiramente, o que entendemos por *epistemologia* e, num segundo momento, o que entendemos por *história*.

Em primeiro lugar, é necessário discernir diferentes modos de produzir análises epistemológicas. Uma abordagem epistemológica pode ser feita de maneira normativa, isso é, com vistas a avaliar os procedimentos de uma atividade investigativa. A esse tipo de abordagem, dá-se o nome de *metodológica* e tem um valor inquestionável para que o investigador verifique a coerência de suas ações.

Outra maneira de se produzir um olhar epistemológico pode ser feita de maneira *avaliativa*, isso é, comparando dados e propostas interpretativas. Essa é uma prática muito comum em congressos e encontros científicos, eventos nos quais ocorrem as comparações entre criações conceituais, procedimentos experimentais e dados obtidos.

Para uma história das ciências, porém, nem a metodologia nem a epistemologia avaliativa serão tomadas como guia, visto que não é tarefa desse tipo de investigação avaliar ou colocar teorias em competição. O investigador deve tomar as teorias como eventos históricos e buscar compreendê-los situando-se no momento de suas constituições. O olhar epistemológico mais adequado, portanto, seria uma epistemologia eminentemente *descritiva*. Por essa compreensão, o investigador “prend des sciences comme des faits et s’efforce de construire une réflexion cohérente sur leurs différents aspects (théoriques, sociologiques et pratiques)” (AUROUX, 1980, p. 8).

Uma *epistemologia descritiva* define um modo de investigar a produção de saber de um determinado campo. A tarefa do investigador será, portanto, reconstruir os modos através dos quais um sistema de produção de saber se constituiu numa determinada conjuntura do passado. Auroux (1980) descreve a história das ideias linguísticas como uma *epistemologia descritiva* atravessada por uma *dimensão temporal*. Para que seja possível compreender a posição e função de um determinado conceito inserido em um quadro teórico, é preciso ser capaz de localizá-lo no tempo para que seja possível verificar o seu valor na sua própria dimensão temporal, e não na temporalidade do investigador.

A tarefa do historiador do conhecimento linguístico é produzir informações a respeito dos diferentes estados dos sistemas conceituais que dão corpo às ciências da linguagem ao longo dos séculos. Essas informações permitem que o investigador inserido no campo

linguístico abra um *horizonte de retrospectão* (AUROUX, 1980), isso é, um espaço de investigação no qual possam ser verificadas as mediações estabelecidas em torno de determinados conceitos, procedimentos ou dados produzidos. Nesse aspecto, o investigador precisa estar atento à epistemologia avaliativa que colocava teorias em disputa no período investigado, bem como ter em mente as ligações institucionais e sociais que compunham o contexto de produção da teoria investigada.

Pensar que todo objeto que desempenha um papel no desenvolvimento de uma teoria tem uma história é o passo inicial para se fazer uma história das ideias científicas. Essa maneira de abordar o modo de produzir conhecimento tem uma produtividade muito maior do que a escrita dos textos narrativos que costumam acompanhar os manuais de disciplina acadêmica. Historicizar o pensamento científico e suas produções é em si mesmo uma forma de elaborar uma reflexão epistemológica, e é nesse aspecto que reside a justificativa de empreender investigações que busquem descrever momentos da história das ideias linguísticas.

Observada a necessidade de não aderirmos a uma perspectiva epistemológica normativa ou avaliativa, para o desenvolvimento de uma história da linguística produtiva, é preciso definir com clareza a melhor forma de traçar a *coordenada histórica*. Nesse ponto, buscamos apoio nos trabalhos de E.F. Koerner (2014) para determinar as diferentes formas de produzir uma narrativa histórica da linguística.

Ainda que a história da linguística tenha se tornado uma subdisciplina da linguística em geral nos anos 70, sabemos que a elaboração de narrativas sobre a história da linguística tem data muito mais avançada. A inserção de histórias disciplinares abreviadas em manuais de linguística é uma prática difundida até os dias de hoje e pode ser verificada em publicações acadêmicas de 1880. Ao vasculhar esses quase 150 anos de narrações do saber linguístico, Koerner detecta três modos de produzir história da linguística.

O primeiro tipo de história – que denominarei *convicta* – é aquele produzido por investigadores maduros que buscam relatar a consolidação do programa teórico ao qual estão vinculados. Nesse tipo de história, o narrador está convicto de que os objetivos almejados pelo campo de pesquisa foram alcançados, e resta para os novos investigadores aparar as pontas de um quebra cabeça teórico cuja montagem está avançada.

Os exemplos desse tipo de narrativa que Koerner nos aponta como exemplares no campo da linguística são de difícil acesso para o leitor contemporâneo. Um título que nos interessa é a obra *The Discovery of language* do dinamarquês Holger Pedersen (1959), que teve sua primeira edição em 1916, ano da edição do segundo volume do *Grundriss der*

vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen de Brugmann e Delbrück. A obra de Pedersen coloca em retrospectiva os êxitos obtidos pela linguística indo-européia do século XIX. Em paralelo ao relato histórico, a obra de Brugmann e Delbrück consolidavam os princípios teóricos estabelecidos pelas pesquisas de linguística histórica desenvolvidas pelos neogramáticos.

O segundo tipo de história – que denominarei *revolucionária* – costuma ser produzido por jovens investigadores que buscam narrar o desenvolvimento da ciência linguística para fazer a inauguração de um novo paradigma teórico. Esse tipo de texto, que costuma figurar como o porta voz de uma nova geração de pesquisadores, pode ser encontrado tanto em *Language* de Leopold Bloomfield (1973) como em *Linguística Cartesiana*, de Noam Chomsky (1971).

Devido a sua natureza propagandista, esse tipo de narrativa peca no como compõe a marcha histórica da produção de conhecimento. O narrador se empenha em selecionar e interpretar os eventos pretéritos a fim de apontar para o presente como sendo uma decorrência inevitável do passado e, portanto, uma prática eminentemente mais bem-acabada do que aquelas que o antecederam⁴.

O terceiro e último modo de produzir uma história da linguística se caracteriza pelo empenho em desenvolver narrativas da produção de conhecimento de modo apartidário. Tal imparcialidade se faz necessária pelo fato de que narrar o desenvolvimento de uma determinada produção de conhecimento colocando-a como ponto de chegada necessário provoca o apagamento de inúmeras questões e conflitos que outrora se fizeram presentes. Essa preocupação em produzir uma história da linguística que não seja apenas um complemento informacional da linguística em geral costuma ser denominado *historiografia linguística*.

Ainda que Koerner (2014) descreva a historiografia linguística como um empreendimento intelectual autônomo que busca escrever a história da linguística de acordo com princípios, tais princípios, no entanto, não estão explicitados. Segundo o autor, a historiografia linguística não encontra em parte alguma a listagem dos princípios que sustentariam a sua metodologia. Sendo uma disciplina recente, o contato com outros campos

⁴ Esse tipo de narrativa costuma ser acusada de *presentismo*, o que equivale a dizer que a narrativa da história da ciência é feita de modo teleológico. Outra forma de referir a esse modo narrativo – *whig narrative* – foi proposta por Herbert Butterfield (1931) para referir às narrativas históricas nas quais os sucessos científicos do passado são interpretados como fatos que conduzem necessariamente um avanço do pensamento em direção ao estado científico presente. Além de ignorar boa parte da história das ciências, a narrativa *whig* apresenta um forte aspecto conservador, visto que ela não permite que a conjuntura teórica atual de uma ciência seja questionada.

teóricos, pode lhe ser inspirador. Koerner frisa que o contato mais produtivo para a historiografia linguística é o estabelecido com a filosofia e história da ciência. Obras como a *Estrutura das revoluções científicas*, de Thomas Kuhn (2011), tiveram um grande efeito nas pesquisas em historiografia linguística. No entanto, o investigador dessa área deve ter em mente que não será pela importação de metodologias que seu problema epistemológico será resolvido.

A fim de apontar um direcionamento básico para as investigações em historiografia linguística, Koerner (1996) faz o levantamento de três princípios: contextualização, imanência e adequação. Passemos a um exame de cada um deles.

O princípio da *contextualização* diz respeito à necessidade de compreender a produção de conhecimento linguístico como um evento localizado no tempo e no espaço. Ao levar em conta que toda produção científica é atravessada pelo seu contexto – seja ele da ordem que for – o investigador será incapaz de isolar o objeto de sua investigação de seu ponto de origem. Portanto, uma compreensão do *clima de opinião* no qual está imerso o objeto investigativo é crucial para o pesquisador da história das ideias linguísticas.

Tendo considerado seu objeto de pesquisa com relação ao seu contexto de produção, o investigador deve ser capaz de mergulhar no material a ser investigado sem levar consigo o arsenal teórico de seu tempo. A essa necessidade de explorar o objeto fazendo uso das ferramentas teóricas que o próprio objeto oferece, nomeamos como princípio da *imanência*. Ao produzirmos exames imanentes de objetos localizados no passado, fugimos da possibilidade de produzir narrativas presentistas, que descrevem o passado de acordo com um referencial teórico contemporâneo e culminam com a louvação do presente.

O terceiro e último princípio apontado por Koerner (1996) refere-se ao delicado processo de apresentação do material investigado. Não basta para o pesquisador mergulhar no seu material investigativo considerando seu tempo e seu espaço; é necessário que ele possa apresentar aos seus contemporâneos uma compreensão do objeto manuseado. Para tanto, o investigador deve ser capaz de explicitar a produção de conhecimento verificada por meio de uma aproximação do quadro teórico investigado e o arsenal teórico compartilhado na atualidade. Ao cuidado necessário para a efetividade dessa prática, damos o nome de princípio de *adequação*.

Contextualização, imanência e adequação. Esses três princípios apontados por Koerner (1996) não constituem nenhuma cartilha metodológica para a investigação em história da linguística. São princípios extremamente válidos, pois desviam o investigador da escrita de

narrativas convictas ou revolucionárias; porém, esses mesmos princípios são insuficientes enquanto fundamentos necessários para estabilização da historiografia da linguística.

Não se encontra em parte alguma uma metodologia padronizada a ser adotada pelo investigador dessa área. Tal ausência, no entanto, não impede que as investigações sejam executadas; essa ausência instaura para o pesquisador uma dupla tarefa: “historiadores da ciência da linguística terão que desenvolver seu próprio quadro de trabalho, tanto o metodológico, como o filosófico” (KOERNER, 1996, p. 14).

Nesta tese, desenvolveremos um quadro de trabalho para a leitura analítica do manuscrito NAL. Esse quadro, a ser constantemente complementado ao longo da jornada, assenta-se numa articulação entre as perspectivas histórica e epistemológica.

Consideraremos para a perspectiva histórica, aquilo que Koerner (2014) descreve como sendo uma produção historiográfica, isso é, uma escrita do desenvolvimento da linguística com base em princípios metodológicos coerentes. Portanto, evitaremos a todo custo produzir afirmações sobre o manuscrito NAL destituídas de uma comprovação textual. Além disso, nos afastaremos de situar tal texto dentro de narrativas que situem o nome de Ferdinand de Saussure como o resultado direto de um acúmulo de saber – tal como numa narrativa convicta – bem como de apontá-lo como um herói renovador de um saber – tal como numa narrativa revolucionária. Tomando o cuidado de alinhar os pontos possíveis que unem o texto do manuscrito com outras porções do corpus saussuriano e da linguística a ele contemporânea, buscaremos apresentar como um modo de se produzir saber linguístico emerge de uma investigação específica sobre a acentuação lituana.

Em complemento à perspectiva histórica, nos apoiaremos no apontamento de Auroux (1980), segundo o qual ler um material teórico historicamente implica analisá-lo sob a ótica de uma epistemologia eminentemente descritiva. Portanto, não nos dedicaremos a avaliar o alcance de uma proposta teórica, nem mesmo a compará-lo com outras produções científicas sobre o tema. Dedicaremos essa investigação a explicitar a proposta de ciência que pode ser lida no manuscrito NAL e apontar para as suas especificidades e inovações.

Com base nessas referências, organizaremos nosso trabalho a partir do cruzamento entre as perspectivas historiográfica e epistemológica descritiva, tal como apontado por Chevalier (1979). As duas primeiras partes da tese propõem essa articulação dividindo-se em dois momentos: o primeiro deles focando um ponto de vista histórico; o segundo propondo uma análise epistemológica do recorte produzido.

A primeira parte é dedicada à coleta de leituras interpretativas já estabelecidas nos estudos saussurianos. No capítulo 2, que cumpre o papel de eixo histórico, apresentamos o

conceito de *nome de autor*, tal como proposto por Foucault (1992), para que assim possamos desviar dos debates sobre o estatuto de autor tão comuns nesse campo de pesquisa. Com base nisso, recuperamos nas seções seguintes (2.1, 2.2, 2.3, 2.4) como o nome de Ferdinand de Saussure foi descrito ao longo da história da linguística no século XX.

No capítulo 3, que representa o eixo epistemológico, buscamos na obra de Jean-Claude Milner uma definição do que seria uma ciência linguística (seção 3.1) e apresentamos a interpretação desse autor a respeito da matriz epistemológica que o nome de Ferdinand de Saussure carrega (seção 3.2). Por fim, na seção 3.3, apresentamos a proposta de Johannes Fehr de ler os manuscritos saussurianos com base numa perspectiva de *ciência em ação*, ao invés de buscar neles os componentes de uma *ciência pronta*.

Na parte II nos propomos a reproduzir o cruzamento de perspectivas histórica e epistemológica numa escala menor. Nosso foco agora não é localizar Ferdinand de Saussure no amplo espectro das ciências da linguagem, mas situar o manuscrito NAL no conjunto de produções que envolvem o nome de Ferdinand de Saussure.

Para compor nossa abordagem histórica, elaboramos uma descrição do contexto social e científico no qual se insere Ferdinand de Saussure no momento em que produz as NAL. O capítulo 4 é dedicado a apontar uma série de informações sobre a importância da língua lituana no conjunto de pesquisas realizadas pelo linguista genebrino. A seção 4.1 apresenta um panorama dos estudos em torno do lituano realizados pelos comparatistas do século XIX. Na seção 4.2, são apresentadas as porções do corpus saussuriano que versam sobre esse objeto de pesquisa. A seção 4.3, por fim, apresenta em dois momentos, uma narrativa da trajetória investigativa de Saussure em torno da língua lituana.

Situado nosso material de análise no contexto científico de sua época, o capítulo 5 é dedicado a uma abordagem epistemológica descritiva de algumas porções das NAL. A seção 5.1 apresenta primeiramente o percurso editorial do manuscrito saussuriano desde a Biblioteca de Genebra até sua publicação na revista *L'Herne*. Feitos esses esclarecimentos, as três seções seguintes são totalmente dedicadas a fazer uma apresentação detalhada de fragmentos selecionados das NAL. Nessas três seções, 5.2, 5.3 e 5.4, são descritos os procedimentos adotados por Saussure na sua elaboração de um estudo linguístico do fenômeno acentual.

Por fim, a parte III deste trabalho é dedicada a retomar a leitura descritivo-analítica das NAL e produzir uma leitura sintético-interpretativa do manuscrito. Nesse momento, podemos verificar as diferenças entre os procedimentos epistemológicos de Saussure que

podem ser lidos nas NAL e a matriz epistemológica que tradicionalmente é atribuída ao mestre genebrino.

PARTE I

2 EIXO HISTÓRICO: SAUSSURE, UM NOME DE AUTOR

A apresentação analítica do manuscrito NAL, objetivo central desta tese, é uma tarefa que nos exige a resolução prévia de algumas questões metodológicas. Entre a data da produção de tal texto e o momento presente de sua leitura existe um hiato cronológico de mais de um século, o que torna necessário que tal empreitada investigativa seja feita sob uma *perspectiva histórica*. Somado a isso, o conteúdo de tal texto – uma proposta teórica que se apresenta em fragmentos – obriga-nos a ler o manuscrito na tentativa de identificar um modo de produzir conhecimento, o que nos situa em uma *perspectiva epistemológica*.

Essa articulação entre história e epistemologia, colhida dos estudos em historiografia da linguística, nos serve de auxílio visto que almejamos realizar a leitura de um manuscrito localizado no tempo e no espaço. Além de ser uma tese desenvolvida sobre um material manuscrito, esta é uma investigação sobre Ferdinand de Saussure. Este fato envolve outra vez o objetivo desta tese num envelope de problemas metodológicos, pois é preciso definir o que se entende por *Ferdinand de Saussure*.

Ferdinand de Saussure é antes de tudo um nome. É esse o nome empregado para referenciar a Ferdinand-Mongin de Saussure, nascido em 26 de novembro de 1857 em Genebra, filho do casal Louise-Elisabeth de Pourtalés e Henri de Saussure. Louise é uma jovem aristocrata suíça com habilidades musicais altamente desenvolvidas para uma mulher de sua época. Henri é um jovem biólogo que, após uma expedição no Caribe e na América Central para coleta de insetos, decide instalar-se definitivamente na capital suíça e especializa-se no estudo de insetos⁵.

Além de ser o nome abreviado de um sujeito histórico, Ferdinand de Saussure é o nome que figura como sendo o autor de um conjunto de textos bastante metamórfico. Uma busca por seu nome no catálogo de uma biblioteca apontará provavelmente para diferentes títulos. Tomando o critério cronológico, o primeiro deles provavelmente será *Recueil des publications scientifique de Ferdinand de Saussure*, de 1922, é uma coletânea de textos publicados em vida pelo autor uma soma de quase seis centenas de páginas. O segundo título a ser apontado no catálogo – provavelmente com um maior número de exemplares - seria *Curso de Linguística Geral*, obra a qual o nome Ferdinand de Saussure esteve vinculado ao

⁵ Uma coletânea de informações interessantes sobre o contexto familiar de Ferdinand de Saussure e uma listagem das inúmeras investigações científicas produzidas pelos membros dessa família ao longo dos séculos XVIII e XIX podem ser encontrados na primeira seção da obra *Saussure*, de John Joseph (2012). De acordo com o autor, a família de Saussure desenvolveu pesquisas em geologia, educação, aquisição de linguagem, botânica, astronomia e civilização chinesa, dentre outros temas.

longo de quase todo século XX. Dependendo do grau de atualização da biblioteca, um terceiro título é bastante provável, *Escritos de Linguística Geral*, uma coletânea de textos manuscritos produzidos pelo linguista que, em seu conjunto, só estiveram disponíveis para o público a partir de 1996.

Essa hipotética busca por referências – bastante simplificada – ilustra o conjunto de textos que o nome de Ferdinand de Saussure abarca. Esses três títulos quando comparados entre si, revelam a complexidade de se trabalhar com a noção de autoria quando se manipula as massas discursivas atribuídas à Saussure. O primeiro título, RPS, contém uma série de textos produzidos e publicados por Ferdinand de Saussure ao longo de sua vida. São textos que facilmente podem ser colocados, sem sombra de dúvidas, nas prateleiras de gramática comparada de uma biblioteca de estudos da linguagem. O segundo título, CLG, publicado originalmente em 1916, não foi produzido pelo próprio linguista, mas por uma dupla de editores que manipulou um conjunto de manuscritos do linguista e de seus alunos referente aos cursos de linguística geral ministrados na Universidade de Genebra. Tal obra costuma ser encontrada nas seções de teoria linguística das bibliotecas. O terceiro volume, ELG, é um conjunto de textos fragmentados produzidos pelo próprio linguista, porém ele jamais os formatou para uma publicação.

A apresentação grosseira do quebra cabeça que se monta entre texto, autoria e publicação deixa claro que a leitura de Saussure não é uma tarefa simples. “Ler Saussure tornou-se um problema” (MOUNIN, 1968, p. 20). A filologia saussuriana constitui um campo de pesquisas em constante mutação. Diversos são os investigadores que se empenham em estabelecer os critérios de uma metodologia adequada para a manipulação dessa grande massa discursiva (CRUZ, 2009; KYHENG, 2007).

Visto que este trabalho não propõe uma discussão metateórica desses problemas, contornaremos essas questões pela apresentação de como compreendemos Ferdinand de Saussure enquanto um *nome de autor*. Para tanto, recorreremos às reflexões de Michel Foucault a respeito da autoria. Em seguida, apresentaremos num percurso histórico quatro imagens de autor que foram forjadas para o nome Ferdinand de Saussure ao longo do século XX. Tal coletânea de retratos nos acompanhará no exercício analítico do manuscrito NAL, para que possamos enxergar nesse texto aproximações e afastamentos entre os traços que compuseram tais retratos e aqueles que são verificados no texto em exame.

O conceito de autor, e quem nos aponta isso é Michel Foucault (1992), é produto da mentalidade moderna assentada sobre a noção de indivíduo. Através das operações realizadas pelo conceito de autor que o indivíduo instaurador de um certo dizer será vinculado ao dito.

Dessa relação entre o sujeito e o dizer por ele produzido surgem duas criaturas correlatas: autor e obra. À obra corresponde o objeto, isso é, o discurso materializado em texto. Ao suposto sujeito corresponde a figura de autor, imagem de uma subjetividade que dá sustentação à objetividade do discurso registrado.

Nessa relação, o nome de autor ultrapassa o nome próprio do sujeito biográfico. Conforme exemplificado acima, Ferdinand-Mongin de Saussure e Ferdinand de Saussure não são nomes que estabelecem sinonímia. O nome próprio refere-se a uma certa noção de sujeito histórico; o nome de autor refere-se a uma outra noção de sujeito, a do sujeito por traz de uma obra. Graças à impossibilidade de estabelecer uma relação de sinonímia entre esses dois nomes que se funda o plano da autoria.

Além de formar uma nova forma de se referir a um sujeito, isso é, ao sujeito que está suposto por traz de uma obra, o conceito de autor funda um novo modo de organizar as massas verbais que compõem os materiais discursivos. Segundo Foucault, o conceito de autor nada mais é do que uma *ferramenta discursiva*, isso é, uma forma de nomeação que permite agenciar massas discursivas. Através do nome de autor é possível falar de uma suposta subjetividade que dá sustentação a uma determinada obra sem que façamos uma referência limitada a um indivíduo empírico. O nome de autor refere-se sempre a um sujeito, não necessariamente ao indivíduo produtor do texto, mas a uma imagem de sujeito que desapareceu no processo de escrita e que é suposta no ato de leitura.

O *nome de autor* cumpre uma função: ele permite reunir certa quantidade de textos para que possamos defini-la como sendo uma obra. Sendo a autoria o mecanismo pelo qual podemos agrupar textos, o autor, melhor dizendo, o nome de autor, é a ferramenta que nos permitirá determinar os pontos de encontros e afastamentos entre diferentes textos que compõem uma rede de ligações móveis e instáveis a ser determinada como obra. Cientes desse procedimento, estamos impedidos de estabelecer relações unívocas entre nome de autor e uma obra total. Esse tipo de relação está imediatamente abortado, pois sendo o *nome de autor* uma *ferramenta discursiva*, estamos supondo um terceiro elemento na cena – o *leitor*. Somente através da atividade de leitura é possível estabelecer relações entre diversos textos que compõem uma obra em torno de um nome de autor.

No entanto, lembra-nos Foucault, essa função não se cumpre de maneira inequívoca, visto que ao empregar um nome de autor para se referir a uma obra definitiva, um desafio se impõe: “Como definir uma obra entre os milhões de vestígios deixados por alguém depois de sua morte?” (FOUCAULT, 1992, p.38).

Em se tratando de Saussure, e acredito que com outros nomes de autor o problema seja o mesmo, a pergunta colocada por Foucault se faz presente o tempo todo, tendo em vista que o corpus textual que pode ser referido pelo nome de autor pode variar muito. A compreensão do que é a autoria não soluciona problemas específicos para quem busca organizar uma imagem do que seria a obra de Ferdinand de Saussure, porém, ter essa consciência conceitual nos permite traçar uma possível trajetória investigativa.

O autor não é uma criatura produzida pela simples atribuição de um discurso. O autor é uma criatura que toma existência através do ato de leitura, sendo, portanto, o resultado sempre provisório de uma operação complexa empreendida pelo leitor que constrói a imagem de “um certo ser racional” que dá sustentação à objetividade do texto. A criatura que apontamos como sendo o autor “é apenas a projeção, em termos psicologizantes, do tratamento a que submetemos os textos, as aproximações que operamos, os traços que estabelecemos como pertinentes, as continuidades que admitimos e as exclusões que efetuamos” (1992, p. 51). É somente pelo fato de que supomos um certo sujeito por detrás da materialidade de texto que iremos apreendê-lo enquanto material linguístico. A função do leitor é criar, através desse contato com uma massa verbal, a figura de um sujeito racional. Evidentemente, a figura que será produzida é resultado de uma série de pequenas ações de avanços e bloqueios que operamos enquanto leitores. Algumas linhas são reforçadas, outras apagadas e outras ignoradas para a composição do retrato de uma subjetividade suposta no interior da objetividade material de um texto.

Além do que é muito bem apontado por Foucault, é preciso considerar que o nome de autor, ferramenta discursiva que nos possibilita a criação de um ser racional por traz da objetividade consolidada na obra textual, não é uma operação isolada de um ato de leitura. A imagem constituída pelo leitor está sujeita a mudanças processuais e, acima de tudo, é uma imagem que ultrapassa o ato de leitura e passa a acompanhar o sujeito leitor em suas práticas. Portanto, falar do estabelecimento da imagem de um autor não é falar de uma atividade restrita ao gabinete acadêmico. Trata-se de uma atividade de criação de uma figura que pode servir como uma caixa de ferramentas conceituais que acompanha o sujeito leitor permite a configuração de um determinado modo de agir.

Tomando o autor como uma entidade construída pelo leitor e dotada de uma capacidade de acompanhar o leitor em suas ações sobre o mundo, recorro a um vocabulário um tanto quanto místico para retornar ao caso de Saussure enquanto nome de autor, melhor dizendo, enquanto uma imagem que age de modo efetivo sobre um grupo de sujeitos leitores.

Para dar forma ao vínculo estabelecido entre o nome de autor, enquanto ferramenta discursiva, e o nome de autor, enquanto imagem que tem poderes sobre sujeitos leitores, trago algumas reflexões elaboradas por Jean Cristian Puech (2013). Ainda que a palavra *esprit* faça emergir em francês um valor que em português costuma ser recoberto ora por *espírito*, ora por *pensamento*, Puech, dá força à ambiguidade do termo. O *esprit de Saussure*, buscado pelos leitores na *lettre de Saussure*, é descrito pelo autor como uma criatura sobre-humana que circula por diversos espaços.

Puech sugere que se fizéssemos um recenseamento exaustivo das traduções e edições do CLG que existem sobre o globo, poderíamos desenhar toda uma geografia de lugares assombrados – *hantés* – pelo *esprit* saussuriano. O nome de autor, isso é, a imagem que os leitores criam da subjetividade suposta por traz das massas verbais, é uma entidade que percorre o mundo, acompanha os sujeitos leitores, faz o papel de uma assombração, isso é, se faz presente como uma entidade que desempenha um papel decisivo sobre as ações de determinados sujeitos.

Em se falando de assombração, as comparações feitas por Puech (2013) fazem com que nos demos conta de que é prática comum entre aqueles que estudam o corpus textual que compõe a dita obra saussuriana falar de uma herança ou de um legado do mestre genebrino. Ora, herança ou legado são coisas que costumam ser verificadas em relações estabelecidas entre mortos e vivos. Manter um autor, sujeito empírico morto, como uma criatura viva é fazer com que seu *esprit* – sob a forma de uma imagem de ser racional resultante de uma projeção – tenha efetividade sobre as ações dos homens vivos. Produzir leituras que buscam consolidar a imagem de um autor é, em certa medida, elaborar a imagem de uma entidade sobre-humana, de um fantasma capaz de nos assombrar, isso é, capaz de guiar pensamentos e atitudes.

É de acordo com essa perspectiva, apresentada de maneira metafórica por Puech (2013), que poderemos compreender que a atividade de leitura produz uma imagem de autor que não está restrita às escrivaninhas de leitura bem instaladas nos gabinetes acadêmicos. O processo de leitura toma força e faz com que a figura de um sujeito racional passe a mobilizar sujeitos e tenha o peso de uma assombração. A presença incorpórea do autor exerce influências sem medidas e acaba por habitar espaços e modelar práticas de investigação.

Com base nessa compreensão de autoria enquanto ferramenta discursiva capaz de criar uma entidade cujos efeitos sobre determinadas práticas têm valor de realidade efetiva, estabelecemos que ao longo desta tese empregaremos o *nome de autor* Ferdinand de Saussure e a expressão *corpus saussuriano* sem adentrarmos em minúcias filológicas para justificar a

atribuição de autoria. A expressão *corpus saussuriano* refere-se ao conjunto heteróclito e metamórfico de textos publicados em vida pelo autor, textos manuscritos e textos manipulados e publicados por editores. Estamos cientes dos trabalhos que se empenham em organizar tal conjunto de textos numa espécie de cartografia da autoria (BOUQUET, 1999; KYHENG, 2007), porém, para os objetivos desta tese, as reflexões apresentadas sobre o conceito de autor nos são suficientes.

Passemos agora a examinar, ainda que de modo muito breve, os diferentes momentos do processo de constituição da imagem produzida através do nome de autor Ferdinand de Saussure. Apresentaremos, portanto, algumas etapas – evidentemente algumas fases dessa narrativa nos escaparão do olhar – do processo incessante de constituição da imagem projetada pelo nome de autor Ferdinand de Saussure e do fantasma que ele evoca.

2.1 MESTRE GENEBRINO

Les quelques années où M. Ferdinand de Saussure a été, sur l'initiative de M. Bréal et auprès de lui secrétaire adjoint de notre Société (1883-1891) et maître de conférences à l'École des Hautes Etudes, 1881-1891, ont été décisives pour le développement de la linguistique en France. Depuis, rentré dans la ville à laquelle sa famille a fait tant d'honneur, M. F. de Saussure a continué son bel enseignement. Quelques-uns de ses anciens élèves et de ceux qui sans l'avoir entendu directement, à Paris ou à Genève, ont subi son influence à travers l'enseignement de ses disciples, ont tenu, par ce recueil, à lui marquer leur reconnaissance. La Société de linguistique de Paris est heureuse de pouvoir lui dédier l'un des premiers volumes de sa nouvelle collection. Elle remercie les éminents linguistes, compatriotes de M. F. de Saussure, qui ont bien voulu joindre leur hommage à celui des anciens élèves de l'auteur du *Mémoire sur le système primitif des voyelles indo-européennes* (SAUSSURE, 1908, p, sn).

No dia 14 de julho de 1908, era oferecida a Ferdinand-Mongin de Saussure a coletânea de trabalhos intitulada *Mélanges de linguistiques pour Ferdinand de Saussure*, organizada por um grupo de pesquisadores vinculados à *Société Linguistique de Paris*. O texto de apresentação de tal obra permite verificar, ainda que de modo superficial, o modo como Ferdinand de Saussure, que na época exercia atividade docente, era considerado pelos seus contemporâneos.

O texto descreve Saussure como um sujeito que, por meio de contato com Michel Bréal, veio a ocupar cargos relevantes em instituições dedicadas à produção de conhecimento acerca de temas linguísticos: a *École des Hautes Études* e a própria *Société*.

As duas instituições mencionadas nesse retrato estão estabelecidas na capital francesa. Esse dado, aparentemente banal, e muito bem examinado por Puech (2013), revela-se interessante quando percebemos que o texto apresenta a imagem de um linguista suíço atuante

na capital francesa⁶. O mapa que o texto evoca permite traçar uma trajetória que localiza Paris como palco de uma atividade de ensino decisiva e reserva à Genebra um destino secundário, onde o linguista deu continuidade ao seu *belle enseignement*.

De acordo com o texto, Saussure, que na época não se situava no território dos fantasmas, foi capaz de assombrar, melhor dizendo, influenciar, por meio de uma formação disciplinar um grupo considerável de pesquisadores. O texto, produzido quando Ferdinand de Saussure contava com 50 anos, nos dá os traços gerais do retrato que seus contemporâneos lhe produziram em vida. Saussure é sobretudo um mestre, no sentido docente do termo. Sua maior contribuição para a o conhecimento linguístico foram suas aulas, nas quais um modo de fazer ciência era gestado.

2.2 AUTOR DE UM LEGADO

Déjà la santé de F. de Saussure s'altérait dans l'été de 1912, il devait suspendre son enseignement, et le 22 février 1913 il mourait. Il avait produit le plus beau livre de grammaire comparée qu'on ait écrit, semé des idées et pose de fermes théories, mis sa marque sur nombreux élèves, et pourtant il n'avait pas rempli toute sa destinée (MEILLEIT, 1913, p. 123).

Cinco anos após a publicação do *Mélanges* mais tarde, Antoine Meillet, um de seus discípulos mais próximos, é encarregado de redigir a *Nécrologie* para o anuário da École. Diante da ausência do mestre e da impossibilidade de fazer repetir seus ensinamentos, Meillet apresenta a trajetória do linguista suíço dando especial atenção aos trabalhos publicados por Saussure ao longo de mais de trinta anos.

Citando cerca de duas dezenas de obras, Meillet destaca alguns dos textos publicados por Saussure através dos *Mémoires* da *Société Linguistique de Paris*. Os tais textos, hoje desconhecidos pela maior parte do público, são descritos por Meillet através da montagem do longo percurso investigativo trilhado pelo mestre genebrino.

Ainda que o autor coloque essas publicações como o caminho das pedras que permite verificar o movimento do pensamento saussuriano, é a obra *Mémoire sur le système de les voyelle primitives de las langues indo-européenes* que de fato ocupa o cargo de texto capital. Meillet não poupa palavras para descrever o peso de tal obra: “le plus beau livre de grammaire comparée qu'on ait écrit” (1913, p. 123), “livre si sûr, si neuf, et si plein” (1913, p.

⁶ Joseph (2012), no capítulo 8 do já mencionado estudo biográfico, apresenta com detalhes o fato de Saussure ter permanecido ao longo de toda a sua vida como cidadão suíço. Os vínculos estabelecidos entre o linguista e a *Ecole des Hautes Etudes* e o *Collège de France* nunca puderam ser os de um professor membro de colegiado, visto que isso requeria a naturalização de Saussure como cidadão francês. Tal imposição nunca foi acatada pelo linguista, que se manteve sempre nas periferias das grandes instituições.

117). “Le Mémoire a suffi pour classes du coup F. de Saussure parmi les maîtres de la linguistique de son temps” (MEILLET, 1913, p. 117)⁷.

Saussure é um autor produtivo. O *Mémoire* é colocado como o texto magistral, obra que não encontra paralelo em seu tempo. Além disso, tal texto ocupa posição central que permite organizar as demais publicações de Saussure. Esses outros trabalhos, em sua maioria notas e artigos publicados pela *Société*, gravitam em torno dessa grande obra de linguística histórica e funcionam como um constante complemento à investigação em torno do sistema vocálico do indo-europeu.

Com essa caracterização do *Mémoire*, podemos verificar o peso que Ferdinand de Saussure tinha enquanto nome de autor e não apenas como docente. Através dessa única obra – os demais textos do linguista não são mencionados –, os discípulos afirmam ser possível derivar os princípios necessários para o desenvolvimento de um modo rigoroso de se fazer linguística. Tomando a língua como sistema, é possível elaborar uma compreensão dos dados de língua na qual cada coisa tem sua posição. Essa abordagem é mencionada como uma inovação decisiva para o desenvolvimento das ideias linguísticas francesas. Podemos afirmar então que o nome Ferdinand de Saussure, neste momento, faz projetar sobre essa primeira tela a imagem de um sujeito ativo, cujas ideias tiveram alta produtividade sobre um grupo de pesquisadores, sujeitos esses que futuramente viriam a compor a denominada Escola Linguística de Paris.

O texto de Meillet compõe um retrato de Ferdinand de Saussure enquanto um autor. É esse o nome que figura sob uma série de títulos que, colocados em conjuntos, oferecem um modo de fazer ciência linguística. O texto, que inaugura a ausência de Saussure, deixa registrado em diversas passagens aquilo que já havíamos lido na abertura do *Mélanges* e na declaração de Charles Bally: a genialidade do mestre. Observemos algumas passagens:

F. de Saussure était, en effet, un vrai maître: pour être un maître, il ne suffit pas de réciter devant des auditeurs un manuel correct et au courant; il faut avoir une doctrine et des méthodes et présenter la science avec un accent personnel. Les enseignements particuliers que l'étudiant recevait de F. de Saussure avaient une valeur générale, ils préparaient à travailler et formaient l'esprit ; ses formules et ses définitions se fixaient dans la mémoire comme des guides et des modèles. Et il faisait aimer et sentir la science qu'il enseignait [...] (MEILLET, 1913, p. 118).

⁷A resenha de *Mélanges de linguistiques pour Ferdinand de Saussure*, escrita por Maurice Grammont concorda com a descrição do *Mémoire* feita por Antoine Meillet: This book brought, through a capital innovation, a coherent system in which all the known facts found their place, and alongside them a host of others that had not previously been suspected. Since then it has never been permitted, with regard to any question, to forget that each language forms a system in which everything supports everything else and has a plan of a marvelous rigour. The *Mémoire* marked a decisive step and became the starting point for all later research (GRAMMONT, 1912 apud JOSEPH, 2012, p. 527).

[...] il semblait n'apporter jamais à son cours une vérité toute faite; il avait soigneusement préparé tout ce qu'il avait à dire, mais il ne donnait à ses idées un aspect définitif qu'en parlant; et il arrêtait sa forme au moment même où il s'exprimait; l'auditeur était suspendu à cette pensée en formation qui se créait encore devant lui et qui, au moment même où elle se formulait de la manière la plus rigoureuse et la plus saisissante, laissait attendre une formule plus précise et plus saisissante encore. Sa personne faisait aimer sa science (MEILLET, 1913, p. 119).

Essas passagens, escritas com o afeto do discípulo dedicado, nos permitem observar o vínculo que os alunos de Saussure percebiam entre o seu ensino e a fundação de uma ciência. Saussure, ao falar para seu público, estava a depositar não uma manualização do saber, mas uma forma pessoal de fazer ciência. Saussure não trabalhava na transmissão de um saber pré-estabelecido; ele buscava apresentar um pensamento que estava em vias de formação. Esse pensamento, embora não estivesse cristalizado, não deixava de ser conduzido com rigidez de modo a não permitir contradições. O ineditismo de suas formulações e a produtividade de suas ideias faziam com que seus discípulos aprendessem a amar sua ciência, ainda que ela não estivesse estabelecida.

2.3 CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

Repetidas vezes ouvimos Ferdinand de Saussure deplorar a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística em cujo ambiente seu gênio se desenvolveu, e ao longo de toda a sua vida pesquisou ele, obstinadamente, as leis diretrizes que poderiam orientar o pensamento através desse caos. Mas foi somente em 1906 que, sucedendo a Joseph Wertheimer na Universidade de Genebra, pôde ele dar a conhecer as ideias pessoais que amadurecera durante tantos anos. Licenciou três cursos de Linguística Geral em 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911; é verdade que as necessidades do programa o obrigaram a consagrar a metade de cada um desses cursos a uma exposição relativa às línguas indo-europeias, sua história e sua descrição, pelo que a parte essencial do seu tema ficou singularmente reduzida (SAUSSURE, [1916], 1999, p. 1).

O texto de Charles Bally e Albert Sechehaye que figura no prefácio do CLG apresenta uma outra imagem para o nome de Ferdinand de Saussure. O empenho dos discípulos em fazer com que os princípios do mestre se tornassem acessíveis para além de um pequeno grupo de iniciados deixou importantes marcas que guiaram as leituras e projeções da imagem do nome de Saussure ao longo do século XX.

Ao apresentar os percalços percorridos pelos editores até a finalização da obra, Bally e Sechehaye criam a imagem de um Saussure docente na Universidade de Genebra, contexto de ensino praticamente ignorado nos textos anteriores. Ademais dessa diferença geográfica e institucional, os editores do CLG inauguram o retrato de um Saussure extremamente questionador – insatisfeito com a linguística de seu tempo – e pouco produtivo. Os diversos

títulos mencionados no prefácio do *Mèlanges* e da nota necrológica não são mencionados pela dupla de editores.

A grande obra de Saussure, o *Mémoire*, é referido pelos editores como o fruto de uma “etapa brilhante” e “longínqua” da vida do linguista, caracterização essa que distancia o conteúdo da obra publicada em vida dos temas abordados nos cursos ocorridos entre 1908 e 1911. Em momento algum do CLG, o conteúdo do *Mémoire* é explicitado. O nome de Ferdinand de Saussure passa então a projetar a imagem paradoxal de um autor que não publicou de fato suas ideias, ou a de um autor que destrói seus textos. Tal imagem pode ser lida na seguinte passagem:

F. de Saussure ia destruindo os borradores provisórios em que traçava, a cada dia, o esboço da sua exposição! As gavetas de sua secretária não nos proporcionaram mais do que esboços assaz antigos, certamente não destituídos de valor, mas que era impossível utilizar e combinar com a matéria dos três cursos ([1916], 1999, p.1).

A imagem projetada por Bally e Sechahaye, conforme mencionado anteriormente, traça uma falta – Saussure é um autor que ficou em dívida, é o autor de uma obra inexistente. Os editores, empenhados em divulgar o pensamento do mestre, penam por não encontrar textos escritos pelo próprio mestre.

Colocando lado a lado a nota de falecimento de Meillet e o prefácio do CLG redigido por Bally e Sechahaye enxergamos uma incongruência que faz saltar aos olhos as características que irão diferenciar os retratos do Saussure pré e pós CLG. Os textos têm entre si uma distância cronológica de três anos, porém traçam caminhos completamente distintos. De um lado, Meillet se vê forçado a resumir o conjunto dos textos publicados por Saussure em um pequeno espaço argumentativo, sendo obrigado a reduzir algumas análises de dados a pequenos comentários. Bally e Sechahaye, por outro lado, buscam por textos e se veem frustrados nessa empreitada.

A estranha imagem de um autor sem obra não foi desenhada sem motivos. Deve-se atentar para o fato de que o CLG produz um deslocamento no que se refere ao objeto da pesquisa realizada por Saussure. Conforme o título da obra, o Saussure que ali se projeta é um investigador dedicado à linguística geral. Esse tema que não é desenvolvido de maneira explícita em nenhuma das publicações realizadas em vida por Saussure. No entanto, conforme nos aponta Grammont (apud JOSEPH, 2012, p. 389) em sua resenha do *Mèlanges*, os princípios que orientam o pensamento de uma linguística geral podem muito bem ser verificados nas análises de dados de línguas publicadas por Saussure.

O CLG, no entanto, aponta para os leitores um caminho outro a ser percorrido. Esse caminho é bastante inovador, pois parte de uma ausência para que se elabore um pensamento acerca dos princípios da investigação linguística. Ainda que nessa obra sejam apresentados diversos exemplos de dados de línguas, isso é, de fenômenos de linguagem localizados num tempo e num espaço, a ênfase da obra recai sobre os componentes de uma teoria geral sobre “a língua”, que será compreendida como “objeto da ciência linguística”.

O retrato que aqui é criado é o de um sujeito que, insatisfeito com os princípios e métodos colocados em prática para o desenvolvimento de um saber, desenvolve um modo de orientar seu pensamento. Ainda que o tenha feito ao longo de toda uma vida e produzido uma série de publicações, é apenas nos anos de trabalho na Universidade de Genebra, o que se revela como sendo o fim de uma vida, que tal sujeito teve a oportunidade de divulgar os princípios que direcionavam suas ideias, sem que para isso fosse necessário travar um contato com os objetos investigativos.

A relação peculiar entre Saussure – o mestre que não deixou uma obra final – e o CLG – texto que busca superar tal ausência – será compreendida de diversas maneiras ao longo do século XX. O vínculo entre sujeito e texto permite inúmeros posicionamentos, visto que ele não corresponde à relação que tradicionalmente se atribui ao laço que existe entre autor e obra. Ainda que tenham ocorrido inúmeros descuidos que nomeiam Saussure como autor do CLG, o nome de Saussure passou a ser tomado como a referência a um sujeito que fomentou o pensamento que articulou as ideias que compõem o CLG.

Portanto, por uma porção considerável dos anos de desenvolvimento das ideias linguísticas mais contemporâneas, o nome de Ferdinand de Saussure compareceu a inúmeras discussões como a imagem de um sujeito racional dedicado a elaborar os conceitos e princípios de uma linguística geral. Um considerável grupo de linguista estabeleceu uma relação de filiação com o nome de Ferdinand de Saussure; outros buscaram uma oposição parcial ou radical ao denominado pensamento saussuriano.

A partir dos anos 50, diferentes leituras do CLG transportam o nome de Saussure para fora do campo estritamente linguístico, visto que a obra é lida por diferentes investigadores do campo das ciências humanas como uma matriz epistêmica para orientar diferentes pesquisas dentro do campo das ciências humanas. As traduções e divulgações do CLG fazem expandir o

território assombrado pelo *esprit* de Saussure: Genebra, Paris, Copenhague, Praga, Nova York, Tóquio, São Paulo⁸.

2.4 PARA ALÉM DO CLG

Paralelamente à expansão do território assombrado pela imagem de Saussure projetada a partir das leituras do CLG, uma série de alterações nesse processo de leitura ocorrerá a partir do final dos anos 50. A inauguração dos estudos filológicos do corpus saussuriano fará com que as imagens projetadas por esse nome de autor assumam um processo metamórfico mais evidente e acelerado.

Em 1957, *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique General*, de Robert Godel, apresenta o trabalho inaugural de análise do corpus textual que teria estado disponível para Bally e Sechehaye na elaboração do texto que compõe o CLG. Uma década mais tarde, Rudolf Engler publica uma edição sinóptica do CLG, que, graças a uma diagramação especial, possibilita aos leitores colocar os olhos nas aproximações e afastamentos entre os enunciados que compõem as notas registradas pelos alunos de Saussure, as notas do próprio Saussure e o texto final elaborado pelos editores.

A divulgação desses textos apresenta a um público cada vez maior um material que possibilita visualizar as diferentes maneiras de pelas quais o linguista genebrino organizava seu pensamento. Essa apresentação de uma multiplicidade de caminhos argumentativos irá contribuir para a dissolução da imagem de sólida unidade projetada pelo nome Ferdinand de Saussure tal como lido através do CLG e divulgado pelos intelectuais vinculados ao movimento estruturalista.

Nos anos setenta serão produzidos mapeamentos interessantes de algumas regiões do corpus saussuriano. O trabalho mais conhecido nesse registro talvez seja o de Jean Starobinski (1974), que elaborou uma edição dos textos produzidos por Saussure em inúmeros cadernos dedicados ao estudo das formas poéticas latinas. Nesse trabalho, Starobinski apresenta textos que fazem cair por terra a imagem de um Saussure responsável pela consolidação de um conjunto de proposições necessárias e suficientes para dar sustentação a uma disciplina científica.

⁸ Uma cartografia da expansão do território saussuriano pode ser encontrada na edição de número 56 do Cahiers Ferdinand de Saussure, na qual encontram-se as atas do Colóquio *Réception de Saussure*. No caso brasileiro, há um artigo célebre de Lemos, Lier-De Vitto, Andrade e Silveira, intitulado *Le Saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle* (2004).

O mestre genebrino nesses textos desenvolve uma série de análises nas quais os conceitos empregados em análises linguísticas tradicionais realizam operações distintas daquelas enunciadas pelo CLG. Essa discordância faz com que diversos leitores passem a projetar a imagem esquizofrênica de um Saussure cindido entre uma subjetividade diurna dedicada à elaboração de princípios que sustentam uma ciência bem delimitada e uma subjetividade noturna empenhada numa investigação delirante e infinita. O nome Ferdinand de Saussure atravessará algumas décadas projetando essa dupla imagem: ora sendo a de um sujeito empenhado em constituir princípios científicos que possam ser aplicados ao domínio dos fenômenos simbólicos, tal como lido no CLG, ora sendo a de um sujeito mergulhando em um processo de escrita infinita que o desafiava e o impedia de formular proposições sólidas o suficiente para uma publicação, tal como era lido nos textos manuscritos publicados até então.

Esse duplo retrato faz com que no nome Ferdinand de Saussure seja abandonado por grande parte dos domínios acadêmicos nos quais ele costumava ser referido. A euforia produzida pelo movimento estruturalista chega ao seu fim, e o Saussure tal como lido no CLG entra em descrédito; ao passo que o Saussure dos manuscritos disponíveis, ao alcance de um pequeno grupo de interessados, torna-se objeto restrito da historiografia linguística.

Em 1996, uma alteração na imagem de Saussure será provocada graças à descoberta de um grande volume de manuscritos inéditos. Tal acontecimento faz com que esse nome de autor lentamente retorne às discussões dos fundamentos dos estudos da linguagem, o que elabora uma nova imagem de autor a ser projetada pelos leitores.

O conjunto de manuscritos descobertos na estufa do hotel genebrino da família de Saussure em 1996 oferece aos pesquisadores das ideias linguísticas a oportunidade de colocar em prática uma investigação tão interessante quanto aquelas feitas por Engler (1967) e Godel (1957) em torno do material utilizado para confecção do CLG. Porém, o que se torna possível agora, graças ao encadeamento histórico dos acontecimentos, é a possibilidade de se projetar a imagem de um autor avessa àquela consolidada pelas leituras estruturalistas do CLG.

Os trabalhos de Johanes Fehr (1996; 2002), Jurgen Trabant (2005) e Simon Bouquet (2004), ainda que difiram em alguns aspectos, podem ser considerados como exemplares de um investimento analítico sobre o corpus saussuriano que propõe traçar uma série de linhas interpretativas que permitem criar uma imagem de autor que se faz epistemologicamente produtivo para as questões atuais da linguística. Se Godel e Engler iniciaram um trabalho que permitia desvendar os bastidores do CLG, as pesquisas atuais tomam como objetivo examinar, não os bastidores da obra que difundiu Saussure, mas o pensamento que movia esse

sujeito e que não encontrou espaço no conjunto de textos que se estabeleceu no século XX como sendo a obra saussuriana.

Dentre esse grupo de pesquisadores, Simon Bouquet (2004) apresenta de maneira mais ousada o distanciamento entre as proposições que podem ser derivadas da leitura do CLG e daquelas que podem ser produzidas pela leitura dos manuscritos saussurianos. O autor parte do princípio de que o CLG é um texto resultante de um trabalho tortuoso e interessado dos editores. Portanto, o CLG seria o texto produzido por uma soma de equívocos, sendo a história da interpretação do CLG nada mais do que uma sequência de erros intelectuais. Marcando uma distância significativa entre o Saussure produzido pela leitura do CLG, imagem de um equívoco, e o Saussure produzido pela leitura dos manuscritos, imagem de uma verdade, Bouquet propõe um projeto investigativo cujo objetivo é escavar filologicamente os traços que compõem o perfil do verdadeiro pensamento de Ferdinand de Saussure.

Esse breve histórico de leituras e projeções de imagens para o nome Ferdinand de Saussure demonstra o quão vasto é o território demarcado pela assombração saussuriana. Esse nome de autor, permite traçar um verdadeiro caleidoscópio sobre o qual se abrem diversos caminhos para empreender investigações sobre um modo específico de se fazer ciência acerca da linguagem. Tal compreensão só pode ser formulada se se tem em mente uma forte consciência da ausência de unidade estabelecida entre nome de autor e uma obra total.

Tendo essa ideia em mente, esta tese não toma para si o objetivo de projetar uma imagem completa para o nome de Ferdinand de Saussure. Não almejamos produzir um novo avatar da linguística saussuriana. Nossa meta é realizar uma investigação bastante localizada que permita observar um trabalho específico e pouco investigado que compõe o corpus saussuriano. Tal investigação renderá um modo produtivo de localizar as reflexões saussurianas na história das ideias linguísticas assim como permitirá traçar um horizonte de práticas de produção de conhecimento sobre a linguagem que são férteis na atualidade.

3 EIXO EPISTEMOLÓGICO: SAUSSURE, UM CIENTISTA

Conforme mencionado, a leitura analítica do manuscrito NAL exige-nos a adoção de algumas perspectivas para que sua feitura se efetive de modo produtivo. Apontamos, primeiramente, a necessidade de adotar uma perspectiva historicamente localizada para que a leitura de tal texto não produza interpretações incoerentes de seu conteúdo. Em segundo lugar, por se tratar de um manuscrito contido no corpus saussuriano, o que suscita inúmeros debates metodológicos, foi necessário salientar que consideraremos o texto em questão vinculado a Ferdinand de Saussure enquanto um *nome de autor*. Distanciando-nos das buscas por um Saussure original, tomamos o nome do linguista como uma ferramenta de leitura que permite aproximações e distanciamentos entre diferentes textos de um conjunto cuja estabilidade não está garantida.

Todo esse preâmbulo, tal como uma colheita de ferramentas de trabalho, tem como objetivo lançar mãos sobre massa textual que o manuscrito NAL oferece. Esse texto, ainda que bastante fragmentado e complexo, apresenta-nos uma proposta de como fazer ciência da linguagem, o que constitui o objeto de uma análise epistemológica. Esse tema em nada é inédito nos estudos saussuriano, de modo que seria imprudente não realizar uma consulta aos autores que já se empenharam em examinar o que seria uma epistemologia saussuriana.

Um simples recenseamento das interpretações da epistemologia proposta por Ferdinand de Saussure poderia ser ampliado a um tamanho infinitamente mais amplo do que o desta tese. Grande parte dos desenvolvimentos linguísticos do século XX foram feitos com base numa leitura da epistemologia do linguista suíço. Além disso, são diversos os investigadores do corpus saussuriano que poderiam ser consultados (ARRIVÉ, 2010; CALVET, 1977; CULLER, 1979; GADET, 1987; KOERNER, 1973; MOUNIN, 1968; NORMAND, 2010). Optamos, porém, por fazer um trajeto distinto e nos dedicarmos a leitura de alguns textos de um desses autores, Jean-Claude Milner, que serão de extrema utilidade para a análise do manuscrito NAL.

Decidimos por tal caminho pelo fato de ser Milner “um pensador extremamente original” (AGAMBEM, 2015, p. 53), com uma ampla formação linguística, que se dispõe a questionar o caráter científico da linguística. Jean-Claude Milner inscreve-se também no campo psicanalítico, dedicando-se igualmente a temas diversos como política, marxismo, filosofia e crítica literária. Assim como grande parte da comunidade acadêmica francesa do século XX, Milner aproximou-se do pensamento empreendido pelo movimento estruturalista, estabelecendo fortes alianças com Louis Althusser, Roland Barthes, Roman Jakobson e Jaques

Lacan. Durante a efervescência desse movimento, foi o articulador *Cercles d'epistemologie* da *École Normal Supérieure*.

Ademais de todas essas credenciais, Milner é o autor de um trabalho cuja leitura foi muito proveitosa para o desenvolvimento desta tese. Não encontramos, até o momento, na bibliografia desse autor uma obra dedicada exclusivamente à epistemologia saussuriana. Porém, alguns de seus títulos retomam sob diferentes óticas a investigação dos laços que unem a linguística aos problemas de determinação do que é uma prática científica. Justamente por apresentar uma compreensão bastante original do que é fazer ciência da linguagem que Milner se justifica nesta tese (AGAMBEM, 2015).

Nossa leitura investigativa a respeito do que aponta Milner enquanto uma epistemologia em Saussure, será feita tomando como referência quatro textos chaves: *L'amour de la langue* (1978), *Introduction a une science du langage* (1989), *L'ouvre claire* (1995) e *Le périple structurale: figures e pardigmes* (2002).

Tendo como objetivo traçar a interpretação da epistemologia saussuriana feita por Milner, o caminho a ser produzido aqui não obedece à ordem cronológica das publicações desse autor. Partiremos de uma explicitação dos critérios de cientificidade levantados pelo autor em *Introduction a une science du langage*⁹, e, com isso em mãos, buscaremos compreender como Milner localiza Saussure no plano das ciências da linguagem. Por fim, apresentaremos a epistemologia que o autor localiza no corpus saussuriano e o que o leva a considerá-la uma via de retorno a uma epistemologia aristotélica.

3.1 A CIÊNCIA LINGUÍSTICA

Milner abre seu livro com o diagnóstico de uma falta: “A linguística deseja ser uma ciência” (1995, p.9). Essa proposição será como fio condutor de toda a investigação, visto que o desejo de ser ciência, segundo o autor, é o sustentáculo da linguística. O desejo de cientificizar-se é o que difere a linguística de diversas práticas tradicionalmente agrupadas sob a denominação de gramática e retórica.

⁹ Este título é empregado para referir a duas versões da obra de Milner. A primeira delas, publicada em 1989, na coleção *Des Travaux*, da editora Seuil, é reconhecida como a versão completa. As edições que se seguiram foram elaboradas em versão abreviada. Em nenhuma das versões essa obra foi traduzida para a língua portuguesa. O autor realizou tal leitura a partir do original francês *Introduction à une science du langage: édition abrégée*, Éditions du Seuil, Paris, 1995 e da sua tradução castelhana *Introducción a una ciencia del lenguaje: versión abreviada*, tradução de Irene Agoff, Ediciones Manantial, Buenos Aires, 2000. As citações a seguir foram traduzidas para o português pelo autor a partir dessa dupla leitura. As referências são registradas a partir do original em francês.

Da constatação de que há diversas escolas linguísticas, Milner elabora a hipótese de que seria possível encontrar nessa multiplicidade os elementos de um projeto geral de ciência da linguagem da mesma maneira que encontramos um projeto de ciência para as diferentes ciências da natureza. Tal hipótese inaugura um projeto de pesquisa que faz uso da compreensão tradicional de epistemologia que encontramos registrada em Lalande (2006), segundo a qual os critérios de cientificidade nunca são produzidos no interior de uma prática científica, cabendo à epistemologia, ramificação específica da filosofia, tomar conta dessa tarefa de determinação do que é e do que não é ciência.

A árdua tarefa de análise dos fundamentos epistêmicos de uma ciência da linguagem requer, portanto, que o investigador estabeleça de antemão uma compreensão do que é ciência. Somente com isso estabelecido, poderá ele compreender os diferentes modos pelo qual a linguística supre seu desejo de afirmar-se como ciência.

Assumindo que não é seu objetivo desenvolver uma nova forma de compreensão do fenômeno do conhecimento, o autor recorre a uma epistemologia standard, que, a princípio, não apresenta nenhum traço especial além de ser a mais difundida na atualidade. Milner adverte que tal epistemologia não deve ser considerada a partir de um valor de verdade, mas como aquela que é a “menos inapropriada para apreender os traços distintivos do que se apresenta sob o título de ciência moderna” (1995 p.35). Para isso, alimenta-se do arsenal conceitual disponível em autores como Alexandre Koyré, Karl Popper e Gerald Holton, Milner¹⁰. Como o resultante de muitas leituras, Milner apresenta o que seria o sistema conceitual característico de uma produção discursiva que pode ser denominada como ciência moderna.

Já nessa última frase, encontramos o primeiro elemento do sistema em questão, que é a concepção da ciência enquanto uma produção discursiva, o que é compreendido como uma produção de proposições. Essa produção de proposições recebe o rótulo de ciência moderna devido à combinação de uma manipulação de dados empíricos de modo matematizado e do estabelecimento de uma relação entre teoria e técnica.

Essas duas características – matematização do real e manipulação técnica de uma teoria – foram primeiramente apontadas por Alexandre Koyré em seus estudos sobre o estabelecimento da ciência moderna a partir da figura de Galileu Galilei. É interessante

¹⁰ O trabalho de Milner apresenta um amplo arsenal de conceitos e perspectivas colhidos em autores da história e filosofia da ciência. Os três nomes aqui citados não configuram a totalidade das referências mobilizadas por Milner em seu trabalho.

retornar brevemente a esse autor a fim de elaborar uma compreensão mais adequada do adjetivo galileano, descritor amplamente empregado por Milner.

Alexandre Koyré toma a figura histórica do astrônomo florentino Galileu Galilei para examinar como se constituíram os traços distintivos das práticas que denominamos como ciência moderna. De acordo com Koyré, “[...] avec Galiléé, et après Galiléé, nous avons une rupture entre le monde doné aux sens et le monde réel, celui de la science. Ce monde réel, c’est de la géométrie fait corps, de la géometrie réalisée” (2010, p. 60).

Galileu Galilei é, no discurso de Koyré, tanto um personagem histórico a ser investigado como um personagem conceitual (DELEUZE; GUATTARI, 1992)¹¹, isso é, o produtor de toda uma organização de ideias que possibilita a existência de uma maneira específica de compreender o mundo e nele agir. Enquanto personagem conceitual, Galileu propõe uma nova organização do universo. Essa proposta de uma nova cosmologia é descrita diversas vezes por Koyré como sendo a destruição do cosmo organizado e finito, tal como traçado pela física aristotélica, e a instauração de um universo geometrizado e infinito. Essa virada na organização do mundo, ocorreu, segundo o historiador, graças a uma tardia divulgação do platonismo entre os intelectuais europeus fora do meio universitário, que era dominado pelo aristotelismo.

A filosofia platônica propõe um desprezo pelo conhecimento obtido por meio dos sentidos, visto que esses podem conduzir a equívocos, e promove a adoção de um modo de conhecer o mundo baseado na elaboração de sistemas conceituais suficientemente coerentes para produzir certezas. A matemática, e mais especificamente a geometria, é o sistema mais adequado para tal tarefa. Galileu toma esses princípios como motor para inaugurar uma nova cosmologia, sustentando que o mundo, para ser compreendido, deve ser despido de suas aparências e avaliado apenas naquilo que o estrutura. Para o astrônomo, a estrutura do mundo é composta por relações de grandezas matemáticas. “Galiléé est peut-etre le premier esprit qui ait cru que les formes mathematiques étaten réalisées effectivement dans le monde” (KOYRÉ, 2010, p.58).

Tomando as relações entre grandezas como sendo o princípio de estruturação do universo, a ciência que Galileu estabelece será organizada em torno da determinação de princípios descritores dessas relações. Para Galileu, o livro da natureza está escrito com caracteres geométricos, logo, a língua na qual esses princípios podem ser registrados é a

¹¹O termo personagem conceitual é empregado por Deleuze e Guattari (1992) para referir ao uso que o discurso filosófico faz de personagens de diversas ordens para dar forma à exposição da própria reflexão filosófica. O termo será retomado no capítulo 5 para apresentar o *grammairien* enquanto personagem conceitual da investigação saussuriana.

matemática. É neste ponto – tão bem pinçado em Koyré – que Jean-Claude Milner sublinha a atividade de matematização do real como o principal traço distintivo da cientificidade moderna.

Atentemos para o fato de que falar em matematização do real pode conduzir à compreensão insuficiente de que só é científico o que é quantificável. Milner insiste em caracterizar a matematização pelo seu aspecto literal, isso é, de que o discurso científico – a língua que permite ler o tal livro da natureza – deve se organizar em virtude de suas próprias regras e não em virtude daquilo que elas designam. A literalização matemática, não diz respeito à possibilidade de o cientista realizar uma mensuração do fenômeno. Tal procedimento nada mais é do que o estabelecimento de uma escrita que permite o uso de símbolos que podem ser tomados em si, sem prestar atenção para o que venham a designar.

No campo da física, isso é facilmente observado, visto que a lei dos movimentos mantém seu valor epistêmico graças à relação que se estabelece entre os elementos que nela estão relacionados e não por causa do corpo que se move. Pouco importa para a cinética, por exemplo, se o corpo que se move é uma bola de gude ou um planeta; a lei que descreve os movimentos tem um funcionamento para além do que ela designa.

O desprendimento da lei que refere a uma estrutura do mundo de um fenômeno observado ocorre graças ao desenvolvimento de uma literalidade matemática. Esse processo de notação permite ao cientista usar tais símbolos apenas em virtude de suas regras próprias, sem atentar para o fenômeno. A essa possibilidade de manipulação conceitual, Milner dá o nome de funcionamento cego. “Só há ciência do matematizável, e há matematização no momento em que há literalização e funcionamento cego” (MILNER, 1995, p. 22).

No caso de uma ciência da linguagem, sobretudo no horizonte almejado por essa tese, um exame do projeto de pesquisa empreendido pela gramática comparada do século XIX nos permitirá compreender o processo de matematização do real quando estamos diante da matéria linguística. Essa disciplina “muito mal batizada” (1995, p.100)¹², costuma ser classificada como uma área da filologia ou das disciplinas historiográficas. Para Milner (1995), tal classificação nos conduz a um equívoco, pois, se considerarmos os procedimentos epistêmicos operados pela gramática comparada, veremos nela os pilares necessários para determinação de uma *ciência galileana*.

¹² A astúcia de Milner encontra respaldo nos manuscritos saussurianos que registram uma crítica do linguista à expressão gramática comparada: “Entende-se que o astrônomo observa e calcula, que o crítico critica, que o historiador relata e que o linguista *compara*. Por que o linguista compararia, ou por que estaria ele condenado, em seu ofício, a comparar?” (SAUSSURE, 2002, p. 150).

O fenômeno empírico do qual a gramática comparada se ocupa resume-se ao fato de que certas línguas apresentam semelhanças que não podem ser explicadas nem por razões fisiológicas, geográficas, nem históricas, nem mesmo por uma propriedade geral da mente humana, visto que tais semelhanças se referem às formas fonéticas e não a semantismos¹³. A detecção de tais semelhanças foi desenvolvida ao longo dos anos, nos quais foram empreendidos grandes trabalhos de investigação e documentação de dados de diferentes línguas. O século XIX realizou um triunfante acúmulo do conhecimento de diversas línguas que se materializou na forma dos estudos da gramática comparada.

Nesse sentido, a gramática comparada é um empreendimento científico de grande impacto. Milner afirma que essa disciplina pode “[...] ser posta à altura dos grandes êxitos da ciência do século XIX” (1995, p. 100), visto que ela permitiu um notável acúmulo de dados sistematizados a respeito de diversas línguas. Se comparássemos o conhecimento disponível a respeito do tempo que estava disponível para um indivíduo acessar no início do século XVIII e no fim do século XIX, a diferença seria brutal.

A gramática comparada é uma prática que tem suas origens no fim do século XVIII, porém, é com os nomes de Friedrich Schlegel (1772-1829) e Franz Bopp (1791-1867), a partir de 1810, que ela toma a forma de um programa investigativo amplamente difundido na Europa. Esse programa investigativo realizava suas pesquisas por duas abordagens: de um lado propunha-se a comparar diferentes línguas entre si; por outro, propunha-se a escrever uma história das línguas a partir da comparação de diferentes estados de uma mesma língua.

Esse estudo, a princípio sem rigor, criou um objeto inédito na história das ciências de linguagem: a mudança fonológica. Se inicialmente, a gramática comparada tomava como base noções já estáveis da gramática tradicional, após a consolidação de suas investigações ela passa a considerar entidades como “palavra” levando em conta a sua realidade estritamente fonológica. Com essa redução do olhar, torna-se possível verificar regularidades entre dados colhidos em diferentes territórios e em diferentes momentos históricos.

O objetivo final da gramática comparada é traçar as correspondências fonéticas entre línguas e entre diferentes estados de uma mesma língua. Esse objetivo é alcançado por meio

¹³ Os termos *fonética* e *fonologia* são empregados neste trabalho de acordo com a nomenclatura típica dos estudos comparatistas desenvolvidos na virada do século XIX. Diferentemente da acepção atual, o termo *fonética* é empregado aqui para designar o estudo comparativos das correspondências fonéticas entre línguas e de suas mudanças ao longo do tempo. Nesta concepção, a natureza do objeto rastreado – seu caráter material ou imaterial – permanece em disputa. O termo *fonologia* refere-se ao estudo experimental dos atos fonológicos enquanto fenômenos acústicos e articulatórios, tal como as pesquisas desenvolvidas por Henry Sweet e Jean-Pierre Rousselot. A descontinuidade entre os termos contemporâneos a Ferdinand de Saussure e os empregados atualmente se faz necessária na escrita desta tese para que possamos nos retirar do atual horizonte epistemológico.

de três práticas: (1) conceber os dados apenas no que concerne à forma fônica; (2) utilizar como critério de verdade a correspondência entre as formas e não a semelhança; (3) considerar o fonema e não a palavra como unidade mínima de correspondência.

A determinação de correspondências entre fonemas depende de observações empíricas que são realizadas com base em técnicas filológicas. Graças a esse aspecto prático, a gramática comparada foi descrita na maior parte das vezes como uma disciplina de investigação histórica. Porém, as relações entre os fonemas do indo-europeu são observadas graças ao estabelecimento de *leis fonéticas* que se assemelham às *leis físicas* por serem constantes e independentes de qualquer aspecto sensível.

As leis fonéticas não tratam da semelhança entre os sons de diferentes línguas; tratam das correspondências entre *formas linguística*. Essa distinção entre a realização sonora de uma forma linguística e a relação de correspondência entre tais formas permite dar o salto que iguala as leis fonéticas às leis físicas.

Estabelecer leis fonéticas é uma forma de agenciar proposições sem que seja necessário considerar a substância sensível que pode vir a ser referida. Conforme já dito, para as leis cinéticas o corpo móvel não tem relevância alguma. Uma bola de gude, um asteroide ou um planeta estão submetidos às mesmas forças que se encontram relacionadas do mesmo modo. Em se tratando de *leis fonéticas* o mesmo desprendimento da substância é verificado. As formas *ph* grega (*phero*) e *b* armênia (*berem*) encontram correspondência fonéticas na forma indo-europeia **bh*, independentemente de suas diferenças em termos de realização fonética.

Pela observação do procedimento, fica claro que o único fato empírico de que dispõe a gramática comparada são as correspondências detectadas. A produção de uma reconstrução de estados de línguas nada mais é do que o resultado do acúmulo de correspondências examinadas e organizadas de modo sintético. A tarefa do linguista, nesse caso, é “calcular as formas possíveis e impossíveis, combinando os estenogramas de correspondências em conformidade com as regras de combinação” (1995, p.103)¹⁴.

Graças à possibilidade de estabelecer cálculos, isso é, manipulações de unidades sem considerar suas substâncias, existe na gramática comparada a possibilidade de elaborar uma

¹⁴ Simon Bouquet, ao apresentar a matematização do real – *positivação*, em suas palavras – que ocorre na gramática comparada, recorre a uma distinção entre *literalização* e *formalização*. Por *literalização*, o autor refere-se à possibilidade de produzir uma conversão da empiria fonológica em um registro literalizado, isso é, sob a forma de letras. À *formalização* corresponde um segundo momento do desenvolvimento da matematização do real, pois ela opera na escrita das relações entre os elementos já literalizados. Tomando como exemplo as correspondências fonéticas “sk. j = gr. g = lat g” (2005, p. 99), verificamos que essas são derivadas de uma *literalização* das formas fonológicas, expressas pelas letras minúsculas acompanhadas de uma *formalização* registrada pelo sinal de igualdade.

ciência de linguagem que atende aos critérios de ciência galileana. Milner insiste em descrever tal prática como a ciência da gramática comparada, visto que o estabelecimento de um fonema indo-europeu, por exemplo, não é uma detecção filológica, mas o produto do registro formalizado de uma série de correspondências previamente examinadas em dados empíricos.

No caso específico do manuscrito NAL, a matematização do material linguístico por meio de inscrições formalizadas é uma preocupação constante. Saussure está diante de um fenômeno linguístico – a acentuação lituana – que possibilita diferentes modos de formalização; seu trabalho é verificar qual seriam os critérios mais adequados para sua matematização. No primeiro conjunto de folhas, nos deparamos com uma série de traços esquemáticos que apontam para a necessidade de formalização do fenômeno:

Figura 1: *I Ms.fr.3953, f. 271*

$\varphi\varphi\varphi\varphi\varphi\varphi\varphi\varphi$	=	zéro	
$(A A A A) + (B B B)$	=	1	(Ex: Quantité)
$(\alpha) + (\beta\beta\beta) + (\gamma) + (\delta)$	=	1	(Ex.)
$(a a) + (b) + (c c c) +$	=	1	
$\dots (\phi\phi\phi) \dots$			
Total des él. Simple syllab.	10	Total des él. Simple paths	3

Fonte: (NAL[2003], p.331)

Abaixo desta figura, lemos a seguinte reflexão:

Une syllabe déterminée différera d'une autre comme suit : d'une part 3 + 0 ou 3 + 1; de l'autre par analyse du 3: $b\gamma B$ ou $a\gamma B$ ou $c\theta A$; $c\beta B$, comme on voudra. La phonétique historique ne fait pas autre chose de que se demander pourquoi une syllabe offre à un moment donné la combinaison $c\beta B$ plutôt que $c\delta B$ et ainsi de suite [...] (NAL[2003], p. 331).

Tais passagens são indícios da preocupação de Ferdinand de Saussure em produzir uma literalização do fenômeno linguístico que a acentuação lituana apresenta de modo a propiciar um discurso no qual os elementos simbólicos tenham um valor em si, e não como

referentes a uma substância. O desejo de ser ciência na linguística saussuriana, tal como a vemos no manuscrito NAL, expressa-se pela *necessidade* da matematização:

Um système de langue (qui est un système toujours momentané) se trouve de moment en moment compris en un certain nombre de valeurs, lesquelles valent uniquement par leur différence, oppositions et relations. [] Dire qu'on ne pourrait pas représenter ces termes en de simples sigles algébriques α β γ δ , en faisant totalement abstraction de leurs valeurs absolues, est dire pour nous la chose la plus décidément fautive qu'on ait jamais avancée sur le langage (NAL[2003], p. 337).

O segundo traço distintivo da ciência moderna que Milner busca em Koyré é a relação entre teoria e técnica. A revolução científica de Galileu, ao inaugurar uma nova cosmologia cujo plano de existência é um universo geometrizado e infinito, coloca o homem numa posição que pode ser descrita como externa e ativa. Sendo o cientista capaz de manipular conceitos registrados literalmente, isso é, desprendidos dos fenômenos e atrelados apenas às regras matemáticas, que são, supostamente, as mesmas que estruturam o universo, esse cientista é capaz de estabelecer uma nova forma de interação com a natureza por meio da experimentação.

Enquanto na ciência clássica, a observação contemplativa era a fonte de informações para elaboração de um entendimento, para a ciência moderna o cientista desempenha uma função ativa na montagem de experimentos. É por meio dessa manipulação empírica, isso é, emprego de técnicas, que o investigador estabelecerá um diálogo com a natureza que deverá ser registrado, ou seja, transposto para o universo discursivo da literalização matemática.

Retornando à ideia de que a ciência é uma produção discursiva, Milner afirma que a atividade científica deve ser capaz de produzir proposições empíricas. Inicialmente, entende-se por empírico o conjunto do que é representável no tempo e no espaço. Porém, para que o conceito de empiria não seja apenas um modo de indicar um aspecto extrínseco das proposições pertencentes ao discurso científico, Milner recorre ao conceito de falseabilidade, tal como apresentado na obra de Karl Popper (1972). Para afirmar que as proposições emitidas pelo discurso científico sejam passíveis de uma articulação lógica que evidencie o caráter empírico da proposição que foi produzida, aquilo que o discurso científico afirma na forma de uma proposição deve ser passível de ser negado. Essa propriedade proposicional garante o caráter empírico da ciência enquanto aparelho discursivo.

Essa propriedade do discurso científico é examinada por Milner no campo linguístico de maneira peculiar. De acordo com o autor, o desejo de ser ciência da linguística busca atender a exigência da empiria – o que em termos discursivos equivale à falseabilidade – através da manutenção de uma prática da gramática normativa: a exemplificação.

As especulações de uma gramática normativa tornam-se empíricas quando seguidas de uma lista de exemplos coletados de fontes de prestígios ou inventados pelo gramático. A linguística mantém tal recuso enquanto demonstração de uma proposição. Num conjunto de dados é possível verificar o que seria um exemplo e aquilo que constituiria um contra-exemplo. Pela detecção desse par opositivo, a linguística é capaz de submeter as suas proposições a um teste de refutabilidade.

No caso da gramática comparada, o exame de um vasto material filológico permite a manipulação de um grande conjunto de dados. Ao formular a frase matematizada **bh = gr. ph; sk. bh; ar. b*, poderemos lançar uma proposição num conjunto de dados para a recolha de exemplos.

Após tal procedimento, a frase literalizada acima pode ser lida como: a forma indo-europeia **bh* é verificada em sânscrito pela palavra *bharami*, em armênicico por *berem*, em grego por *phero*. Por essa recolha de dados, a forma indo-europeia **bh* torna-se empírica, visto que as correspondências fonológicas entre sânscrito, armênicico e grego são verificadas. No momento em que tais relações cessam de se efetivar, a forma **bh* perde sua empiria.

No caso do manuscrito NAL, não encontramos passagens que apresentem de modo claro o trabalho feito por Saussure com um conjunto de dados da língua lituana. Tal procedimento pode ser verificado de modo explícito nas publicações sobre o mesmo tema que se encontram no RPS. Ao invés de um exame exaustivo dos dados da língua lituana, encontramos reflexões fragmentadas a respeito do que poderia garantir a empiria das proposições emitidas por uma ciência linguística.

Les autres sciences ont à leur base des objets définis par leur existence, *hors de tout point de vue*. La linguistique a cela de particulier, et de grave, qu'un objet ne commence à être défini que de par le point de vue même *a, b, c*, qu'on « y » applique, formule encore fausse : puisqu'elle suppose encore un objet donné – mais de par le point de vue momentané qu'on applique à la *masse* des faits linguistiques contemporains, jointe à la *masse* des faits linguistiques précédents, (jointe quelquefois à la *masse* des faits linguistiques succédant) { } (NAL[2003], p. 338).

Essa reflexão, já familiar aos leitores de outras porções do corpus saussuriano, encaminha-nos ao último elemento selecionado por Milner como caracterizador do discurso científico: seu aspecto criativo.

Havíamos afirmado até aqui que a ciência prima pela matematização e pela empiria. Somente o que é passível de uma simbolização desprendida da substância cabe numa proposição científica. Somente as proposições passíveis de refutação garantem a empiria da

prática científica. Portanto, a ciência é uma produção discursiva que emite proposições matematizadas e falseáveis.

No entanto, uma imagem totalizante da positivação não condiz com os exemplos históricos que temos de prática científica. Em todo fazer científico existe um conjunto de afirmações mínimas que, ainda que impossíveis de serem falseáveis, são tomadas como positivas para que seja possível construir novas proposições. A essa matriz de proposições indemonstráveis dá-se o nome de teoria mínima.

Nesse ponto, Milner faz referência ao trabalho de Gerald Holton (1988)¹⁵, que com o conceito de imaginação científica analisou esse componente dos discursos científicos. Holton afirma que as diferentes etapas do desenvolvimento de uma determinada ciência são dominadas por preferências conceituais que não estão acessíveis à experiência, ou seja, não são passíveis de falsificação. A física, por exemplo, desenvolveu-se em diferentes momentos utilizando leis fundadas ora no atomismo ora na continuidade da matéria. Esses dois princípios são produções imaginárias que, apesar de não serem falseáveis, organizam o discurso humano.

No caso das ciências linguísticas, podemos retornar uma vez mais à gramática comparada para verificar a produção imaginária – inacessível à falsificação – que a sustenta. A investigação das correspondências fonológicas supunha que as línguas históricas, nas quais os dados são verificados, derivariam de um estado de língua anterior – o indo-europeu. Esta seria uma teoria mínima, cujo conteúdo proposicional, ainda que fortemente embasado em documentação histórica, não pode ser verificado de maneira empírica.

O indo-europeu pode ser compreendido como uma língua, tal como outra qualquer, que existiu num tempo e num espaço que estão inacessíveis ao pesquisador. Porém, em termos epistemológicos, o indo-europeu é ao mesmo tempo uma suposição do investigador e o próprio resultado de seu trabalho. Quando lemos uma obra da gramática comparada, o que é denominado como indo-europeu é a soma de uma série de formas linguísticas que foram

¹⁵ Uma breve elucidação do conceito de *themata* pode ser encontrada em *On the art of scientific imagination* (1996). Nesse texto, proveniente de uma palestra homônima, Holton apresenta a atividade científica através de dois pontos de vistas complementares: o público e o privado. O perfil público da ciência é composto por atividades que materializam o uso das faculdades racionais que agenciam a prática científica: a formulação de *hipóteses*, a elaboração de *instrumentos*, a criação de *modelos*, a identificação de *falhas*. Essas práticas de uso das faculdades racionais são, de acordo com Holton, insuficientes para descrever a ciência como um todo. Há uma porção da atividade científica que ocorre no ambiente privado do laboratório que não pode ser descrita como sendo um simples uso das faculdades racionais. Essa parte do fazer científico é semelhante a uma série de processos imaginativos comuns às práticas artísticas. Esses processos imaginativos podem ser agrupados em três grupos: imaginação visual, imaginação analógica e imaginação temática. Nas palavras do próprio Holton, um *thema* é “the often unconfessed or even unconscious basic presuppositions, preferences, and pre conceptions that scientists may choose to adopt, even if not led to do so by the data or current theory” (1996, p.201).

cuidadosamente calculadas. Dizemos então que a suposição do indo-europeu enquanto um estado de língua pretérito é um *dispositivo*, pois ele permite que o investigador oriente sua pesquisa de modo a contribuir para a manutenção de uma possível certeza.

Como é possível perceber, a gramática comparada desenvolveu as técnicas de *literalização matemática* próprias de uma *ciência galileana*. Além disso, seu trabalho com dados filológicos permitiu uma relação entre teoria e técnica que sustenta a falseabilidade das proposições formuladas. Como caracterização de uma disciplina científica muito específica, a gramática comparada considera o indo-europeu como uma suposição teórica que toma a forma de um *dispositivo* que permite elaborar uma compreensão de uma parcela muito estreita dos fenômenos de linguagem.

Em se tratando do manuscrito NAL, verificaremos que a dispositivo temático que orienta o pensamento de Ferdinand de Saussure não é o indo-europeu. Ainda que suas pesquisas sobre a acentuação lituana façam uso do indo-europeu como dispositivo orientador da pesquisa, as reflexões que lemos nesse texto nos encaminham para a elaboração de outras entidades relacionais que poderiam sustentar a manipulação investigativa do fenômeno acentual.

[1] Cet “autre chose” avec quoi l’accent peut entrer en rapport est d’une manière générale *la langue* (savoir toujours *la langue* déterminée qu’on a décidé d’étudier). Ainsi, la seconde étude prévue d’accent sera l’étude de l’accent par rapport à la langue, du rôle de l’accent dans la langue, ou de la application qui est faite de l’accent par la langue – après que ledit accent a été premièrement envisagé dans ses caractères :

Il n’y a pas d’objection positive à faire à cette définition. Toutefois si l’on se borne ainsi à prendre la langue en masse, ce qu’il faut entendre par le rôle de l’accent dans la langue reste une chose absolument confuse pour l’esprit, parce que la langue comprend toute espèce d’unités parfaitement diverses ; et que si je rapporte au hasard le rôle de l’accent tantôt à une unité de l’ordre *a*, tantôt à une unité de l’ordre *b*, je ne fais que tâtonner misérablement (NAL[2003], p. 340).

Nesse trecho, o número de repetições da palavra *langue* salta aos olhos do leitor. A língua, essa “*autre chose*”, é determinada por Saussure como a entidade à qual as unidades focadas por um estudo – nesse caso, o acento – devem ser relacionadas. Somente nessa relação entre unidade e sistema é possível determinar o papel sistêmico de uma entidade linguística. Tal passagem, que será examinada com detalhe no capítulo 5, marca a trajetória percorrida por Saussure na elaboração do conceito de *língua* enquanto o objeto regulador das entidades analisadas pelo linguista.

3.2 A CIÊNCIA SAUSSURIANA

Resumidamente, a epistemologia *standard* traçada por Milner (1995) considera ciência as produções discursivas que emitem proposições matematizadas, o que permite ao investigador manipular seus objetos com base nas regras que os constituem e não com base nas suas materialidades. Esse conjunto de proposições matematizadas conduzem o cientista na elaboração de técnicas experimentais que testam a falseabilidade das proposições criadas. Com base nesse agenciamento de proposições, os cientistas organizam os seus conjuntos de proposições emitidas na forma de projetos investigativos, organizados em torno de teorias mínimas.

Em termos de uma ciência da linguagem, as características de uma produção discursiva científica podem ser encontradas sob diversas formatações. Optamos aqui por apresentar como *matematização, falseabilidade e teoria mínima* são verificadas na gramática comparada, a prática científica contemporânea a Ferdinand de Saussure. Buscamos ainda adiantar algumas passagens do manuscrito NAL que podem ser lidas como projeções dos componentes de um fazer científico.

Se seguirmos a leitura de Milner (1987; 1995), veremos que esse autor situa o nome de Ferdinand de Saussure sob dois aspectos. Por um lado, Saussure é um autor inserido na produção científica da gramática comparada – a ciência linguística mais difundida de seu tempo. Nesse sentido, Saussure é o praticante de uma ciência cujo aparelho discursivo está adequado à epistemologia *standard* apresentada. Por outro lado, o ensino de Saussure, aquilo que teria dado corpo ao CLG, o encaminha para uma outra forma de produzir conhecimento, que não atende aos critérios de cientificidade já mencionados.

Para Milner (1987; 1995), o grande contributo de Ferdinand de Saussure para a linguística reside na elaboração de um raciocínio capaz de identificar na linguagem as propriedades que tornam possível a produção de proposições científicizadas emitidas pela gramática comparada. Ainda que proponha que essa disciplina tal como produzida no século XIX devesse ser reavaliada, Saussure a examina como um projeto de ciência galileana. No entanto, o que é produzido a partir de tal exame, tal como podemos ler através do CLG, não pode ser descrito como uma discursividade alinhada aos critérios de cientificidade.

Em outras palavras, Saussure afina as ferramentas conceituais do seu tempo para que seja desenvolvida uma ciência galileana da linguagem, projeto esse que encontrou seu auge na Escola de Paris, liderada por Antoine Meillet; porém, as mesmas ferramentas que foram úteis

para a gramática comparada se prestaram ao desenvolvimento de uma linguística geral que não se alinha às propriedades de uma ciência galileana.

Ainda em *Introduction à une science du langage*, essa constatação a respeito do pensamento saussuriano é feita na seção introdutória, logo após o encerramento do exame dos critérios que devem ser atendidos para que uma disciplina científica possa ser considerada científica. Após tal exame, Milner afirma que é possível a elaboração de outras epistemologias em contraponto à epistemologia padrão de formatação galileana e platônica, como é o caso de uma epistemologia aristotélica.

Neste ponto, Milner (1987; 1995) recorre a Heinrich Scholtz, filósofo alemão, para apresentar uma compreensão da epistemologia aristotélica tal como desenvolvida no *Organon*, com especial ênfase nas *Segundas Analíticas*¹⁶. O trabalho de Scholtz é referido em todas as obras de Milner até aqui analisadas, tal presença se justifica visto que o artigo desse autor, *Die Axiomatik der Alten* (1930), veio a oferecer uma compreensão do que seria o modelo de *ciência clássica* para a historiografia da ciência que se desenvolveu posteriormente na França. Em resumo, é possível apresentar a epistemologia aristotélica como uma produção discursiva baseada em proposições de *axiomáticas*, *teorema* e suas relações com conceitos *primitivos e derivados*.

Para que uma proposição seja considerada um axioma, ela deve ser evidente e, portanto, indemonstrável. Além disso, ela deve ser suficiente, ou seja, as proposições dela derivadas devem tomá-la como regra básica e apelar apenas para as regras lógicas para produzir novas proposições que sejam capazes de demonstrar teoremas.

Sendo as proposições cumpridoras dos papéis de axioma ou de teorema derivado, essas são elaboradas pela manipulação de conceitos, que podem ser classificados como primitivos ou derivados. Os conceitos primitivos, assim como os axiomas a que dão origem, devem ser imediatamente inteligíveis e, portanto, indemonstráveis. Eles devem também ser suficientes, o que significa que os conceitos deles derivados podem ser produzidos a partir deles com a interferência apenas de regras lógicas.

Essa matriz de agenciamento conceitual estabelecida por Aristóteles encontra na obra *Elementos*, de Euclides, a sua primeira aplicação em uma prática científica. Portanto, é comum que autores se refiram a esse dispositivo epistemológico ora como sendo euclidiano, ora como aristotélico. De acordo com Milner (1987; 1995), ainda que Saussure não apresente

¹⁶ Curiosamente, é na tradução deste texto aristotélico para o latim, feita por Boécio, que Émile Benveniste (1989) verifica a gênese o termo *scientificus*.

explicitamente sua definição do que é uma teoria científica, seu discurso é elaborado como se estivesse baseado em uma matriz epistêmica euclidiana¹⁷.

Milner (1987; 1995) ressalta que tal matriz epistêmica, mesmo sendo colocada em oposição à epistemologia moderna, foi de extrema importância para o desenvolvimento de uma série de disciplinas ao longo do século XX. O estruturalismo europeu, segundo o autor, é fruto de um encontro com a epistemologia galileana que impera nas ciências naturais. Decorrente desse encontro infrutífero é o nascimento de uma opção de retorno a um modo de produção antigo. Esse retorno, “desconhecido e inconsciente” (MILNER, 1995, p.38), pode ser verificado no CLG e nas leituras dessa obra produzidas no século XX, que supõem uma epistemologia não moderna, melhor dizendo, uma epistemologia não-galileana.

Tendo já descrito os principais traços que identificam uma produção discursiva como uma ciência não-galileana, nos deteremos agora em como Milner (1987; 1995) identifica tais elementos no pensamento saussuriano. Para tanto, tomaremos como base a obra *O amor da língua*, cronologicamente anterior à *Introducion à une science du langage*, mas que servirá como um segundo momento argumentativo para explicar como se configura a epistemologia não galileana que o *Curso de Linguística Geral* supõe.

Milner apresenta a proposição que realiza a função de axioma e que, portanto, coordena toda a linguística estrutural: “[...] a linguística será científica se, e somente se, ela define a língua como sistema de signos” (1987, p. 31). De acordo com o modelo axiomático de discursividade científica, todas as operações necessárias à ciência linguística devem ser deduzidas dessa proposição, e o campo dessa ciência será definido pelo fato de que somente operações deduzidas dessa proposição serão consideradas a ela pertencentes.

Nesse capítulo, encontramos outra vez a lúcida localização que Milner (1987) faz de Saussure no campo geral de desenvolvimento da ciência linguística. Milner insiste uma vez mais que Saussure não é o fundador de uma ciência, mas sim um pensador dedicado à gramática comparada, ciência essa que já produzia muitas das suas proposições antes de Saussure. O que lemos em Saussure não é da ordem da fundação de uma ciência, mas da ordem da avaliação de uma prática discursiva.

¹⁷ Um exemplo bastante elucidativo que torna claro a produtividade dessa trama de conceitos da epistemologia euclidiana pode ser encontrada no trabalho do David Hilbert (1862 – 1943). Esse matemático alemão propôs elaborar uma teoria axiomática da geometria com o intuito de ultrapassar falhas identificadas na geometria descrita por Euclides. Hilbert determinou 21 axiomas independentes a partir dos quais os teoremas geométricos mais comuns pudessem ser deduzidos. Esse conjunto de axiomas é composto pela manipulação de seis conceitos primitivos, sendo eles classificados como noções primitivas (*o ponto, a reta, o plano*) e relações primitivas (*estar entre, estar contido e ser congruente*).

Neste ponto, Milner (1987) aproxima o discurso saussuriano da filosofia crítica de Emanuel Kant. O filósofo da crítica reconfigura a filosofia moderna não pela fundação de novos campos investigativos, mas pela alteração das questões que tradicionalmente são pertinentes à filosofia. Para a filosofia crítica não se trata de elaborar questões que visam a alcançar uma essência, mas de determinar o que é necessário para que o homem constitua um conceito. Desse modo, Kant não pergunta o que é o conhecimento, mas busca determinar o que é necessário para que o homem conheça.

Num processo análogo à revolução crítica kantiana, Saussure não fundou uma nova ciência nem empreendeu uma busca pela essência da linguagem. O que se encontra no CLG é uma investigação das propriedades da linguagem que são necessárias para que os dizeres da gramática comparada tenham fundamento. Com base nesse questionamento, Saussure produz uma diferenciação entre as *coisas em si*, inacessíveis ao entendimento humano, e os *fenômenos*, as porções das coisas em si que estão disponíveis à percepção humana e sujeitas à ação do entendimento. As diferenças entre linguagem e língua, massa sonora e significante, pensamento amorfo e significado, segundo Milner, correspondem a essa atitude epistêmica.

Os conceitos de *língua*, *signo* e *diferença* são necessários para que as reconstruções do indo-europeu tenham coerência, mas, para além disso, eles demonstram-se úteis para criar outras abordagens aos fenômenos de linguagem. Esse é o legado saussuriano que possibilitou o surgimento da linguística estrutural e o desenvolvimento de outras ciências humanas em boa parte do século XX.

De acordo com Milner (1987; 2003), o axioma “a língua é um sistema de signos” localiza o signo como a peça chave que fornece a medida necessária para determinar o que das coisas em si constitui um fenômeno pertinente ao modelo de ciência que está colocado na posição de ideal do eu da ciência linguística. Para esse pesquisador, o signo nada mais é do que a convergência das propriedades da linguagem encarnadas em uma ferramenta conceitual.

Deve-se observar que o signo, no plano epistêmico apresentado pelo CLG, não é um objeto teórico. Diferente de outras abordagens do fenômeno da linguagem nas quais o signo é o objeto da investigação, no CLG o signo é um meio de acesso ao objeto, que é o próprio fenômeno linguístico. Portanto, para a linguística que advém do exame saussuriano o signo é sempre o mesmo, o signo linguístico, dispensando toda e qualquer classificação. Isso não significa que a existência de outros tipos de signos não seja possível, porém, em se tratando de linguística, só o signo linguístico tem função de oferecer acesso ao fenômeno de linguagem.

O signo, como ferramenta conceitual, realiza duas funções. Ele é o objeto que encarna as propriedades da linguagem – bifacialidade, arbitrariedade e negatividade - e, em virtude disso, é a ferramenta que determina orientações epistemológicas para a prática investigativa dos fenômenos linguísticos.

Primeiramente, o signo enquanto ponto de convergência das propriedades a linguagem alinha uma prática científica em potencial com um *modelo de ciência ideal*. Essa função é cumprida pelo fato de que o signo faz com que a matéria linguística se torne apreensível enquanto fenômeno a ser investigado. A possibilidade de representação do material linguístico ao mesmo tempo em que inaugura uma via de acesso à ordem das coisas em si instaura uma *regularidade*, um plano de dados sensíveis que pode vir a ser formalizado e submetido a análises, que poderão servir para a formulação de hipóteses explicativas.

Ao instalar o signo como o conceito que permite a acesso a uma regularidade, está realizada uma *operação de corte do todo*. A determinação de um meio de acesso à coisa em si é apenas uma dentre muitas possibilidades de manipulação do fenômeno que foram excluídas. Compreendendo que a ciência é a elaboração de uma escrita, sabe-se que ela registrará somente aquilo que cabe no seu sistema de registro. O que está para além do alcance da escrita é aquilo que foge à regularidade prevista na compreensão do fenômeno.

Diferentemente de matrizes epistêmicas extrínsecas que determinam critérios de exclusão para os dados observados, a epistemologia do CLG realiza sua operação de homogeneização desde o lado de dentro, através do próprio conceito de signo. Ele funciona como uma espécie de protocolo axiomático que recorta a matéria da linguagem para torná-la objeto linguístico. O que não puder ser recortado pelo conceito de signo não será abarcado pelas proposições emitidas pela ciência linguística.

O signo, por sua arbitrariedade e negatividade, reserva para os estudos linguísticos o domínio de um campo autônomo. Ao estabelecer que entre a ordem das coisas no mundo e a ordem dos signos não há uma relação de causalidade, os fenômenos de linguagem passam a ser examinados de modo imanente. É inútil buscar fora do universo linguístico as suas determinações. É como consequência da determinação da arbitrariedade e da negatividade do signo, que a busca pela origem das línguas – problema que assombra considerável parcela dos linguistas – seja substituída por uma busca pelo funcionamento transformador e mantenedor das línguas.

Ao propor que o signo instaura uma ordem de regularidades autônomas e sistemicamente determinadas como via de acesso à matéria da linguagem, propõe-se também um modo de fazer análise linguística. A ciência linguística terá como tarefa mapear essa

ordem de regularidades com base num princípio derivado da negatividade e arbitrariedade do signo: a discernibilidade.

Visto que signo só existe em virtude de sua pertença a uma ordem simbólica, a sua identidade poder ser compreendida através da diferença que é estabelecida entre ele e os demais signos que compõem um sistema. Assim sendo, a possibilidade de manter-se discernível dos demais elementos do sistema é a propriedade do signo que permite ao investigador compreender os movimentos operados por esse sistema simbólico. Graças a essa propriedade, o linguista pode desenvolver seu trabalho.

As propriedades de arbitrariedade e de negatividade do signo haviam anulado a possibilidade de o linguista justificar seus objetos com base em fatores extralinguísticos. Esse impedimento é superado pelo fato de que a discernibilidade do signo no sistema permite justificar sua existência enquanto objeto puramente simbólico.

Para Milner (1987; 2003), é a formulação do conceito de signo que torna possível a linguística pensada por Ferdinand de Saussure e materializada no CLG. Segundo o investigador, tal obra registra uma investigação crítica, em termos kantianos, a respeito das propriedades da linguagem que tornam a gramática comparada uma produção de saber possível e justificada. Esse exame, feito por Saussure ao longo de seus ensinamentos, forneceu uma série de ferramentas para a gramática comparada que viria a se desenvolver nas primeiras décadas do século XX, especialmente na Escola de Paris. Em paralelo a isso, o texto do CLG, ao apresentar o signo como a via de acesso ao material linguístico que permite transformá-lo em objeto científico, instaura um outro modo de fazer ciência. Esse outro modo de fazer ciência não é adequado ao modelo de produção de conhecimento determinado pela epistemologia moderna. Milner refere-se a esse afastamento como um retorno a um saber antigo, melhor dizendo, aristotélico.

3.3 MANUSCRITOS SAUSSURIANOS: UMA CIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO

Até o presente momento, a leitura de Jean-Claude Milner (1995) possibilitou uma coleta de conceitos úteis para diferenciar a ciência moderna de outras práticas discursivas. Com um exame reduzido à gramática comparada – ciência contemporânea de Saussure -, identificamos possíveis práticas de *literalização matemática*, *falseamento* e *construção temática* no campo da produção de saber linguístico. Tendo identificado a gramática comparada como uma prática científica, Milner localizará o nome de Ferdinand de Saussure no desenvolvimento da linguística sob um duplo olhar.

Por um lado, Saussure é um linguista vinculado à produção científica de seu tempo, visto que todas suas publicações realizadas em vida estão indubitavelmente catalogadas na seção de gramática histórica e comparada das línguas indo-europeias. Essa série de trabalhos atende plenamente aos critérios de identificação de uma produção discursiva científica. Saussure é, assim como demais nomes eminentes da linguística da década de 1880, o praticante de uma ciência altamente desenvolvida, que possui um vasto arcabouço de dados organizados e verdades demonstradas.

Por outro lado, o nome Ferdinand de Saussure abarca uma série de textos não publicados em vida – e nesse conjunto destaca-se o CLG – que não podem ser inseridos no conjunto das produções discursivas científicas. Segundo Milner (1987), leitor atento do CLG via Bally e Sechehaye bem como via Godel e Engler, o trabalho do mestre genebrino em suas lições de linguística geral consistia em submeter a ciência da gramática comparada a uma avaliação crítica, buscando determinar as propriedades da linguagem que possibilitam tal produção de conhecimento.

A avaliação do que possibilita o conhecimento linguístico produzido pela gramática comparada resultou, segundo Milner (1987; 1995), no desenvolvimento de um sistema conceitual mínimo com o qual Saussure elabora um conjunto de axiomas – proposições impossíveis de serem falseadas – que forjam um novo dispositivo para orientar a investigação linguística. Ao invés de seguir o projeto de pesquisa do comparatismo que toma a língua indo-europeia primitiva como o tema organizador de suas proposições, Saussure elabora o conceito de *langue* como entidade organizadora das investigações linguísticas.

A constatação de tal mudança de paradigma pode nos conduzir a um equívoco historiográfico. Se considerarmos essas duas imagens em justaposição, somos tentados a demarcar uma cisão entre um Saussure comparatista e um Saussure generalista. Em decorrência disso, colocaríamos tudo aquilo que o linguista produziu em vida a respeito da linguística histórico-comparatista num patamar inferior ao que o mesmo autor produziu em termos de linguística geral.

Tal atitude, ainda que tacitamente difundida, é a persistência de uma miragem (FEHR, 1996). O leitor que se dedica a ingressar nos trabalhos iniciais de Ferdinand de Saussure – seja através do *Mémoire*, de 1878, ou de suas publicações no *Bulletin de la Société Linguistique* – perceberá que a prática histórico-comparatista do mestre genebrino nada mais é do que um trabalho prático e analítico de aplicação das ferramentas conceituais de uma linguística geral que só seria assim denominada a partir de 1906.

Quando nos dedicamos à leitura do manuscrito NAL, bem como de outros manuscritos que se tornaram disponíveis ao público, precisamos ter tal consideração em mente. As NAL, especificamente, apresentam uma série de reflexões produzidas por Saussure ao manipular um objeto de pesquisa extremamente requisitado pela gramática histórico-comparatista de seu tempo. Encontramos nesse material o registro da preocupação com o desenvolvimento de uma literalização matematizada do fenômeno que, por sua vez, fomenta uma reflexão sobre a natureza do que está sendo inscrito nessa álgebra. Portanto, a prática analítica do comparatismo é concomitante ao exame crítico que formula os princípios de uma linguística geral.

Johanes Feher (1996), ao relatar o trabalho de edição da versão alemã dos Escritos de Linguística Geral, sublinha a necessidade de desenvolver uma perspectiva de leitura do corpus saussuriano que não recaia no equívoco historiográfico de cindir gramática comparada e linguística geral. Para tanto, o autor buscou apoio em dois conceitos implicados propostos por Bruno Latour no princípio da obra *Ciência em ação* (1999), texto extremamente difundido entre os pesquisadores de história da ciência contemporânea.

Na obra mencionada, Latour (1999) utiliza a metáfora das duas faces do deus Janus para ilustrar a possibilidade de se lançar um duplo olhar sobre a ciência. Uma das faces de Janus, a da direita, é incerta e sujeita a mudanças; a outra é austera, segura e muito bem regrada. A essa corresponde a face da *ciência pronta*; àquela, a da *ciência em ação*. Essas duas faces não configuram uma oposição, visto que toda a *ciência pronta* e bem estabilizada foi em algum momento uma *ciência em ação*, bem como toda *ciência em ação* tende a se tornar uma *ciência pronta*. Passar de uma face à outra implica penetrar nas rachaduras do mármore do conhecimento e poder avistá-lo desde outro ponto de vista.

Quando estamos tratando da ciência contemporânea – melhor dizendo, a *tecnociência* –, essa mudança de perspectiva é feita de maneira muito simples, basta que o investigador deixe de olhar um fato científico como coisa pronta e penetre num laboratório para acompanhar sua fabricação. É essa a proposta que Bruno Latour (1999) lança nos capítulos seguintes do título mencionado. O autor, com uma equipe de pesquisadores ingressa em laboratórios de bioquímica para observar a elaboração de certezas científicas, o que é feito através do acompanhamento de ciclos de acumulação de inscrições matematizadas. Penetrar na ciência pela porta dos fundos de um laboratório, e não pelas divulgações feitas em congressos, é a melhor forma de observar a face mutável e incerta da produção científica.

Se entrarmos no edifício científico e permanecermos por um tempo num laboratório – seja ele de biologia ou de sociologia – veremos que os processos que ocorrem ali não são

simples agenciamentos proposicionais, mas um emaranhado de ações que permitem a fabricação de fatos. Quando as portas do laboratório não estão fechadas, podemos ver a *ciência em ação*. O que concebemos como *ciência pronta* de um lado foi em algum momento, ou ainda o é em algum aspecto, uma *ciência em ação*. “Nossa entrada no mundo da ciência e da tecnologia será pela porta de trás, a da ciência em construção e não pela porta mais grandiosa da ciência acabada” (LATOURET, 1999, p. 17).

Johanes Fehr (1996) sugere que tal disposição investigativa seja adotada por aqueles que se dedicam à leitura do corpus saussuriano. A grande massa de textos que compõe sua *obra póstuma* (denominação pouco precisa que englobaria tanto o CLG como todas as centenas de folhas manuscritas depositadas nas bibliotecas de Genebra e Harvard) permite ao pesquisador acompanhar o lento trabalho reflexivo de Saussure para se deslocar do paradigma da língua indo-europeia primitiva para o paradigma da *langue*, objeto de referência para uma teoria dos sistemas linguísticos em constante transformação.

Adotar a perspectiva da *ciência em ação* para ler os manuscritos saussurianos nos possibilita, segundo Fehr (1996), uma segunda vantagem. Se deixarmos de lado a ambição de detectar matrizes epistemológicas estabilizadas nesses textos, seremos capazes de ler as interações entre o que é conteúdo científico e contexto histórico. No caso do manuscrito NAL, podemos ler como a preocupação específica de Ferdinand de Saussure em determinar de maneira precisa a diferença entre tom e acento da língua lituana lhe exige o desenvolvimento de uma reflexão a respeito da natureza da unidade linguística. Ao adotarmos a perspectiva da ciência em ação, nossa leitura não buscará demarcar uma fronteira entre o campo científico homogêneo da gramática comparada e a reflexão heteróclita que caracterizaria um Saussure generalista.

A sugestão apontada por Fehr (1996) de ler os manuscritos saussurianos como uma *ciência em ação* demonstra-se extremamente útil para este trabalho e permite avançar a interpretação da linguística de Saussure. A análise dos textos manuscritos revela-se então como uma tarefa relevante para a compreensão do pensamento saussuriano, pois podemos encontrar neles o trabalho minucioso e fragmentado de elaboração dos conceitos e axiomas que dão forma a uma linguística geral. Os textos manuscritos nos permitem localizar em um contexto específico a criação de tais proposições, o que nos impede de concebê-las como formulações pretensamente universais. Acredita-se que ao percorrer este caminho de leitura, a imagem de ciência resultante poderá nos fornecer uma compreensão da ciência saussuriana distinta daquela que foi produzida por Milner (1987; 1995).

Ao situar a criação do arsenal conceitual de Ferdinand de Saussure para uma linguística geral, deixamos de caracterizar heroicamente o linguista genebrino como o fundador de uma ciência, visto que podemos situar Saussure como um investigador em ação, que está avaliando suas atitudes enquanto manipulador de problemas comuns aos pesquisadores do seu tempo. Situar Saussure como investigador ativo e não como fundador ou patriarca de uma linhagem de pensamento permite que se estabeleça uma relação de aliança com tal autor ou invés de uma relação de filiação. Ao estabelecer uma aliança, se está consolidando um vínculo para inovar um pensamento e não para mantê-lo intacto. Eis aí um modo de fazer a atualidade do pensamento saussuriano.

PARTE II

4 O LITUANO NA GRAMÁTICA COMPARADA DO SÉCULO XIX

Qui veut retrouver sur les lèvres des hommes un écho de ce qu'a pu être une langue commune indo-européenne va écouter les paysans lituaniens d'aujourd'hui

Antoine Meillet

A língua lituana pertence ao grupo das línguas faladas na costa do Mar Báltico na região Norte europeia. Este grupo linguístico costuma ser dividido em dois sub-grupos: línguas bálticas ocidentais e orientais. O grupo das línguas ocidentais é composto pelo prussiano antigo, galindiano, sudoviano e escalviano. Todas essas línguas encontram-se hoje extintas. O ramo oriental, por sua vez, abarca a língua lituana, o letão, o curoniano, o seloniano e o semigaliano. Desse conjunto, apenas o lituano e o letão são falados na atualidade. O lituano (*lietùviu kalbà*) é o idioma oficial da Lituânia e conta atualmente com três milhões de falantes; o letão (*latviešu valoda*), idioma oficial da Letônia, conta com um milhão e quatrocentos mil falantes (PETIT, 2010; PEDERSEN, 1959).

Figura 2: Mapa atual da Lituânia



Fonte: <http://static.hsw.com.br/gif/informacoes-lituania-2.gif>

Nos primeiros estudos de classificação linguística do século XVII, as línguas bálticas eram descritas como uma mistura de idiomas germânicos e eslavos. Os trabalhos de Rasmus Rask (1787-1832) e de Franz Bopp (1791-1867) registram as primeiras inscrições das línguas bálticas no conjunto das línguas indo-europeias (PEDERSEN, 1931).

A região báltica permaneceu por muito tempo inexplorada pelos comparatistas, mas sempre foi considerada como um objeto especial para o estudo da família indo-europeia. August Schleicher (1821-1868) é o primeiro linguista a se dedicar a um estudo sistemático do idioma. Na sua obra *Die Sprachen europas systematischer Verbersicht* (1850), o linguista lamenta a inexistência de uma gramática escolar da língua lituana, o que facilitaria seu estudo na academia alemã. Dois anos depois, no intuito de suprimir tal lacuna, ele parte para uma pesquisa de campo no território de fala lituana. No ano de 1852, Schleicher permaneceu cerca de cinco meses na cidade de Ragnit, localizada na Prússia Oriental. Durante sua estadia, o linguista coletou uma série de dados que lhe serviram de base para a composição das obras *Litauische Grammatik* (1856) e *Lituisches Lesebuch und Glossar* (1857). Tais textos compunham o *Handbuch der lituaischen Sprache*, obra de extrema importância para a história da língua lituana, visto que foi amplamente consultada por Jonas Jablonskis no início do século XX para propor uma normatização do lituano. Além disso, a obra de Schleicher foi responsável pela disseminação do conhecimento do lituano entre os linguistas que se encontravam em Leipzig. Schleicher contribui, portanto, para a normatização do lituano enquanto língua regional e futuramente língua oficial da República da Lituânia, bem como ofereceu dados organizados para a comunidade científica das universidades alemãs (EIDINTAS *et al.*, 2013; PEDERSEN, 1931).

O interesse por tal idioma deve-se ao seu caráter arcaico em termos fonológicos, tal como mencionado no CLG, que pode ser facilmente verificado quando comparamos alguns de seus dados com aqueles obtidos do exame de línguas antigas. Na tabela abaixo, apresentamos uma pequena amostra para que o leitor tenha uma ideia da fertilidade dos dados que podem ser obtidos pelo estudo da língua lituana.

Tabela 1: Correspondências fonéticas entre latim, grego, sânscrito e lituano

Latim	Grego	Sânscrito	Lituano	
--	huiús	sūnuh	sūnus	<i>filho</i>
vir	--	vīrah	vyras	<i>homem</i>
pēs	poús	pādah	padas	<i>pé</i>
lupus	lukos	vīkas	vilkas	<i>lobo</i>

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de Klimas (1969) e Meillet (1908).

As correspondências fonéticas entre formas de diferentes línguas têm valor não apenas pela proximidade entre tais formas; há algo de mais surpreendente. O lituano, língua situada no norte da Europa apresenta um número espantoso de correspondências com o sânscrito, o

grego e o latim tais como esses se encontravam alguns séculos antes da era cristã. O material linguístico preservado ao longo de séculos em inscrições sagradas e manuscritos tem uma proximidade muito forte com o poderia ser facilmente verificado na fala de pastores vivos e ativos às margens do rio Niémen, a algumas centenas de quilômetros de Leipzig¹⁸.

A grande correspondência de formas observada entre o lituano moderno e estados de línguas antigas faz com que diversos linguistas descrevam esse idioma como sendo muito conservador, isso é, atravessou um grande período de tempo sem sofrer mudanças tão frequentes quanto as verificadas nas demais línguas da família indo-europeia. “The forms to be heard today from the lips of the Lithuanian peasants can in general be matched in primitiveness only by the languages of antiquity, such as Sanskrit” (PEDERSEN, 1931, p. 65).

Além desse grande número de correspondências que podem ser traças entre o lituano e as línguas antigas, o idioma apresenta uma série de singularidades em termos morfossintáticos que lhe colocam em posição de destaque. Enquanto as línguas românicas suprimiram a marcação do caso locativo através do desenvolvimento de um sistema pronominal, o lituano produziu outros três casos específicos de locativo. No seu estágio moderno, a língua conta com locativo regular, ilativo, adesivo, diretivo, cada um desses casos é empregado para indicar um modo específico de movimento. Além desses, a língua apresenta sete casos básicos: nominativo, acusativo, dativo, ablativo, instrumental, locativo e vocativo (KLIMAS, 1969).

O lituano é a única língua europeia moderna que apresenta o número dual, característica comum nas línguas antigas, porém praticamente extinta nas línguas modernas. No que se refere ao sistema verbal, o lituano, além dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo, apresenta dois outros modos – permissivo e narrativo – que ampliam o seu repertório flexional. Completando essa multidão de desinências verbais, o lituano apresenta treze formas participiais, ao passo que as línguas latinas e germânicas apresentam duas ou três. Além disso, este idioma apresenta cerca de 93 verbos atemáticos, configurando um processo morfológico praticamente extinto nas línguas modernas, mas extremamente produtivo em lituano (DAMBRIUNAS, 1964; KLIMAS, 1969).

Tais características, ao serem mapeadas pelos investigadores da gramática comparada, fizeram com que o idioma lituano passasse a habitar o horizonte das pesquisas linguísticas das

¹⁸ Exemplos de correspondências fonéticas entre o sânscrito e lituano podem ser verificadas na primeira tabela do primeiro artigo de Saussure sobre o tema, *À propos de l'accentuation lituanienne* (1894). Nele encontramos uma sistematização das correspondências entre skr. *mātā* e lit. *mótê*; skr. *vāyus* e lit. *véyas*; skr. *dhānās* e lit. *dūna*; skr. *vīras* e lit. *vīras*; skr. *sūnus* e lit. *sūnu* (RPS, [1922], p. 492).

últimas décadas do século XIX. Se nos lembrarmos que ao início do século XVIII, as línguas da região báltica eram descritas como uma mistura dos ramos germânicos e eslavicos, o que se verifica na década de 1870 é a consolidação das línguas bálticas enquanto um objeto de estudo.

Não temos aqui a pretensão de fazer um mapeamento extensivo dos nomes de autores que contribuíram para a existência do objeto línguas bálticas no terreno da linguística, tal tarefa, por si só, é uma empreitada longa o suficiente para produzir um trabalho mais extenso do que esse. Limitemo-nos a concluir esta seção apresentando, além de August Schleicher, alguns dos autores que produziram estudos a respeito da língua lituana com os quais Ferdinand de Saussure estabeleceu contato.

O trabalho seminal de August Schleicher abriu caminho para que outros linguistas se dedicassem ao estudo da língua lituana. O segundo nome de peso nessa trilha investigativa, é o do prussiano de origem lituana Friederich Kurschat (1806-1841). Kurschat é o autor de uma gramática da língua lituana e do primeiro estudo sobre o tema que mais chama atenção dos linguistas especializados no ramo báltico: o sistema acentual. A obra *Beiträge zur Kunde der Litauischen Sprache* (1849) é fonte de consulta para Ferdinand de Saussure durante seus anos de formação. No entanto, em seu primeiro título da série de publicações sobre o lituano, a sistematização do padrão acentual apresentada por Kurschat é descartada.

Além dessa leitura fundamental, durante sua formação em Leipzig, Saussure frequentou as aulas de August Leskien, autor do então recém-publicado *Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen* (1876). Esta obra teve grande destaque para o grupo dos neogramáticos germânicos, pois é nela que Leskien apresenta o princípio de *Aunahmslosigkeit*, segundo o qual não há exceções para as leis fonéticas.

Outro grande nome da gramática comparada produzida na universidade alemã, Karl Brugmann, cujos seminários também foram frequentados por Saussure, desenvolveu uma pesquisa em torno da língua lituana. Brugmann e Leskien realizaram juntos uma expedição à Lituânia, o que lhes redeu uma coleta de dados que foram posteriormente empregados na elaboração de *Litauische Volkslieder und Märchen* (1882).

Além desse conjunto de textos que circulam em torno de Saussure nos seus anos de formação, outros títulos são mencionados pelo linguista já amadurecido em seus artigos publicados. Desse agrupamento de textos contemporâneos, é importante mencionar os nomes de Filip Fortunatov (1848-1914) e Hermann Hirt (1865-1936).

O linguista russo Filip Fortunatov é uma peça fundamental para o projeto de pesquisa de Ferdinand de Saussure a respeito do padrão acentual da língua lituana. O trabalho de

Fortunatov (1878) sobre o sistema acentual lituano oferece para Saussure a possibilidade de sistematizar o acento báltico de forma distinta daquela proposta por Kurschat. O pesquisador eslavo sugere que a distribuição dos diferentes padrões acentuais do lituano corresponde a uma distribuição dos coeficientes soantes indo-europeus, o que poderia ser mapeado por uma série de correspondências entre diferentes ramos linguísticos. O nome de Fortunatov é mobilizado no último artigo de Saussure sobre o tema – *Accentuation lituanienne* (1896) – para apontar a relação entre o acento agudo lituano e coeficiente soante *r*, em sânscrito. Em virtude dessa parceria argumentativa, a lei fonética apresentada por Saussure no *X^e Congrès International des Orientalistes* é muitas vezes registrada em manuais de linguística indo-europeia como *Lei Fortunatov-Saussure* (COLLIGE, 1985; OLANDER, 2013).

Ao contrário da parceria argumentativa entre Saussure e Fortunatov, o nome Hermann Hirt figura como um competidor. Hirt é o autor de *Der indogermanische Accent* (1895), obra de peso no estudo da acentuação indo-europeia e dos processos fonológicos descritos como *ablaut*. Hirt foi importante contribuidor para a revista *Indogermanische Forschungen*, organizada por Brugman e Osthof, e, mediante seus trabalhos, trilhou uma carreira retilínea que lhe rendeu uma posição de destaque na Universidade de Leipzig. Além disso, Hirt postula uma lei fonológica acerca da movimentação acentual no ramo báltico, o grande tema da pesquisa saussuriana entre 1892 e 1896.

No seu último artigo sobre o tema – *Accentuation lituanienne* (1896) – Saussure insere um *post-scriptum* referindo-se à então recém publicada obra de Hirt, que ignora as contribuições que o linguista suíço já havia publicado a respeito do tema. Há nesse texto o discreto registro da disputa científica pela determinação da lei fonológica da mobilidade acentual das línguas bálticas travada entre o linguista germânico, abrigado numa instituição tradicional, e o franco suíço, situado em um centro de pesquisas periférico.

Feita essa apresentação do horizonte retrospectivo que registra a rede de ideias na qual Ferdinand de Saussure se situa, apontamos um título em especial que é posterior às suas publicações. A obra *Le parler de Buividze: essai de description d'un dialecte lituanien oriental*, publicada em 1903 por Robert Gauthiot (1876-1916) é um registro dos efeitos do trabalho de pesquisa de Saussure no território francófono. Diferente dos outros títulos mencionados, essa pesquisa sobre a língua lituana – fruto de uma missão científica – é produzida em Paris sob orientação de Antoine Meillet. Gauthiot, que foi um assíduo frequentador dos cursos de Saussure na École, produziu uma descrição da fala de uma comunidade lituana tomando como base as diferenciações entre tom e acento levantadas por Saussure. Não é de se espantar que a publicação seja dedicada ao mestre genebrino.

Tabela 2: Estudos bálticos contemporâneos a Saussure

Autor	Obra	Ano
Friederich Kurschat	<i>Beiträge zur Kunde der Littaaischen Sprache</i>	1849
August Schleicher	<i>Litauische Grammatik</i> <i>Lituisches Lesebuch und Glossar</i>	1856 1857
Friederich Kurschat	<i>Grammatik der littaaischen Sprache</i>	1876
August Leskien	<i>Die Declination im Slavisch-Litauischen und Germanischen</i>	1876
Filip Fortunatov	<i>Zur vergleichenden Betonungslehre der lituslavischen Sprachen</i>	1878
August Leskien Karl Brugmann	<i>Litauische Volkslieder und Märchen</i>	1882
Hermann Hirt	<i>Der indogermanische Accent</i>	1895
Robert Gauthiot	<i>Le parler de Buividze: essai de description d'un dialecte lituanien oriental, publicada</i>	1903

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

4.1 O LITUANO NO CORPUS SAUSSURIANO

Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste *ce qu'il fait* ; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue ; et en même temps l'assez grande vanité de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique.

C'est en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt : et précisément je n'ai plus le plaisir de pouvoir me livrer à cette étude sans arrière-pensée, et de jouir du fait particulier tenant à un milieu particulier. Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courante, la nécessité de la réforme, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue en général, vient gêner mon plaisir historique, quoique je n'ai pas de plus cher vœu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue en général.

Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé (BENVENISTE, 1964b, p. 94).

A carta enviada pelo mestre genebrino a Antoine Meillet em 4 de janeiro de 1894, sobretudo o trecho entre o sétimo e o nono parágrafo, costuma ser retomada por diversos pesquisadores para apontar a faceta pouco ortodoxa que o nome de Ferdinand de Saussure, quando vinculado ao CLG, costuma ter (CALVET, 1975; CRUZ, 2009; NORMAND, 2010; SILVEIRA, 2014).

Se afastarmos nossa lupa de leitura desse trecho, encontraremos no restante da carta uma série de informações que nos permitem atar relações entre os entusiasmos e cansaços descritos pelo linguista suíço. Primeiramente, a tão citada carta foi escrita por Ferdinand de Saussure, *professeur* na Universidade de Genebra, apresenta a Antoine Meillet, seu antigo aluno e então *maitre de conférences* na *École Pratique des Hautes Études*, e é iniciada com certa satisfação:

Le commencement de mon article sur l'intonation va paraître. Le 2d article terminera ce que je veux dire sur l'intonation et contiendra 2° mes remarques sur l'accentuation, ainsi que sur l'intonation lette, qui est (vous l'ai-je dit ?) un effet de l'accentuation – sans rapport avec l'intonation lituanienne !! (BENVENISTE, 1964b, p. 95).

O artigo a que Saussure se refere é *À propos de l'accentuation lituanienne*, que viria a ser publicado no volume oito do *Mémoire de la Société Linguistique de Paris*, meses após a escrita dessa carta. Tal texto deriva de uma comunicação a respeito da acentuação lituana realizada na mesma instituição em 1889. O artigo que então tomava forma não abarcaria tudo aquilo que o linguista tinha a dizer sobre a acentuação da língua báltica, portanto, um segundo artigo seria necessário para concluir a tarefa. Conforme consta no parágrafo final do artigo, muitas informações estavam *à suivre*; porém os leitores desse primeiro artigo mantiveram-se eternamente em estado de espera, visto que esse segundo texto anunciado jamais foi enviado pelo linguista¹⁹.

A leitura atenta da correspondência enviada para Meillet encaminha o nosso olhar, que busca traçar as relações de Saussure com a língua lituana, para os tais artigos produzidos pelo linguista. Esse material se encontra reunido no *Recueil des Publications Scientifique de Ferdinand de Saussure* e é, de fato, uma boa cartografia para nosso trabalho. No entanto, despencar de paraquedas nesse terreno nos colocaria uma vez mais de frente a uma imagem de Saussure como enunciador das proposições que configuram uma ciência da linguagem bem-acabada.

Portanto, realizaremos um levantamento dos índices textuais que indicam uma relação entre o nome de Ferdinand de Saussure e a língua lituana. Esse procedimento não tem como meta produzir uma linha retilínea de pontos do corpus saussuriano, o que produziria uma micronarrativa presentista; o objetivo aqui é criar uma rede de referências entrelaçadas na qual se possa observar a ciência que estava em estado de elaboração. Continuemos, então,

¹⁹ Em correspondência enviada a Meillet, em 23 de setembro de 1907, Saussure lamenta não ter concluído o segundo artigo, mas que esse já tinha um conteúdo definido: “Voilà aussi de quoi me donner du regret de n’avoir jamais fini celui des *Mémoire de la Soc. Ling.* Le second article a été non seulement écrit, mais em grande partie composé” (BENVENISTE, 1964b, p. 108).

aquilo que havíamos iniciado com a leitura da carta enviada a Meillet, a leitura tricotada dos nós atados entre Ferdinand de Saussure e o idioma báltico²⁰.

4.1.1 O lituano no CLG

Numa página não numerada da edição brasileira do CLG, que antecede o prefácio de Charles Bally e Albert Sechehaye, encontra-se uma menção, não à língua lituana, mas a uma viagem realizada por Ferdinand Mongin de Saussure à Lituânia:

1880 – Fevereiro – Tese de doutorado: *De l'emploi du genitif absolu em sanskrit. Viagem à Lituânia*. Em Paris segue os cursos de Bréal (CLG, [1991], sn).

Para a imagem de uma ciência pronta que costuma ser buscada no CLG, tal dado situa-se na extrema periferia, visto que não compõe o objeto investigativo. O idioma lituano aparece de modo sub-reptício, sob o disfarce de uma mera referência a uma viagem de Saussure às terras bálticas. Se for lido como texto fundador de uma ciência bem estabelecida, o *CLG*, não sofre modificação alguma se essa menção à jornada à Lituânia em uma página não numerada fosse eliminada. Para quem busca nesse texto os preceitos para se fazer linguística, ou a organização do saber produzido no século XIX em termos de gramática comparada, essa informação não passa de um mero detalhe contextual. Porém, se buscamos entrar no campo da linguística pela porta dos fundos, e assim esboçar uma ciência em ação, essas informações adquirem outro valor.

Sabemos, tal como apresentado no capítulo 2, que Ferdinand Mongin de Saussure passou muitas horas de sua vida sob os trilhos que ligavam Genebra, Paris e Leipzig. Viagens, portanto, não foram eventos raros para esse pensador. Uma viagem à Lituânia, espaço pouco territorializado pelo academicismo da Europa central, de alguma forma pareceu aos editores ser digna de registro nesta nota biográfica. O motivo de tal registro, porém, permanece uma incógnita para o leitor contemporâneo do *CLG*, pois nenhum esclarecimento acerca de tal viagem é oferecido nesta obra.

Pulando para dentro do texto, ou seja, para o conjunto das páginas numeradas, encontramos na quinta parte da obra, dedicada à linguística geográfica, uma menção à situação linguística da Lituânia enquanto um exemplo da coexistência de diferentes línguas num mesmo espaço.

²⁰ Um rastreamento das relações entre o pensamento teórico de Ferdinand de Saussure e suas pesquisas sobre a língua lituana tem sido realizado no meio brasileiro e pode ser conferido nos trabalhos de Brazão (2013) e Silveira, E. e Brazão, M. (2014).

A Lituânia viu implantar-se, de par com o italiano, o polonês, consequência de sua antiga união com a Polônia, e o russo, resultado da incorporação ao império moscovita (CLG [1991], p. 225).

Lançando um olhar para o mapa da Europa na virada do século, o texto numera diversos territórios nos quais o convívio de diferentes idiomas é verificado: Irlanda, Finlândia, Macedônia, Bretanha, Curlândia, Livônia e Lituânia. Conforme a citação, o caso do território báltico é apresentado de maneira muito resumida e pode ter sua compreensão ampliada. A presença do italiano, do polonês e do russo no território lituano se dá por questões políticas. Os três idiomas foram empregados em diferentes épocas como línguas oficiais, ao passo que o lituano permaneceu sendo a língua da maior parte da população camponesa. Durante o século XV, a aristocracia local, sobretudo as famílias do poderoso ducado de Vilnius, utilizavam o italiano como referência cultural devido aos laços estabelecidos com as famílias de Milão. A partir de 1569, o polonês passa a ser empregado nas correspondências oficiais devido à União Polaco-Lituana que havia se formado e culminaria com o estabelecimento da República das Duas Nações. Esta aliança só seria desfeita em 1791 (EIDINTAS *et al*, 2013).

Na segunda metade do século XVIII, o território da antiga República das Duas Nações é devastado pelas guerras entre o Império Russo e os Estados do norte europeu. Após uma série de conflitos, o território lituano é dividido em uma porção ocidental, dominada pelo reino da Prússia, e uma porção oriental, anexada ao Império Russo. A independência da Lituânia só viria a ocorrer após a Revolução Russa, em 1918 (EIDINTAS *et al*, 2013).

Além de exemplificar um dos inúmeros casos de sobreposição de domínios linguísticos, a língua lituana é mobilizada em dois momentos do CLG como exemplo de um idioma conservador. Vejamos tais ocorrências:

O lituano, que se fala ainda hoje na Prússia oriental e numa parte da Rússia, só é conhecido por documentos escritos a partir de 1540; nessa época tardia, porém, ele oferece, no conjunto uma imagem tão fiel do indo-europeu tão fiel quanto o latim do século III antes de Cristo (CLG[1991], p. 34).

A palavra “antigo” pode designar, enfim, um estado de língua mais arcaico, vale dizer, cujas formas se mantiveram mais próximas do modelo primitivo, afora toda questão de data. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o lituano do século XVI é mais antigo que o latim do século III antes da nossa era (CLG [1991], p. 252).

A primeira passagem é extraída da seção *Prestígio da escrita: causas de seu predomínio sobre a forma falada*, do quarto capítulo da primeira parte, intitulado *Representação da língua pela escrita*. A língua lituana é trazida para o debate a fim de dar sustentação à tese de que a língua independe da escrita. O senso comum de que um idioma

desprovido de escrita está sujeito a mais alterações do que um idioma utilizado para a produção de textos é desfeito com o exemplo da língua lituana.

A documentação filológica aponta que o *Cathechismvs* de Martynas Mažydas, publicado em 1547, é o texto publicado em língua lituana mais antigo a que se tem acesso. Em comparação com os demais idiomas europeus, trata-se de uma produção escrita extremamente tardia (EIDINTAS *et al*, 2013).

Diante de tal situação, o leigo esperaria encontrar no material lituano os indícios de uma língua que, destituída da escrita, tenha se modificado profundamente ao longo dos séculos. No entanto, não é isso que se verifica. Conforme aponta o CLG, o lituano do século XVI que se encontra nesses textos é tão próximo do modelo indo-europeu quanto o latim antigo do século III a.C.

A segunda passagem citada é extraída do capítulo II – *A língua mais antiga e o protótipo* – da quinta parte da obra, *Questões de linguística retrospectiva*. A justaposição dos trechos nos deixa claro que a comparação entre o lituano do século XVI com o latim do século III a.C. é retomada de modo parafraseado. No entanto, neste ponto do CLG, o idioma lituano não é colhido para argumentar a respeito de uma tese sobre a relação entre língua falada e escrita. Desta vez, o a língua báltica – graças ao seu caráter conservador – serve como exemplo do que pode ser considerado como uma língua antiga. Não temos aqui espaço para retomar toda argumentação construída ao longo do CLG na qual a temporalidade das entidades linguísticas é organizada de modo extremamente coerente, no qual a adjetivo *antigo* deve ser interpretada como *conservado*, afinal, todos os idiomas existentes na contemporaneidade têm a mesma idade cronológica. Em resumo, o lituano comparece no CLG como exemplo de um idioma conservador, o que, como será visto, era um dado compartilhado entre os linguistas da época sem controvérsias.

4.1.2 O lituano no RPS

Ainda que esquecida pelos leitores contemporâneos, uma outra entrada para o corpus saussuriano pode ser forçada para que possamos visualizar o que um dia já foi pórtico principal para o território dominado pelo nome de Ferdinand de Saussure. O *Recueil des publications scientifique de Ferdinand de Saussure* reúne dezenas de textos produzidos pelo linguista alinhados à ciência da gramática comparada das línguas indo-europeias.

Após a morte de Ferdinand Mongin de Saussure, o conjunto dos seus textos publicados em vida se dispersava em diferentes volumes de revistas acadêmicas. Preocupados

principalmente com o esgotamento das edições do *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, Charles Bally e Léopold Gautier dedicam-se, com o apoio da família de Saussure, a organizar em um único volume o conjunto de textos publicados em vida pelo linguista genebrino. Em 1922, essa dupla de editores publica o *RPS* cumprindo a missão de manter um registro do desenvolvimento das ideias que se colocaram em marcha na trajetória de Saussure. Segundo esses dedicados discípulos, a complexidade do pensamento saussuriano exige uma atenção ampla, que se permita observar diversos momentos de sua construção. “Rien ne devait être négligé de ce qui peut éclairer la genèse et le développement de la pense Saussurienne” (SAUSSURE, 1922, sn).

Graças a esse trabalho editorial, podemos, ainda hoje, ter acesso a esse conjunto de textos muito pouco divulgados para fora do pequeno círculo de especialistas em gramática comparada. Nosso interesse aqui não é ressuscitar a gramática comparada enquanto uma ciência moribunda, mas utilizar tal material para o exame do contexto de produção no qual está situado nosso objeto investigativo – o manuscrito *Notes sur l’accentuation lituanienne* – e assim realizar uma análise epistemológica que leve em conta as relações entre o objeto focado e os demais trabalhos investigativos da época.

Conforme anunciado, o *RPS* é um material extremamente fértil para compor um mapeamento que localize a língua lituana enquanto objeto investigativo presente nos textos saussurianos. Se o leitor se dedicar inicialmente a avaliar os títulos que figuram nessa coletânea, ele terá como levantamento os seguintes textos:

Tabela 3: Publicações de Ferdinand de Saussure sobre a língua lituana

	Título	Publicação	Ano
1	<i>Lituanien kùmssté “le poing”</i>	VI Memoire de la Société Linguistique de Paris	1892
2	<i>À propos de l’accentuation lituanienne (intonations et accent proprement dit)</i>	VII Memoire de la Société Linguistique de Paris	1894
3	<i>Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consonantique en lituanien</i>	Indogermanische Forschungen	1894
4	<i>Resumo de comunicação</i>	Actes du X ^e Congrès International des Orientalistes	1894
5	<i>Accentuation lituanienne</i>	Indogermanische Forschungen	1896

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Juntando o que está disponibilizado no *RPS*, o leitor contabiliza então cinco publicações cronologicamente encadeadas, entre 1892 e 1897. Deve-se ter em mente, que para

além desse levantamento inicial, encontramos em outros títulos da coletânea, sobretudo no *Mémoire* e nos artigos sobre o prussiano antigo²¹, diversos exames da língua lituana que dão sustentação a diferentes reconstruções.

Focando nos artigos listados acima, John Joseph (2009; 2012), observa que esse conjunto de textos apresenta uma particularidade que revela o peso que a língua lituana tem enquanto objeto investigativo para o linguista genebrino. O penúltimo texto do conjunto, o registro de um resumo de uma comunicação sobre a acentuação lituana apresentada no *X^e Congrès International des Orientalistes*, é o único exemplo que temos de uma investigação realizada por Saussure que tenha sido apresentada diante de um público internacional. O biógrafo sublinha o fato de ser esse um dos raros momentos em que Saussure travou um contato direto com membros da comunidade científica de seu tempo que não fossem os já íntimos frequentadores da *Société Linguistique de Paris*.

Em virtude dessa apresentação, na qual Ferdinand de Saussure demonstra de maneira muito precisa uma mudança fonética típica da língua lituana, o mestre genebrino terá seu nome gravado no panteão da gramática comparada. Ao lado dos nomes de Jacob Grimm (1785-1863), Franz Bopp (1791-1867), August Leskien (1840-1916), Herman Osthoff (1847-1909), Karl Brugmann (1849-1919) e Filip Fortunatov (1848-1914), encontramos o nome do linguista genebrino na denominação da *lei de Saussure*. Segundo essa lei, na língua lituana observa-se o fenômeno no qual um acento passa de um circunflexo para um agudo ao deslocar-se para a sílaba da direita. Por exemplo, **rānk* > rankà; **laĩkyti* > laikýti (COLLINGE, 1985)²².

A publicação e o reconhecimento da *lei de Saussure* são o ponto de chegada de um longo trajeto de pesquisa e manipulação de dados. Nos termos da história da gramática comparada, é esse o ponto mais alto que o nome Ferdinand de Saussure alcança. Décadas antes da publicação do CLG, o nome de Ferdinand de Saussure tem seu espaço nos manuais de gramática comparada do início do século XX graças à formulação dessa lei fonética. No século XIX a *lei de Saussure* foi um importante tijolo no grande prédio teórico da gramática comparada.

²¹Os outros textos que compõem o conjunto de artigos saussuriano sobre as línguas da família báltica são: *Vieux prussien siran "le coeur"* (1892); *Traitement de l'ũ em vieux prussien* (1892); *Les feminins en – ũ du vieux prussien* (1892).

²²Conforme nos alerta Collinge (2009), diversos são os registros da *lei Fortunatov-Saussure*. Como apresentaremos na seção 4.3, é da junção dos dados obtidos por esses dois linguistas que se formula uma sistematização das mudanças ocorridas no sistema acentual lituano. Essa nomeação, é dada apenas retrospectivamente, visto que, apesar de Saussure citar Fortunatov em alguns de seus trabalhos, os dois pesquisadores não desenvolverão investigações de maneira conjunta.

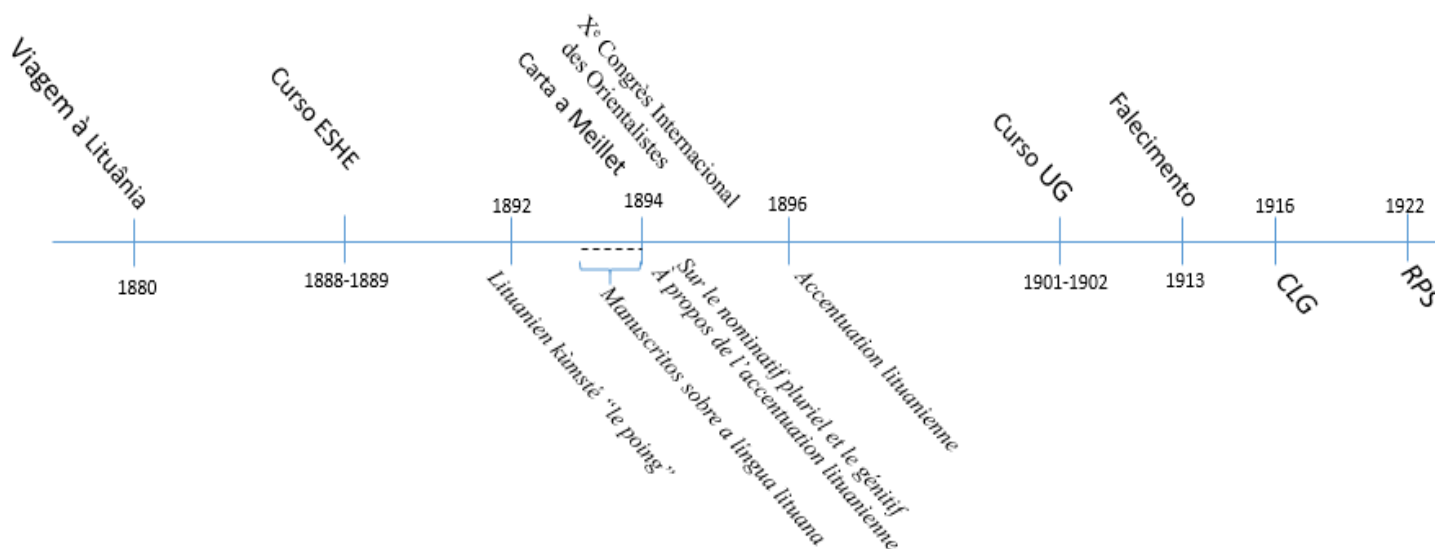
RPS e CLG, enquanto textos que veiculam uma imagem de ciência linguística bem estabelecida para século XIX e XX, respectivamente, nos oferecem algumas veredas de leituras para um exame da relação entre Saussure e o lituano enquanto candidatos às posições de cientista, enveredado em sua rede de saberes, e objeto, o ser que é trazido ao plano das coisas existentes. Se quisermos mergulhar no exame de uma ciência em ação, teremos de recorrer a outros territórios do corpus saussuriano.

4.2 O LITUANO COMO TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA

Além de publicar os artigos listados acima, Ferdinand de Saussure ministrou aulas de língua lituana. No ano acadêmico de 1888-1889, antes de qualquer publicação, o linguista foi responsável por um curso do idioma báltico na *École Pratique des Hautes Études*. Quando *professeur* da Universidade de Genebra, Saussure ministra outro curso sobre o lituano no ano de 1901-1902. Desse último curso, há registro textual de um caderno de notas de Charles Bally (JOSEPH, 2012; PETIT, 2010).

Além dessa atividade pedagógica, que só poderia vir a ser examinada mediante a manipulação de cadernos dos alunos e notas do professor, Saussure deixou registrado em uma série de textos manuscritos as reflexões que alimentavam sua pesquisa em torno da língua lituana. A maior parte destes textos foi produzido entre 1888 e 1896, sendo verificado um acúmulo de material escrito nos anos de 1893 e 1894 (JOSEPH, 2012; PETIT, 2010).

Esse grande conjunto de textos manuscritos – mais de 500 folhas – está disperso em diferentes arquivos mantidos na *Bibliothèque Universitaire et Publique de Genève*. Uma parte dele, já manipulada por alguns investigadores, está sob o registro *Manuscrits français, Papiers Ferdinand de Saussure*. Outra porção de páginas compõe o *Archives Ferdinand de Saussure*, material ainda pouco examinado pela filologia saussuriana, visto que ele só se tornou disponível para a pesquisa em 2006 (PETIT; QUIJANO, 2008; PETIT, 2010; 2013).

Figura 3: Linha cronológica de 1880 a 1922

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

O exame que fazemos do CLG e do RPS a respeito das relações que podem ser estabelecidas entre o nome de Ferdinand de Saussure e a língua lituana enquanto objeto investigativo abre uma bifurcação. De um lado temos uma viagem, experiência sensível de um jovem investigador; do outro, a formulação de uma lei, ferramenta conceitual elaborada por um pesquisador amadurecido e reconhecido. Sendo nosso intuito analisar a ciência enquanto processo e não apenas como produto, apresentaremos uma ligação entre esses dois caminhos de leitura. Colocando a jornada da juventude no mesmo plano que a formulação científica da maturidade, acredita-se que é possível fazer jus à recomendação de Bally e Gautier, segundo os quais, para compreender o pensamento saussuriano, nada deve ficar de fora.

4.2.1 De Leipzig à Krottingen

Diversos levantamentos historiográficos revelam que as viagens de linguistas ao território que hoje é denominado Lituânia eram frequentes no século XIX (REDARD, 1976; JOSEPH, 2009; 2012; PETIT; QUIJANO, 2006, SABALIAUSKAS, 2001). Linguistas de extrema importância no cenário da gramática comparada – os já mencionados Agust Schleicher, Filip Fortunatov, Karl Brugmann e August Leskien – realizaram tal jornada. Joseph (2009) chega mesmo a denominar a região báltica como uma *Galápagos dos*

linguistas, visto que a região atraía diversos pesquisadores em virtude das características muito específicas que as línguas da região apresentam quando comparadas com as demais línguas indo-europeias.

A viagem realizada pelo jovem Ferdinand de Saussure à Lituânia permanece sendo um ponto de interrogação para os pesquisadores do corpus saussuriano. Sabemos que essa jornada não inaugura o contato do linguista com o idioma báltico, visto que durante seus anos em Leipzig tomou contato com a língua através de Leskien e da leitura da obra de Kruschart, fonte dos exemplos citados em seu *Mémoire*. Conforme consta no CLG, Saussure realiza sua viagem à Lituânia após a defesa de sua tese de doutorado em Leipzig. Ao contrário da sua primeira obra, cuja extensão abarca um terreno obscuro da gramática comparada, o que lhe exigiu um grande esforço, o seu *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit* (1881) foi um estudo dedicado a um tema específico sobre um problema que aguardava uma sistematização. Não estando exausto, o linguista embarca em direção à região báltica sem que tenhamos um acesso documental às razões iniciais de tal jornada.

O primeiro registro escrito sobre a viagem de Saussure à Lituânia é produzido por Ernest Meuret, aluno de Saussure em Genebra, na primeira necrologia dedicada ao seu mestre, publicada em 26 de fevereiro de 1913. Meuret, a provável fonte dos editores do CLG, situa tal viagem no ano de 1880.

Le jeune docteur de l'université de Leipzig s'en fut en Lituanie pour étudier, dans leurs variétés parlées ces dialectes qui ont conservé jusqu'à nos jours un aspect indo-européen si archaïque et dont les inflexions nuancées devaient lui révéler quelques-uns des secrets de l'histoire de la parole humaine (MURET, 1913, apud MAURO, 1979).

A viagem de Saussure à Lituânia é apresentada por Meuret como uma experiência de imersão em um terreno povoado pelos dialetos que preservam os aspectos mais arcaicos das línguas indo-europeias, e, portanto, capazes de revelar mistérios da história linguística. Ainda que o texto de Meuret tenha o valor de uma publicação, os estudiosos do corpus saussuriano tomam tal viagem como um evento incerto na trajetória saussuriana, visto que tal jornada não é referida em nenhum escrito do próprio linguista. Émile Benveniste refere-se a tal jornada como sendo um “point obscure dans sa biographie” (BENVENISTE, 1964a). Tal incerteza faz com que, nos anos 1870, alguns investigadores da filologia saussuriana se dedicassem a encontrar provas textuais para fazer a datação de tal viagem e assim localizá-la no enredo formativo do linguista genebrino.

Um dos primeiros trabalhos acerca dessa jornada foi feito por Robert Godel (1973). O autor afirma que o manuseio do corpus saussuriano disponível na Biblioteca Pública de

Genebra permite situar tal viagem entre março e setembro de 1880. De acordo com Godel, o contato de Saussure com a língua lituana é retomado no ano universitário de 1888-1889, quando o linguista é requisitado por alguns alunos da *École Pratique des Hautes Études* a ministrar um curso de introdução à língua lituana. Após isso, em 8 de junho de 1889, Saussure realiza a comunicação na *Société Linguistique de Paris* que dará origem ao artigo *À propos de l'accentuation lituanienne*, publicado somente em 1892. O investigador aponta um hiato de nove anos entre a jornada às terras bálticas e o despertar da língua lituana enquanto um fértil objeto investigativo.

Além dessas informações, Godel situa no início da década de 1890, o início de uma troca de correspondências entre Ferdinand de Saussure e Baudoin de Courtenay (1845 – 1929) a respeito da língua lituana. De acordo com tal registro, o encontro entre os dois teria ocorrido em 1882, porém, os registros da *Société Linguistique de Paris* dão provas de que tal evento teria ocorrido em 1881²³.

Nessa correspondência, Saussure apresenta ao linguista polonês sua desconfiança com relação a uma série de incoerências gráficas manifestas em textos utilizados para o estudo do lituano e o genebrino insiste em saber se tais notações contradizem a fala dos nativos. Segundo Sljusareva (1972), o corpus textual manipulado por Saussure era composto de três volumes que coletavam cerca de sei mil canções em lituano. Diante de tal inquietação, Courtenay, que não é um falante nativo do idioma, oferece para Saussure o contato de Casmir Jaunus, intelectual lituano que poderia ser um informante de dados e esclarecedor de possíveis dúvidas. A troca correspondências com Jaunus resulta produtiva para Saussure, visto que nos artigos de 1894 e 1896, ambos publicados na *Indogermainsche Forschungen*, encontramos referências aos trabalhos prévios de Jaunus²⁴.

Outro investigador que se dedicou a buscar dados a respeito da jornada do jovem Saussure na região báltica foi George Redard. Esse autor, que anteriormente havia sugerido que a viagem à Lituânia teria ocorrido em 1889, apresenta em *Le voyage de F. de Saussure en Lituanie: suite enfin?* (1976) uma reconsideração de sua hipótese²⁵. Ao examinar uma série de cartas trocadas entre Ferdinand de Saussure com Johanes Baunack, Rudolf Kögel e Louis Havet, todos eles companheiros de estudos em Leipzig, o autor situa a partida do jovem

²³ Curiosamente, o contato com Courtenay é o único referido na nota biográfica que precede o *CLG*.

²⁴ Podemos encontrar duas cartas trocadas por Saussure e Jaunus no volume 27 da *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Sobre as correspondências entre Saussure e Courtenay, conferir Sljusareva (1972).

²⁵ Redard havia publicado em 1973 um artigo no *Journal de Genève* no qual situava a viagem de Ferdinand de Saussure à Lituânia no ano de 1889. Tal suposição era feita tomando como base um registro da *École*, no qual conta que no ano de 1889 Saussure retira uma licença para tratar de assuntos pessoais. O exame dos textos mantidos na Biblioteca Pública de Genebra revelam que tal hipótese não tem sustentação.

genebrino em direção à Lituânia em junho de 1880. A duração da viagem, no entanto, permanece em aberto entre 1880 e 1881. Redard sublinha, porém, que tal experiência do jovem Saussure não rende grandes descobertas, visto que ela resulta em uma coleta de dados pouco claros a respeito das línguas bálticas, o que era bastante comum na época.

Após um período de mais de três décadas nas quais as investigações em torno do corpus saussuriano pareciam condenadas à estagnação, a descoberta de uma grande quantidade de materiais em 1996 fez com que inúmeras questões se reativassem. A mudança do corpus textual que compõe os *Archives Ferdinand de Saussure* mantidos na Biblioteca Pública de Genebra foi o ponto de partida para que David Petit e Claudia Mejía Quijano (2008) realizassem uma investigação com intuito de levantar dados mais precisos a respeito da viagem do jovem Saussure às terras da atual Lituânia.

Manipulando uma série de documentos – notas de viagem, carimbos de passaporte, rascunhos de mapas – Petit e Quijano apontam para o período entre 18 de julho de 1880 e oito de agosto do mesmo ano como sendo o período de realização da viagem. Além de contribuírem para a elaboração de uma certeza mais forte para a datação da jornada, Petit e Quijano, corroborando as afirmações de Joseph acerca da importância do lituano para Saussure (2009; 2012), informam-nos a respeito da abundância de cartas, rascunhos e notas de aulas sobre a unidade acentual do idioma lituano que compõem as seções 376 a 388 dos *Archives*. Dentre o material vasculhado pela dupla de pesquisadores, há uma menção de destaque para as *Notes sur l'accentuation lituanienne*. Segundo Petit e Quijano, esse material permite-nos observar as relações que Saussure estabelece entre um estudo específico de uma língua e o desenvolvimento de uma reflexão sobre as distinções primárias de uma linguística geral.

Ao contrário de Schleicher, que se manteve fixado por cinco meses em uma comunidade, Ferdinand de Saussure passou um mês peregrinando entre pequenas aldeias que se estendem em uma região que vai desde a Prússia Oriental até o outro lado da fronteira do Império Russo de então. Tal característica, segundo os pesquisadores, é própria de um linguista interessado em registrar a diversidade e não a unidade de um fenômeno linguístico.

A busca por uma diversidade espalhada sobre um território seria o princípio norteador para elaborar uma geografia linguística, tal como encontramos nas últimas partes do CLG. A pesquisa saussuriana pelas diferenças que podem ser verificadas na extensão de um território pouco se prestaria para o fornecimento de dados para serem utilizados na elaboração de uma padronização linguística, tal como havia sido possível fazer com a consulta da obra de Schleicher.

Ainda que os documentos disponíveis nos *Archives Ferdinand de Saussure* sejam bastante fragmentários, Petit e Quijano nos apresentam alguns dados que nos permitem projetar uma imagem pouco usual para o nome de Ferdinand de Saussure: a de um linguista em trabalho de campo. O mestre genebrino, que por conta da leitura do *CLG*, tem sua imagem desenhada num cenário acadêmico, ou, por conta da leitura de seus manuscritos, está sempre trancafiado em um escritório, emerge nesses pequenos fragmentos de textos na imagem pouco nítida de um jovem investigador aventurando-se em um território desconhecido. Trata-se de uma imagem rara que permite compor a cena na qual está um Ferdinand de Saussure que dialoga não com outros linguistas, mas com os sujeitos falantes.

Os investigadores conseguiram até mesmo localizar em suas notas uma série de informantes com os quais Saussure travou diálogo em sua jornada na Lituânia. Otto Ziegler é um clérigo germânico que lhe convida a ir à pequena aldeia de Pasakalwen. Nessa aldeia, o suíço conhece Buše Oginsky, uma jovem que lhe fornece diversos dados sobre a pronúncia de vogais e lhe permite registrar uma série de canções populares. Em Pröcklus, o jovem Saussure é recebido por Franz Schröder, outro clérigo germânico. Além desses informantes nomeados e caracterizados, as notas registram o encontro do linguista com uma dupla de pastores e um menino (PETIT; QUIJANO, 2008; PETIT, 2010; 2013).

Figura 4: Mapa da viagem de Ferdinand de Saussure à Lituânia



Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

A descrição da viagem percorrida de Leipzig a Königsbers, Ragnit, Tilsit, Prökuls, Memel e Krottingen, é complementada por uma apresentação do conteúdo das investigações realizadas por Saussure. Essa linguística *off-road* tinha como objetivo registrar em termos fonéticos uma série de palavras que costumam figurar nos inquéritos lexicais mais tradicionais: nomes de parentesco, toponímias, verbos e adjetivos.

De acordo com Petit e Quijano (2008), dois aspectos linguísticos se destacam como principais interesses do jovem linguista. O primeiro deles, de ordem fonológica, diz respeito a pronúncia de algumas vogais em determinadas regiões. O linguista estaria interessado em

registrar a diferenciação entre *e* e *o* sob o efeito de um processo de alongamento na região de Präclus. Em segundo lugar, o genebrino empenhava-se em registrar uma coleta de informações sobre o número dual. Esse aspecto morfológico, ainda que já verificado em diversas línguas antigas, é uma raridade no conjunto das línguas modernas. Pelo que consta em suas notas, Saussure verifica que o emprego do dual é bastante frequente na fala dos seus informantes.

Para além da coleta de dados linguístico sobre esses pontos específicos, as notas presentes nos arquivos permitem visualizar o interesse de Saussure por informações que podem ser classificadas como etnográficas. O linguista dedicou-se a registrar uma série de *pasaka* – contos populares – e *dainos* – canções populares. Esse material está registrado acompanhado de notas para uma futura comparação com as versões previamente coletadas por outros pesquisadores.

Petit e Quijano concluem a interessante apresentação de dados vasculhados nos *Archives Ferdinand de Saussure* questionando qual teria sido o objetivo inicial de tal viagem. Levando em conta que na mesma época Leskien e Brugmann empreendiam uma viagem à Lituânia para publicar anos mais tarde uma obra de sucesso acadêmico *Litauische Volkslieder und Märchen* (1882), os investigadores levantam a possibilidade de que o jovem genebrino tenha se proposto à mesma tarefa. No entanto, nenhum texto do corpus saussuriano pode ser lido como o registro de tal intenção.

Após seu retorno à Genebra, Saussure parte para Paris, onde assumirá as aulas anteriormente ministradas por Michel Bréal. Esse eminente linguista havia sido nomeado para atuar como Inspetor de Educação Superior, sendo obrigado a indicar outro professor para ministrar suas aulas na recém-fundada *École Pratique des Hautes Études*. Bréal, que havia aceitado Ferdinand de Saussure na *Société Linguistique de Paris* quando esse contava com apenas dezessete anos, agora faz com que o mesmo ingresse na sua primeira instituição de ensino aos 24 anos de idade. Saussure assume o cargo de *maître de conférences*, sendo responsável por ministrar aulas de línguas germânicas para um seletivo público de alunos. Visto que tal família linguística não era a especialidade de Saussure, esta atividade lhe consumia muito tempo, o que teria feito com que o lituano desaparecesse dos manuscritos produzidos na época. Não sabemos por quais motivos a língua retornará apenas em 1893 para os escritos saussurianos, justamente quando o linguista é solicitado por um pequeno grupo de alunos da *École* a ministrar um curso sobre o idioma. Nesta mesma época, é elaborada sua primeira comunicação sobre a acentuação lituana a ser apresentada na associação parisiense.

John Joseph, interessado também em esclarecer algumas informações sobre a viagem de Saussure à Lituânia, apresenta fragmentos textuais distintos daqueles examinados por Petit e Quijano. O material encontrado pelo biógrafo nos manuscritos não datados, localizados nas entradas *Ms. Fr. 3935, f. 224 e 232*, indicam uma suposta frustração do jovem Saussure ao retornar de sua viagem.

There is in effect no foreign observer capable of discovering Lithuanian accentuation: one can, after being informed about it, control it, rectify it <as much as one likes;> - one cannot carry the first axe into this virgin forest, without having been born Lithuanian [...] I leave aside all the difficulty that a foreign ear has in grasping this accent; I am supposing a perfect and ideal <ear>: even then, the observer would find it impossible to obtain a general idea of the accent; because one would in effect have to command <[illegible]> the totality of the words, <[illeg.]> of their inflectional forms in order <to hazard> a single word of this accentuation. The foreigner <who is reduced to asking someone else about it instead of interrogating himself> will never obtain anything more than a fragmentary image of the confused [illeg.] of this accent (JOSEPH, 2012, p. 237).

Conforme lemos, a viagem resulta numa experiência frustrante. Por mais que tentasse prender seu ouvido à fala de seus informantes, as sutilezas do sistema acentual lituano não eram passíveis de uma sistematização. Esse desencanto fez com que a língua lituana se tornasse um objeto investigativo engavetado. Somente em 1893 o linguista se vê pressionado a reabrir tal gaveta e a retirada desse objeto de pesquisa será colocado em posição central para que Saussure organize suas ideias.

Se fôssemos escrever uma história da linguística unidirecional que culminasse com a imagem de uma ciência pronta, os registros acerca da viagem do jovem Saussure à Lituânia poderiam ser excluídos. Visto que os dados obtidos não são empregados em uma publicação final, e que o cientista em questão se encontra frustrado após a experiência, tais documentos não contribuem em nada para uma compreensão do sucesso da linguística. Porém, nossa intenção não é produzir uma narrativa que tenha a imagem da linguística como uma ciência pronta no seu desenlace; logo, tais informações contextuais são de extrema relevância para delinear a imagem de uma ciência em construção.

O pesquisador da história da linguística não distingue de antemão o sucesso do fracasso de uma empreitada científica; toma os dois resultados de maneira idêntica (COLOMBAT *et al*, 2006; LATOUR, 2001). As narrativas sobre o desenvolvimento de um saber não lucram com a purificação da história, muito pelo contrário, quando mais informações específicas sobre erros e acertos obtivermos, mais ampla será nossa compreensão e mais fértil serão as reflexões decorrentes de tal trabalho.

Retomando outra vez mais a carta endereçada a Meillet, que figura em tantos outros trabalhos, veremos uma série de correspondências que podem ser traçadas entre o registro do jovem Saussure após sua viagem à Lituânia e o registro do Saussure maduro, professor da Universidade de Genebra ao tentar escrever sobre a acentuação lituana.

Para que possamos amalgamar os textos, é preciso lembrar que eles estão separados por um intervalo de cerca de 13 anos. As notas sem data coletadas por Joseph foram produzidas provavelmente quando Saussure retorna de sua viagem, antes de assumir o cargo de *maître de conférences* na *École Pratique des Hautes Études* em Paris. Na carta de janeiro de 1894, Ferdinand de Saussure é um linguista experiente que retorna à cidade natal para assumir diversos cursos como *professeur* na Universidade de Genebra.

Ainda que tais diferenças tenham de ser apontadas, é possível verificar algumas linhas de força em comum. Em primeiro lugar, os dois textos são confissões de dificuldades. Os manuscritos colhidos por Joseph revelam uma escrita íntima, na qual o linguista registra sua frustração ao lidar com os dados encontrados na boca dos falantes lituanos. Enquanto um estrangeiro, a acentuação lituana permanece inviável de ser sistematizada, visto que seu ouvido é incapaz de apreender o fenômeno.

Já na carta endereçada a Meillet, a dificuldade reside em outro ponto, mas lhe causa o mesmo grau de frustração. O seu desgosto não reside na dificuldade de apreender um fenômeno, mas na pobreza das ferramentas conceituais de que a linguística dispõe para sistematizar o que é observado.

Mais je suis bien dégoûté de tout cela, et de la difficulté qu'il y a en général à écrire seulement dix lignes ayant le sens commun en matière de faits de langage. Préoccupé surtout depuis longtemps de la classification logique de ces faits, de la classification des points de vue sous lesquels nous les traitons, je vois de plus en plus à la fois l'immensité du travail qu'il faudrait pour montrer au linguiste ce qu'il fait ; en réduisant chaque opération à sa catégorie prévue ; et en même temps l'assez grande vanité de tout ce qu'on peut faire finalement en linguistique (BENVENISTE, 1964b, p. 95).

Se, no manuscrito do jovem Saussure viajante, lemos o registro de sua insatisfação com sua própria orelha, ou seja, sua capacidade sensível de perceber um fenômeno de maneira plena para que então seja possível sistematizá-lo; o Saussure da Universidade de Genebra demonstra sua insatisfação com as operações que o linguista realiza para sistematizar os fenômenos. Esse desgosto poderia ser superado pela realização de um trabalho imenso, talvez infinito, que classificaria os pontos de vista que podem ser feitos sobre o material linguístico e, por conseguinte, os fatos que são produzidos. Esse trabalho seria justamente o

exame epistemológico que almejamos colocar em prática para que seja minimamente possível demonstrar ao linguista o que ele faz.

Além dessa dupla de frustrações que lemos nos dois textos, é possível verificar a manutenção de um interesse. Nas notas do jovem Saussure, a acentuação lituana, por ser inapreensível pelo seu ouvido e por suas tentativas de sistematização, permanece como uma floresta virgem, impenetrável ao seu entendimento. Trata-se de um fenômeno localizado acessível apenas aos falantes nativos daquela região, ou seja, um objeto investigativo muito particular. Na carta do Saussure *professeur* de Genebra reencontramos esse tipo de fenômeno específico e localizado como sendo o principal interesse do linguista.

C'est, en dernière analyse, seulement le côté pittoresque d'une langue, celui qui fait qu'elle diffère de toutes autres comme appartenant à un certain peuple ayant certaines origines, c'est ce côté presque ethnographique, qui conserve pour moi un intérêt (BENVENISTE, 1964b, p. 96).

É o específico, o local, as curiosidades dessas florestas virgens que constituem o verdadeiro objeto de interesse do linguista. Atividade ideal desse pesquisador maduro seria desenvolver estudos de cunho quase etnográfico, porém a falta de precisão das ferramentas conceituais o impede de realizar tais estudos de modo satisfatório. Aquilo que conhecemos como a linguística geral de Ferdinand de Saussure nada mais é do que um esforço para forjar ferramentas conceituais que possibilitariam a realização dessas pesquisas variadas (CALVET, 1977).

Se juntarmos os dois textos, dando um laço entre as angústias do Saussure jovem e do Saussure maduro, veremos que o interesse por objetos investigativos específicos se amálgama à necessidade de elaborar ferramentas conceituais que permitam compreender as atitudes do linguista e a natureza do seu objeto de pesquisa, *la langue en général*. Esse laço que podemos apontar como bem atado desfaz por completo uma possível cisão entre as atividades de um Saussure *comparatista* e de um Saussure *generalista*.

Essa atadura nos impossibilita de distinguir porções do corpus saussuriano que apresentam conteúdo científico central de outras porções dedicadas a assuntos isolados ou periféricos. O que é possível ter diante dos olhos após essa peregrinação de leituras, é a imagem de Saussure enquanto o sujeito de um pensamento dedicado a elaborar uma maneira específica de produzir conhecimento acerca da linguagem.

4.2.2 Da vogal * A ao acento agudo

Apresentada a reconstrução do itinerário da viagem do jovem Saussure à Lituânia, nos deteremos agora em um exame da trilha de ideias que os títulos anteriormente mencionados inscrevem no corpus saussuriano.

Conforme exposto, encontramos nesse conjunto de textos o registro do peso investigativo que teve a língua lituana nas pesquisas de Saussure. Nesse grupo de artigos, encontramos dois textos, de 1894 e 1896, publicados na prestigiada revista *Indogermanische Forschungen*, que configuram as raríssimas aparições de Saussure fora do *Mémoire da Société Linguistique de Paris*. Esses artigos registram os breves incursos que Saussure realiza na comunidade científica da Alemanha, território de excelência no estudo da gramática comparada que anos antes havia ignorado o seu *Mémoire*²⁶.

Esse mesmo grupo de textos contém a única participação do linguista genebrino em um evento internacional²⁷. O resumo da comunicação feita no dia 8 de setembro de 1894, no *X^e Congrès International des Orientalistes* consagra o nome de Saussure na gramática comparada, visto que é esse o texto que registra a única lei fonética elaborada pelo mestre genebrino. A elaboração da *lei de Saussure* e sua difusão dentro da comunidade científica é o ponto de chegada de uma longa investigação, que será fixada em diversos livros de gramática comparada e de linguística histórica e permanecerá em circulação até nossos dias, ainda que restrita a um público muito específico (OLANDER, 2013; COLLIGE, 1985; SUKAČ, 2013).

A *lei de Saussure*, ainda que pouco conhecida pelos leitores de um Ferdinand de Saussure dedicado aos temas da linguística geral, é a principal contribuição desse pesquisador para a ciência do seu tempo. Se lêssemos em Saussure apenas seus trabalhos publicados em vida, criaríamos a imagem de um linguista extremamente empenhado em produzir um mapeamento de dados linguísticos. Os títulos do corpus saussuriano que apontam a presença do idioma lituano enquanto um objeto de pesquisa permitem inferir que o linguista se dedicou a explorar diferentes aspectos da língua báltica, porém a acentuação foi o fenômeno que ganhou posição de destaque.

²⁶ De acordo com Marie-José Reichler-Béguelin (1997), a recepção do *Mémoire* na Alemanha foi de indiferença pela maior parte dos leitores. Fick e Osthoff, no entanto, apresentaram-se como os maiores críticos da obra. Esses encontravam no raciocínio negativo e dedutivo elaborado por Saussure a marca de um erro radical em gramática comparada.

²⁷ Outro documento mencionado por Joseph (2009) que revela a centralidade da língua lituana enquanto objeto de um projeto investigativo de Saussure é uma carta de 1889 do linguista suíço endereçada a Michel Bréal. Nessa correspondência, Saussure solicita a Bréal uma edição da publicação da *Société Linguistique de Paris* dedicada à língua lituana. O diretor da instituição aceita a sugestão do apadrinhado, mas a revista nunca chegou a ser produzida.

A partir de agora nos dedicaremos a rastrear nos títulos recolhidos no *RPS* o fio investigativo que permite amarrar as reflexões de Ferdinand de Saussure entorno da acentuação lituana. Evidentemente, tal procedimento nos conduzirá a algumas análises muito específicas da língua em questão. Poderíamos optar por uma apresentação inicial do problema, mas isso culminaria numa abordagem presentista dos textos. Optamos, portanto, por seguir uma apresentação cronológica das explorações saussurianas com o auxílio das investigações de John Joseph (2009) e Daniel Petit (2010; 2013) a respeito desse tema.

De acordo com a leitura de Joseph (2009) o sistema acentual lituano interessa a Saussure pelo fato de que esse supunha haver nos dados coletados na região báltica uma forma linguística remanescente que corresponderia à forma hipotética deduzida em seu estudo sobre o sistema vocálico primitivo do indo-europeu. Em resumo, acento agudo lituano seria uma forma atestada correspondente à forma hipotética ^{*A} elaborada no seu *Mémoire*.

Para que possamos visualizar esse laço que une a vogal primitiva ao acento agudo lituano, é necessário repassar pelo trajeto construído pelo linguista. Conforme já mencionado, Saussure toma contato com a investigação do acento lituano a partir das aulas de Leskien e da leitura da obra de Kurschat, cuja gramática havia se tornado a principal referência em estudos bálticos. É com base na sistematização paradigmática do acento lituano proposta por esse último que iniciamos nossa trajetória. Tal opção se justifica pelo fato de que essa trajetória explicita duas etapas dessa investigação saussuriana: a primeira, dedicada a reformular as ferramentas de análise; a segunda, voltada para um rastreamento diacrônico que só pode ser feito após tal modificação.

O artigo *À propos de l'accentuation lituanienne* (1896) apresenta a sistematização do sistema acentual lituano tal como proposta por Friedrich Kurschat. De acordo com esse linguista, as palavras em lituano apresentam uma vogal pronunciada com mais intensidade que as demais, sendo que o modo como essa vogal é pronunciada pode ocorrer de três modos distintos: grave, agudo ou circunflexo²⁸.

²⁸ Comparado ao trabalho de Schleicher, Kurschat propõe uma inovação na compreensão do acento lituano. Para Schleicher, a diferença de entonação só existiria nos ditongos; porém Kurschat propõe que a entonação é verificada em todas as sílabas tônicas, sejam elas compostas em tônico de vogal ou ditongo. (PETIT, 2013).

Tabela 4: Descrição e distribuição dos contornos tonais lituanos

	Descrição	Ocorrência	Exemplos	
Acento grave	Rápida elevação do tom no princípio da sílaba seguida de queda imediata	vogais breves	<i>bùtas</i>	apartamento
Circunflexo	Lenta e gradual elevação do tom ao longo da sílaba seguida de queda imediata	vogais longas ditongos	<i>sōdas</i> = oó <i>kiēmas</i> = ié	jardim fazenda
Acento agudo	Rápida elevação do tom no princípio da sílaba seguida de queda gradual	vogais longas ditongos	<i>brólis</i> = óo <i>lángas</i> = án	irmão janela

Fonte: Adptado de JOSEPH (2009; 2012); PETIT (2010; 2013).

A presença de diferentes contornos prosódicos para a vogal tônica torna o sistema acentual lituano distinto dos verificados nas demais línguas modernas, nas quais verifica-se apenas variação da intensidade. Apostando no caráter conservador do lituano, Friedrich Kurschat aproxima a acentuação lituana da sistematização já produzida sobre o grego antigo, e assim propõe uma marcação gráfica das diferenças tonais²⁹.

Ademais das diferenças do contorno prosódico que uma vogal tônica pode assumir, o acento na maior parte dos substantivos lituanos é móvel, ou seja, ele muda de posição conforme a declinação em que o radical se fizer presente. Diante dessa inconstância, Kurschat sistematiza o acento lituano em quatro paradigmas.

Tabela 5: Paradigmas acentuais da língua lituana

	I paradigma	II paradigma	III paradigma	IV paradigma
Vogal tônica	fixa	móvel	móvel	móvel
Posição da sílaba tônica	radical	radical exceto no acusativo plural	desinência exceto no dativo e acusativo singular	desinência exceto no dativo e acusativo singular
Contorno acentual	grave circunflexo agudo	circunflexo grave	circunflexo agudo	circunflexo

Fonte: Adaptado de JOSEPH (2009); VASILIAUSKIENE; SLOCUM (2014); RAMONIERÈ; PRESS (2011); SUKACĀ (2013).

O primeiro paradigma é o único que agrupa substantivos cuja sílaba tônica não é móvel, ou seja, ela se mantém na mesma posição independentemente do caso em que ocorra.

²⁹ Em seu primeiro artigo sobre o tema, Saussure exemplifica a distinção das vogais longas com os termos *vīnas* (vinho) - contorno agudo - e *vīras* (homem) - contorno circunflexo (RPS, [1922], p. 491).

No quadro abaixo, a declinação de *kója* – perna – e *ãdata* – agulha exemplifica o paradigma no qual a tonicidade está sempre na sílaba radical.

Tabela 6: I paradigma acentual

Nominativo singular	kója	ãdata
Acusativo singular	kója	ãdata
Acusativo plural	kójas	ãdatas
Vocativo plural	kójos	ãdatos

Fonte: VASILIAUSKIENE; SLOCUM (2014); RAMONIERÈ; PRESS (2011); SUKAČ (2013).

Os substantivos do segundo paradigma apresentam mobilidade acentual. No caso acusativo plural, a sílaba tônica encontra-se na desinência, ao passo que no restante dos casos, o radical apresenta tal característica. Os termos *vaĩsiu* – fruta – e *rãštas* – escrita – exemplificam tal padrão.

Tabela 7: II paradigma acentual

Nominativo singular	vaĩsiu	rãštas
Genitivo singular	vaĩsiaus	rãšto
Acusativo plural	vaisùs	raštùs

Fonte: VASILIAUSKIENE; SLOCUM (2014); RAMONIERÈ; PRESS (2011); SUKAČ (2013).

No terceiro paradigma, a mobilidade acentual ocorre nos casos acusativo singular e dativo singular. Apenas nesses dois casos a sílaba tônica está no radical, encontrando-se nas desinências dos demais casos. Os termos *galvá* – cabeça – e *kokià* – limite – exemplifica o paradigma.

Tabela 8: III paradigma acentual

Nominativo singular	galvá	kokià
Acusativo singular	gálva	kòkiai
Dativo singular	gálvai	kòkia

Fonte: VASILIAUSKIENE & SLOCUM (2014); RAMONIERÈ & PRESS (2011); SUKAČ (2013).

O último paradigma acentual apresenta mobilidade direcionada para as desinências nos casos Locativo singular e instrumental singular. Os termos *lêdas* – gelo – e *strãzdas* – tordo – exemplificam o padrão.

Tabela 9: IV paradigma acentual

Nominativo singular	lėdas	strėzdas
Dativo singular	lėduiu	strėzdui
Acusativo singular	lėda	strėzda
Locativo singular	ledė	strazdė
Instrumental singular	ledù	strazdù

Fonte: VASILIAUSKIENE & SLOCUM (2014); RAMONIERÈ & PRESS (2011); SUKACĀ (2013).

No seu primeiro artigo do conjunto de publicações sobre a lıngua lituana, Saussure expõem essas contribuıções produzidas por Kurschat. Os quatro paradigmas morfológicos apresentados acima podem parecer extremamente complexos e deselegantes enquanto sistematização, porém eram a forma como Kurschat justifica a diferença da acentuação de palavras com estrutura fonológica extremamente semelhantes como laĩkųti e raĩzyti (SAUSSURE, 1922; JOSEPH, 2009).

Saussure parte dessas primeiras análises de Kurschat para propor uma compreensão totalmente distinta. Enquanto Kurschat havia sistematizado o fenômeno acentual lituano a partir do conceito de *Betonung* – que poderia ser traduzido como acento -, Ferdinand de Saussure propõe uma distinção entre *accent* e *intonation* para mapear tal fenômeno.

O acento, segundo Saussure, não deve ser compreendido como uma caracterıstica especıfica de um determinado segmento fonológico, mas como efeito de um contraste de intensidade que se manifesta a partir das relações estabelecidas entre as sílabas de uma palavra. Desse modo, o acento é a materialização de uma diferença sintagmática.

Ja a entonação é uma caracterıstica própria da sílaba lituana, sendo, portanto, independente do acento. Desse modo, a sílaba lituana, independentemente de seu valor na estrutura da palavra, possui um contorno tonal próprio, que pode vir a ser intensificado pelo acento. A entonação, dirıamos, é uma diferença associativa, que é manifestada pela marcação de uma diferença sintagmática.

Com essa distinção em mãos, o linguista genebrino expõe uma detalhada análise na qual se verifica que há uma distribuıão dos contornos tonais relacionada com a posição da vogal tônica na palavra. De acordo com a proposta saussuriana, quando a vogal tônica é verificada na segunda sílaba, essa assume um contorno agudo, ao passo que a sua anterior é

grave ou circunflexa. Em contraste, quando a tônica recai sobre a primeira sílaba, outro padrão é verificado.

Tabela 10: Diferença distribucional entre padrões tonais lituanos

	Posição do acento	Padrão tonal
laĩkŷti valdŭva lošiù kiaũrlè	segunda sílaba	circunflexo átono + agudo tônico
ráizyti vŷras kóši jáutis	primeira sílaba	agudo tônico + circunflexo átono

Fonte: Elaborada a partir de JOSEPH (2009; 2012); DOGIL (1999).

O que Saussure está propondo não é uma simples exposição de dados inéditos, pois os exemplos listados já são velhos conhecidos dos linguistas. O que o mestre genebrino demonstra é uma outra forma de analisar o fenômeno linguístico, de propor outro tipo de objeto. Aquilo que Kurschat havia mapeado com o *Betonung* é reorganizado por Saussure em termos de *accent* e *intonation* (PETIT, 2010).

Il ne s'agit décidément plus, sous ce nom, d'explorer un fait qui accompagne en lituanien l'accent tonique, mais un fait qui accompagne la quantité longue. Les **intonations** sont une partie intégrante de la prosodie des syllabes lituanienes: elles ne sont dans un rapport nécessaire avec l'**accent** (RPS, [1922], p. 491).

Intonation – o contorno prosódico crescente ou decrescente – e o *accent* – a tônica da palavra, são, para Saussure, dois objetos distintos, que podem estar relacionados ou não. A entonação – aguda ou circunflexa – é uma característica das vogais longas do lituano; o acento é outra entidade – não intrínseca às vogais – com a qual a entonação está relacionada.

L'intonation, il est vrai, nous demeure cachée en syllabe atone ; elle ne devient visible (directement) qu'à la faveur de l'accent qui la rend intense (RPS, [1922], p. 491).

Diferente de Schleicher, que detectava a entonação apenas nos ditongos, e de Kurschat, que a detectava nos ditongos e vogais tônicas, Saussure propõe que a entonação está presente

em todas vogais lituanas, mesmo nas sílabas átonas. A diferença tonal – sequências crescentes ou decrescentes – se faz manifesta conforme a posição do acento³⁰.

Feita essa reforma nas ferramentas de análise, Ferdinand de Saussure parte para a segunda etapa de sua investigação: um estudo diacrônico das diferenças de entonação. Para isso, o linguista recorre ao trabalho de Filip Fortunatov acerca das correspondências entre o lituano e o sânscrito. O linguista russo havia descrito as correspondências entre o acento agudo em lituano que ocorre nas sílabas *ir*, *il*, *im*, *in* e as formas sânscritas *īr*, *īl*, *īm*, *īn*, ou *ūr*, *ūl*, *ūm*, *ūn*. Em paralelo a isso, o acento circunflexo do lituano corresponde em sânscrito a uma vogal curta ou aos coeficientes soantes *r*, *l*, *m*, *n*.

Là où le lituanien a l'intonation rude sur une séquence /ir/, le sanskrit a *īr* ou *ūr* (et le grec ρη, ρα ou ρω, le latin *rā*). Exemple: lit. *pilnas* <plein> em regard de skr. *pūrná-*. [...] Là où le lituanien a l'intonation douce sur une séquence /ir/, le sanskrit a *r* (et le grec αρ ou ρα, le latin *or* ou *ur*). Exemple: lit. *vīlka* <loup> em regard de skr. *vrka-* (RPS, [1922], p. 496-497).

A correspondência pode ser exposta da seguinte forma:

Tabela 11: Correspondência fonética entre acentos lituanos e formas fonéticas do sânscrito, grego e latim

Lituano	Sânscrito	Grego	Latim
<i>Ir rude</i> (agudo)	<i>īr</i> , <i>ūr</i>	ρη, ρα, ρω	<i>rā</i>
<i>Ir douce</i> (circunflexo)	<i>r</i>	αρ, ρα	<i>or ur</i>

Fonte: Elaborada a partir de SAUSSURE, (1922); JOSEPH, (2009; 2012).

Ao juntar todas essas peças, Fortunatov descrevia a entonação lituana como uma característica correspondente ao padrão tonal suposto num estado primitivo do indo-europeu. O linguista acreditava encontrar no idioma báltico um aspecto da língua indo-europeia que teria permanecido intacto ao longo dos milênios na boca de uma comunidade de sujeitos falantes. Para Saussure, a entonação lituana não apresentava obviamente a prosódia intacta da língua indo-europeia, porém tal característica – decorrente de uma inovação mais tardia –

³⁰Encontramos no caderno de Leopold Gautier, *Ms.fr. 3972 f.7*, uma nota que permite apreender a valoração que Ferdinand de Saussure fazia de seus antecessores nos estudos lituanos: “Par tout ce que nous pouvons contrôler, il est apparent que c’était la plus complète médiocrité, ce qui n’exclut pas les prétentions, Il n’y a rien de plus significatif à cet égard que sa façon de se comporter vis-à-vis de l’accent lituanien puisque Schleicher a voulu se mêler de l’accent lituanien. Son rôle dans ce domaine a consisté a) à rejeter (*dans une note!*) comme ridicule, la distinction de Kurschat relative à une [] b) à copier en revanche abondamment les indications mais à ne jamais lui en attribuer le mérite, et pour cela à rendre totalement inintelligible [] (SAUSSURE, 1989, p.9).

ofereceria a peça que faltava para dar crédito à sua tese sobre o sistema vocálico indo-europeu que constitui o seu *Mémoire*³¹.

Ainda no artigo de 1894, Saussure apresenta que a diferença entre a *intonation rude* e a *intonation douce* que se verifica no estado atual do lituano – sobretudo sobre a sílaba /ir/ – derivaria de uma diferença fonética que se fez presente num estado anterior. “Il s’agissait d’une différence phonique qui a cessé d’être phonique en lituanien” (SAUSSURE, 1922, p. 499). O objetivo de Saussure agora é reconstruir as formas que articulavam essa diferença fônica que em lituano deixou de operar e passou a ser uma distinção tonal.

Arriscando muito mais do que seu colega russo, Saussure vai mais além na sua hipótese e afirma que a diferença entre /ir/ agudo e circunflexo lituano, bem como a diferença entre īr, ūr e ṛ sânscrito, derivam de uma distinção fonológica que se fez presente num estado primitivo do indo-europeu. A distinção que Saussure estava supondo nada mais era do que a ação da vogal prevista no seu *Mémoire*. Em resumo, a distinção pode ser exposta da seguinte forma:

Tabela 12: Reconstrução da diferença tonal lituana

Estágio I	Estágio II	Sânscrito	Lituano
*r̥	*r̥	a / r	ir circunflexo
*r̥ + ^A	*r̄	īr / ūr	ír agudo

Fonte: Adaptado de JOSEPH (2009; 2012).

Os dois grupos de formas atestadas - /ir/ circunflexo lituano e a / r sânscrito juntamente de /ir/ agudo lituano e īr / ūr sânscrito – derivam de uma diferença de quantidade do coeficiente sonante *r̥. Essa diferença de quantidade – marcada pela distinção longa/breve – é, por sua vez, decorrente da presença ou ausência da vogal *^A em um estágio primitivo do indo-europeu.

Em resumo, a diferença entre o /ir/ agudo e circunflexo lituano – distinção que corre em paralelo no sânscrito – é o vestígio de uma antiquíssima distinção fônica que num estado anterior havia sido marcada pela presença ou ausência da vogal *^A.

Mas o que é a vogal *^A? Conforme dito, Saussure dedica-se ao exame da acentuação lituana por supor ter encontrado no sistema acentual dessa língua o vestígio que lhe faltava para montar o quebra-cabeças do sistema vocálico indo-europeu que havia sido deduzido no

³¹ Alguns dos exemplos oferecidos por Saussure para as correspondências mapeadas por Fortunatov são: lit. *pīlnas* e skr. *pūrmas*; lit. *vilkas* e skr. *vīkas*; lit. *gīrti* e lat. *grātus*; lit. *tirβtas* e lat. *to(r)stus*; lit. *ketviřtas* e gr. *τέταρτος*; lit. *piřbas* e gr. *παῖδος* (RPS [1922], p. 497-504)

seu *Mémoire*. O acento agudo lituano – em paralelo com as formas \bar{i} / \bar{u} do sânscrito – seriam os remanescentes da antiga vogal *⁴. Para obtermos uma breve ideia sobre como tal vogal foi forjada, é interessante fazer um voo panorâmico sobre a peripécia investigativa que o jovem Saussure havia instaurado nos seus anos de estudo em Leipzig.

Os estudos da gramática comparada até a década de 1870 haviam conseguido estabilizar uma série de regularidades entre os elementos que figurariam como coeficientes sonantes do indo-europeu³². A maioria dos linguistas concordava com a presença de no mínimo quatro termos no conjunto de coeficientes sonantes do indo-europeu: *r*; *l*; *m*; *n*. As formas que deveriam compor o repertório das vogais variavam de acordo com a proposta de cada linguista. No período em que Ferdinand de Saussure compunha o seu *Mémoire*, a tese mais difundida, a de Brugmann, supunha um quadro de termos puramente vocálicos composto por três elementos: *a*, *e*, \bar{a} , que seriam notados como *a1*, *a2*, \bar{a} .

O trabalho desenvolvido pelo jovem Saussure propunha um repertório distinto para o proto-indo-europeu. Ao contrário de seus contemporâneos, o genebrino afirmava que o indo-europeu primitivo continha um sistema vocálico de quatro vogais notadas como *a1*, *a2*, \bar{a} e ^A. Tais vogais seriam acompanhadas de sete coeficientes sonantes *-i*, *-u*, *-n*, *-m*, *-r*, *-A*, *-O*, que poderiam ser manifestos na forma breve ou longa, dependendo do estágio da língua a ser observado.

Tabela 13: Repertório vocálico de Karl Brugman e Ferdinand de Saussure

Repertório vocálico de Karl Brugman	Repertório vocálico de Ferdinand de Saussure		
	coeficientes sonantes	vogais	coeficientes sonantes
vogais			
a1	ṛ	a1	-i
a2	ḷ	a2	-u
a	m̐	a	-n
	ṇ	*	-m
			-r
			*-A
			*-O

Fonte: Elaborado a partir de SAUSSURE, (1878), JOSEPH (2009; 2012).

Nesse repertório, os elementos **A*, **O* e *^A correspondem a formas puramente hipotéticas. Diferentemente das outras formas elencadas que podem ser rastreadas em

³² Os coeficientes sonantes são elementos que podem figurar como vogais ou consoantes, dependendo do seu contexto silábico.

materiais filológicos, essas três formas não são empiricamente acessíveis, tendo suas existências apenas indicadas pela dedução de um sistema elaborado a partir da manipulação de uma grande massa de dados.

A inovação do *Mémoire* residia na afirmação de que o quadro vocálico indo-europeu continha quatro e não três vogais, portanto, boa parte da obra está dedicada a estabelecer como a forma ^{*A} pode ser rastreada. Um exemplo simplificado pode ilustrar tal tarefa: quando aproximamos as formas sânscrita *pitṛ*, grega *patēr* e latina *pater*, elas apresentam uma correspondência evidente entre suas consoantes, mas não oferecem uma solução fácil para estabelecer as correspondências entre suas vogais. A essa correspondência entre o *a* que se manifesta nas línguas meridionais e o *i* das línguas asiáticas, Ferdinand de Saussure supunha a existência de uma vogal que teria tomado diferentes destinos no mapa indo-europeu de acordo com o contexto de sua ocorrência (DAVIES, 2006; JOSEPH, 2012). Tal termo seria notado sob a forma ^{*A} e pode ser esquematizado da seguinte forma:

Tabela 14: Reconstrução da entonação aguda lituana

Lituano	Sânscrito	Grego	Latim	Indo-europeu
ir agudo	ir	a	a	^{*A}

Fonte: Elaborada a partir de JOSEPH (2009; 2012).

De acordo com Joseph (2009), o laço que une a vogal indo-europeia ^{*A} e a entonação aguda lituana é o fio de Ariadne que guiou Ferdinand de Saussure pelo labirinto montado pela rede de dados criada pela ciência de seu tempo. Esse grande percurso que parte de Kurschat, passa por Fortunatov e, de forma camuflada, retorna ao *Mémoire* é todo ele apresentado no primeiro artigo de Saussure sobre o lituano. Vale lembrar que essa publicação - *À propos de l'accentuation lituanienne* - é derivada de uma comunicação proferida na *Société Linguistique de Paris* em 8 de julho de 1889. Entre a comunicação oral e a publicação escrita, há um hiato de cinco anos.

É justamente esse intervalo que é preenchido por uma série de investigações que o linguista realiza em torno do tema, e que lhe rendem inúmeras páginas manuscritas cujo conteúdo não viria a figurar em nenhuma de suas publicações. Dentre esses textos produzidos no gabinete, estão as notas manuscritas que registram as indagações do linguista ao tentar apontar as entidades linguísticas envolvidas no fenômeno da acentuação lituana. Muitos desses questionamentos compõem o conjunto *Notes sur l'accentuation lituanienne*, produzido

cerca de quatro meses após o mestre genebrino ter enviado a famosa carta a seu discípulo Meillet lamentando as dificuldades que toda investigação da matéria de linguagem impõe ao pesquisador.

Meses após a escrita de tais textos – publicados ou não –, Saussure realiza sua única apresentação para uma plateia de linguistas internacionais no congresso da comunidade orientalista que se reunia em Genebra. Resulta desta apresentação a fixação da *lei de Saussure* a respeito da acentuação lituana. A fim de apresentar o documento que registra o evento e que serve como o visto de entrada do nome de Ferdinand de Saussure no território privilegiado dos linguistas do século XIX elaboradores de leis fonéticas, reproduzo aqui a ata da seção do dia 8 de setembro de 1894, data em que às 13 horas e 30 minutos,

M. de Saussure fait une communication sur l'accentuation de la langue lituanienne. Le siège de l'accent a été constamment déplacé d'une syllabe quand l'accent reposait sur une syllabe douce (dite par Kurschat *geschliffen*), elle-même suivie d'une syllabe rude (*gestossen*), et l'accent s'est porté dans ce cas sur la syllabe rude. On peut formuler la loi: « Douce tonique + rude atone donne douce atone + rude tonique ». Tous les schémas, jusqu'à présent fantastiques, de la déclinaison et de la conjugaison deviennent par-là soudainement simples. M. de Saussure en fait la démonstration sur la déclinaison de *žolė*, comportant quatre paradigmes toniques, dont il ramène toutes les formes à deux paradigmes, l'un mobile, l'autre immobile. M. Meillet constate que cette loi, donc M. de Saussure lui avait précédemment fait part, trouve très probablement aussi son application en slave, et la considère en conséquence slavo-lette par sa date (RPS, [1922], p. 60).

De acordo com a proposta de Monsieur de Saussure, os três contornos acentuais lituanos – grave, agudo e circunflexo – são características fonológicas que interagem com a posição da sílaba tônica na palavra. O linguista verifica que as palavras com a sílaba tônica na segunda posição apresentam um padrão tonal em comum. A segunda sílaba, no caso a tônica, apresenta uma entonação aguda sendo antecedida por uma sílaba átona com entonação grave ou circunflexa. Tal padrão contrasta com as palavras com a primeira sílaba tônica, visto que essas não apresentam esse padrão tonal. A sequência entre grave e agudo tônico ou circunflexo e agudo tônico sugere que é possível apresentar uma sistematização da acentuação lituana levando em conta os dois aspectos que estão manifestos no fenômeno observado.

Saussure afirma que os dados do lituano moderno nos levam a supor que num estado de língua anterior, todas as palavras desse idioma tivessem a primeira sílaba como tônica. Em um determinado momento da história dessa língua, no entanto, ocorre uma interação entre padrão tonal e posição da sílaba tônica. Segundo sua hipótese, o acento era expelido da sílaba com acento grave ou circunflexo e absorvido pela entonação aguda da sílaba seguinte; no caso, a segunda.

Tabela 15: Mudança do padrão acentual agudo lituano

Posição do acento: primeira sílaba Qualidade tonal: circunflexo	Posição do acento: segunda sílaba Qualidade tonal: aguda
* laĩkýti	laĩkýti

Fonte: Elaborado a partir de SAUSSURE (1922); JOSEPH (2009; 2012).

Aquilo que Kurschat havia interpretado como decorrente da existência de diferentes classes morfológicas, Ferdinand de Saussure interpreta como sendo o resultado de uma interação de elementos de um sistema que se modifica ao longo do tempo. Essa sistematização, que segundo Bally fora apresentada de modo magistral no congresso de 1894, nunca foi registrada pela pena de Saussure nas publicações oficiais do congresso. Ao contrário da expectativa de seus contemporâneos, Ferdinand de Saussure nunca enviou para os organizadores do evento a versão completa de um artigo.

A ausência desse texto é apontada por Joseph (2012) como decorrente de uma série de pequenos eventos que desviam os investimentos do linguista. Nesse período, entre os anos 1891 e 1896, Ferdinand de Saussure irá aos poucos abandonar suas atividades regulares nas instituições parisienses e assumir posições mais elevadas na Universidade de Genebra. Essa mudança de ambiente institucional faz com que o linguista já amadurecido se empenhe em produzir dois artigos na revista de maior prestígio dentro da comunidade de pesquisa linguística, a, *Indogermanische Forschungen*, organizada por Karl Brugmann e Wilhelm Streitberg. Conforme já mencionamos, esses dois textos são exemplares dos raros trabalhos de Saussure enviados à comunidade acadêmica germânica, e podem ser interpretados, conforme o faz Joseph (2009), como uma tentativa de Saussure para reaver a posição de sua tese sobre o vocalismo indo-europeu no seio da mais destacada comunidade científica de seu tempo. Passemos a um breve exame de tais textos.

O primeiro artigo, *Sur le nominatif pluriel et le génitif singulier de la déclinaison consonantique en lituanien*, é publicado em 1894, em um volume da revista dedicado a August Leskien, o professor responsável pela introdução de Saussure no estudo da língua lituana na universidade de Leipzig. Este texto não versa a respeito da acentuação lituana, mas é um trabalho muito interessante no qual podemos verificar como Ferdinand de Saussure desenvolvia um trabalho de análise textual para sustentar sua hipótese a respeito da desinência *-ns*. Essa desinência, que compõe as formas nominativas plurais e genitivas singulares, não contém nenhuma vogal, o que a torna um elemento anômalo comparadas com o restante das formas que compõem o rico sistema de declinações lituano ([RPS], 1922).

A argumentação apresentada por Saussure neste artigo tem como objetivo desqualificar a tese de Karl Brugman, sustentada em *Lituanische Volkslieder und Märchen* (1882). Segundo o neogramático de Leipzig, as formas *-ns* que estão presentes nas desinências lituanas do nominativo plural – *ākmens* – e no genitivo singular – *akmeñs* – seriam derivadas da forma *-ens*. Saussure, em total oposição, argumenta que a forma *-ens* seria inviável no lituano antigo, e aponta a reconstrução *-enes* como sendo a mais provável ([RPS], 1922).

Ainda que a discussão pareça muito pequena para os olhos contemporâneos, o artigo é uma leitura muito interessante, pois apresenta como Saussure manipula diversos textos dos séculos XV e XVI tendo o cuidado para não recair em inautenticidades linguísticas que povoavam os textos impressos em Königsberg e Vilnus. Muitos dos textos que serviam de fonte de informações a respeito da língua lituana haviam sido modificados por filólogos para que parecessem mais arcaicos, oferecendo, então, dados infieis para o leitor (JOSEPH, 2009).

Saussure, porém, afirma que é possível desviar de tais armadilhas quando se parte de uma análise do texto como um todo, pois levando em conta todos os dados oferecidos pela massa verbal, e não se detendo a formas específicas, é possível compreender o valor das formas articuladas pelo sistema, e assim detectar o que é coerente e o que seria uma interferência externa ao estado de língua no qual o texto foi produzido.

Avant tout on ne doit pas se départir de ce principe que la valeur d'une forme est tout entière dans le texte où on la puise, c'est-à-dire dans l'ensemble des circonstances morphologiques, phonétiques, orthographiques, qui l'entourent et l'éclairent (SAUSSURE, [1922]1894, p. 514).

Tomando o princípio do valor como norte, Ferdinand de Saussure avalia as formas das desinências verbais encontradas em textos produzidos em dois dialetos – Szyrwid e Dauksza – e os compara com dados de textos mais antigos escritos em prussiano antigo. Com base nessas consultas, o linguista elabora a forma *-enes* como sendo a mais próxima do valor necessário em um estado de língua anterior para engendrar as formas encontradas nos três grupos de dados examinados³³.

Já o segundo texto publicado na revista alemã, em 1896, apresenta-se como um trabalho de muito difícil acesso para o leitor contemporâneo. O artigo *Accentuation*

³³ Émile Benveniste cita tal procedimento saussuriano em seu texto *F. de Saussure à l'École des Hautes Études: Saussure avait déjà certainement dans l'esprit le principe qu'il formulera plus tard en discutant la valeur probante de certaines formes lituaniennes* : « Avant tout on doit ne pas se départir de ce principe que la valeur d'une forme est tout entière dans le texte où on la puise, c'est-à-dire dans l'ensemble des circonstances morphologiques, phonétiques, orthographiques, qui l'entourent et l'éclairent ». La notion de grammaire comparée, telle que Saussure l'a pratiquée dans ses leçons, consistait bien à comparer des grammaires, et non pas des formes isolées. (BENVENISTE, 1964, p. 30).

lituanienne, que encerra o conjunto de artigos saussurianos em torno da língua lituana, apresenta por definitivo a versão que Saussure oferece à comunidade científica de seu tempo para a elaboração de uma lei fonética.

Este texto é finalizado com uma nota de Saussure reclamando a autoria da lei que afirma que o acento lituano é atraído pela entonação aguda, visto que essa mesma sistematização da acentuação lituana era apresentada por M. H. Hirt na obra *Der indo-germanische Akzent*. Com medo de perder a autoria de sua lei fonética, Saussure se empenha em apresentar à comunidade científica de seu tempo, em especial ao grupo germânico, um exame detalhado que finaliza suas observações sobre o tema³⁴.

Neste texto, a correspondência que havia sido mencionada dois anos antes, em *À propos de la accentuation lituanienne*, entre o coeficiente sonante \bar{r} , forma engendrada pela vogal $*A$, e o acento agudo lituano não é mais abordada, apenas referida como conteúdo já desenvolvido. A argumentação do mestre genebrino consiste em expor a alteração ocorrida no sistema acentual lituano entre dois estados de língua. Apresentando as diferentes maneiras de estabelecer como sistema ao longo de um tempo unidirecional, Saussure organiza uma ampla porção da miríade de casos de acentuação móvel lituana.

Tal explicação parte da suposição de que num primeiro estado de língua, o sistema acentual lituano poderia ser descrito de maneira muito simples, visto que a sílaba tônica recairia sempre na primeira sílaba da palavra, podendo ser seguido de sílabas nas quais diferentes padrões tonais atuariam. Num segundo momento, anterior à deriva dialetal, esse sistema se modifica devido a uma interação entre sílaba tônica, o acento propriamente dito, e o padrão tonal das sílabas que seguem a sílaba tônica.

Conforme já apresentado em *À propos de l'accentuation lituanienne* e em sua comunicação no *X^e Congrès International des Orientalistes*, esses dois elementos interagem de modo que o acento agudo atrai para si a tonicidade da palavra. Como efeito dessa mudança fonética, visualizamos a existência dos acentos livres que percorrem os paradigmas das declinações lituanas, tal como apresentado acima. Com isso em mente, é possível verificar que o nominativo *dêvùs* e o genitivo *dêvas*, formas que anteriormente nos pareciam ser aleatoriamente atravessadas por um processo de acentuação e entonação, não se diferenciam devido a uma ação assistemática. Considerando que a forma nominativa atestada, num estado

³⁴ No texto publicado, a referência a Hermann Hirt é feita de modo a considerar o trabalho do seu colega alemão enquanto uma contribuição paralela à pesquisa da acentuação indo-europeia. No entanto, as correspondências entre Saussure e Meillet revelam o descrédito de Saussure em relação à obra desse linguista: *Hirt et son Ablaut me semblent comme vous le dites pécher surtout du côté de la faculté critique. En général un livre sur l'Ablaut devrait être compris d'une manière moins étriquée que n'est le cas dans la part des Allemands.* (BENVENISTE, 1964, p. 98).

anterior, deveria ter como correspondente **dêvus*, com a sílaba tônica na primeira posição, perceberíamos uma acentuação análoga à sua forma genitiva.

A formalização do que havia sido rastreada em diversos casos nos quais ocorre um *saut de l'accent* (SAUSSURE, 1922, p. 535), é acompanhada nesse texto por uma explicação sobre a diferença entre os sistemas acentuais do letão e do lituano. Se lembrarmos a carta de Saussure a Meillet, veremos mais uma linha de força que une as confissões a respeito das dificuldades epistemológicas da linguística às publicações feitas pelo mestre genebrino ao penetrar no centro da ciência institucionalizada que era a gramática comparada. Saussure pretendia em seu segundo artigo – obra que não foi publicada nos boletins da *Société Linguistique de Paris* – abordar tal diferenciação:

Le 2nd article terminera ce que je veux dire sur l'intonation et contiendra 2^o mes remarques sur l'accentuation lette, qui est (vous l'ai-je dit?) un effet de l'accentuation – sans rapport avec l'intonation lituanienne! (BENVENISTE, 1964b, p. 95).

O segundo artigo imaginado em janeiro de 1894 e anunciado na publicação que inaugura o ciclo de textos sobre o lituano é na verdade o texto que encerra a trajetória investigativa de Saussure em torno do lituano. Essa trajetória havia sido inaugurada por um jovem linguista que decide peregrinar entre aldeias da região báltica para colocar seu ouvido frente a um fenômeno que lhe escapa o entendimento.

Desse desacordo entre o ouvido genebrino e a fala dos camponeses lituanos nasce uma frustração que leva tal projeto de pesquisa para uma gaveta funda. Somente após um intervalo de treze anos, o objeto de pesquisa retorna aos textos produzidos pela linguista. O objeto que havia sido guardado torna-se uma massa inquieta, que exige o olhar do investigador para que sua caminhada investigativa possa avançar. A acentuação lituana apresenta ao linguista um fenômeno que exige novas formulações. É preciso separar tonicidade e entonação, é preciso que o linguista opere tal distinção e insira no universo que ele cria com suas análises uma entidade que represente tal distinção. O objeto clama por existência. O investigador, em seu manejo de formalizações busca, através da operação dos conceitos de que dispõe, elaborar um entendimento que abarque a existência de tal objeto. No caso examinado, é o acento de entonação aguda lituana que exige de Saussure toda uma nova abordagem que, para ser compreendida pelos seus pares, deverá passar pelo crivo da formalização compartilhada, ou seja, deverá ser registrada sob a forma de uma lei fonética.

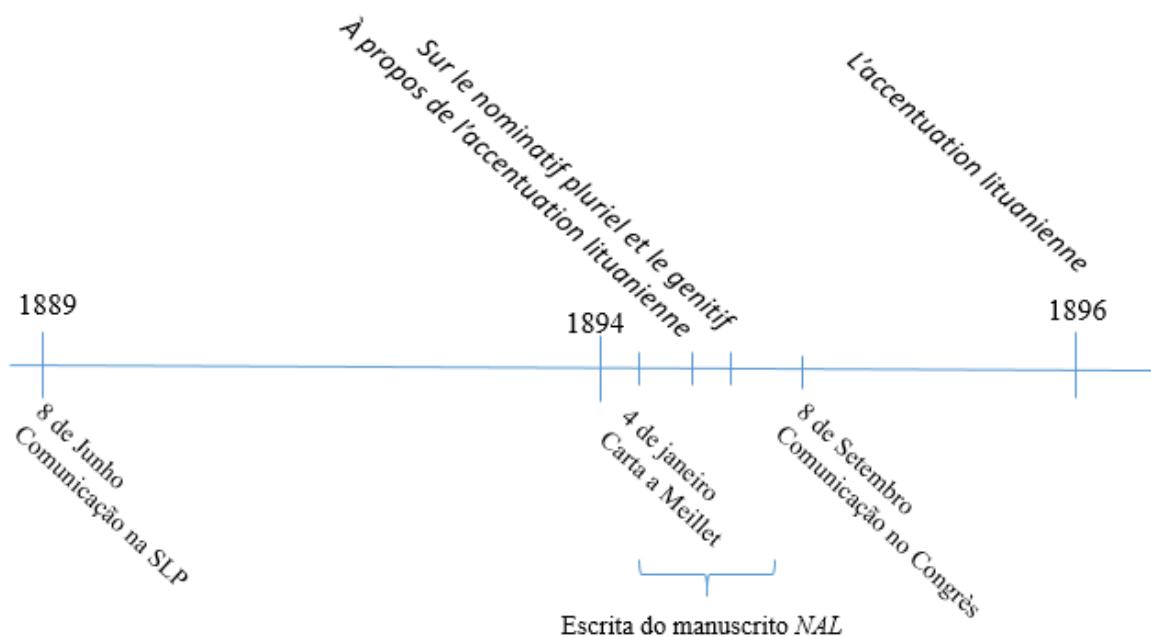
A leitura sequenciada desse conjunto de publicações feitas em vida por Ferdinand de Saussure nos permite juntar um conjunto considerável de informações sobre o fazer científico

tanto em termos externos, isso é, como se organiza a produção de conhecimento da gramática comparada em termos institucionais e entre pesquisadores, como em termos internos, isso é, como os dados e proposições apresentados pelos pesquisadores se articulam entre si. Tal coleta de informações quando amalgamadas nos oferecem um horizonte retrospectivo que permite localizar o pensamento saussuriano enquanto um evento da história das ideias linguísticas situado num ponto determinado do tempo. Essa consideração permite tomar toda a elaboração conceitual que será apresentada no capítulo seguinte como uma produção historicizada e não como um conjunto de proposições elaboradas em um universo habitado apenas pela faculdade humana do entendimento.

A saga do vocalismo primitivo indo-europeu iniciada pelo jovem Ferdinand de Saussure, porém, ultrapassa seu período de existência e assombrará um grupo de linguistas dedicados a investigar os possíveis parentescos entre as línguas indo-europeias e as línguas semíticas. Em 1927, Jerzy Kurylowicz (1895-1978), demonstra que na língua hitita, então recentemente descoberta, a forma *h* seria engendrada pela junção da vogal *^h com um certo repertório de coeficientes. Esse dado surge quase que miraculosamente como uma prova totalmente externa – inimaginável no tempo de Saussure – para transformar as álgebras dos coeficientes sonantes apontadas pelo jovem genebrino em dados diacronicamente observáveis (REICHLER-BÉGUELIN, 1997).

Toda essa grande peripécia investigativa para amarrar os dados da entonação lituana ao fio de Ariadne que derivaria da quarta vogal indo-europeia deixa claro o quão importante eram para Saussure suas pesquisas acerca da língua báltica. Saussure não é um investigador solitário frente a um objeto a ser desvendado de maneira inédita, mas um cientista imerso na rede de produção de conhecimento do seu tempo.

Todo esse exame nos permite localizar de maneira mais precisa o momento no qual Saussure produz os textos que compõem o conjunto de manuscritos NAL. Ainda sem contar com uma datação filológica, podemos inferir que tais textos tenham sido produzidos no mesmo período em que Saussure produzia seus artigos, preparava sua comunicação para o congresso em Genebra e refletia sobre a imensa tarefa de mostrar ao linguista o que ele faz. Esse conjunto de eventos pode ser demonstrado pelo seguinte esquema:

Figura 5: Linha cronológica de 1889 a 1896.

Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

Por esse panorama, fica claro que idioma lituano no corpus saussuriano não é um objeto periférico, mas crucial na trajetória de Saussure e na comunidade científica de seu tempo. O conjunto de textos manipulados acima nos oferece a imagem de um Saussure pouco conhecido na contemporaneidade, mas que revela a face de um praticante de uma ciência bem estabelecida. Conforme já apresentado na seção 2.3, toda imagem de uma ciência pronta recobre a face de uma ciência em ação. No caso do corpus saussuriano, a ciência linguística em ação pode ser lida nos escritos não publicados de Saussure. O manuscrito NAL, ao qual nos dedicaremos a partir de agora é o registro da atividade saussuriana que acompanhou a sua trilha pela gramática comparada enquanto uma ciência pronta.

5 EIXO EPISTEMOLÓGICO: A CIÊNCIA EM CONSTRUÇÃO NAS NAL

Chegamos, enfim, ao último capítulo desta tese, que será dedicado à apresentação epistemológica das *Notes sur l'accentuation lituanienne*. Ao longo da caminhada até aqui percorrida, tivemos a oportunidade de colher diversas informações e desenvolver reflexões para tornar essa tarefa mais consistente e produtiva. Para darmos continuidade ao trabalho, revisitaremos alguns pontos importantes dessa trilha investigativa que nos encaminham para a leitura do manuscrito.

Inicialmente apresentamos os referenciais teóricos que sustentam a *história das ideias linguísticas* enquanto um campo de pesquisas com o qual este trabalho estabelece uma aliança. Buscamos nesses referenciais um apoio para o desenvolvimento de uma compreensão do nosso objeto de análise através da articulação de duas abordagens: histórica e epistemológica.

A fim de situar historicamente a produção de conhecimento registrada no manuscrito de nosso interesse, buscamos identificar as diferentes imagens de pensamento que o nome de autor Ferdinand de Saussure projetou ao longo do século XX. Cientes de que o nome Ferdinand de Saussure instaura um caleidoscópio de retratos de pensamentos, muitas vezes colocados em disputa, não alimentamos o intuito de identificar na massa verbal do manuscrito NAL um núcleo seminal das ideias saussurianas, mas sim traçar aproximações e distanciamentos entre esse material e outros elementos do corpus saussuriano bem como com o material coletado na composição do horizonte retrospectivo do autor examinado nos capítulos anteriores.

Apoiamo-nos numa perspectiva historiográfica (KOERNER, 2014) para localizar nosso objeto de leitura no amplo terreno que abriga o desenvolvimento dos saberes linguísticos ao longo do tempo. Colocar em relação o objeto de nossa investigação com o devir histórico do conhecimento linguístico não tem como meta definir se a elaboração teórica que lemos nas NAL é marca de um rompimento com a linguística do século XIX ou de uma continuidade desse saber. Recorrer a tais diagnósticos interpretativos nos encaminharia para narrativas *convictas* ou *revolucionárias* de uma potencial teoria saussuriana (KOERNER, 2006). A perspectiva historiográfica que lançamos sobre o manuscrito em questão recobre uma porção muito delimitada do devir histórico que atravessa o saber linguístico. Os diagnósticos definitivos a respeito da posição de Ferdinand de Saussure na história da linguística não comparecem aos nossos objetivos. Buscamos sim examinar, por meio da

leitura das NAL, o modo como Saussure desenvolve suas reflexões teóricas enquanto está voltado para a pesquisa de um problema investigativo muito específico, que ocupou posição de destaque entre seus contemporâneos.

Conforme já mencionado, Quijano e Petit (2008), ao manipularem o material sobre a língua lituana que se encontra nos *Archives Ferdinand de Saussure*, afirmam que o manuscrito NAL possibilita a observação de como o mestre genebrino redigia suas reflexões sobre um tema bastante específico ao mesmo tempo em que desenvolvia suas ideias a respeito dos fenômenos linguísticos em geral. Os editores do manuscrito, Ludwig Jäger, Mereike Buss e Lorella Ghiotti (2003), sublinham da mesma forma o interesse teórico deste material, visto que ele contém *in nuce* os conceitos e questões que ocuparão uma posição central nos três célebres cursos de linguística geral do mestre genebrino, ministrados treze anos depois.

A leitura que faremos desse material busca identificar como Ferdinand de Saussure elabora um pensamento que dá sustentação a um modo específico de fazer ciência. Buscamos, portanto, produzir um exame descritivo da epistemologia saussuriana (AUROUX, 1980). Não nos interessa aqui fazer uma avaliação metodológica de tais proposições, nem compará-la competitivamente com outras propostas; nosso interesse está em apontar as singularidades dessa proposta científica relacionando-a com seu contexto histórico.

Na primeira parte desta tese, apresentamos a interpretação da ciência saussuriana tal como feita por Jean-Claude Milner a partir da leitura do CLG e de alguns textos secundários. Esse pesquisador identifica em Ferdinand de Saussure tanto uma continuidade da gramática comparada do século XIX, que posteriormente tomou a forma rígida de uma ciência galileana, como uma avaliação crítica dessa prática científica que culmina com a elaboração de uma matriz aristotélica para o desenvolvimento de outras produções de conhecimento em torno da linguagem no século XX. Em nossa leitura, carregaremos conosco as ferramentas analíticas propostas por Milner para identificação de produções discursivas galileanas – matematização, experimentação e falseabilidade – bem como aquelas que apontam para um saber aristotélico: *themata*, axioma, teorema.

Entretanto, não almejamos de modo algum travar um cabo de guerra entre *galieianismo* e *aristotelismo* que tome as NAL como território de disputa. Tal empreendimento partiria do equívoco inicial de tentar encontrar no manuscrito saussuriano uma proposta fechada de prática científica. Para não ser tragado por essa miragem, Johannes Fehr (2006) nos apresentou a perspectiva da *ciência em ação*, tal como proposta por Bruno Latour (2001), como uma boa tática para ler os textos escritos pela própria pena saussuriana. Ler as NAL sob a perspectiva da *ciência em ação* nos permite observar as estratégias

epistemológicas que Ferdinand de Saussure toma para construir o objeto da ciência que buscava colocar em prática. Desse modo, podemos espiar como que por uma fresta o trabalho de artesanato científico no qual Saussure se dedica a lapidar – de maneira parcial – a matéria da linguagem que se manifesta por um fenômeno específico a fim de forjar um objeto passível de ser apreendido pelo entendimento científico.

Assim como nessa correspondência, no manuscrito NAL observamos o desgosto que o linguista experimenta ao trabalhar com as ferramentas conceituais disponíveis para o fazer científico estabilizado em seu tempo. *Acento, tom, palavra, diferença, língua*, todos esses termos e muitos outros são examinados através de um questionamento que busca lapidá-los em ferramentas conceituais para o desenvolvimento de uma linguística consciente de suas próprias concepções e operações. Esses fragmentos, cuja leitura não é em nada facilitada, possibilitam enxergar a grande preocupação do então mestre genebrino em esclarecer as operações intelectuais que estão em ação quando um investigador se dedica a um tema de linguagem. Aproximando-nos do registro de sua própria pena, podemos dizer que Saussure se dedica, nesses manuscritos, a apresentar ao linguista, através da imagem do *grammairien*, o que ele faz.

A investigação sobre o apontamento da existência das entidades do universo linguístico será feita levando em consideração a trilha percorrida por Ferdinand de Saussure em torno da língua lituana, tal como consta no terceiro capítulo. O manuscrito NAL foi produzido provavelmente após a escrita de seu primeiro artigo, *À propos de l'accentuation lituanienne*, que tanto tardou em ser entregue a Louis Duvau, aluno responsável pela preparação do sétimo boletim da *Société de Linguistique de Paris*. Neste mesmo período, Ferdinand de Saussure preparava sua comunicação que seria realizada no dia 8 de setembro no *X^e Congrès International des Orientalistes*, evento esse que engendra a inscrição da *lei de Saussure* no hall das grandes formulações da gramática comparada. Cientes do atravessamento de todos esses fatores que circundam a produção do manuscrito NAL, poderíamos dizer, de maneira geral, que na seção que iremos aqui apresentar é possível ler uma reflexão de múltiplas direções, sobre as quais poderiam ser traçadas diferentes linhas de força argumentativa a ligar os diferentes eventos mencionados.

Visto que iremos nos ater a uma porção específica do manuscrito, nos dedicaremos a traçar nesse emaranhado de ideias o encaminhamento da construção do tom e do acento enquanto objetos de um estudo linguístico. Os fragmentos textuais das NAL apresentam a necessidade de se considerar o *tom* e o *acento* enquanto entidades linguísticas, ou seja, entidades relacionais cujos valores só podem ser determinados quando considerados no

sistema da língua. Há, portanto, nesse texto a abertura do caminho que culmina com o chamamento da *língua* para ocupar uma posição central no universo das entidades gramaticais.

Ferdinand de Saussure, lembremos, está imerso nos problemas que envolvem os pesquisadores da gramática comparada nas últimas décadas do século XIX. A determinação da *língua* como objeto final da ciência linguística é, portanto, uma atitude epistemológica vinculada às pesquisas linguísticas elaboradas por Saussure e por seus contemporâneos. Nas décadas anteriores, a gramática comparada havia sido capaz de estender o domínio dos saberes positivos para fenômenos muito específicos observados nas línguas indo-europeias, no caso, as correspondências fonéticas.

Atendo-se às verificações elaboradas a partir de exames filológicos, as mudanças fonéticas passaram a ser rastreadas e a ter uma história registrada em proposições formalizadas que vieram a assumir a forma de leis. Dedicando-se a desenvolver métodos cada vez mais precisos para produzir as proposições que estenografassem as formas fonéticas, os comparatistas se desviam das questões a respeito do estatuto dos elementos que são rastreados. Há instrumentos, há métodos, há formalizações; porém, não há consenso algum sobre o objeto que se manipula com tais instrumentos, métodos e formalizações³⁵ (BOUQUET, 2003).

Fugindo da compreensão de que os elementos estenografados pelos comparatistas seriam hábitos articulatórios, Ferdinand de Saussure propõe uma compreensão de que tais elementos devem ser entendidos como entidades linguísticas, isto é, como unidades funcionais de um objeto maior, denominado língua. Na maioria das vezes, a proposta saussuriana é lida a partir do signo enquanto o conceito correspondente às unidades funcionais da língua; é esse o caso das leituras produzidas por Milner (1987) bem como de inúmeros outros investigadores (NORMAND, 1978; 2010; CULLER, 1979; GADET, 1987). No nosso caso, o material textual que será nosso foco não apresenta em momento alguma reflexão sobre o signo linguístico. O foco do material que temos em mãos é a determinação do tom e do acento enquanto entidades de um sistema linguístico. Conduziremos nossa leitura tomando como base a reflexão sobre como esses dois elementos podem ser considerados como

³⁵ Ainda que no manuscrito NAL não encontremos referências explícitas aos trabalhos desenvolvidos pela gramática comparada, outros manuscritos saussurianos apresentam um exame crítico explícito a respeito da ausência de objeto definido sobre o qual atua o gramático. Lemos na nota 1. [*Linguagem – Língua – Fala*] dos *Novos Documentos*, editada por Simon Bouquet, o seguinte questionamento: “O movimento da escola fundada por François Bopp, no começo desse século, não considerava a linguagem em sua característica, em seu valor, sob o aspecto de fenômeno, em sua essência. Seria isso negligenciar, em sua natureza, o objeto que pretendia tratar, uma censura que hoje lhe é feita com frequência?” (SAUSSURE, 2004, p. 116).

elementos linguísticos, ou seja, submetidos à ordem da língua. Isso não significa que uma correspondência entre o que se verifica neste manuscrito a respeito das unidades de um sistema linguístico e o que se lê em outros textos a respeito do signo não tenha valor. Evidentemente tal relação é pertinente e rende reflexões muito produtivas, porém não será esse o caminho de nossa análise.

5.1 A EDIÇÃO DAS NAL E SUAS POSSIBILIDADES DE LEITURA

O texto nomeado *Notes sur l'accentuation lituanienne* encontra-se atualmente conservado na *Bibliothèque Publique et Universitaire de Genève* sob o registro *Ms.fr.3953*, que compreende um conjunto de 327 folhas, ou 654 páginas, de notas manuscritas por Ferdinand de Saussure.

Ainda que parte deste material tenha sido disponibilizada há pouco tempo para o grande público leitor, sua existência já é reconhecida pelos pesquisadores da filologia saussuriana há algumas décadas. Robert Godel, no fim dos anos 50, organizou pela primeira vez o material em cinco pastas e numerou as folhas que o compõem. Esse pesquisador sistematizou os textos da seguinte maneira: a primeira pasta contém as folhas 1-64; a segunda, 65-132; a terceira, 133-205; a quarta, 206-255; a quinta, 256-327 (NAL, [2003]).

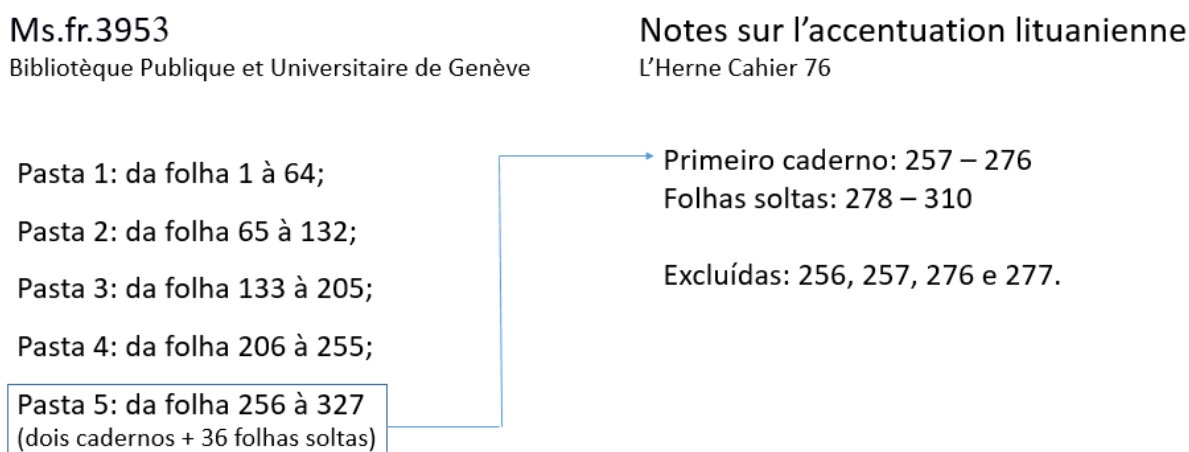
Godel supunha que tais registros teriam sido a base de reflexões para o segundo artigo que Saussure havia deixado *à suivre* ao final de *À propos de l'accentuation lituanienne*, publicado em 1894. A interpretação dos editores dos manuscritos é distinta. Dado o fato de que o manuscrito conta com um esboço da estrutura de um livro, que é referida diversas vezes ao longo das páginas e reenvia um suposto leitor para parágrafos e capítulos anteriores, os editores sustentam a hipótese de que tal material estaria sendo elaborado para figurar em uma publicação mais longa, um provável livro sobre a acentuação em geral, e não em um artigo específico sobre a acentuação da língua lituana (NAL, [2003]).

O trabalho aqui desenvolvido tomou como corpus de análise as *Notes sur l'accentuation lituanienne* tal como publicadas no *Cahier 76*, dedicado a Ferdinand de Saussure da revista *L'Herne*, em edição dirigida por Simon Bouquet. Na quinta seção da revista, intitulada *Textes de Saussure*, encontra-se uma série de textos manuscritos editados por diferentes investigadores do campo saussuriano. O texto que está disponibilizado na revista sob o título *Notes sur l'accentuation lituanienne* não corresponde às mais de 500 páginas que estão arquivadas na biblioteca genebrina; somente uma parcela desse material foi editada pela equipe de investigadores e publicizada nesta edição da revista.

O material que compõe o texto disponibilizado na revista *L'Herne* foi extraído da quinta pasta previamente organizada por Godel, ou seja, aquela que contém o intervalo entre as folhas 256 e 327. Essa pasta, por sua vez, é composta de dois cadernos e 36 folhas soltas. Foram editados e publicados o primeiro caderno, que compreende o intervalo entre as folhas 257 e 276, bem como as folhas soltas que compõem o intervalo entre 278 e 310. Desse conjunto estão excluídas as folhas 256 e 277, que apenas dividem os manuscritos da quinta pasta em duas seções e contêm indicações bibliográficas, provavelmente aí inseridas por Godel, bem como as folhas 257 e 276, visto que nelas estão registrados os esboços das cartas que permitiram a datação do material.

Este complicado caminho originado no papel riscado por Saussure e finalizado na quinta seção do *Cahier 76* da revista *L'Herne* pode ser esquematizado da seguinte forma:

Figura 6: Diagrama do processo editorial das NAL



Fonte: Elaborada pelo autor (2016).

A datação do material foi possível graças aos rascunhos de cartas – a primeira endereçada ao *Ministère de l'Instruction Publique du Royaume d'Italie*, a segunda a M. Moncalda, bibliotecário em Palermo – que permitem fazer uma inferência da data em que o material foi escrito. De acordo com Jäeger et all (2008), o primeiro caderno pode ser datado com segurança de maio de 1894. Essa datação permite situar com mais precisão o período de cinco meses que separa a carta de Saussure a Meillet e os textos produzidos sobre o fenômeno acentual.

O conjunto total das folhas que compõe as NAL, ou seja, o intervalo entre as folhas 257 e 310 com as devidas exclusões, estão organizados em 21 conjuntos textuais. Para que

seja possível visualizar tal sistematização, trazemos na tabela abaixo uma descrição de tais conjuntos, relacionando o seu número de registro na Biblioteca de Genebra com o título dado pelos editores do material.

Tabela 16: Correspondência entre referências bibliotecárias e títulos dados pelos editores das *NAL*

	Referência Bibliothèque Publique de Genève	Título dado pelos editores (NAL, [2003])
I	Ms. fr. 3953, f.257-276	[Réflexions phénoménologiques sur l'accent]
II	Ms. fr. 3953, f. 278-279	[Quel est l'objet des différentes disciplines linguistiques ?]
III	Ms. fr. 3953, f.280-281	[Quel est l'objet d'une étude de l'accent ? – Malentendu et pièges]
IV	Ms. fr. 3953, f.282-284	[La physique et la grammaire de l'accent]
V	Ms. fr. 3953, f.285-286	[La question de l'objet d'étude en linguistique et en autres sciences]
VI	Ms. fr. 3953, f.287	[Le grammairien, que doit-il étudier en traitant l'accent]
VII	Ms. fr. 3953, f.288-289	[L'étude de l'accent dans son rapport au mot]
VIII	Ms. fr. 3953, f.290-291	[Les rapports accent – langue et accent – mot]
IX	Ms. fr. 3953, f.292-293	[Pièges terminologiques : « l'accent »]
X	Ms. fr. 3953, f.294-295	[Caractères intrinsèques et extrinsèques de l'accent (1)]
XI	Ms. fr. 3953, f.296	[Caractères intrinsèques et extrinsèques de l'accent (2)]
XII	Ms. fr. 3953, f.297-298	[Caractères intrinsèques et extrinsèques de l'accent (3)]
XIII	Ms. fr. 3953, f.299-300	[Le caractère différentiel de tout fait linguistique]
XIV	Ms. fr. 3953, f.301	[Éléments constitutifs du mot et la « différence »]
XV	Ms. fr. 3953, f.302	[Fragments sur les caractères de l'accent]
XVI	Ms. fr. 3953, f.303	[Le grammairien et l'étude de l'accent]
XVII	Ms. fr. 3953, f.304	[Le mot et ses éléments différenciatifs]
XVIII	Ms. fr. 3953, f.305-306	[Les différentes langues et l'accent en tant que phénomène morphologique]
XIX	Ms. fr. 3953, f.307	[Illusions du grammairien traitant de l'accent]
XX	Ms. fr. 3953, f.308	[L'accent comme fait morphologique]
XXI	Ms. fr. 3953, f.309-310	[L'étude de l'accent, est-elle complète dès le présent ?]

Fonte: Elaborado a partir de NAL [2003].

O bloco textual I Ms. fr. 3953, f.257-276, intitulado *Réflexions phénoménologiques sur l'accent* corresponde ao primeiro caderno que se encontra na quinta pasta do arquivo.

Como é possível ver, ele é o conjunto textual de maior extensão, com 19 folhas. Além dessa diferença de volume textual, nessa porção do arquivo encontramos um vocabulário terminológico e algumas propostas de matematização do fenômeno acentual que ficam restritas a esse conjunto de folhas.

O restante do arquivo, do bloco II ao XIX apresenta certa homogeneidade quanto à formatação. Os blocos textuais foram produzidos em pequenos conjuntos de até três folhas e neles não se verificam as matematizações que encontramos nas notas encadernadas, com exceção do bloco XX.

Com relação ao conteúdo desses textos, diversas são as possibilidades de apresentação. O tema da acentuação é tratado ao longo de todo o material, no qual são abertas reflexões para um exame crítico do que poderia sustentar um estudo do fenômeno acentual bem como de qualquer outro fenômeno linguístico. Se fossemos desenhar as linhas dessa trajetória reflexiva obteríamos um emaranhado de proposições articuladas numa teia bastante densa.

A edição que encontramos na revista *L'Herne* é antecedida de uma *Table de matières* elaborada pelo próprio Saussure, o que sustenta a hipótese dos editores de que o linguista planejava escrever um livro extenso sobre o tema, e não apenas um artigo como supunha Godel. O suposto livro seria dividido em quatro seções que abordariam o tema da fenomenologia do acento, algumas reflexões epistemológicas sobre o objeto da linguística e a organização dessa disciplina, seguidas de questionamentos sobre a terminologia empregada. Os editores das NAL organizaram uma correspondência entre os conteúdos apontados por Saussure nessa *Table de matières* com o escrito nos blocos textuais numerados pelo sistema da Biblioteca de Genebra. O resultado desse cruzamento de dados, que pode ser conferido na reprodução que segue, revela as inúmeras possibilidades de leitura de tal material.

Tabela 17: *Table de matières de NAL*

Phénoménologie de l'accent
Phénomènes pansyllabiques et phénomènes oligosyllabiques [I]
L'accent e son rapport avec le mot [III; V; VI; VII; IX; X; XII; XVI; XX; XXI]
Le rapport mot-syllabe et syllabe accent [I; V]
L'accent en tant que phénomène morphologique [XVIII; XX]
Caractères intrinsèques et extrinsèques de l'accent [X; XI; XII]
« Nature de l'accent » et « phonation de l'accent » [II, III]
Réflexions épistémologiques concernant l'objet de la linguistique
L'objet d'étude de la linguistique et l'objet donné en soi [I;V]
L'objet d'étude : la question du substratum [I ; XIII]
L'objet d'étude : sa constitution différentielle [III ; XIII ; XIV ; XVII]
L'objet d'étude : le point de vue synchronique (état de langue) [I ; II; IV]
L'objet d'étude : le point de vue idiosynchronique [II]
L'objet d'étude : le point de vue diachronique [I ; II ; IV]
L'objet d'étude : le point de vue panchronique [I ; II]
Réflexions épistémologiques concernant la discipline de la linguistique
Critique de la science contemporaine : la phonologie [I]
Critique de la science contemporaine : la morphologie [II;III;V;X]
Le grammairien et l'étude de l'accent [V;VI;XVI ; XIX]
Morphologie = grammaire [IV ; V]
Phonétique / théorie de la phonation [III ; V]
Réflexions sur des questions terminologiques
Morphologie / grammaire [II ; IV]
Phonation / phonétique / théorie de la phonation [II ; III ; IV]
Accent : « nature de l'accent » et « phonation de l'accent » [I ; III ; IX ; XVIII]

Fonte: Elaborado a partir de NAL [2003].

Se observarmos, por exemplo, o bloco textual I, que compreende as folhas do primeiro caderno, vemos que seu texto desenvolve os temas das quatro seções da *Table de matières*. O mesmo pode ser afirmado para os blocos II, III, IV. Por outro lado, blocos textuais como o XIX são alocados em apenas uma das seções do livro em potencial. Se observarmos em que pontos aparecem todos os blocos, veremos que as NAL tomam a forma de um caleidoscópio textual, no qual é possível ingressar por diversas portas e percorrer inúmeras trajetórias.

5.2 LEITURA ANALÍTICA DAS NAL

Optamos por produzir nossa leitura do manuscrito em dois momentos. Primeiramente realizaremos uma apresentação analítica de algumas porções de destaque seguindo linearmente a ordem de numeração das folhas presentes na edição em questão. Para tanto, seguiremos a ordem dos títulos dados pelos editores que podem ser lidos na Tabela 16.

Essa análise, que foca algumas passagens do manuscrito, nos permitirá observar como Saussure faz uso de termos específicos, sugere reformas terminológicas, identifica problemas e apresenta possíveis soluções. Deve-se ressaltar que essa análise descritiva deriva da leitura de um material bastante fragmentário, que não entrega diretrizes interpretativas claras para o investigador. Tal característica, evidentemente, estará manifesta no texto que aqui se organiza. A análise que propomos fazer não tem como objetivo suprimir as marcas das interrupções e dos brancos que figuram no manuscrito saussuriano. O texto resultante dessa leitura terá, portanto, um ritmo variado, que acompanha os saltos ligeiros e as paradas repentinas que as frases deixadas por Saussure sugerem.

Concluída essa etapa do nosso trabalho, retornaremos ao manuscrito para uma segunda leitura. Se, anteriormente, havíamos seguido a ordem linear das folhas para produzir uma análise descritiva de alguns pontos, nessa segunda leitura buscaremos elaborar uma interpretação sintética – seguindo a organização proposta na *Table de matières* - daquilo que havíamos exposto com detalhe. Tal fechamento terá como objetivo fazer um balanço interpretativo do modo de produzir ciência que foi possível de identificação nesse contato com as NAL em comparação com a interpretação que Jean Claude Milner faz da epistemologia saussuriana.

É preciso atentar para o fato de que alguns dos blocos textuais das NAL não serão aqui apresentados, visto que a apresentação total do manuscrito ultrapassaria os limites desta empreitada. Porém, mesmo que ausentes, é interessante apresentar para o leitor desta tese os motivos de tais ausências.

Alguns desses trechos ausentes nos escapam a compreensão, como é o caso dos textos das folhas 295 – 298 a respeito das características intrínsecas e extrínsecas do acento. Outros se apresentam tão fragmentados que a derivação de interpretações a partir deles parece uma tarefa extremamente ousada, para a qual não há critérios investigativos seguros. Entre propor uma interpretação forçada e apontar para uma dificuldade, optamos sempre pela segunda opção.

A ausência anunciada dessas porções textuais do manuscrito investigado coloca em evidência a parcialidade deste trabalho. Esse diagnóstico é positivo, pois está adequado à compreensão de *ciência em construção* que aqui empregamos criando a possibilidade de uma *interpretação em construção*, que não se quer definitiva. A incompletude deste trabalho deixa em aberto um território considerável para que novas investigações venham a ser produzidas em torno do que podemos ler no corpus de Ferdinand de Saussure.

5.2.1 Leitura analítica I: As folhas encadernadas

Conforme mencionado anteriormente, as folhas encadernadas que compõem as NAL diferem das demais em alguns aspectos. Primeiramente, uma simples folhada no material possibilita verificar que nessa porção do manuscrito há uma maior presença de esquemas, tabelas e outras notações matematizadas. Além disso, as folhas desse conjunto apresentam diversos riscos que dividem a página manuscrita em porções menores, o que evidencia o caráter fragmentário dessa parcela do manuscrito.

Para além desses aspectos formais que seriam mais bem examinados por uma crítica genética com os originais em mãos, as folhas encadernadas apresentam uma maior homogeneidade na maneira como Ferdinand de Saussure registra a evolução de seu raciocínio. Todos os blocos textuais abordam o problema de tomar alguns caracteres silábicos – timbre, tom, acento, quantidade – enquanto objetos de um estudo. Somente em uma passagem muito bem anunciada por parênteses, o linguista abre espaço para construir uma reflexão sobre as propriedades gerais das entidades linguísticas. Fora isso, ele se mantém restrito ao tema dos caracteres silábicos.

Devido à permanência desse tema ao longo das folhas, é nessa porção do manuscrito NAL que podemos ver uma ligação estreita entre o que é ali desenvolvido é o que foi publicado no artigo *À propos de l'accentuation lituanienne – intonation et accentuation proprement dit* (1894). Ainda que não encontremos no manuscrito exemplos de análise ou referências às especificidades da acentuação lituana, encontramos no texto registrado pela pena de Saussure a reflexão que subjaz em seu artigo inicial sobre o tema, no qual está defendida a necessidade de analisar o fenômeno acentual da língua báltica com base na relação estabelecida entre *acento* e *entonação*. Lembremos que diferentemente de seus antecessores – Schleicher e Kurschart – Saussure afirmava que a entonação é um aspecto de toda a sílaba lituana, independentemente da quantidade, que era colocado em relevo pelo acento. Nos manuscritos que examinaremos, Saussure se empena em apontar o *tom* como um

elemento necessariamente *pansilábico*, e o *acento* como um elemento vinculado à ordem da *palavra* e não à sílaba.

Para darmos início à apresentação do material, reproduzimos a seguir a primeira folha com registro do conjunto disponibilizado pelos editores. Num primeiro olhar, temos a impressão de que a folha apresenta apenas fragmentos, mas uma leitura atenta do material nos revela o início de um raciocínio que perdura nas folhas seguintes.

I Ms. fr. 3953, f.257-276

[3] À insérer : La somme des phénomènes d'une langue ne se résoud donc pas en certains phénomènes partiels et certains phénomènes pansyllabiques, également indépendants ; mais ou bien en une somme de phénomènes pansyllabiques tous []

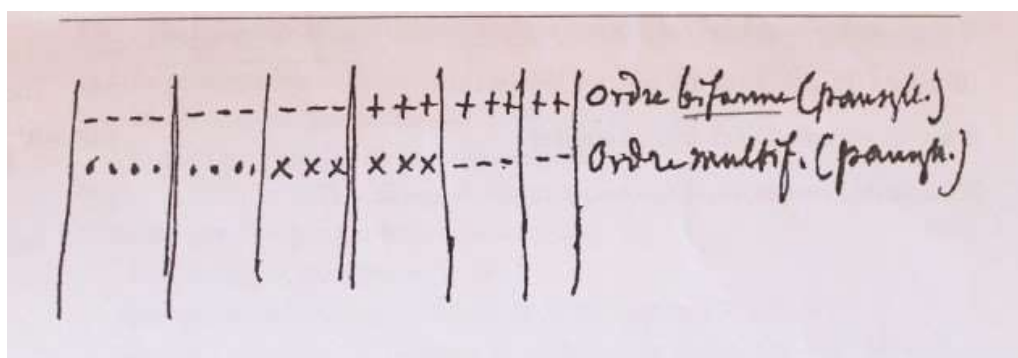
Renverser en disant : mais ce qui est tout cas faux, c'est [] phénomènes pansyllabiques et d'autres partiels qui pourraient être restés coordonnés, délimités d'après le même principe.

À la fin du §: Il reste à faire une correction. Nous avons dit qu'on était libre []. Oui, si l'ordre comprend plus du minimum de différence, qui est deux termes. Ainsi le timbre comprenant ordinairement 10, 12, si ce n'est 20, 30 variations, on peut étudier le timbre ü ou l'opposition u-ü, u-ü-ö sans s'occuper de la notion du timbre pansyllabique.

Phénomène de la quantité : Le phénomène c'est qu'il y ait un timbre, par opposition à une chose coordonnée.

Le phénomène c'est qu'il y a une [] ci [] (NAL, [2003], p. 328).

Figura 7: I Ms. fr. 3953, f.257-276



Fonte: NAL, [2003], p. 328.

Ainda que esta seja a primeira folha integral das NAL que apresentamos nessa tese, devemos ter consciência de que ela está imersa num conjunto textual maior. As expressões que iniciam as três primeiras frases – *à insérer*; *renverser em disant*; *à la fin du §* – permitem

interpretar tais notas como possíveis ajustes que Saussure planeja executar em algumas passagens do manuscrito que, para os leitores, permanecem ocultas.

A frase que deveria ser inserida nessa passagem nos revela o quão adiantado está o pensamento de Ferdinand de Saussure nessa porção do arquivo: *La somme des phénomènes d'une langue ne se résoud donc pas en certains phénomènes partiels et certains phénomènes pansyllabiques*. É esta afirmação, ainda que negativa, que servirá de porta de entrada para nossa leitura.

Saussure afirma que a soma dos fenômenos de uma língua não resulta em alguns fenômenos parciais, isso é, presentes em algumas sílabas, e alguns os fenômenos *pansilábicos*, presentes em todas as sílabas. Afirmar essa junção de fenômenos silabicamente parciais e outros onipresentes seria, segundo leremos, incorrer num equívoco. No terceiro parágrafo iniciado nessa folha, lemos uma observação sobre o timbre vocálico.

Enquanto fenômeno silábico, o timbre vocálico pode apresentar um amplo número de variações. Visto que ele possui diferenças (duas ou mais), é possível afirmar que ele constitui uma ordem de diferenças. É possível, então, estudar um timbre específico, no caso, *ü*, que nada mais é do que um fenômeno parcial, assim como é possível estudar as oposições *u-ü* e *u-ü-ö*, ou seja, como esse fenômeno parcial se distingue dos demais fenômenos da ordem. Tudo isso pode ser executado sem se ocupar do que seria o *timbre* enquanto fenômeno *pansilábico*, ou seja, um fenômeno que atinge todas as sílabas de uma língua. A articulação entre os termos *fenômeno pansilábico* e *fenômeno parcial*, *ordem* e *variação* será retrabalhada e modificada em diversas passagens do manuscrito.

Abaixo dos fragmentos de textos examinados, encontramos a primeira figura do manuscrito. As quatro figuras que encontramos nas NAL são todas muito semelhantes em sua organização: são compostas por divisões espaciais linearmente dispostas, dentro das quais encontram-se notações matematizadas; nas bordas à esquerda, encontramos anotações mínimas.

A figura reproduzida acima pode ser interpretada como a representação matematizada de uma análise de duas cadeias silábicas de seis elementos. Os símbolos - ; + ; • ; x realizam uma literalização matematizada do real, visto que eles elaboram uma escrita que permite tomar o que é notado em virtude de suas regras próprias e não do que eles designam (MILNER, 1995).

Ao lado do esquema de notação matematizada da cadeia silábica, Saussure insere duas observações. Na linha superior lemos: *ordre biforme (pansyla.)*; na linha inferior, *ordre multif. (pansyla.)*. Trata-se apenas de uma divisão de como a ordem pansilábica pode ser

classificada. Para ordens que abarcam duas variações – como seria o caso de uma língua com apenas dois timbres *ü* e *u* – temos uma ordem biforme. Para ordens que abarcam um maior número de variações – uma língua com os timbre *ü* ; *u* e *ö* – temos uma ordem multiforme. Essa divisão será retomada em outras partes do manuscrito.

Avancemos algumas folhas do manuscrito, e encontraremos duas passagens nas quais as articulações entre *fenômeno pansilábico* e *fenômeno parcial*, *ordem* e *variação* são retomadas e modificadas.

Primeiramente, é importante observar nesses fragmentos que o termo *phénomène*, empregado no fragmento anterior, divide espaço com outros termos – *fait* e *élément* -, o que acusa uma gradual mudança de abordagem do problema. Ao longo do manuscrito como um todo, é possível perceber um abandono da palavra *phénomène* e a estabilização de *élément* como um termo indicar do objeto de estudo.

Em segundo lugar, os dois fragmentos selecionados apresentam um movimento retórico. O fragmento [5] apresenta um problema metodológico na organização dos elementos pansilábico e dos particulares; o fragmento [6] apresenta reformulação terminológica que permitiria sanar tal problema. Vejamos:

I Ms. fr. 3953, f.257-276

[5] 2. Sans considérer du tout ce qui vient d'être considéré, partons de la syllabe [] et analysons tout ce qui la constitue.

Ce serait un certain nombre de [] généraux, mais non un certain nombre d'éléments généraux auxquels s'ajoute arbitrairement ça et là des éléments particuliers [], c'est à dire que si le [] est 4, il n'y a aucune syllabe qui puisse présenter 4 + 1, on s'apercevra que c'est toutes les syllabes demandent 5.

Ce qui est la même chose que lorsque nous affirmions qu'il n'y a aucun phénomène *partiel* qui ne rentre dans une distinction générale, laquelle sera *pansyllabique* par le nombre des cas.

[6] Tout ce qui est dans un état de langue est à *la fois* (en des sens différents) pansyllabique & oligosyllabique ; il n'y a rien qui puisse être 1° *purement pansyllabique*, ou 2° *purement oligosyllabique*.

Un fait *purement pansyllabique* équivaldrait à l'absence dudit fait. Par exemple si on dit que *toutes* les syllabes ont la même quantité dans une [langue], de manière qu'il n'y a pas lieu d'opposer des oligosyllabismes à d'autre sous le rapport de la quantité, il ne reste plus qu'à supprimer la notion de quantité elle-même : tout l'ordre de différentes quantités, []

Un fait *purement oligosyllabique* ne peut pas davantage se trouver []

En distinguant phénomènes pansyllabiques, ce ne sont pas deux espèces de phénomènes [] (NAL, [2003], p. 329).

Saussure inicia essa passagem das NAL, apresentando um possível método de trabalho. Ainda que não seja possível abarcar tudo o que deva ser considerado, é preciso partir da sílaba e analisar o que a constitui. Dessa primeira ação são obtidos um certo número de elementos gerais e um certo número de elementos particulares, o que nos leva para o problema que havia sido registrado no fragmento [3]: “La somme des phénomènes d'une langue ne se résoud donc pas en certains phénomènes partiels et certains phénomènes pansyllabiques” (NAL, [2003], p. 328).

A negação de tal descrição dos fenômenos de uma língua é refeita: “Ce serait un certain nombre de [] généraux, mais non un certain nombre d'éléments généraux auxquels s'ajoute arbitrairement ça et là des éléments particuliers”(NAL, [2003], p. 329). Numa língua pode-se afirmar que há elementos gerais, mas não é possível afirmar que há um conjunto de fenômenos gerais aos quais são somados elementos particulares.

Essa descrição de como são organizados os elementos que compõem uma língua é registrada por Saussure numa tradução matematizada: “c'est à dire que si le [] est 4, il n'y a aucune syllabe qui puisse présenter 4 + 1, on s'apercevra que c'est toutes les syllabes demandent 5” NAL, [2003], p. 329). Se as sílabas de uma língua apresentam quatro elementos que as compõe, não se pode admitir que a algumas delas seja adicionado um elemento particular. Essa proposição geral, como veremos, é essencial para o estudo da acentuação, visto que o acento pode vir a ser considerado – erroneamente, segundo Saussure – como um elemento silábico que se faz presente apenas em algumas sílabas. Para Saussure, todo elemento silábico – mesmo que sendo presente em apenas algumas sílabas – deve ser capaz de integrar uma ordem de elementos pansilábico, ou seja, uma ordem de diferenciação que pode vir a ser manifesta em toda sílaba.

O fragmento [6], como já dito, apresenta uma reorganização dos termos *élément particulier e phénomène pansyllabique* que permite desfazer o problema metodológico que havia sido apontado no fragmento anterior. Para tanto, Ferdinand de Saussure faz uso de um novo termo – *oligosilabique* - para acompanhar o descritor *pansillabique* no exame de fatos e fenômenos linguístico.

Enquanto no fragmento [3], o linguista registra a impossibilidade de compreender a língua como uma soma de “phénomènes partiels et certains phénomènes pansyllabiques”, o fragmento [6] desfaz tal problema ao afirmar que “Tout ce qui est dans un état de langue est à la fois (en des sens différents) pansyllabique & oligosyllabique”. O uso do aditivo &, sem

outra ocorrência nesse manuscrito, sugere a necessidade do linguista em marcar tal proposição decisiva que afirma a necessidade de que os componentes de um estado de língua se façam presentes enquanto elementos de uma ordem pansilábica manifestada de modo oligossilábico.

Dada a afirmação da necessidade de os elementos da língua ocuparem tanto a esfera do particular como a do geral, Saussure sublinha tal necessidade apontando que ocorre quando se evidenciam os casos negativos, ou seja, quando elementos são apenas pansilábicos ou apenas oligossilábicos.

Para apresentar o que seria um fato puramente pansilábico, ou seja, destituído de manifestação particular, Saussure toma o exemplo da *quantidade*, que será repetido diversas vezes nas NAL. Em línguas nas quais a quantidade vocálica não apresenta uma variação distribuída entre as sílabas, visto que todas apresentam a mesma quantidade – como é o caso das línguas românicas –, é preciso dizer que tal característica está suprimida. Se não há a possibilidade de opor os *oligossilabismos*, a ordem de diferenças, o *elemento pansilábico*, da quantidade, não existe³⁶.

Ao apresentar o complemento de sua reflexão – o que seria um fato puramente oligossilábico –, Saussure nos deixa um fragmento de difícil leitura: “Un fait *purement oligosyllabique* ne peut pas davantage se trouver [] En distinguant phénomènes pansyllabiques, ce ne sont pas deux espèces de phénomènes []”. De momento, deixemos tal questão em aberto, visto que ela se tornará mais compreensível quando chegarmos ao fragmento [12], na qual a impossibilidade de existência dos elementos puramente oligossilábicos é apresentada.

Para finalizar a apresentação analítica deste fragmento, é interessante retomar as modificações terminológicas operadas por Saussure para o desenvolvimento de uma análise dos componentes silábicos. Ainda que não tenhamos encontrado algum segmento que possa ser identificado como uma definição de fenômeno pansilábico ou particular, podemos relacioná-lo com os outros “constructos conceituais”.

Por *fait pansyllabique*, encontramos a exemplificação de que “*toutes les syllabes ont la même quantité dans une [langue]*” (NAL, [2003], p. 329), de modo que podemos

³⁶ A distinção que Saussure propõe nas NAL entre características puramente pansilábica e características valables reaparece em diversos pontos de seu corpus. Numa passagem do *Apêndice de Fonologia* do CLG, Saussure dá a *expiração* o mesmo tratamento que é dado à *quantidade* nas NAL: “Mas enumerar esses fatores de produção do som não é ainda determinar os elementos diferenciais dos fonemas. Para classificar estes últimos, importa menos saber em que consistem que saber o que os distingue uns dos outros. Ora, um fator negativo pode ter maior importância para a classificação que um fator positivo. Por exemplo, a expiração, elemento positivo, mas que intervém em todo ato fonatório, não tem valor diferenciador; ao passo que a ausência de ressonância nasal, fator negativo, servirá, do mesmo modo que sua presença, para caracterizar os fonemas”. (CLG [1991], p. 54).

compreender que uma constatação proposicional assume a forma de um *fait*. Esse fato é manifestado pelos *éléments généraux* e *éléments particuliers*, que são um produto da análise da sílaba e podem ser matematizados através de uma literalização específica.

A proposição de que tudo que se faz presente num estado de língua é ao mesmo tempo pansilábico e oligossilábico, obriga que os termos dessas duas colunas estejam em uma relação de dependência. Só há ordem pansilábica na medida em que há uma expressão dessa por meio de elementos particulares. Tal constatação é expressa de maneira resumida e fragmentada no topo da folha [7], que é nosso próximo ponto de parada.

I Ms. fr. 3953, f.257-276

[7] Un phénomène pansyllabique a pour []

1° de contenir dans sa notion des faits oligosyllabiques sans quoi il n'existe pas pour son compte

2° []

Par le *nombre des cas* où il se vérifie (par la surface qu'il couvre), un phénomène – absolument quelconque, pourvu qu'on le prenne dans un état de langue défini – est *partiel* ; ou ne l'est pas.

À un point de vue complètement indépendant du premier, savoir si nous avons eu raison d'appliquer telle ou telle distinction en essayant de le délimiter, ce phénomène sera *sui generis*, irréductible en son espèce, ou sera réductible à un autre [] (*selon notre estimation*).

Simplement pour montrer la compète indépendance des deux questions, nous citerons l'exemple de *l'accent tonique*, [... ?] *partiel* par la surface qu'il couvre, mais dont on hésitera [](NAL, [2003], p. 329).

O fragmento [7] apresenta a primeira aparição do *acento* no manuscrito. Ele aparece aqui como uma exemplificação do que poderia ser um fenômeno parcial, um fato oligossilábico, visto que ele recobre apenas uma porção das sílabas. Esse fato *purement oligosyllabique*, conforme o iniciado no fragmento [6], é inviável em um estado de língua, visto que todo elemento oligossilábico deve ser compreendido como a manifestação de uma variação possível dentro de uma ordem de diferenças passíveis de serem manifestadas em todas as sílabas. O acento, em sua parcialidade, não encontra uma ordem pansilábica à qual estaria submetido.

As possíveis soluções para a compreensão do acento são apresentadas no fragmento [8].

I Ms. fr. 3953, f.258

[8] ce qui établit la notion des faits pansyllabiques, qui est double []

(2) On pourra opposer l'accent tonique (v. plus haute), à la fois oligosyllabique et irréductible. La solution fautive (au premier moment lumineuse) consistera à dire que l'accent tonique se réduit à une opposition pansyllabique entre *atonés et toniques*, - car alors et à ce taux, il n'y a pas de raison de ne pas dire pour tout fait oligosyllabique comme *ü* qu'il établit un *ordre* consistant dans l'opposition de ce qui est *ü* et de ce qui n'est pas *ü*. Mais la véritable solution consiste tout simplement dans ce fait que l'accent n'a jamais été une différence concernant la syllabe, qu'elle implique FONDAMENTALEMENT [], c'est à dire que *accent* ne signifie rien (pour un état de langue), si on ne dit pas que c'est un moyen de différence entre deux MOTS, [9] qu'en outre ce moyen de différence consiste simplement à ce que soit la syllabe n° 1 plutôt que 2, ou n° 2 plutôt que 3, qui se trouve distinguée. L'accent (dans un état de langue) est un *numéro*. Ce numéro est réglé sur l'unité *mot*. L'accent fait pour le mot de pouvoir distinguer as syllabe 3 de 1 et 2, ou 1 de 2 et 3, est ce qui constitue absolument tout (NAL, [2003], p. 329-330).

Para o tratamento do acento – *oligosilábico e irredutível* a uma ordem pansilábica – Ferdinand de Saussure apresenta duas possíveis soluções. Uma solução enganosa seria propor uma oposição pansilábica entre elementos *átonos* e *tônicos*. Tal procedimento, porém, implicaria modificar o tratamento do timbre, anteriormente identificado como uma ordem de oposição pansilábica, para uma oposição centrada em um elemento oligossilábico como o timbre *ü*, por exemplo, acompanhado de suas oposições. Tratar-se-ia de apostar no binarismo como única possibilidade para as ordens pansilábicas.

A solução verdadeira para o tratamento do acento, segundo Saussure, seria considerá-lo não como um elemento silábico, mas como um meio de diferenciação entre duas *palavras*. As ordens pansilábicas de timbre e quantidade possibilitam que seus elementos oligossilábicos operem uma diferença entre as sílabas. Não é isso o que ocorre com o acento, pois a distinção *átono -ônico* não está regida no interior da sílaba, mas sim na palavra em que tal distinção é operada.

Assim sendo, o acento produz na palavra a possibilidade de diferenciar-se de outra por meio de uma distinção de uma das sílabas de seu encadeamento. Ainda que se manifeste na sílaba, o acento é uma marcação que operada na palavra. Essa operação pode ser matematizada, segundo Saussure, como um *número*, ou seja, como uma simbolização de sua qualidade distintiva de uma das sílabas em uma determinada posição dentro da palavra. O

aspecto posicional do acento, em oposição a sua suposta função de característica silábica, será retomado mais adiante³⁷.

O fragmento 12, que segue abaixo, marca algumas mudanças relevantes no modo como o manuscrito é composto. Embora ele seja antecedido de um possível título “Établissement du phénomène pansyllabique en partant du *phénomène*”, não encontramos nesse texto nenhuma ocorrência da palavra fenômeno, e no deparamos com diversos empregos da palavra elemento para dar continuidade à marcha das ideias em estado de construção. Trata-se de uma mudança terminológica relevante, pois ela acompanha o início de um pensamento interessado na determinação das entidades que seriam capazes de habitar o universo da língua, ou seja, o terreno de trabalho do linguista.

I Ms. fr. 3953, f.258

Établissement du phénomène pansyllabique en partant du *phénomène*

[12] *Élément pansyllabique uniforme.* -

Lorsqu'un élément se trouve 1^o présent dans *toutes les syllabes*, 2^o une forme *identique dans toutes*, c'est le signe qu'il n'existe pas, qu'il est formellement *absent* pour le linguiste ou pour la langue. Il continue à exister pour le phonologiste, parce que c'est le propre de la phonologie de se placer *hors de la langue* (par oppos. à la *phonétique* & à la *grammaire*) – Soit p. ex. la *quantité* identique pour toutes les syllabes d'un idiome, la quantité n'existe pas comme élément de cette langue. N'existant pas, elle ne peut pas être entre autres un attribut des syllabes.

Un élément n'existera, pour commencer qu'à l'instant où on peut donner une signification différentielle (impliquant *quelque* différence). Ce n'est pas [], c'est l'abc de la []. Voyons *quelle* différence.

³⁷ No Apêndice de Fonologia do CLG, encontramos duas passagens nas quais é possível verificar como o linguista considera infrutíferas as abordagens que consideram o acento como um elemento silábico: “E. Sievers foi o primeiro a estabelecer que um som classificado entre as vogais pode não dar a impressão de vogal (vimos que, por exemplo, *y* e *w* não são mais do que *i* e *u*); quando, porém se pergunta em virtude do que ocorre a dupla função ou o duplo efeito acústico (pois o termo “função” não quer dizer outra coisa), responde-se tal som tem função conforme receba ou não o “acento silábico”.

Trata-se de um círculo vicioso: ou bem tenho a liberdade, em qualquer circunstância, de dispensar a meu grado o acento silábico que cria as soantes, e então não há motivo para chama-lo silábico em vez de soântico; ou, se o acento silábico tem algum sentido, será porque aparentemente ele se justifica pela sílaba. Não apenas não se enunciam tais leis, mas dá-se a essa quantidade sonântica o nome de “silbenbildend” (“formadora de sílabas”), como se, por sua vez, a formação da sílaba dependesse de tal acento” (CLG, [1991], p.72).

Mais adiante, encontramos uma exemplificação de sua exigência: “Em palavras francesas do tipo *meutrier*, *ouvrier* etc., os finais *-trier*, *-vrier* não formavam outrora mais que uma sílaba (fosse qual fosse, aliás sua pronuncia; cf. p.69, nota). Mais tarde, começou-se a pronunciá-las em duas sílabas *meu-tri-er*, com ou sem hiato, isto é *-trie* ou *triye*). A troca se produziu, não colocando um “acento silábico” sobre o elemento *i*, mas transformando sua articulação explosiva em articulação implosiva” (CLG, [1991], p. 77).

Élément pansyllabique uniforme (y compris le cas où il est simplement biforme) – Un tel élément 1° a l'avantage de preuve « existe » (v. plus haut) ; 2° est du reste condamné [13] à ne pas représenter un *caractère* des syllabes (= terme de différenciation), puisqu'il est présent dans toutes indistinctement ; il ne représente donc vis-à-vis de la syllabe [qu'] un *attribut* ; vis-à-vis [] qu'une *classe de caractères* ou ORDRE DE DIFFÉRENCIATION.

Par ex. la *quantité* « N'EXISTE » d'abord que depuis l'instant où elle n'est pas un élément identique pour toutes les syllabes ; mais *existant* depuis ce moment, et existant *comme élément dans toutes* les syllabes, elle n'est forcément pas pour elle un terme de différenciation, elle é un ORDRE *dans lequel* les syllabes ont un moyen de se différencier, peuvent se caractériser.

Élément oligosyllabique (pluriforme ou non). Par opposition aux éléments pansyllabiques, un élément oligosyllabique, bien ou mal délimité, et quel qu'il soit, constituera toujours pour les syllabes qu'il frapper un caractère (*terme de différenciation*).

En effet de deux choses l'une :

Ou bien cet élément *rentre* dans un des ordres de DIFFÉRENCIATION correspondant à un élément pansyllabique (v. plus haut) : par exemple la *quantité moyenne* sera (dans l'ordre de la QUANTITÉ) un des *termes* de différenciation, donc un caractère.

Ou bien l'élément oligosyllabique ne *rentre* dans *aucun ordre* dépendant []. Alors c'est indirectement, mais non moins efficacement, qu'il deviendra un caractère en s'AJOUTANT pour certaines syllabes aux éléments constants comme la *quantité* (NAL, [2003], p. 330-331).

Outra importante mudança terminológica que pode ser verificada nesse fragmento diz respeito ao emprego dos verbos que acompanham a palavra *elemento*. Diferentemente dos fragmentos que tratavam dos fenômenos e dos fatos linguísticos que faziam uso da construção *il y a*, este fragmento em torno dos elementos linguísticos emprega e destaca o verbo *existir*. Ao invés de simplesmente apontar para os acontecimentos que podem ser verificados no mundo enquanto percepções sensíveis – o que caracterizaria um fenômeno – Saussure está empenhado em determinar que elementos se fazem presentes para a língua, ou seja, que elementos têm existência num sistema linguístico.

O exame do que possibilita a existência de um elemento é feito em duas etapas, tomando a cada momento um tipo de elemento. Primeiramente, Saussure se dedica ao exame dos elementos pansilábicos uniformes, ou seja, presentes em todas as sílabas sob uma única forma. Esse tipo de elemento se faz ausente para a língua, visto que é incapaz de produzir diferenciações. Para o linguista, que se interessa pelo que existe no terreno da língua, tal elemento é inexistente. O exemplo que Saussure escolhe para ilustrar um elemento pansilábico uniforme é mais uma vez a quantidade vocálica, visto que tal característica, ainda que possa

ser verificada enquanto elemento silábico, não produz diferenciação e permanece apenas como uma ordem, isso é, um meio de diferenciação em potencial³⁸.

Ainda que o elemento pansilábico uniforme não exista no terreno da língua, ele pode seguir sua existência para quem está situado do lado de fora. A figura do pesquisador habitante do exterior da língua é, para Saussure, a do *fonologista*.

É necessário frisar que seguindo o vocabulário de sua época Ferdinand de Saussure emprega os termos fonética e fonologia de maneira distinta da atual. A gramática comparada alemã estava interessada no estabelecimento de leis *fonéticas*, ou seja, de formulações matematizadas que permitissem rastrear a mudança dos elementos sonoros das línguas ao longo do tempo. O termo *fonética* refere-se, portanto, a esse tipo de abordagem do material linguístico. O termo *fonologia*, por sua vez, é empregado por Saussure como um equivalente ao que se denomina na academia alemã como *Lautphysiologie*, uma investigação se ocupa dos modos de produção da fala enquanto atividade articulatória³⁹.

A distinção entre o trabalho do fonologista e do linguista é feita por Saussure com base numa metáfora de localização espacial. O linguista – praticante da fonética e da gramática – situa-se no interior da língua e, portanto, é capaz de perceber os elementos que manipula enquanto unidades linguísticas. O fonologista, por não tomar seus elementos enquanto unidades de um sistema, situa-se no exterior desse terreno. Vemos aqui a primeira indicação da tarefa de um linguista: situa-se no lado de dentro da língua.

Após apresentar a impossibilidade de existência do elemento pansilábico uniforme para o linguista, Saussure se dedica a um exame do elemento oligossilábico. Esse elemento, que recobre apenas uma parcela das sílabas de uma língua, é capaz de produzir com sua

³⁸ A insistência de apontar a quantidade vocálica enquanto um elemento pansilábico uniforme ausente enquanto elemento linguístico atravessa diversos pontos das NAL. Curiosamente, encontramos outras passagens no corpus saussuriano no qual tal característica silábica é avaliada de modo idêntico. No manuscrito *Sobre a dupla essência da linguagem*, a seção 22b, intitulada *Princípio fundamental da semiologia*, podemos ler: “QUANTIDADE: É indiferente saber se numa língua, *ā* vale duas vezes a duração de *ã* ou três vezes, ou uma vez e meia, ou uma vez e um terço. O que é capital, é saber que *ā* não tem a mesma duração de *ã*. Será igualmente de toda importância saber que entre *ā* e *ã* se coloca uma terceira quantidade, que vale menos do que *ā* e mais do que *ã*; mas é uma falsa suposição pensar que é indispensável fixar quanto vale essa quantidade média – absolutamente ou com relação à *ā* e à *ã*. Fundamentalmente, a língua repousa sobre diferenças. Menosprezar esse fato, obstinar-se atrás de quantidades positivas é, eu acredito, se condenar a continuar, de uma ponta à outra do estudo linguístico, ao largo do fato verdadeiro, e do fato decisivo em todas as diversas ordens em que somos desafiados a considerar a língua. Nem é preciso dizer que não se trata de considerar inúteis as pesquisas que contribuem para fixar exatamente nossos conhecimentos” (ELG, [2004], p. 66).

³⁹ A equivalência entre fonologia e *Lautphysiologie* pode ser verificada no seguinte trecho “Nota: O termo fonologia compreende, para nós, o que geralmente entendido, na Alemanha, sob o nome de *Lautphysiologie*. Nós não vamos dissertar aqui sobre a precisão das denominações numa língua ou em outra; é essencial dizer, apenas que toda questão fonológica é, para nós, situada absolutamente FORA DA LINGUÍSTICA, com mais razão ainda *fora da fonética*, que é uma parte determinada da linguística; e que os termos FONOLOGIA e fonética, além de não poder se confundir, não podem nem mesmo se opor” (ELG, [2004], p. 153).

presença uma diferenciação. Porém, a sua capacidade de produzir diferença deve pertencer a uma determinada ordem de diferenciação. Esse vínculo pode ser estabelecido de maneira direta, como no caso da quantidade média. Ela seria um elemento oligossilábico pertencente à ordem de diferenciação da quantidade vocálica, um elemento pansilábico. Desse modo, o elemento oligossilábico exerce sua potência de diferenciação de acordo com uma ordem e não de modo aleatório.

O problema maior reside nos casos em que é possível identificar um elemento oligossilábico produtor de diferença – como o acento -, porém, não encontramos um elemento pansilábico que possa cumprir o papel de uma ordem de diferenciação. Saussure sentencia que o elemento oligossilábico deve ou entrar para uma ordem diferenciadora de maneira direta, como exemplificado com a quantidade, ou deve se submeter a um elemento pansilábico de modo indireto, isso é, vinculando-se a características silábicas constantes.

Podemos intuir nessa passagem um vínculo estreito com o modo pelo qual Saussure propunha um tratamento do acento lituano em seu primeiro artigo publicado. Ao distinguir acento e entonação, Saussure está manipulando uma distinção entre elementos oligossilábicos e pansilábico, respectivamente. Vejamos:

Il ne s'agit décidément plus, sous ce nom, d'explorer un fait qui accompagne en lituanien l'accent tonique, mais un fait qui accompagne la QUANTITE LONGUE. Les intonations sont une partie intégrante de la prosodie des syllabes lituaniennes ; elles ne sont dans aucun rapport nécessaire avec l'accent. Qu'il y ait des influences (très importantes comme on le verra) de l'intonation sur l'accent, et de l'accent sur l'intonation, c'est possible : de même il y a des influences de l'accent sur le vocalisme, et il ne 'ensuit pas que vocalisme et accent soient des sujets naturellement connexes. L'intonation, il est vrai, nous demeure cachée en syllabe atone ; elle ne devient visible (directement) qu'à la faveur de l'accent qui la rend intense. C'est par là, simplement, que ce dernier élément joue, à titre d'informateur, un rôle inévitable et continuel dans la recherche. (RPS, [1928], p. 491)

Saussure alega que na língua lituana o acento tônico, elemento oligossilábico, é um fato que acompanha a quantidade longa. As entonações, por outro lado, estão presentes em todas as sílabas lituanas, sendo, portanto, um elemento pansilábico multiforme. O acento, portanto, torna-se um elemento da língua lituana na medida em que acompanha a quantidade longa, ou seja, na medida em que se submete à ordem de diferenciação que esse elemento pansilábico possibilita.

Ao organizar sua proposta de análise da sílaba, Saussure emprega em alguns momentos expressões como “*analysons tout ce qui constitue la syllabe*” que são retomadas por “*décomposition du contenu des syllabes*”. Supõe-se assim que o que constitui a sílaba seria o seu conteúdo. No fragmento [16] encontramos o registro de um exame crítico da expressão *contenu* para se referir ao que é o objeto de uma análise silábica. Essa crítica terminológica sublinha a necessidade do linguista de apontar para o caráter imaterial do seu objeto de estudo⁴⁰.

I Ms. fr. 3953, f.262

[16] (1) Nous disons bien le *contenu*. En effet, quand on aura distingué le timbre, la quantité etc, il ne restera dans la syllabe AUCUN RÉSIDU. C'est ici l'éternel malentendu et la sempiternelle illusion : se figurer qu'il existe fût-ce un atome de substratum dans la langue. Autant vaudrait se figurer qu'une partir d'échecs tien à l'ivoire dont sont fit les pièces ou au bois dont est fait le damier. Il ne restera dis-je absolument rien d'une syllabe pour la langue, quand on l'aura décomposée en tant de qualité (valables pour la langue parce qu'elles créent ou une différenciation ; ou non valables parce qu'elles ne créent pas de différenciation). - C'est pourquoi en général, on doit affirmer l'existence d'une nouvelle synonyme scientifique en linguistique: *L'élément* devenant la même chose que le *caractère* ; ce qui est *constitutif* d'une chose, n'étant jamais rien de plus ni rien d'autre que ce qui la *différence* d'une autre; mais en outre, et par là même, aucune chose n'étant même définie avant de voir si l'ensemble des différences tend ou autorise à en faire au moins un *terme* (je ne dis pas un *être*) qui aura des caractères, dont on pourra dire sans absurdité qu'il est capable d'en []

Si c'est [] c'est en revanche une capitale simplification de savoir une fois pour toutes qu'il n'y a plus à s'inquiéter de la distinction chimérique entre une *chose* et ses *propriétés, qualités, caractères*, attributs etc. Et que le *contenu* d'une syllabe est donc purement ce qu'elle contient de différent ou de capable (NAL, [2003], p. 331-332).

Se considerarmos a ordem linear das NAL, o fragmento acima é o primeiro trecho no qual Saussure se afasta da especificidade do estudo do acento como uma suposta característica silábica para se deter em reflexões mais amplas a respeito da constituição do objeto linguístico em geral. Curiosamente, tudo se inicia com uma crítica terminológica, mas alcança importantes repercussões na sua maneira de descrever as particularidades do objeto da linguística.

Segundo Saussure, falar de uma análise do conteúdo da sílaba, das características que a compõem – seu timbre, sua quantidade, seu contorno tonal – faz supor que por traz dessas

⁴⁰ A proposta de sinonímia entre *elemento* e *característica* é registrada de modo muito semelhante por Saussure em outro ponto de seu corpus: “2º para o fato linguístico, *elemento* e *característica* são eternamente a mesma coisa. É próprio da língua, como de todo *sistema* semiológico, não admitir nenhuma diferença entre o que distingue uma coisa e o que a constitui (por que as “coisas” de que se fala aqui são signos, que não têm outra missão, essência, além do fato de serem distintos) (ELG, [2004], p. 224).

características exista um provável resíduo material, uma espécie de substrato no qual fosse possível localizar os átomos da língua. Essa suposição de um fundo material da língua é, para o linguista genebrino, uma das principais ilusões nas quais costumam cair os investigadores dos fenômenos linguísticos.

A suposição de um fundo material da linguagem é derivada de uma manipulação frouxa da terminologia utilizada nos estudos linguísticos. A identificação de uma característica em um elemento faz supor a possibilidade de que tal elemento tenha uma existência para além de tal característica. Porém, quando tomamos de modo radical o fato de que os elementos linguísticos são imateriais, devemos modificar a maneira como manipulamos as palavras *elemento* e *característica*.

Saussure sugere – e é uma das raras sugestões terminológicas explícitas que encontramos em sua pena – a formulação de uma sinonímia científica. Para fim de estudos linguísticos, os termos *elemento* e *característica* são empregados para designar uma e a mesma coisa. Tal equivalência ocorre pelo fato de que os elementos linguísticos são destituídos de um substrato atômico, ou seja, não tem existência ancorada em uma materialidade, mas podem ser identificados como tais graças às suas características diferenciais. Um elemento, não sendo uma coisa material, é apenas a soma de suas características.

Essa sinonímia científica que abole de vez qualquer referência à materialidade dos elementos linguísticos faz surgir no manuscrito saussuriano as marcas da elaboração ainda em estágio embrionário dos conceitos chaves para a *teoria do valor*.

Negando qualquer substrato atômico para os elementos linguísticos e restringindo-os à soma de suas características, Saussure insere em seu texto o adjetivo *valable* para caracterizar as qualidades nas quais um elemento pode ser analisado. Uma qualidade *valable*, segundo o texto, é uma qualidade que cria diferenciação; uma qualidade *non valable* é aquela que não o faz.

Ao igualar o elemento às suas características, numa atitude antiessencialista, Saussure reserva para o elemento linguístico um regime de existência muito restrito: não dispondo de uma materialidade na qual se sustente, ele se mantém enquanto unidade na medida em que se diferencia de outro elemento. Visto que são as qualidades *valables* as que possibilitam tal diferenciação, a determinação de um elemento é feita com base no que ele tem de *valable*.

Os fragmentos [26], [27] e [28] dão corpo ao último bloco textual das folhas encadernadas a que nos dedicaremos. O fragmento de maior extensão, [26], nos é apresentado de maneira explícita como um parêntese – uma parada na marcha da escrita – que abarcará uma reflexão acerca de um objeto inédito até este momento do manuscrito: *la langue*.

I Ms. fr. 3953, f.268

[26] 1. (Simple parenthèse prenant la langue). D'un bout à l'autre de son domaine, non seulement en syntaxe comme en phonétique, mais ce qui est autant important : e une époque commune, il doit être évident que les QUALITÉS que la linguistique attribue à ses ENTITÉS, son strictement la même chose que la *somme de différences* par où une entité s'écarte d'une autre, ou des autres. Malheureusement les ENTITÉS qu'on aura posées, à leur tour, n'échappent pas à cette loi, c'est-à-dire qu'elles ne sont jamais autre chose, sans exception, qu'un LIEU DE DIFFERÉNCES se présentant à notre esprit, plutôt qu'un autre, parce qu'il est un NOEUD, à la fois compréhensif en sa diversité, de différences *ultérieures* et logiquement justifiable en son unité par les différences *antérieures*. Ce qui ne se produit à aucun moment, c'est qu'on aperçoive dans cet océan de différences, de caractères, de qualités, même le plus imperceptible élément (de *sens*, ou de forme) qui pourrait indirectement leur constituer un *substratum*. La linguistique est donc *hors* de l'analogie des autres sciences en général, parce que les objets dont celles-ci s'occupent son out immédiatement définis sans analyse ou finalement définis pas l'analyse, mais qu'en linguistique, il n'y a jamais un SEUL objet, même par analyse existant en lui-même.

[27] Autre rédaction : Ceci contient tout, y compris le principe final de la linguistique et du langage. Mais il s'agit d'une application très simple, et limitée aux choses qui nous occupent : []

[28] Analyser une syllabe *dans ses éléments*, ce n'est donc pas du tout chercher ce qui s'y trouve au fond, et ce qui a toujours été indifférent aux linguistes (contrairement à l'illusion desdits), en outre i[] (NAL, [2003], p. 334).

Diferentemente da maior parte dos fragmentos anteriores que lidam com especificidades da análise silábica, os fragmentos finais das folhas encadernadas versam sobre uma generalização da análise linguística. O fragmento [26] faz uso de uma série de imagens para descrever uma concepção da constituição dos elementos linguísticos. Tomando a língua em um mesmo recorte temporal, Saussure insiste na necessidade de manter a sinonímia científica entre os termos *entidade* e *característica*. A ideia de que uma entidade linguística nada mais é do que as características que a compõem é retomada aqui pela descrição da entidade como um *lieu de differences* que se apresentam ao nosso espírito⁴¹.

Destituída de materialidade, a entidade linguística é apresentada como o ponto de convergência de características *valables*, ou seja, capazes de produzir diferença.

⁴¹ Somos tentados a interpretar na detecção da imaterialidade do elemento linguístico um primeiro embrião da *tese da arbitrariedade do signo linguístico*. Tal interpretação, no entanto, exige uma série de cuidados, visto que ela é elaborada com base nos conceitos de significado e significante, que estão presentes no corpus saussuriano de datação mais recente. A hipótese de interpretação é tentadora e deve ser investigada num trabalho futuro.

Diferentemente do fragmento [16], nesse ponto do manuscrito Saussure adiciona um aspecto importante para a caracterização da entidade linguística. Sustentada por sua capacidade de se diferenciar, a entidade deve produzir diferenças que sejam perceptíveis ao espírito humano. Ainda que não encontremos no manuscrito – e em parte alguma do corpus saussuriano – uma indicação de um entendimento do que seria o *esprit*, é necessário destacar que o vínculo com a esfera do mental é suposto como uma característica necessária de um elemento linguístico.

Havíamos afirmado que somente aquilo que produz diferença passa a existir na língua. Tal afirmação ganha, com a leitura desse fragmento, um complemento: somente o que produz diferença perceptível pela mente humana pode vir a existir no território da língua. Tal consideração, ainda que forme um detalhe, faz com que o linguista situe seu objeto de estudo no terreno das coisas mentais e se afaste da ilusão de que pode trabalhar com coisas materiais⁴².

Uma outra figura que Saussure emprega para descrever o elemento linguístico é a do *nó*. De maneira muito mais obscura que a caracterização anterior, o linguista afirma que o local de diferenças perceptíveis ao espírito é um *nó*, ao mesmo tempo compreensível na sua diversidade de diferenças *ulteriores* e logicamente justificável em sua unidade pelas diferenças *anteriores*. Diversidade e unidade parecem montar aqui um jogo dialético cuja interpretação, nesse estágio da pesquisa, resultaria desastrosa.

O que nos parece ser digno de nota é o fato de que Saussure localiza esse obscuro *nó* acompanhado de um *oceano de diferenças, características e qualidades* que não são produzidas em momento algum. Esse manancial de *diferenças, características e qualidades*, ainda que não sejam produzidas, existem enquanto virtualidades, pois no momento em que se tornarem perceptíveis ao espírito, podem vir a constituir de maneira indireta um substrato para a produção da diferença.

No final do fragmento somos devolvidos a uma passagem de mais fácil compreensão, na qual encontramos o primeiro de muitos trechos do manuscrito no qual se apresenta de maneira sintética a especificidade do objeto de estudo da linguística. A linguística, segundo Saussure, não encontra paralelo com nenhuma outra ciência, pois essas se ocupam de objetos que são ou imediatamente definidos – ou seja, que dispensam da tarefa de análise -, ou são definidos ao fim por meio de uma análise. Em linguística, porém, nada disso ocorre, pois não

⁴² O vínculo entre a esfera do *espírito* como ponto de percepção do *elemento linguístico* será essencial para Saussure na invenção do termo *significante*: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreite*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato” (CLG, [1991], p. 80).

se encontra em local algum – nem mesmo após a sua análise – um objeto isolado, ele sempre se apresenta sustentado pelo que lhe produz diferença.

5.2.2 Leitura analítica II: primeira porção das folhas soltas

Neste momento nos dedicaremos a apresentar as folhas que estão compreendidas entre os blocos II e V, ou seja, as primeiras oito folhas soltas (278 - 286) no conjunto de papéis não encadernados inseridas na pasta número cinco organizada por Robert Godel.

De acordo com os títulos atribuídos pelos editores, encontramos nesse material quatro blocos textuais que compõem de maneira fragmentária uma reflexão sobre a definição do objeto de um estudo linguístico. Este tema, frequente tanto no corpus saussuriano quanto nas discussões investigativas que o circundam, aparece aqui de maneira um tanto peculiar.

Diferentemente do que lemos nos parágrafos do CLG ou nos textos do ELG, que apresentam os recortes de um objeto da linguística geral, este manuscrito apresenta um percurso reflexivo que se inicia no questionamento acerca do objeto de um estudo sobre a acentuação. Junto a essa reflexão bastante específica, imersa na produção científica de Saussure, funda-se a necessidade de elaborar um pensamento a respeito das condições necessárias para que um material linguístico em geral se torne objeto de estudo.

Esse encadeamento de ideias permite costurar uma continuidade entre o trabalho do mestre genebrino atrelado às investigações da gramática comparada de seu tempo e a obstinação deste pesquisador em definir as bases epistêmicas de seu fazer científico. A junção dessas duas porções nos permite ver no texto saussuriano um fazer *ciência em construção*.

Ms. fr. 3953, f. 278

{1} Nous n'examinons pas par quelles raisons un grammairien se laisse guider quand, à propos de l'accentuation d'une langue, de la NATURE DE L'ACCENT dans cette langue, parmi les différentes matières qu'il croit imposés par le sujet sans rechercher davantage quelle est l'importance, le sens ou le but de cette étude, { }

Cette étude nous éclaire-t-elle { }

Non { }. Et cependant (remarquons ceci) il y est uniquement question d'accent, de sorte qu'en apparence il n'y a rien qui doive rentrer plus directement dans le sujet, et que ce chapitre semble être le centre naturel de l'étude.

{ }

Il est inutile, je ne dis pas de prendre l'accent comme centre d'une étude d'accentuation, mais chercher un lien qui permette d'assembler en une même unité l'étude { }

{ }l'objet central des questions d'accent n'est pas l'accent (NAL, [2003], p. 335).

Esta primeira folha do bloco “Quel est l'objet des différentes disciplines linguistiques?” registra diversos começos de um texto que, como uma sequência de estalidos, registra um pensamento que aponta diversas direções. Esse estalido se instaura com a montagem de uma cena inicial, na qual emerge um personagem conceitual que atravessará o manuscrito entre aparições e desaparecimentos: *le grammairien*.

Tal como lemos na incompletude do primeiro parágrafo, Saussure nos aponta a ausência de um exame das razões que guiam o *grammairien* em sua caminhada em torno dos diferentes assuntos que ele julga impostos pelo tema de sua pesquisa, no caso, a acentuação. A ausência de uma compreensão das razões que levam o *grammairien* a agir como age se deve a inexistência de uma pesquisa cuidadosa a respeito da importância e do objetivo do estudo que esse desenvolve. O *grammairien* é uma criatura ativa, coleta e produz dados, mas sofre de uma ignorância primordial, não sabe a dimensão daquilo que faz, e, devido a essa falha, corre o risco de se perder em raciocínios inúteis, que em nada contribuem para a formulação de suas afirmações.

Essa cena inicial na qual o *grammairien* aparece interagindo com materiais que ele supõe pertinentes para a sua pesquisa sem antes questionar o objetivo de suas ações é um exemplo daquilo que Gilles Deleuze e Felix Guattari (1992) denominam como *personagem conceitual*. Para esses autores, a reflexão filosófica é sempre marcada pelo aparecimento de um personagem conceitual, isso é, um ser que habita de maneira implícita ou explícita a reflexão proposta pelo autor e atua no plano de imanência que o autor tenta abrir com seu discurso. Cabe ao leitor reconstruir esse personagem para que, por meio de suas ações, possa visualizar os movimentos que o pensamento do autor opera. Tomaremos essa indicação da dupla de autores para guiar nossa leitura pelos fragmentos do manuscrito NAL.

Deleuze e Guattari nos atentam para o fato de que o personagem conceitual não deve ser confundido com o próprio autor, visto que muitas vezes o personagem conceitual é a encarnação do próprio oposto do filósofo, que faz uso dessa figura para apontar os perigos de agir de uma maneira específica, as ciladas de uma má percepção ou os fracassos da persistência de uma ideia.

O *grammairien*, enquanto personagem conceitual desse manuscrito, parece desempenhar o papel de um linguista novato que se depara com as ferramentas científicas

disponibilizadas pelo saber de seu tempo. Se pensássemos numa narrativa, ele é um personagem exposto a uma série de ilusões de certezas e armadilhas metodológicas que o levariam a produzir uma ciência inconsciente de suas práticas.

O imenso trabalho de mostrar ao linguista o que ele faz, mencionado por Saussure em sua célebre carta a Meillet, parece ser posto em prática nas NAL, pois o *grammairien* será esse linguista que corre o constante risco de se deixar cair num estudo da *natureza do acento*, que, como veremos, é da ordem da fonologia e em nada contribui para o desenvolvimento de um conhecimento linguístico propriamente dito.

Verificamos no terceiro parágrafo um indício que contribui para a afirmação dos editores de que este conjunto de manuscrito teria sido produzido com o intuito de ser transformado em um livro. O mestre genebrino, nesse trecho incompleto refere-se a um capítulo – de um provável livro – constituído por questões unicamente do acento, ou seja, um tratamento do acento como coisa em si, que pareceria ser o centro natural desta etapa do estudo.

O conteúdo desse parágrafo de uma frase entra em colapso quando prosseguimos e nos deparamos com a última frase citada que será tomada como norte de nossa reflexão neste primeiro momento: “l’objet central des questions d’accent n’est pas l’accent” (NAL, [2003], p. 335).

Estamos confusos. O parágrafo anterior a essa derradeira proposição, iniciado por uma negação e uma lacuna, registra a possibilidade de concentrar em um capítulo somente aquilo que fosse referente ao acento e fazer desse o centro natural de um estudo da acentuação. A frase final deste mesmo trecho, no entanto, nos impede de fazê-lo. Uma contradição se impõe na leitura linear.

No entanto, se nos dispusermos a localizar tal formulação, que soa como a lição de um mestre zen budista, no momento da produção científica saussuriana, poderemos elaborar uma compreensão mais concreta dessa negativa tautológica.

Traçando o possível paralelo entre o *grammairien* do manuscrito e o Saussure autor de seu primeiro artigo sobre a acentuação, verificaremos que em *À propos de l’accentuation lituanienne* nada é esclarecido sobre o fenômeno da acentuação lituana colocado em isolamento. Ao contrário de seu antecessor, Friederich Kurschat, que compreendia o *Betonnung* como uma unidade em torno da qual deveria ser criada toda uma classificação morfológica que a sistematizasse, Saussure propunha não colocar o acento como unidade central de sua análise, mas situá-lo a partir de uma relação verificada entre o padrão tonal – isso é, as diferentes formas que o contorno tonal pode assumir: grave, agudo e circunflexo – e

a posição da sílaba tônica nas palavras. O acento em si não existe enquanto um objeto atuante no plano das entidades linguística; ele é observado a partir de uma série de relações que lhe dão forma e existência. Por estar em uma relação com a tonalidade, o acento não é o centro de um estudo, ele é um elemento de um sistema. O centro de um estudo sobre o acento não é, de fato, o acento.

Este procedimento de impedir que um elemento ocupe uma posição central do estudo é verificado na prática científica de Saussure desde seu trabalho de juventude sobre o vocalismo indo-europeu. O *Mémoire* do jovem Saussure tem como objeto central a vogal *a*, porém, não é possível afirmar que o objeto central de uma pesquisa sobre a vogal *a* seja a vogal *a* em si, enquanto entidade física. A vogal *a*, enquanto elemento linguístico toma existência enquanto tal, conforme o desenvolvimento da pesquisa, e passa a ser visível diante de nossos olhos somente pela observação de uma série de modificações no quadro vocálico indo-europeu. Somente na consideração sistêmica é possível empreender uma investigação sobre as diferentes manifestações da vogal *a* enquanto elemento linguístico. Portanto, não é a vogal *a* em si que será o objeto de estudo, mas sim o sistema que a compreende e a sustenta⁴³.

Tendo visto que o objetivo de um estudo linguístico não é delimitar um objeto enquanto coisa isolada, mas verificar o sistema de relações que o engendra, compreendemos o impedimento de situar um elemento investigado na posição de um centro natural da investigação. Tal afirmação nos encaminha para a segunda parte da folha Ms. fr. 3953, f. 278, onde encontramos a segunda porção a ser examinada:

Ms. fr. 3953, f. 278

{2} Nous voudrions éviter de faire à propos d'un sujet aussi restreint que l'est l'accentuation et encore l'accentuation d'une certaine langue, une profession de foi sur la classification générale que réclament selon nous les différents objets de la linguistique ; cependant la nature de l'évidence de cette classification éclate tellement sous chaque cas particulier, qu'on éprouve quelque pudeur à se traîner volontairement dans je ne sais quelles explications sur l'accent, quand la question embrasse simplement la totalité des fait de langue.

La phonétique s'occupe de valeurs *diachroniques*.

{3} L grammaire analyse les mots dans leurs éléments ; et *n'analyse pas ces éléments eux-mêmes ; sous peine de n'être plus grammaire*

⁴³ Conforme consta no primeiro parágrafo do *Mémoire* : “Etudier les formes multiplex sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'a indo-européen, tel est l'objet immédiat de cet opusculé : le reste des voyelles ne sera pris en considération qu'autant que les phénomènes relatifs à l'a en fourniront l'occasion. Mais si, arrivés au bout du champ ainsi circonscrit, le tableau du vocalisme indo-européen s'est modifié peu à peu sous nos yeux et que nous le voyons se grouper tout entier autour de l'a, prendre vis-à-vis de lui une attitude nouvelle, il est clair qu'en fait c'est le système des voyelles dans son ensemble qui sera entré dans le rayon de notre observation et dont le nom doit être inscrit à la première page” (SAUSSURE, 1879, p.1).

I. Contrairement à ce qu'ont voulu établir les créateurs du mot *morphologie*, Grammaire et morphologie se trouvent [être] des termes de signification identique et adéquate.

II. La morphologie (ou la grammaire) s'occupe de toutes les espèces de valeurs momentanées composant ce système toujours momentané qu'on appelle un état de langue – valeurs qui n'existent absolument que par leur OPPOSITION, ou relations ; résultant elles-mêmes de l'état accidentel de l'ensemble.

La morphologie ou la grammaire s'occupe des valeurs *idiosynchroniques* c. à d. de ce que vaut un élément dans tel et tel synchronisme particulier.

III. La théorie de la phonation s'occupe de valeurs panchroniques. Une étude qui s'attache, comme la théorie universelle de la phonation, à fixer la valeur absolue d'un élément figurant à un moment donné dans tel ou tel système, p. ex. z ou o, n'a pas la moindre relation, pas même la moindre { }

{ } que lors même qu'on comprend mal ce qu'est, un élément en lui-même, on comprend { } (NAL, [2003], p. 335).

Ao afirmar que o objeto de um estudo sobre o acento não é o acento, mas sim as relações que lhe conferem forma e existência, Saussure propõe um projeto investigativo que impossibilita o surgimento de uma *acentologia*, isso é, de uma abordagem investigativa centrada na acentuação⁴⁴. No primeiro parágrafo citado acima, vemos que, para o linguista genebrino, o desenvolvimento de um estudo isolado sobre o fenômeno acentual inserido em um complexo sistema classificatório dos temas linguísticos seria um atrativo muito sedutor ao *grammairien*, porém a resultante desse esforço seria um equívoco, visto que os dados coletados não fomentariam explicações nas quais o acento fosse incluído no conjunto que congrega a totalidade de fatos linguísticos. Para Saussure, a acentuação não apresenta nenhum traço especial que a coloque em posição de destaque quando comparada a outros aspectos linguísticos, portanto ela deve ser inserida em um estudo *morfológico*, sem que para isso se recorra a manipulações especiais dos dados.

Essa reivindicação da inserção do acento em um estudo gramatical equivalente a qualquer outro estudo linguístico que está apresentada de modo pouco evidente no primeiro parágrafo citado acima é ecoada em outros pontos do manuscrito (*VI Ms.fr. 3953, f. 287*). No restante da folha 278 e na continuidade da folha 279, a clássica distinção entre fonética, estudo dos valores diacrônicos, e gramática, o estudo dos elementos constituintes em suas

⁴⁴ Garde (2011), numa revisão histórica das abordagens da acentuação, sublinha o fato de que o termo *accentologie*, enquanto uma área específica dos estudos linguísticos, é empregado em estudos linguísticos restritos aos ramos báltico e eslavo. Nesses dois grupos linguísticos, o acento livre desponta como um problema para análise linguística, visto que tal fenômeno não é sistematizável pela identificação de um traço fonológico segmental, como ocorre com a sonoridade, a nasalidade ou a quantidade.

relações com as palavras e não por eles mesmos, é apresentada como um primeiro organizador do domínio dos estudos linguísticos.

Apenas apontada essa distinção, a folha 279 é ocupada em sua maior parte por uma apresentação do universo de criaturas organizado pela morfologia. Em uma referência pouco clara, Saussure se coloca contra os *criadores da palavra morfologia* - provavelmente uma menção à dupla Hermann Osthoff e Karl Brugmann, os neogramáticos fundadores da revista *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen* (1878) –, que insistem em reivindicar a inauguração de uma perspectiva morfológica diferenciada da gramática. Para Ferdinand de Saussure, tal distinção é de pouco valor; morfologia e gramática não a mesma e única coisa, e essa é apresentada em um parágrafo subsequente que condensa em poucas linhas as diretrizes de uma abordagem sincrônica⁴⁵.

Neste manuscrito, produzido treze anos antes de Ferdinand de Saussure ministrar seu primeiro curso de linguística geral, encontramos organizados de maneira muito coesa os conceitos que serão empregados frente aos discípulos para instaurar uma perspectiva sincrônica sob os fatos de língua. Conforme lemos, a *gramática*, ou *morfologia*, ocupa-se dos valores – ou seja, o produto da percepção das características *valables* pelo espírito - que se fazem presentes em um estado de língua.

Em nada possuindo de materialidade que lhes garanta a existência, esses *valores* são mantidos apenas pelas relações de oposição que são estabelecidas com os demais elementos presentes nesse estado do sistema linguístico. A busca pelos valores momentâneos instaura a perspectiva gramatical idiossincrônica, ou seja, uma abordagem preocupada em traçar o modo como valores linguísticos são estabelecidos em um estado de língua particular.

Em paralelo à morfologia, ou gramática, produzidos por uma perspectiva idiossincrônica, é possível desenvolver uma outra abordagem dos fatos linguísticos que almeja determinar *valores absolutos*. Esta seria uma abordagem pancrônica. A sequência dos prefixos *idio-* e *pan-* nos permite colocar em contraste uma abordagem direcionada para a

⁴⁵ Em sintonia com a oposição que Saussure faz ao uso da palavra morfologia pelos neogramáticos alemães, encontramos a seguinte resenha publicada em agosto de 1894 por Michel Bréal a respeito da última obra de K. Brugmann - *Grundriss der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen* (1893). Neste texto, o mestre do mestre genebrino registra sua desconfiança com relação às inovações das quais a escola alemã reivindica autoria: “L’analogie est un principe dont M. Brugmann aime à se servir et dont l’école à laquelle il appartient s’attribue volontiers la découverte. Les âges précédents n’en avaient-ils pas quelque idée? Ce serait une question à discuter. Il semble que l’idée de l’analogie soit aussi ancienne que l’étude même du langage.” (BRÉAL, 1894, p. 4).

determinação de *valores relativos* e especificamente localizados com uma perspectiva que busca traçar o agenciamento de valores que atravessariam o local e o específico e abarcariam um amplo domínio de fatos linguísticos.

A abordagem pancrônica, por almejar um domínio sem restrições de especificidade, pode ser descrita como uma *teoria universal da fonação*. Uma teoria da fonação produz *valores absolutos* que não dizem respeito à ordem língua, habitada somente por *valores relativos*. Em outras palavras, o estudo pancrônico não está ao alcance do linguista, visto que esse está situado no interior da língua, mas permanece disponível para o fonologista⁴⁶.

Podemos afirmar, enfim, que o exame do manuscrito apresentou até o momento três possíveis abordagens do fato linguístico: diacrônica, sincrônica e pancrônica. Ainda que não disponhamos de uma descrição detalhada de cada uma delas e das relações que se estabelecem entre sincronia e diacronia, lemos aqui uma maneira de caracterizá-las bastante produtiva. “La phonétique s’occupe de valeurs *diachroniques* (...) La morphologie ou la grammaire s’occupe des valeurs *idiosynchroniques* (...) La théorie de la phonation s’occupe de valeurs *panchroniques*” (NAL, [2003], p. 335). Tiramos dessa primeira caracterização da ocupação que cada abordagem lança sobre o domínio linguístico uma descrição inicial da tarefa do *grammairien*: estabelecer *valores*.

Conforme nos encaminha a inscrição feita pelos editores, as folhas Ms. fr. 3953, f. 280-281 contêm uma reflexão a respeito dos problemas enfrentados pelo *grammairien* dos mal-entendidos e armadilhas terminológicas nas quais o nosso personagem conceitual pode vir a cair se não mantiver uma firme consciência do objeto de seu estudo. Assim como na carta de 4 de janeiro de 1894, na qual o mestre genebrino expressa ao discípulo seu desgosto em escrever a respeito de quaisquer fatos de linguagem tendo de empregar a inépcia da terminologia linguística, nestas folhas manuscritas lemos uma reflexão sobre o problema de escrever adequadamente sobre o *acento* utilizando a palavra *acento*.

⁴⁶ Uma exemplificação do que seria uma abordagem do fenômeno linguístico desde o ponto de vista pancrônico por ser encontra na seguinte passagem: “Seja a palavra francesa *chose* “coisa”: do ponto de vista diacrônico, ela se opõe a palavra latina *causa*, da qual deriva; do ponto de vista sincrônico, se opõe a todos os termos que lhe podem estar associados em francês moderno. Somente os sons da palavra considerados em si mesmos (*şoz*) dão lugar à observação pancrônica, mas não têm valor linguístico algum”. (CLG, [1991], p. 112).

{1} Le *mot* accent permet de réunir en un seul corps deux études qui à la vérité n'ont d'ailleurs rien à voir avec l'autre, au nom d'un lien tout à fait extérieur et artificiel. La *chose* accent, quant à elle est double ; et il faut choisir ce qu'on étudie, ou de la nature de l'accent, ou de son rôle dans le mot ; Tous deux désignés par accent (ce qui n'a pas d'inconvénient) ; Tous deux réunis en suite de cela en une seule étude (ce qui n'a pas non plus grave inconvénient). Mais considérés en outre, au nom de cette promiscuité, comme formant réellement un seul sujet, *ce qui a un très grave inconvénient*, parce qu'alors l'unité des choses concernant *le rôle de l'accent dans le moment* est entièrement déplacée, et par là méconnue, semble résider désormais dans l'accent, au lieu qu'elle réside.

{2} Il existe un premier sujet pouvant s'intituler De l'accentuation, partout où l'on vient à s'occuper, incidemment ou expressément, de la NATURE DE L'ACCENT dans l'idiome qu'on envisage, quoiqu'il ne puisse sérieusement y avoir d'équivoque sur ce qu'on entend par *nature de l'accent*, nous pouvons exprimer la même chose encore plus clairement en disant qu'il s'agit de la *phonation de l'accent*, ou du fait {}

Tantôt cette question de la nature de l'accent est bien enfermée dans un chapitre spécial, tantôt elle se glisse plus subtilement à travers les parties de l'étude, et il faut un travail de triage et d'élimination pour la canaliser vers son centre. { }

1o Les questions qui restent sont les seules qui aient motivé initialement, la recherche. On s'est demandé selon quel principe *ἀγαθός* et *άνθρωπος* présentent une position d'accent différente. On s'est demandé selon quel principe *τιμή* et *τιμής* présentent une qualité d'accent différente. – Il ne serait pas vrais de dire { } jamais { } demandé en revanche initialement *en quoi consistait* l'accent qui a une position différente { } ; si on s'est posé cette question, ce n'est pas cela qui a déterminé l'étude.

2o Les questions qui restent sont les seules dont on réclame finalement la solution. On serait satisfait (et je dis *complètement* satisfait), s'il est établi que { }, alors même qu'on ne connaît { }. – Tandis que si l'on connaît très parfaitement la nature de l'accent.

3o Il y a donc quelque chose de commun à toutes ces question qui restent, par opposition à celle de *la nature de l'accent*, quelque chose qui leur communique l'intérêt dont est radicalement dépourvue cette dernière. Ce trait commun, c'est qu'elles mettent en présence deux termes : l'accent *et le mot* (NAL, [2003], p. 336).

Os dois primeiros trechos da folha 280 compõem a porção mais linear deste bloco textual e apresentam de maneira clara uma distinção que será operada em diversos momentos deste conjunto manuscrito. Pelo fato de a *coisa* acento ser ela em si dupla, é necessário eleger um estudo ou da *natureza do acento* ou do *papel do acento na palavra*. De acordo com o linguista, o fato de que empregamos a *palavra* acento para referir a essas duas abordagens não é em si um problema, porém ignorar tal fato pode levar o *grammairien* a aproximar de maneira promíscua essas duas abordagens que na verdade constroem universos de objetos totalmente distintos.

A primeira abordagem apresentada refere-se ao estudo da *natureza do acento* – termo inscrito pela segunda vez em maiúscula nesse manuscrito – e é definida como sendo uma investigação a respeito da fonação do acento. Tal correspondência nos leva a verificar nesse

bloco textual uma outra formulação da cisão que o bloco anterior havia realizado colocando a abordagem pancrônica em uma esfera distinta das abordagens idiossincrônica e diacrônica. Um estudo da natureza do acento pode ser descrito como uma abordagem pancrônica do domínio linguístico, o que equivale a produzir uma teoria universal da fonação.

É importante sublinhar, ainda que este elemento não tenha comparecido anteriormente em nosso horizonte retrospectivo, que as pesquisas em torno da fisiologia da fala humana, nomeada por Saussure como teoria da fonação, tomavam grande impulso na segunda metade do século XIX. Em 1863, Hermann von Helmholtz, vinculado ao laboratório de psicologia experimental de Wilhelm Wundt, em Berlim, explicava a fonação com base na pressão que o ar exerce ao passar pela glote. Em 1865, o professor português Manuel Garcia havia criado um espelho especial para a visualização das pregas vocais durante o canto. Em 1897, três anos após a composição do manuscrito *NAL*, é publicada a primeira edição dos *Principes de phonétique experimentale*, de Jean-Pierre Rouselot, obra que exemplifica uma tentativa de situar os estudos da linguagem no campo das ciências experimentais. Essas pesquisas, tornaram-se possíveis graças ao desenvolvimento da cinematografia de Étienne-Jules Marey, que registrava em gráficos os movimentos do diafragma, laringe e articuladores bocais. Essa junção dos estudos linguísticos com os fisiológicos foi interpretada por parte dos comparatistas como a grande possibilidade de determinar a empiria material dos objetos de estudos linguísticos (MENALDI, 2005). Ao fazer um levantamento dos títulos que se fazem presentes na biblioteca manipulada por Ferdinand de Saussure, Tulio de Mauro (1967) constata 27 títulos de fonética experimental e de fonologia histórica, justamente devido às abordagens dos fenômenos linguísticos é que a exploração da fisiologia do ato fonatório tornou-se possível⁴⁷.

O desenvolvimento acelerado das teorias da fonação apareceu para alguns linguistas como sendo uma promessa de positivação de seu campo investigativo. Ferdinand de Saussure apresenta-se em desacordo com essa proposta de positivação do domínio linguístico tendo como base os valores absolutos determinados por uma teoria universal dos atos fonatórios. De acordo com seu texto, o estudo da *natureza do acento*, tal como pode ser feito por uma teoria

⁴⁷ O abandono da elaboração de uma teoria universal da fonação por parte de Saussure pode ser lido na introdução do *Apêndice de Fonologia* do CLG: “Muitos fonologistas se aplicam quase exclusivamente ao ato de fonação, vale dizer, à produção dos sons pelos órgãos (laringe, boca, etc.), e negligenciam o lado acústico. Esse método não é correto: não somente a impressão produzida no ouvido é dada tão diretamente quando a imagem motriz dos órgãos, como também é ela a base de toda teoria. [...] Se se pudessem reproduzir por meio do cinematógrafo todos os movimentos da doca e da laringe ao executarem uma sequência de sons, seria impossível descobrir subdivisões nessa sequência de movimentos articulatorios; não se sabe onde um som termina e outro se inicia. Como afirmar, sem a impressão acústica, que em *fāl*, por exemplo, existem três unidades, e não duas ou quatro?” (CLG, [1991], p. 49-50).

da fonação, deve ser localizado na topologia de um estudo linguístico sobre a acentuação em um capítulo isolado. Tal procedimento é necessário para que a abordagem do fenômeno não permaneça deslizando na jornada investigativa do *grammairien* sobre o acento enquanto material linguístico, isso é, enquanto um elemento que pode ter seu valor relativo rastreado.

Tendo feito o isolamento de uma investigação sobre a *natureza do acento*, o manuscrito prossegue após um espaço em branco no qual são apresentadas em três tópicos as questões que permanecem em aberto para o estudo do papel do *accento na palavra*.

O primeiro desses tópicos nos apresenta o quadro geral de uma sistematização do fenômeno acentual utilizando como exemplo questões formuladas em torno de palavras gregas. “On s’est demandé selon quel principe ἀγαθός et άνθρωπος présentent une position d’accent différente. On s’est demandé selon quel principe τιμή et τιμής présentent une qualité d’accent différente” (NAL, [2003], p. 336).

Ao contrário do lituano, cuja acentuação permanecia eivada de pontos obscuros para a gramática comparada, a língua grega contava no século XIX com inúmeros tratados a respeito de seu sistema acentual⁴⁸. Recorrendo às perguntas que motivam o princípio de uma pesquisa gramatical já estabilizada sobre a acentuação, verificamos que dois aspectos dirigem a busca por uma sistematização de tal fenômeno: a *posição* do acento na palavra e a *qualidade* do acento.

Utilizando o arsenal conceitual de que dispomos pela leitura do *CLG*, os termos *posição* e *qualidade* acentual podem ser compreendidos como correspondentes específicos dos eixos gerais do mecanismo da língua que colocam seus elementos em relações sintagmáticas e associativas, respectivamente. A posição do acento é uma característica definida por uma relação que este elemento estabelece em virtude de um encadeamento linear produzido com os demais elementos presentes em uma palavra. Conforme lemos no texto do *CLG*, essas “combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas” (*CLG*, [1991], p. 142). Dada essa caracterização, podemos afirmar que a posição do acento numa palavra é uma característica deste elemento que se estabelece em virtude de uma relação sintagmática, isso é, uma solidariedade estabelecida com os elementos do sistema presentes no discurso.

⁴⁸ Na segunda metade do século XIX, a acentuação do grego antigo era um conteúdo da gramática comparada que havia sido vulgarizado em diferentes manuais de ensino da língua grega. Um exemplo da maneira como a acentuação grega era apresentada pode ser encontrado em *Traité d’accentuation grecque*, de Jules Delalain (1849). Nessa obra o autor revisa diversos trabalhos sobre a acentuação grega. É interessante observar que a sistematização do acento grego é apresentada em termos de *valor* e *posição* dos elementos nas palavras conforme a declinação.

A qualidade do acento, por outro lado, é definida como uma relação de distintividade estabelecida com os demais contornos tonais que não se fazem presentes na palavra, mas que existem enquanto um repertório virtual do sistema linguístico. Por ser uma característica que se torna visível pela suposição de uma série de termos em potencial, podemos afirmar que a qualidade do acento é uma característica deste elemento engendrada por uma relação associativa.

É extremamente pertinente apontar que a interpretação da posição e da qualidade acentual como representantes específicos das relações sintagmáticas e associativas que dão forma ao “mecanismo da língua” (CLG, [1991], p. 148) só é possível por uma projeção de conceitos disponibilizados no texto do CLG sobre o manuscrito NAL. Se nos detivermos apenas nas notas sobre a acentuação lituana, não encontraremos nenhum registro das palavras *sintagma* ou *associação*, nem mesmo termos correlatos. No entanto, diversas são as passagens nas quais Saussure enfatiza a necessidade de tomar o acento como sendo o elemento que ganha forma a partir da determinação de sua posição e de sua qualidade em uma palavra. Tal insistência nos permite afirmar que, para Saussure, as relações de solidariedade entre os termos de um sistema são a base na qual emergem os elementos a serem focados em um estudo linguístico, compreensão essa que se torna completa ao fim deste primeiro momento analítico.

Ao ter isolado a *natureza do acento* em um capítulo especial do estudo acentual, no qual podem ser especulados valores absolutos, disponíveis para o fonologista que projeta uma perspectiva pancrônica, as questões que restam para que o *grammairien* desenvolva sua pesquisa apresentam um ponto em comum que as une e as distingue de um estudo da *teoria da fonação*.

Ao afirmar que um estudo linguístico se debruça, não sobre o acento em si, mas sobre a relação entre acento e palavra, a proposição enigmática “le centre des questions d’accent n’et pas l’accent” (NAL, [2003], p. 335) torna-se clara. Para o *grammairien*, situado no interior da língua, *o acento em si* é inacessível e de nenhum valor epistemológico.

Feita a cisão entre o estudo da *natureza do acento*, próprio de uma teoria universal da fonação, e o estudo do *papel do acento na palavra*⁴⁹, esse sim propriamente linguístico, encontramos no parágrafo seguinte uma ampliação das reflexões que antes estavam centradas no tema acentual para um campo mais vasto das verdades linguísticas em geral. Eis aqui um exemplo dos saltos que o pensamento saussuriano executa desde o questionamento em torno de um problema bem específico de sua trajetória investigativa em direção a uma reflexão sobre os componentes de um estudo geral do domínio linguístico:

III Ms. fr. 3953, f. 281

{3} Il semble que ce soit le trait constant et caractéristique de toutes les vérités générales, en linguistique de pouvoir passe {...} pu pour des propositions exactement digne de M. de La Palice, et qu'on éprouve une pudeur à énoncer, ou pour des paradoxes tels qu'aucune accumulation de preuves ne paraît alors trop forte pour les faire accepter.

Ainsi nous apercevons une certaine série de questions qui ont ceci de propre qu'elles ne nous mettent jamais en présence de *l'accent*, mais de l'accent et du mot. Et nous constatons que cette série, où le mot intervient comme deuxième terme, est la seule qui ait jamais un intérêt par elle-même.

C'est ici, c'est à ce point critique que l'ornière des classifications faciles nous guette, et nous fera inévitablement retomber dans le piège, si nous ne savons pas envisager maintenant l'objet que nous tenons hors de toute [] préconçue : Comme l'idée qui pèse sur notre grammairien, est toujours et avant toute chose, qu'il s'occupe de l'accent, et qu'il doit à tout prix retrouver l'unité dans cette étude, alors même qu'il n'a jamais examiné, si elle comportait une unité, [] (NAL, [2003], p. 336-337).

Se na carta a Meillet, o mestre genebrino confessa sua dificuldade em produzir de maneira consistente a escrita de uma verdade qualquer sobre o fenômeno linguístico em geral,

⁴⁹ O termo *palavra (mot)* é empregado por Ferdinand de Saussure sem que nenhuma explanação conceitual lhe seja atribuída. É curioso perceber, que, para Saussure é a palavra é a porta de entrada para que seja possível determinar a relação entre o elemento acentual e o sistema linguístico. A potencialidade da palavra para a elaboração de análises é registrada por Saussure em alguns pontos do CLG: “Não podendo captar diretamente as entidades concretas ou unidades da língua, trabalharemos sobre as palavras. Estas, sem recobrir exatamente a definição da unidade linguística (ver p.122), dão dela uma ideia pelo menos aproximada, que tem a vantagem, de ser concreta; tomá-las-emos, pois, como espécimes equivalentes aos termos reais de um sistema sincrônico, e os princípios obtidos a propósito das palavras serão válidos para as entidades em geral”. (CLG, p. 132). Em fragmentos manuscrito, encontramos justificativa de tal prática: “Ms. fr. 3323.f .1 Embora seja necessária uma análise para fixar os elementos da palavra, a palavra em si mesma não resulta da análise da frase. Porque a frase só existe na fala, na língua discursiva, enquanto a palavra é uma unidade que vive fora de todo discurso, no tesouro mental”. Ms. fr. 3323 f.2 “O que precede não implica que os elementos da palavra não existam jamais como unidades mentais, mas simplesmente que a palavra se separa, em todo caso, sem análise [...]” Ms.fr. 3323 f.3 “A memória, com efeito, fornece apenas um número absolutamente restrito de frases totalmente acabadas. E não poderia ser diferente, sendo dada a quantidade ilimitada de combinações possíveis com muito poucos termos. Ao contrário, a memória fornece palavras totalmente acabadas aos milhares. Portanto, a palavra não tem, como primeiro modo de existência, quer ser ele um elemento de frase, pode-se considerar que ela existe antes da frase, ou seja, independentemente dela, o que não é o caso dos elementos da palavra em relação à unidade da palavra” (ELG, p. 105). Um mapeamento da *palavra* como ferramenta conceitual e instrumento de análise dentro do corpus saussuriano se faz necessário para maiores esclarecimentos.

neste manuscrito, Saussure registra a dupla possibilidade de falhar quando se produzem as frases que propõem uma compreensão dos fatos de língua. Ou se produzem lapalissades⁵⁰, tautologias cujo valor proposicional não é enunciado por uma espécie de pudor, ou se produzem paradoxos que nenhuma coleta de dados poderá lhe conferir um valor de verdade.

No caso do *grammairien* dedicado ao fenômeno acentual, a frase “le centre des questions d’accent n’et pas l’accent” se faz presente a todo momento, visto que suas questões não abordam o acento, mas a relação entre acento e palavra. Ao colocar esses dois elementos postos em relação, Saussure frisa a possibilidade de situar a palavra como um segundo elemento da série, o que equivaleria a elaboração de um estudo do acento – coisa em si – situado na palavra. Tal organização, que seria a persistência de um equívoco epistemológico, não prevê um estudo da *palavra* em si.

Ao considerar a totalidade do manuscrito, percebemos que Saussure abre a cada fragmento um espaço para o estudo da palavra. É necessário frisar tal atitude em relação à posição de Ferdinand de Saussure no desenvolvimento da linguística. Os séculos XVIII e XIX, ao produzirem uma objetificação da linguagem, ultrapassaram a palavra para tornar os elementos sonoros que a compõem o verdadeiro objeto investigativo. Para a gramática comparada desenvolvida pelos neogramáticos, a reconstituição do indo-europeu correspondia a um conjunto de palavras que equivaliam a um aglomerado de unidades articulatórias resultantes do um cálculo estabelecido pelas leis fonéticas (AUROUX, 1992b; FOUCAULT, 1999).

Ao propor a impossibilidade de abordar os elementos linguísticos em si, Saussure se opõe a atomização da linguagem que seus antecessores produziram. Lemos nesse manuscrito, a exigência da reintrodução da palavra nos estudos linguísticos. Essa reforma, no entanto, não se apresenta totalmente justificada, visto que não encontramos no manuscrito uma definição explícita do que é *palavra*. A palavra é essencial para a atividade do *grammairien*, mas sua justificativa permanece em aberto. No próximo momento analítico de nossa apresentação, o termo *palavra* passará a ser localizado como a entidade que permite ao *grammairien* vincular o elemento acentual a uma outra ordem pouco definida que será chamada *língua*.

É importante observar que Saussure encerra esse fragmento de maneira muito pouco clara, porém, é possível ler no material os termos que serão empregados na folha 285 na

⁵⁰ *Lapalissades* é um termo em francês para designar uma composição na qual está expressa uma afirmação que retoma um já dito, tornando o conteúdo total da proposição circular. É interessante notar que sete décadas após Saussure ter registrado em seu manuscrito a tendência do linguista para produzir enunciados semelhantes aos da canção de La Palice, Michel Pecheux elabora uma obra que analisa a semântica como o ponto de convergência das contradições linguísticas intitulada *Les verités de La Palice*.

elaboração da célebre reflexão sobre a relação entre ponto de vista e objeto da linguística: “C’est ici, c’est à ce point critique que l’ornière des classifications faciles nous guette, et nous fera inévitablement retomber dans le piège, si nous ne savons pas envisager maintenant l’objet que nous tenons hors de toute [] préconçue” (NAL, [2003], p. 337, grifo nosso).

Por se restringir ao cálculo de valores relativos e não absolutos, o investigador dedicado à linguística deve tomar para si a tarefa de estabelecer uma notação simbólica na qual seja possível prescindir da natureza do elemento em si e torná-lo concebível somente a partir das relações que este estabelece com os demais elementos do sistema no qual se encontra. A aposta nesta possibilidade científica faz com que Saussure exija do *grammairien* a formulação de uma literalização algébrica, na qual apenas valores relativos estejam presentes.

III Ms. fr. 3953, f. 281

{4} Il est temps de placer la question sur le terrain plus vaste qui est son véritable terrain :

Peut-on jamais s’imaginer que la grammaire soit avancée, intéressée, ou concernée en quoi que ce soit par la connaissance de la nature intime (de la valeur absolue) des termes entre lesquels se débattent ses questions. Ce serait faire preuve d’une aussi grande naïveté que si l’on supposait que l’héraldique, qui a souvent affaire à la couleur bleue ou rouge, s’intéresse à savoir comment l’opticien et le physicien jugent de ces couleurs. Un système de langue (qui est un système toujours momentanée) se trouve de moment en moment compris en un certain nombre de valeurs, lesquelles valent uniquement par leur différence, oppositions e relations. [] Dire qu’on ne pourrait pas représenter ces termes en de simples singles algébriques $\alpha \beta \gamma \delta$, en faisant totalement abstraction de leurs valeurs absolues, est dire pour nous la chose la plus décidément fausse qu’on ait jamais avancée sur le langage (NAL, [2003], p. 337).

Ainda que a necessidade do desenvolvimento de um registro simbólico dos valores relativos que se estabelecem em um estado de língua seja registrada pela pena de Saussure apenas nessa única frase em todo o manuscrito, é importante observar a maneira impositiva como o linguista atesta tal necessidade. Sem o registro algébrico dos valores linguísticos não há avanço no saber sobre a linguagem.

Jean-Claude Milner (1995) havia inserido em suas definições de um quadro epistemológico científico a necessidade de uma literalização simbólica dos fenômenos de um domínio investigativo. Para Milner, se não existe formalização, não existe ciência. Nesse ponto, Ferdinand de Saussure está em perfeito acordo com seu leitor. A formalização

algébrica está colocada como uma necessidade; não encontramos, porém, neste manuscrito, passagens que esclareçam o provável desenvolvimento de tal notação.

O penúltimo bloco textual deste primeiro momento analítico, *La physique et la grammaire de l'accent*, é redigido como uma resposta à busca por uma relação consistente entre um estudo da *natureza do acento* e um estudo do *papel do acento na palavra*. A resposta pela existência de tal relação é uma negativa que Ferdinand de Saussure apresenta através de uma comparação entre o estudo gramatical e a heráldica. O paralelo entre o estudo linguístico e a arte do brasão já havia sido mencionado de maneira comprimida em uma frase no fim da folha 281; nas folhas 282 essa relação é apresentada de maneira ampliada:

IV Ms. fr. 3953, f. 282

{1} Entre ces deux parties dès à présent bien définies, quelle est la connexion qui existe, ou quel est le fil qui permet de les rattacher à un même tout ?

Une comparaison que nous proposons, permettra ici d'éviter une foule de longueurs inutiles. Dans l'art du blason, telle couleur, par exemple le jaune (or), joue un rôle déterminé, s'applique selon certaines règles peu importe lesquelles : on peut imaginer qu'elles soient à la fois plus complexes et plus précises qu'elles ne sont. Cela posé, la connaissance du rôle assigné au jaune en héraldique, et la connaissance de ce qu'est l'accent physiquement, dans cette langue ou ailleurs. Si l'on ne peut pousser la comparaison dans tous les détails, tous les traits essentiels son { }. C'est dire que nous reconnaissons aucun lien véritable entre ces deux études ; qu'il n'y a pas entre elle la démarcation qui sépare les deux parties naturelles d'une étude, mais qu'il s'agit de deux études se mouvant en deux sphères.

La physique de l'accent et la grammaire de l'accent, on peut leur donner ces noms, sont choses aussi étrangères l'une à l'autre que la physique d'une couleur et ce qu'on peut appeler la grammaire héraldique de cette couleur.

L'accouplement de ces deux études en une seule n'aurait du reste aucun inconvénient (de même qu'il n'a aucune utilité), si l'on restait dans chacune d'elle clairement consciente de leur dualité, de { } (NAL, [2003], p. 337).

Conhecer uma cor pelo papel que a arte do brasão lhe designa e conhecer tal cor por meio de uma análise física apresenta uma diferença análoga àquela que separa um estudo do acento em termos físicos de uma compreensão da função do acento em uma palavra. Essas duas duplas de abordagens, ao serem colocadas em paralelo, permitem verificar a ausência total de um laço que una física e heráldica, ou física e gramática. Cada um desses pares de estudos move uma esfera distinta; cada esfera corresponde a uma dimensão que será habitada por entidades que só existem dentro do horizonte delimitado pela abordagem. Migrar entidades físicas para o universo habitado pelas entidades gramaticais ou heráldicas seria

insistir em um equívoco que tem como origem a promiscuidade de perspectivas que a palavra *acento* pode suscitar⁵¹.

No caso do manuscrito que examinamos, uma abordagem física, esteja ela dedicada à determinação das propriedades do acento de uma língua ou da cor de um brasão, é uma possibilidade de estudo que renderá informações sobre os valores absolutos que podem ser atribuídos acusticamente ao acento e opticamente às cores. Essa perspectiva nada pode oferecer para um rastreamento dos valores relativos que um acento ou uma cor podem vir a ter quando inseridos num sistema linguístico ou num suposto sistema crômico da heráldica.

Ainda que não esteja aqui expressa em sua totalidade, é a distinção entre o que é interno e externo ao sistema linguístico que está operando a cisão entre um estudo físico do acento e um estudo da relação que o elemento acentual estabelece dentro da palavra. Se fosse possível produzir modificações físicas na natureza do acento, essas alterações só seriam integradas ao sistema linguístico se afetassem as relações entre o elemento acentual e a palavra; fora dessa relação se está fora do sistema linguístico, portanto, uma abordagem física do acento não é uma abordagem linguística.

Se determinarmos que o estudo do papel do acento na palavra, assim como o estudo do papel da cor em um brasão nada colhem do que é alcançado por uma abordagem física da cor e do acento, é possível apontar o indício de uma aproximação entre a gramática do acento e uma provável gramática das cores do brasão. Por tratarem de objetos que são compreendidos pelos seus papéis em um sistema, esses dois estudos abrem mão da determinação de valores físicos absolutos para suas entidades, e se dedicam a produzir um rastreamento dos valores relativos que suas entidades podem assumir. Esse rastreamento de valores relativos pode vir a ser feito por meio de uma notação algébrica, tal como havia sido requisitado na folha 281.

Seguindo a leitura da afirmação desse desafio discursivo, somos encaminhados na mesma folha para a uma explicação da natureza complexa do objeto de estudo que o

⁵¹ Uma demonstração mais explícita da diferença entre o valor absoluto de um elemento em si e o valor relativo que sustenta um elemento linguístico pode ser encontrada na seguinte passagem: “A impressão acústica é definível? Ela não é mais definível do que a sensação visual do vermelho ou do azul, que é psíquica e completamente independente do fato de o vermelho depender de 72.000 vibrações que penetram no olho, ou seja qual for esse número. Mas ela é segura e clara? Perfeitamente segura e clara, não precisa de nenhuma ajuda. Para diferenciar as letras do seu inimitável alfabeto, vocês acham que os gregos se puseram a estudar? Não. Eles simplesmente sentiram que *l* era uma impressão acústica diferente de *r*, e *r* diferente de *s*, etc.” (ELG [2004], p. 211).

grammairien deve considerar. O estudo gramatical não se ocupa de valores absolutos, tais como os que podem ser determinados por uma teoria da fonação, mas de valores relativos, os quais só podem ser estabelecidos pelas relações entre acento e palavra⁵².

Essas considerações específicas para o estudo do fenômeno acentual são acompanhadas pelo registro das ideias que viriam a organizar, treze anos mais tarde, os cursos de linguística geral ministrados na Universidade de Genebra. A folha 285 das NAL é extremamente relevante para demonstração do vínculo entre a prática analítica e a reflexão especulativa no pensamento saussuriano, visto que lemos nela um esboço de suas mais célebres teses de linguista.

V Ms. fr. 3953, f. 285

{1} Nous dénonçons catégoriquement à la linguistique le droit, dont elle use continuellement, de parler « d'une chose » à « tel point de vue ».

Par exemple du mot { } au point de vue du sens, de la racine { }

Les autres sciences ont à leur base des objets définis par leur existence, *hors de tout point de vue*. La linguistique a cela de particulier, et de grave, qu'un objet ne commence à être défini que de par le point de vue même *a, b, c*, qu'on « y » applique, formule encore fautive : puisqu'elle suppose encore un objet donné – mais de par le point de vue momentané qu'on applique à la *masse* des faits linguistiques contemporains, jointe à la *masse* des faits linguistiques précédents, (jointe quelquefois à la *masse* des faits linguistiques succédant) { }

{2} Si l'on n'a pas reconnu préalablement que l'accent (-grammaire) est égal à l'accent (-physique) dans son rapport avec le mot ; et uniquement dans ce rapport, nous nions que le grammairien ait la conscience claire en général de ce qui le concerne, et en particulier de ce que sont les différentes { } (NAL, [2003], p. 338).

De maneira muito intrincada, o fragmento apresenta a radicalidade da proposta epistemológica de Ferdinand de Saussure. Tal proposta é registrada pela instauração de uma proibição: em linguística, não temos o direito de falar de “uma coisa” sob um determinado “ponto de vista”. Assim sendo, falar sobre “a palavra” do “ponto de vista da raiz” ou do “ponto de vista do sentido” é insistir num equívoco.

A impossibilidade de produzir tais enunciados é justificada pela comparação que Saussure propõe entre a linguística com outras ciências. Por terem como base objetos que são definidos pela própria existência, ou seja, que são assegurados sob qualquer ponto de vista, às outras ciências está permitido falar de “uma coisa” sob “um ponto de vista”. O corpo animal

⁵² Ecos dessa proposição podem ser verificados nas seguintes passagens: “(Proposição nº 5.) Considerada de qualquer ponto de vista, a língua não consiste de um conjunto de valores *positivos* e *absolutos*, mas de um conjunto de valores *negativos* ou de valores *relativos* que só têm existência pelo fato de sua oposição. (ELG, p. 71). “(Proposição x.) Considerada de qualquer ponto de vista que pretenda ter em conta sua essência, a língua consiste, não em um sistema de valores absolutos ou positivos, mas em um sistema de valores relativos e negativos, que não têm existência, a não ser como efeito de sua oposição.” (ELG, [2004], p. 74).

pode ser considerado desde o ponto de vista da anatomia como do ponto de vista fisiológico. O corpo celeste pode ser considerado desde o ponto de vista mecânico como geológico. A articulação entre coisa e ponto de vista se sustenta pelo fato de que os objetos dessas ciências – corpo animal e corpo celeste – têm uma existência em si assegurada por suas materialidades, que persistem independentemente do ponto de vista⁵³.

A linguística, em contrapartida, apresenta uma particularidade: seu objeto não existe fora do ponto de vista. Tal característica – uma gravidade – poderia ser contornada por uma formulação falsa: afirmar que o objeto começa a existir no momento em que lhe aplicamos um ponto de vista. Tal solução seria uma aposta na tautologia, pois supõe um objeto que existiria à espera do ponto de vista. Textualmente, Saussure registra essa circularidade destacando com aspas o pronome *y*: La linguistique a cela de particulier, et de grave, qu'un objet ne commence à être défini que de par le point de vue même *a, b, c*, qu'on « *y* » applique, formule encore fausse : puisqu'elle suppose encore un objet donné (NAL [2003], p. 338). O pronome anafórico denuncia a antecedência do objeto em relação ao ponto de vista.

Uma saída para esse problema circular é anunciada na segunda parte do parágrafo citado. O que lemos após a marca do travessão pode ser interpretado como uma inovação na produção de conhecimento sobre o que a linguagem exige do *grammairien*. De acordo com a incompletude desse fragmento, é possível aplicar à *massa de fatos de linguísticos contemporâneos* um *ponto de vista momentâneo*.

Dessa afirmação, partimos do pressuposto de que existe um *ponto de vista momentâneo* que pode ser aplicado a *massas de fatos linguísticos* localizados em diferentes estados temporais. O que caracteriza esse ponto de vista é o fato de ele ser *momentâneo*. Tal

⁵³ As comparações entre o objeto da ciência linguística e de outras ciências podem ser encontradas em diferentes passagens do corpus saussuriano. Nos ELG, encontramos: “Será que a linguística encontra diante de si, como objeto primeiro e imediato, um objeto dado, um conjunto de coisas evidentes, como é o caso da física, da química, da botânica, da astronomia, etc.? De maneira alguma e em momento algum: ela se situa no extremo oposto das ciências que podem partir dos dados do sentido. Uma sucessão de sons vocais, por exemplo *mer* (*m + e + r*) é, talvez, uma entidade que regressa ao domínio da acústica, ou da fisiologia; ela não é de jeito nenhum, nesse estado, uma entidade linguística. Uma língua existe se, à *m + e + r*, se vincula uma ideia.” (ELG, p. 23) E ainda: “Em outros domínios, se não me engano, pode-se falar dos diferentes objetos considerados, se não como coisas ou entidades positivas quaisquer, para formular de outra maneira (a menos que talvez empurrem os fatos até o limite da metafísica, ou da questão do conhecimento, de que pretendemos fazer completa abstração); ora, parece que a ciência da linguagem é colocada à parte na medida em que os objetos que estão diante dela jamais têm realidade em si ou à parte de outros objetos a considerar; que absolutamente, não têm qualquer substrato para a sua existência fora de *sua diferença* ou NAS diferenças de todo o tipo que o espírito encontra meio de vincular. À diferença fundamental (mas que sua diferença recíproca dá a cada um toda sua existência): mas sem que se saia, em ponto algum, do dado, fundamentalmente e para sempre negativo, da DIFERENÇA de dois termos, e não das propriedades de um termo”. (ELG, [2004], p. 61) No CLG, é relevante a passagem: Na maioria dos domínios que são objeto da Ciência, a questão das unidades sequer se esboça: são dadas de começo. Assim, em Zoologia, é o animal que se oferece desde o primeiro instante. A astronomia opera também com unidades separadas no espaço: os astros; em Química, podem-se estudar a natureza e a composição do bicromato de potássio sem duvidar um só instante de que seja um objeto bem definido. (CLG, [1991], p. 123).

perspectiva não pressupõe objetos – como o fazem o ponto de vista da raiz ou do sentido – visto que ela abarca uma *masse de faits linguistiques*.

Em nenhum outro momento do manuscrito NAL encontramos a palavra *masse* para compor as reflexões de Saussure. Ao contrário do termo *objet*, que nos remete à critérios de recorte e precisão para determinar um campo investigativo, o termo *masse* nos encaminha para uma imprecisão, para uma materialidade ainda não manipulada pela ação investigativa.

Deve-se somar a esse valor de coisa amorfa o fato de que a massa registrada pela pena de Saussure é uma massa de *fait linguistiques*. Essa caracterização da massa sobre a qual é aplicado o ponto de vista momentâneo é produzida pelo emprego de um descritor composto por um adjetivo participio do verbo *faire*. Tal constatação gramatical nos permite reler a expressão *masse de fait linguistiques* como sendo a massa composta de um fazer linguístico.

Tal constatação nos faz entender que a tarefa do investigador em linguística não está em detectar objetos, mas em aplicar um ponto de vista – no caso momentâneo – sobre uma massa produzida pela própria atividade linguística. Enquanto outras ciências se dedicam a investigar um objeto que pode ser expresso por um substantivo que refere a uma materialidade sem que isso cause confusão, a linguística interessa-se por um fazer, isso é por um processo que é melhor expresso por uma forma deverbal.

Além dessa particularidade do ponto de vista momentâneo não supor objetos, mas sim uma massa que materializa a atividade linguística, podemos recorrer ao que foi desenvolvido na passagem “Quel est l’objet des diferentes disciplines linguistiques?” para coletar uma melhor caracterização do que significa a momentaneidade do ponto de vista linguístico.

Havíamos lido na folha 279 a condensação de muitas reflexões que viriam a dar corpo aos princípios de uma linguística sincrônica. De acordo com esse registro, o ponto de vista *momentâneo* é aquele capaz de visualizar as relações que se estabelecem entre os elementos que estão presentes em um *estado de língua*, que é sempre *momentâneo*. Essas relações não são compreensíveis se não forem tomadas em conjunto, visto que o que as sustenta é o fato de que elas todas compõem o *sistema* que lhes dá forma. Portanto, diríamos que o ponto de vista a que Saussure se refere é, em última instância, o da sistematicidade da língua.

O ponto de vista momentâneo – portanto, sistemático – é distinto do *ponto de vista da raiz* ou do *ponto de vista do sentido* que poderiam ser lançados sobre uma *palavra*. Ainda que essa pluralidade de perspectivas seja interpretada como benéfica, ela é, para Saussure fruto de um equívoco, pois elas supõem de antemão os objetos *raiz*, *sentido* e *palavra*. Seguindo essa organização ontológica, o *grammairien* produzirá investigações de elementos atomizados, tal como produzido pelo movimento de objetificação da linguagem que atravessou o século XIX.

Um estado de língua não suporta a aplicação de um ponto de vista da raiz nem do sentido, pois estes ignorariam a sua natureza sistemática. O ponto de vista momentâneo propõe abarcar numa sistematicidade os elementos que se fazem presentes em um estado de língua e, partir dessa sistematicidade, mapear as relações que são estabelecidas entre seus componentes.

Esse ponto de vista nada mais é do que o olhar que o linguista pode lançar desde o interior da língua para os valores percebidos pelo espírito de um sujeito falante dessa língua. É com base nessa leitura que poderemos, no capítulo seguinte, apresentar interpretação da tese de que o *ponto de vista que cria o objeto*⁵⁴.

Retornando à especificidade da acentuação enquanto problema investigativo, o último parágrafo desse bloco nos oferece uma última reflexão a respeito do objeto linguístico. Para Ferdinand de Saussure, o *grammairien* deve ter em mente que posição e qualidade acentual não são atributos de um objeto que deva ser compreendido como acento; posição e qualidade são as marcas das relações que o sistema linguístico coloca em ação, e essas tomam a forma de um acento. Essa compreensão do acento, não como um objeto, mas como um efeito de relações do sistema da língua que agenciam posição tônica e contorno tonal só pode ser elaborada se o *grammairien* lança um olhar do ponto de vista momentâneo, ou seja, sistemático sobre a massa de fatos linguísticos a seu alcance.

A leitura produzida destes quatro primeiros blocos textuais, encontrados em apenas oito folhas do manuscrito NAL, nos permite observar as atitudes epistêmicas propostas por Ferdinand de Saussure para tratar do tema específico de uma pesquisa que lhe ocupou um largo período de sua trajetória investigativa dentro da gramática comparada. Através da produção dessa pesquisa específica, o linguista genebrino formula uma ontologia dos objetos linguísticos.

Conforme podemos apontar, Saussure parte da proposição enigmática de que o objeto central de um estudo sobre o acento não é o acento para conceber o objeto de um estudo

⁵⁴ Ecos dessa reflexão são encontrados nos ELG: “Eis o sentido mais geral que procuramos estabelecer: para nós, é proibido, em linguística, embora não deixemos de fazê-lo, falar de “uma coisa” de diferentes pontos de vista ou de uma coisa em geral, porque é o ponto de vista que, sozinho, FAZ a coisa” (ELG, [2003], p. 173). “Imenso círculo vicioso, que só pode ser rompido substituindo-se, de uma vez por todas, em linguística, pela discussão dos pontos de vista, a dos “fatos”, porque não há o menor traço de fato linguístico, nem a menor possibilidade de perceber ou determinar um fato linguístico fora da adoção anterior de um ponto de vista” (ELG, [2004], p. 27).

linguístico sem que seja necessário recorrer à suposição de um objeto previamente dado. O linguista aposta no ponto de vista momentâneo – que pode ser lido como idiossincrático – como sendo a abordagem da massa de fatos linguísticos que possibilita a verificação de relações sistêmicas.

A partir deste posicionamento, o *grammairien* poderá observar que as relações estabelecidas entre os dados linguísticos – de maneira sintagmática e associativa – permite traçar a delimitação de uma forma linguística que poderá vir a ser compreendida como um objeto. Desse modo, um estudo sobre a acentuação não toma o acento como um objeto, visto que tal procedimento ontológico instauraria uma teoria da fonação, que em nada se relaciona a uma investigação linguística. Um estudo do acento enquanto fenômeno da esfera linguística parte não de um suposto objeto, mas da sistematização que se estabelece para dar forma ao elemento observado.

Esta maneira de lançar uma investigação pode ser lida em outro ponto do manuscrito, no qual Saussure afirma que o *grammairien* deve ter uma consciência clara de que quando se fala do estudo do acento, estamos na verdade supondo o estudo de um *modo de acentuar* específico de uma língua. No bloco *Pièges terminologiques* : « *l'accent* », podemos ler:

[3] Ceci, dira-t-on, revient à ceci que dans un cas *accent* signifiait *accent en lui-même*, dans le second cas *accent du mot, façon d'accentuer le mot*, et que vous répudiez l'identité de la dénomination. Nous répondrons qu'au contraire l'identité de la dénomination est pour nous une circonstance de peu d'importance ; nous n'avons aucune objection à ce qu'il soit clairement entendu qu'*accent* peut signifier *l'accent du mot* ; seulement nous disons que l'étude de *l'accent* (du mot) n'a pas la moi []

[4] Cette simple ellipse, par laquelle après *accent* on se dispense d'ajouter « *dans les mots* », « *selon les différents mots de la langue* », cette ellipse par laquelle on supprime précisément la mention de ce qui est l'unique objet de l'étude, nous ramène perpétuellement à l'illusion que nous nous occupons essentiellement de l'accent []. Il en sera ainsi particulièrement devant le chapitre intitulé *Qualité de l'accent, Formes diverses de l'accent* (NAL, [2003], p. 342).

5.2.3 Leitura analítica III: segunda porção de folhas soltas

Podemos afirmar, de maneira geral, que na porção anterior do manuscrito NAL está descrita uma marcha de ideias que se repetem de diversas formas, mas que sublinham a cada repetição a necessidade de o *grammairien* considerar o acento não como um elemento único de sua investigação, mas como um elemento de um sistema da língua, sendo que é esse último de fato o objeto de interesse de um estudo linguístico.

As publicações do ciclo saussuriano sobre o lituano desde *À propos de l'accentuation lituanienne* (1894) até a publicação de sua comunicação no *X^e Congrès International des*

Orientalistes (1897), é possível verificar o esforço do linguista genebrino em rastrear as formas do acento lituano a partir da relação entre a posição tônica do acento na palavra com o contorno tonal assumido. O manuscrito *NAL*, escrito no princípio desse ciclo de publicações, registra, na porção aqui examinada, fragmentos de reflexões que contribuíram para a determinação das relações de posição e qualidade acentual, operadas pelo sistema linguístico, como sendo o real objeto de um estudo linguístico da acentuação, melhor dizendo, da *façon d'accentuer le mot* (NAL, [2003], p. 342). Passemos agora à apresentação de alguns pontos do texto nos quais podemos ver a *língua* sendo apontada como *cet autre chose* que organiza o universo das entidades linguísticas. Tais porções estão localizadas entre os blocos textuais VI e XXI, tal como organizado pela equipe de editores.

O caminho que nos leva a ver a inscrição da língua enquanto objeto se dá através do esclarecimento da relação entre *acento* e *palavra*, o que já havia sido mencionado no bloco “*Quel est l'objet d'une étude de l'accent? – Malentendus et pièges*”. Na folha 280, Saussure havia deixado marcada a cisão entre um estudo da *natureza do acento*, isso é dos valores absolutos determinados por um ponto de vista pancrônico, e um estudo do *papel do acento na palavra*, que seria um estudo propriamente linguístico, dedicado a determinar os valores relativos produzidos por um ponto de vista momentâneo aplicado sobre uma massa de fatos linguísticos. A relação entre *acento* e *palavra* é apresentada de maneira um pouco mais alongada no bloco “*L'étude de l'accent dans son rapport au mot*”, da seguinte maneira:

Ms.fr. 3953 f. 288-289

[...]

Premier ordre de rapports entre l'accent et le mot :

c'est par ex. la question de savoir si un mot a ou n'a pas d'accent qui lui soit attaché.

Deuxième ordre de rapports entre l'accent et le mot

C'est la question de savoir sur quelle syllabe, dans les mots qui ont un accent, cet accent doit reposer.

Troisième ordre de rapports entre l'accent et le mot. Cet la question de savoir [3]de séparer l'accent en lui-même, de ce qui est l'accent par rapport à autre chose, c'est le signe manifeste qu'on sait à quoi s'en tenir à [propos de] l'objet désigné par accent. Nous avons accepté cette valeur du mot, il nous serait absolument indifférent d'en prendre une autre ; tout ce que nous demandons, de même que nous nous y engageons c'est que désormais le mot accent reste fixé exactement au même objet qui a été compris à l'origine.

2.

On vient de voir (négativement) que toutes les études ultérieures sur l'accent auront à traiter du rapport de l'accent d'abord considéré en lui-même, avec autre chose. On peut [...?] ajouter tout de suite (positivement) que cet « autre chose » est constamment LE MOT, de manière qu'il n'y a pas plusieurs études, mais seulement

une étude à opposer à l'accent vu en lui-même, c'est l'accent vu *dans son rapport au mot* (NAL, [2003], p. 339-340).

Empregando uma apresentação em três tópicos, tal como já havia feito no bloco “Quel est l'objet d'une étude de l'accent? – Malentendus et pièges”, o linguista apresenta as considerações a serem feitas para que se conceba o acento como um habitante da esfera projetada pelo *ponto de vista momentâneo* de um estudo linguístico. Conforme apresentado, o acento, estando relacionado à palavra, deve ser rastreado a partir de sua presença ou ausência, de sua posição e da qualidade tonal que o acompanha. É somente na palavra que tais elementos se tornam manifestos, e portanto, é pela *palavra* que o acento poderá ter seu valor relativo verificado.

No segundo parágrafo citado acima, Saussure parece repetir o que havia sido apresentado na folha 280, reafirmando que o estudo dos valores relativos do acento só pode ser feito quando se coloca em relação o acento e outra coisa. Essa outra coisa, é, neste momento, denominada como *palavra*. O acento só existe enquanto entidade de um estudo linguístico quando está posto em relação à palavra, visto que é somente ela que permite verificar as relações entre posição tônica e contorno tonal.

Andando na linha espiralada que Saussure vai marcando com repetições e diferenças, podemos nos dirigir para o bloco textual que a linearidade do manuscrito nos oferece. Se, no último bloco apresentado, o linguista havia afirmado ser a palavra o elemento que permite ao *grammairien* colocar o acento com relação a uma outra coisa, o bloco “Les rapports accent – langue et accent – mot”, das folhas 290 e 291, nos apresenta um salto do pensamento que nos encaminha para uma outra órbita dessa espiral.

Ms.fr. 3953 f. 290-291

[1] Cet “autre chose” avec quoi l'accent peut entrer en rapport est d'une manière générale la langue (savoir toujours *la langue* déterminée qu'on a décidé d'étudier). Ainsi, la seconde étude prévue d'accent sera l'étude de l'accent par rapport à la langue, du rôle de l'accent dans la langue, ou de la application qui est faite de l'accent par la langue – après que ledit accent a été premièrement envisagé dans ses caractères:

Il n'y a pas d'objection positive à faire à cette définition. Toutefois si l'on se borne ainsi à prendre la langue en masse, ce qu'il faut entendre par le rôle de l'accent dans la langue reste une chose absolument confuse pour l'esprit, parce que la langue comprend toute espèce d'unités parfaitement diverses ; et que si je rapporte au hasard le rôle de l'accent tantôt à une unité de l'ordre *a*, tantôt à une unité de l'ordre *b*, je ne fais que tâtonner misérablement.

Il faut donc, pour définir ce qu'est le rôle de l'accent dans la langue, le mesurer sur des unités linguistiques de *même ordre*: il faut en outre que la somme de ces unités représente *toute la langue* sinon je risque d'avoir omis un côté peut-être essentiel [... ?]. Si je divisais par exemple la langue en syllabes pour voir en quoi l'accent à

une base définie, et cela constituerait quelque progrès sur ce que nous voyons faire chaque jour. Mais la somme des syllabes ne fait pas la langue; il y a mille autres choses en elle qu'une succession de syllabes. Où est donc l'unité qui permettra à la fois déterminer ce qu'est le rôle de l'accent d'après un pôle fixe, et de dire que la valeur obtenue exprime toute la valeur pour la langue? Cette unité est *le mot*. Il faut étudier en quoi consistent les relations de l'accent et du mot, et nous aurons déterminé en quoi consistent les relations de l'accent et de la langue (NAL, [2003], p. 340 - 341).

Para que não se produza um estudo dos valores absolutos do acento, como em uma teoria universal da fonação, é preciso colocar o acento com relação a uma *outra coisa*, para que assim seja possível verificar seus valores relativos, o que é objetivo de um estudo linguístico. Anteriormente, a outra coisa com a qual o acento deveria ser posto em relação era a *palavra*; na passagem acima, a “outra coisa” com a qual o acento pode entrar em relação é a *língua*.

Encontramos outra vez as aspas, que aqui parecem marcar certo tom à frase que abre o bloco. Diferente do pronome *y* anteriormente grafado com essa inscrição, a expressão “*autre chose*” parece ter sido colocada entre aspas por conter uma dose de incerteza. É a primeira vez neste manuscrito que Saussure se refere à necessidade de tomar a língua como uma entidade, nada mais intuitivo do que supor uma dúvida nesta atitude. Tomar a língua como uma coisa parece ser a tarefa que se inaugura com esse registro, o que contribui para a interpretação da inovação ontológica produzida por Saussure.

A frase entre parênteses « *savoir toujours la langue déterminée qu'on a décidé d'étudier* » (NAL, [2003], p. 340) nos indica que a língua é espécie de coisa e não coisa única. Se é preciso saber a língua determinada que se decide estudar, é preciso considerar a existência de outras línguas que não aquela examinada. Ciente de que a língua é uma espécie de coisa que apresenta diversos exemplares – o lituano, o grego, o francês – é possível desenvolver o estudo do papel do acento com relação a essa outra espécie de coisa que é a *língua*.

A abordagem descrita como « *l'étude de l'accent par rapport à la langue, du rôle de l'accent dans la langue, ou de la application qui est faite de l'accent par la langue* » (NAL, [2003], p. 340) torna necessária a concepção de que a *língua* é uma entidade a ser considerada no universo de entidades manipuladas pelo linguista. Nessa porção do manuscrito NAL, tal maneira de elaborar um universo de criaturas para compreender um fato linguístico é modificada, visto que a língua passa a assumir o papel ativo. Conforme podemos ler, é a língua que faz a aplicação do acento – *la application qui est faite de l'accent par la langue* – logo, será ela que ocupará a posição de uma criatura ativa no universo das entidades

mobilizadas pelo *grammairien*. É essa maneira de organizar as entidades do universo linguístico que marcam a inovação desse segundo tipo de estudo elaborado por Saussure.

Este modo de pensar, de instaurar uma ontologia linguística, segundo Saussure, não apresenta nenhum problema. No entanto, tomar a língua como entidade que organiza o acento requer que o *grammairien* tome a língua em *masse*, o que pode fazer com que a língua se torne *une chose absolument confuse pour l'esprit* (NAL, [2003], p. 340), visto que a língua pode compreender unidades de diversas ordens⁵⁵.

É necessário definir qual o papel do acento na língua, o que se torna passível de uma mensuração apenas quando se trabalha com unidades de uma mesma ordem. Saussure nos atenta que é muito fácil executar tal tarefa tomando a língua pelo repertório de suas sílabas. No entanto, alerta o mestre genebrino, este experimento não seria capaz de colher o papel do acento na língua, visto ser a língua muito mais do que um somatório de sílabas. A unidade que permitirá a determinação do papel do acento, insiste o mestre genebrino, é a *palavra*.

Conforme anunciado, Saussure abre, ao longo do manuscrito, uma vereda para a inserção da palavra no universo de ação do *grammairien*. O termo palavra, sabemos muito bem, é motivo de debate em todo tipo de estudo linguístico. Poderíamos recorrer a alguma concepção manualística para lançar luz sobre o material que aqui examinamos. Isso seria recorrer a uma consultoria epistemológica orientadora, mas que de modo algum nos daria pistas sobre como interpretar o conceito de palavra nessa massa verbal. Se nos dispusermos a ir algumas folhas adiante, encontraremos algumas passagens que não irão nos oferecer uma definição estabilizada para o termo palavra, mas que darão as linhas gerais para localizar a *palavra* no sistema de entidades que aos poucos é construído por Saussure.

Ms.fr. 3953 f.299-300

⁵⁵ Uma exemplificação do tratamento do acento na sua relação com a palavra e com a língua poder encontrada no capítulo Linguística estática e linguística evolutiva, da primeira parte do CLG: “Em francês, o acento recai sempre sobre a última sílaba, a não ser que esta tenha um *e* mudo (ə). Trata-se de um fato sincrônico, de uma relação entre o conjunto das palavras francesas e o acento. Donde deriva? De um estado anterior. O latim apresentava um sistema de acentuação diferente e mais complicado: o acento recaíua na penúltima sílaba quando esta era longa; se fosse breve, o acento recaía na antepenúltima (cf. *amīcus*, *ánīma*). Esta lei evoca relações que não tem a menor analogia com a lei francesa. Sem dúvida, é o mesmo acento, no sentido de ter permanecido nos mesmos lugares; na palavra francesa recai sempre na sílaba que o levava em latim: *amīcum* > *ami*, *ánīman* > *âme*. No entanto, as duas fórmulas são diferentes nos dois momentos, pois a forma das palavras mudou. Sabemos que tudo o que vinha após o acento ou desapareceu ou se reduziu a *e* mudo. Depois desta alteração da palavra, a posição do acento não foi mais a mesma em relação ao conjunto; desde então, as pessoas conscientes dessa nova relação colocavam instintivamente o acento sobre a última sílaba, mesmo em palavras de empréstimo, transmitidas pela escrita (*facile*, *consul*, *ticket*, *burgrave* etc.). É evidente que não se quis mudar de sistema, aplicar uma nova fórmula, pois numa palavra como *amīcum* > *ami*, o acento permaneceu sempre na mesma sílaba; interpôs-se, no entanto, um fato diacrônico: o lugar do acento se viu trocado sem que se tocasse nele. Uma lei de acento, como tudo quanto respeita ao sistema linguístico, é uma disposição de termos, um resultado fortuito e involuntário da evolução” (CLG, [1991], p. 101-102).

[1] I. *Élément du mot* (quoi que l'on désigne par là, par ex. le sens du mot, ou bien le son K, qui figure dans ce mot, ou bien la position qu'a ce son K, ou bien la racine H qui s'y trouve etc. etc.) est toujours et partout une expression entièrement et exactement synonyme de « élément différenciateur du mot ».

Obs. Il est plus juste de dire que c'est une expression abrégée pour : élément différenciateur du mot.

II. Les différentes épithètes autres que celles qu'on vient de voir qu'on peut accoler à l'expression *élément du mot* son dépourvues de toute espèce de signification, et dénotent de la part de celui qui les emploie (ordinairement sous prétexte de clarté) l'absence complétée de véritable clarté.

Ainsi : lo éléments *constitutifs* du mot. Il n'y a point d'éléments constitutifs du mot. Un mot n'est constitué [2] que par sa différence avec d'autres. Cette différence est le produit des éléments différenciateurs quelconques qui s'assemblent. Il ne contient pas la moindre chose hors de ces prétextes à différences. Il n'y a pas dans le mot un substratum sur lequel s'ajoutent des caractères différentiels, mais ces caractères différentiels *sont* le mot. Les épuise-t-on, il ne reste aucun résidu : de même, ajoutez-on la plus insignifiante des différences, elle devient à l'instant même une partir du mot aussi essentielle que toutes celles qui précèdent.

Obs. Cette première épithète de *constitutif* quoique fausse n'a pas grande conséquence, parce qu'une fois qu'on [a] reconnu formellement que toute chose qui constitue le mot est simplement *ce qui le différencie*, il ne peut y avoir de divergence que sur la justesse du mot (NAL, [2003], p. 344).

A reflexão que nos encaminha para o entendimento da *palavra* inicia-se por uma definição do *elemento da palavra*. Segundo Saussure, quando nos referirmos a um elemento constituinte da palavra estamos na realidade nos referindo a um elemento diferenciador da palavra. Portanto, constituir uma palavra nada mais é do que diferenciá-la das demais.

O mesmo raciocínio que Saussure havia empregado para a análise silábica é aplicada a uma potencial análise da palavra. Uma palavra não se sustenta por nenhum substrato material ou ideal, ela é mantida como tal graças a sua capacidade de se diferenciar das outras palavras que compõem o sistema no qual se insere. Uma palavra nada mais é do que seus elementos diferenciais; além disso não há substrato residual algum⁵⁶.

Visto isso, poderíamos afirmar que a palavra é o elemento pelo qual é possível verificar as relações sistêmicas operadas pela língua que dão forma ao elemento acento. Assim sendo, é possível colocar acento e palavra em relação para que se verifique o valor relativo do acento no sistema da língua. Saussure havia apontado a impossibilidade de se fazer o mesmo tomando a sílaba, atitude que nos leva a frisar a diferença que o linguista supõe entre sílaba e palavra.

⁵⁶ Um exemplo de análise do acento enquanto elemento diferenciativo da palavra é encontrado na análise diacrônica da terceira parte do CLG: "Se agora se pretende que o pronome latino *me* é representado em francês por duas formas: *me* e *moi* (cf. "il *me* voit" e "c'est *moi* qu'il voit"), responderemos: Foi o lat. *mē* átono que se tornou *me*; *mē* acentuado deu *moi*; ora, a presença ou ausência do acento depende, não de leis fonéticas que fizeram com que *mē* passasse a *me* e *moi*, mas do papel gramatical dessa palavra na frase; trata-se de uma dualidade gramatical" (CLG, [1991], p.181).

Saussure afirma que “la somme des syllabes ne fait pas la langue” (NAL, [2003], p. 341). Ao mesmo tempo sustenta que a palavra é “l’unité qui permettra à la fois déterminer ce qu’est le rôle de l’accent d’après un pôle fixe, et de dire que la valeur obtenue exprime toute les valeur pour la langue” (NAL, [2003], p. 341). Sendo a palavra um composto de elementos diferenciais, ela permite verificar como tais elementos sistêmicos estão engendrados pelas diferenças de posição e qualidade. Em um elenco de sílabas, essas duas relações, que compõem o mecanismo da língua, não podem se expressar. Em uma palavra tais relações são o que localizam e dão forma aos elementos constitutivos e diferenciadores. A palavra aparece no universo do *grammairien* como sendo uma unidade que encarna relações próprias do mecanismo da língua. Por ser o elemento que permite verificar os valores relativos dos elementos de um sistema, a palavra será posicionada por Saussure no centro do estudo, conforme nos aponta a última passagem das NAL a que nos dedicaremos.

Ms.fr. 3953 f. 308

La présence de l’accent dans les mots ne crée pas une condition de l’accent ; elle crée uniquement une condition du mot. C’est pourquoi []

(Il faut voir l’accent par rapport au mot en prenant le mot pour centre)

Or par rapport au mot l’accent n’a PAS même cette qualité une chose *une* (c’est une concession que nous avons faite jusqu’ici). Par rapport au mot :

il existe la *position de l’accent*,
 la *qualité (diverse) de l’accent*,
 la présence ou absence d’accent

Ce sont divers caractères du mot.

Z étant l’accent-grammaire : MOT
 Z

Z = MOT + MOT +
 présence Z posit. Z

Si l’accent est Z, la grammaire de l’accent est la science qui s’occupe du rapport mot.

Z.

Et comme ce rapport est de telle nature qu’une fois connu n’a aucune importance pour le terme Z, mais seulement pour le terme *mot*, il s’ensuit que le seul lien qui exis[]

qu’il n’existe pas une étude générale Z comprenant Z + mot

Z

Je ne rétrécis pas l'idée d'accent, je suis prêt à voir impartialement si l'accent en général contient plus que l'accent en lui-même, je refuse seulement, en faisant cet examen, de déplacer le sens de []

[2] ICTUATION. 1^{er} rapport de l'accent au mot. – Par rapport à *l'accent* n'a pas de sens.

INTONATION. 2^e []

(NAL, [2003], p. 348).

Este fragmento, que será lido como um fechamento do percurso de leitura analítica das NAL, é intitulado pelos editores como “L’accent comme fait morphologique”. Encontramos nele uma espécie de resumo conclusivo do que pode ser lido na porção do manuscrito a que tivemos acesso. Vejamos a sua estrutura.

Na primeira porção da folha, separada por um traço horizontal, encontramos o registro da inversão de perspectiva que Saussure propôs ao longo das passagens anteriores. O acento, conforme lemos, não condiciona a palavra, mas justamente ao contrário, é a palavra que é a condição do acento. Tal conclusão, evidentemente, só foi possível de ser elaborada pelo abandono da tentativa de estudar o acento em si.

Na segunda porção da folha, encontramos o registro de que a relação entre acento e palavra tem na série das palavras o seu centro, ratificando o que havia sido expresso na folha – ao reclamar da ausência de um estudo que tomasse as palavras em si como ponto de partida. Tal atitude é feita pela afirmação de que o acento não existe enquanto uma coisa, ele é um composto de características que podem diferenciar uma palavra da outra. Posição, qualidade e presença são as características diferenciais da palavra que produzem o acento.

Ainda nessa porção da folha, encontramos algumas notações simbólicas da relação entre a palavra – MOT – e o acento – Z. Com base nessa notação, a terceira porção da folha soluciona novamente, de maneira muito mais eficaz, a preocupação inicial do linguista de demonstrar que só está disponível para o linguista o estudo da relação entre palavra e acento. O *accento em si*, ou seja, o valor absoluto de *z* isolado não está no seu alcance. Um vínculo entre o *elemento em si* – o *z* acessível ao fonologista por meio da verificação de seu valor absoluto – e o elemento em sua relação com a palavra – acessível ao linguista por meio da determinação de valores relativos – é, segundo Saussure, fruto de um equívoco epistêmico.

Não existe um estudo que compreenda esses dois tipos de valores, visto que eles pertencem a esferas ocupadas por elementos que tem modos de existir totalmente distintos⁵⁷.

A terceira e última porção da folha nos coloca mais uma vez diante do fragmentário constitutivo do texto manuscrito. Na incompletude das frases registradas por Saussure podemos inferir o início de mais um retorno à cisão entre uma abordagem do acento em si e de um estudo do papel do acento na palavra. Os termos *ictuation* e *intonation*, extremamente pertinentes para a análise da acentuação lituana são deixados em aberto, restando para esse trabalho a curiosidade, a ser sanada numa oportunidade futura, de rastrear tais termos em outras folhas das NAL, ainda não disponibilizadas para o grande público.

Apesar das lacunas interpretativas que o material de análise nos impõe, podemos ler nesse fragmento o ponto de chegada de um raciocínio que havia sido iniciado por uma afirmação negativa - “le centre des questions d’accent n’et pas l’accent” (NAL, [2003], p. 335) – e que se conclui no estabelecimento de uma nova abordagem: Il faut voir l’accent par rapport au mot en prenant le mot pour centre (NAL, [2003], p. 348). Essa possível interpretação da trilha de reflexões saussurianas presente nas NAL será apresentada na seção seguinte, que dá término a esta tese.

⁵⁷ Encontramos nos *Antigos Documentos* organizados por Engler uma passagem que retoma de modo curioso o raciocínio registrado nessa síntese das NAL: *Ms. fr. 3342 f. 2* A aproximação desses dois fragmentos reitera nossa tese de que as análises desenvolvidas por Saussure em torno dos problemas da gramática comparada não são uma atividade isolada das especulações que dão corpo a sua linguística geral.

1º Não existe nada que seja Z, nem mesmo em ficção. Não existe nenhum objeto central que permita ligar z-palavra e z, nem ademais, nenhuma ideia central, seja ela artificialmente elaborada, de maneira a criar, para o espírito, uma única massa dessas duas coisas. É exatamente como tentar dizer que existe uma ideia central como entre o VERMELHO, fato dado, e o vermelho (mesmo fato) que serve para distinguir, em um regimento, os homens de um certo batalhão ou os homens de um certo grau. Nós nos detemos na fórmula:

$$z // z \text{ ----- } X$$

Sendo, um certo elemento da palavra designado por z, as coisas de que se ocupa a gramática são representadas exclusivamente por z/PALAVRA. Elas não são, jamais, representadas por z.

Quem declara que vai estudar Z, estudará, então z em si mesmo (ou então não estudará nada). Além disso, depois de ter estudado z de todas as maneiras, ele não terá ainda começado, absolutamente a se ocupar de coisas gramaticais. Ele se ocupará de coisas gramaticais se estudar _____ Z / PALAVRA

Será que ele quer, então, provar que z e Z/PALAVRA pertencem a um mesmo estudo ideal, que seria Z, e que, mesmo ao preço de algum artifício de pensamento, nós concordemos com ele? É aqui que opomos a denegação mais absoluta à sua tese, negando essencialmente que haja um objeto geral z. (ELG, [2004], p. 225).

PARTE III

6 UMA CIÊNCIA EM ESTADO DE MANUSCRITO

Discutiu-se para saber se a linguística pertenceria à ordem das ciências naturais ou das ciências históricas. Ela não pertence a nenhuma das duas, mas a um compartimento de ciências que, se não existe, deveria existir sob o nome de semiologia, ou seja, ciência dos signos [...]

Ferdinand de Saussure (ELG, [2004], p.223).

Koerner (2013), ao descrever o trabalho do investigador da historiografia linguística, afirma que tal prática de pesquisa não conta com uma metodologia pronta para ser aplicada sobre os objetos de um estudo em potencial. Cabe a cada investigador desenvolver um quadro de trabalho que permita a elaboração de uma interpretação justificada do seu objeto. A dupla leitura das NAL que propomos realizar equivale a esse quadro de trabalho que se constrói no contato com o texto examinado.

Conforme mencionado, planejamos uma leitura das NAL a ser apresentada em dois momentos: no primeiro deles, desenvolvido na seção anterior, realizamos uma descrição analítica de uma seleção de fragmentos linearmente dispostos entre as folhas 257 e 310 do manuscrito Ms. fr. 3935; no segundo momento, que se desenvolverá nesse capítulo conclusivo, propomos uma interpretação sintética do material previamente apresentado.

Na primeira etapa dessa leitura, descrevemos pontualmente os procedimentos empregados por Ferdinand de Saussure na investigação do fenômeno acentual. Tais procedimentos puderam ser verificados de maneira muito fragmentária, através do exame do uso de termos específicos, da sugestão de reformas terminológicas, da identificação de problemas e da apresentação de soluções. Foi possível trilhar aos saltos o pensamento desenhado por Saussure nesse momento específico de sua jornada investigativa.

Ao longo da apresentação descritiva, apontamos em notas de rodapé uma série de passagens de outras porções do corpus saussuriano – abarcando ELG e CLG – nas quais encontramos ecos das reflexões desenvolvidas pelo linguista entre maio e novembro de 1894, período em que se dedicou a escrita do primeiro artigo sobre a acentuação lituana e participou do *X^e Congrès International des Orientalistes*. Ainda que não tenha sido nosso objetivo inicial tecer uma teia de relações entre as NAL e outros textos saussurianos, acreditamos que tais apontamentos servem de argumento documental para afirmar que uma cisão entre o Saussure comparatista e o Saussure generalista é apenas uma miragem produzida pela leitura retrospectiva cindida por uma nomeação de títulos. Por mais que sejam desenvolvidas

técnicas filológicas para o tratamento dos textos (BOUQUET, 1999; KHYENG, 2007), o fato de terem sido produzidos pelos movimentos de uma mesma mão e habitado por muitos anos uma mesma escrivãzinha faz com que o leitor encontre entre esses textos um intenso diálogo.

Nesta segunda etapa da leitura, faremos um fechamento conclusivo do trabalho, a partir da recuperação de algumas passagens do manuscrito para formular uma interpretação sintética do que foi lido até o momento. Para tanto, buscaremos inspiração na *Table de metièeres* elaborada pelos editores das NAL, e, através dela, determinaremos algumas questões para serem lançadas de volta ao texto.

No capítulo 2 da primeira parte, coletamos alguns dos inúmeros retratos elaborados para o nome de Ferdinand de Saussure ao longo do século XX. Os epítetos *mestre genebrino*, *autor de um legado*, *homem por detrás do CLG* revelam cada um uma maneira de localizar o nome Ferdinand de Saussure no desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos. Além desses diferentes modos de se referir a Saussure enquanto a imagem projetada por um nome de autor, trouxemos, no capítulo 3, parte do trabalho de Jean-Claude Milner como exemplo de uma interpretação bastante difundida da proposta de ciência que pode ser encontrada no corpus saussuriano. Embora já tenhamos nos dedicado a tal explanação, é importante retomar aqui o modo como esse autor verifica em Saussure a matriz de uma epistemologia aristotélica.

O trabalho de Milner (1987; 1995), como vimos, é um exame minucioso de como a linguística responde à necessidade de se demonstrar como uma prática científica. São esses critérios de cientificidade que a diferenciariam da gramática tradicional e da filologia. A obra *Introduction a une science du langage* é uma grande cartografia de como diferentes escolas linguísticas lidam com tal exigência. O caso de Ferdinand de Saussure é apenas um dentre tantos outros que podem ser lidos na história da produção de saberes linguísticos.

De acordo com Milner (1987; 1995), o trabalho de Ferdinand de Saussure – tal como pode ser lido no CLG e suas notas – marca um rompimento com a produção de conhecimento colocada em ação pela gramática comparada do século XIX. Enquanto os neogramáticos centrados nas universidades germânicas empenhavam-se na elaborar um modelo empírico de ciência, que se alinhasse com uma *ciência galileana*, Ferdinand de Saussure se volta para elaboração de uma outra formatação de ciência. Segundo Milner, a ciência que Saussure propunha desenvolver a partir de um exame crítico das propriedades da linguagem que permitiam o acúmulo de saberes produzido pelo comparatismo seguia o modelo de uma ciência não-positiva. Segundo essa interpretação, Saussure partiria de uma elaboração muito firme do objeto de sua ciência e, com essa definição formatada em uma proposição axiomática, partiria para a pesquisa de dados linguísticos.

O que Milner (1987; 1995) verifica em Saussure é uma espécie de inversão daquilo que é preconizado pela metodologia padronizada das ciências modernas: literalização matematizada seguida de teste de refutação. A inovação de Saussure é para Milner uma possibilidade de desvio na trajetória das ciências humanas apossadas pelo avanço da positivação dos saberes. Esse desvio seria, segundo o intérprete, a marca de um retorno inconsciente a uma matriz epistemológica antiga, que pode ser verificada na ciência clássica tal como estabelecida por Aristóteles e praticada por Euclides.

Para Jean-Claude Milner, o linguista genebrino rompe com as tentativas de positivação dos estudos linguísticos que eram produzidos em sua época e, por meio de um exame crítico da gramática comparada, situa a proposição de que *a língua é um sistema de signos* na posição de axioma central de sua teoria. Ao definir seu objeto de estudo por meio de um sistema de proposições indemonstráveis, mas coerentes, Saussure determina uma série de orientações para uma prática investigativa dos fatos de linguagem.

A prática investigativa que deriva dessa articulação de proposições axiomáticas e ferramentas conceituais resulta num trabalho de delimitação das unidades da língua que são dotadas da capacidade de se tornarem *signo*. O *signo*, segundo Milner, é uma ferramenta conceitual que permite encarnar em um objeto as propriedades da linguagem. Ao manipular o signo o linguista executa algumas funções epistemológicas que conferem à linguística as características de uma ciência. O linguista, dispondo de uma homogeneização produzida pelo recorte feito pelo signo no fenômeno heteróclito, poderá determinar suas unidades, classificá-las e mapear a organização sistêmica que as sustenta.

Milner (1987; 1995; 2003) identifica em Saussure uma curiosa proposta de fazer ciência, que sugere o retorno a uma cientificidade aristotélica. Tal interpretação, muito bem apresentada e que encontra uma larga aceitação, parece ser fruto da leitura dos textos que veiculam uma imagem de Ferdinand de Saussure enquanto o autor de uma *ciência pronta*, e deriva dela a possibilidade de fazer interpretações como a que fez Jean-Claude Milner e diversos de outros autores.

No entanto, quando mergulhamos no conjunto fragmentário dos manuscritos do linguista genebrino, a imagem de ciência que emerge diante de nossos olhos é, de acordo com Fehr (1996), a de um projeto que está em construção, que parece não ter surgido de uma especulação puramente reflexiva sobre as propriedades da linguagem. Se considerarmos a historicidade do material que manipulamos, outras interpretações da proposta de ciência saussuriana se tornam possíveis.

A interpretação que propomos da ciência saussuriana a partir das NAL diverge do diagnóstico de uma epistemologia aristotélica feito por Milner com base em outros textos do linguista. O que encontramos nessas notas indica um caminho inverso daquele lido por Milner. Saussure não parte do desejo de fazer da linguística uma ciência com base num modelo de ciência ideal, muito pelo contrário, ele parte do diagnóstico da especificidade do objeto da linguística para que, com base nisso, seja elaborada uma epistemologia propriamente linguística.

Não se trata, portanto, de aplicar no terreno da linguística os critérios de cientificidade de uma epistemologia geral, muito menos de fazer com que os objetos da linguística migrem para outras zonas de produção de saber positivo. O empenho e a originalidade de Saussure residem na tentativa de elaborar um modo de fazer ciência até então inédito. Tal elaboração é feita a partir das pesquisas realizadas em torno de problemas específicos da gramática comparada, logo não podemos compreender tal produção como originária de uma especulação pura dedicada à fabricação de axiomas.

Para que possamos apresentar essa interpretação, organizaremos nosso texto sob a inspiração da *Table de matières* organizados pelos editores das NAL. Sabemos que a organização dos tópicos *Phénoménologie de l'accent; Réflexions épistémologiques concernant l'objet de la linguistique* e *Réflexions épistémologiques concernant la discipline de la linguistique* não são produtos da pena de Ferdinand de Saussure, porém, como nunca tivemos por objetivo a restauração de uma originalidade saussuriana, tomamos tais divisões temáticas como uma boa ferramenta para a produção de uma leitura interpretativa do nosso material de estudo.

Iniciaremos com uma interpretação do que seria uma *fenomenologia do acento*. Para tanto, nos dedicaremos a traçar como Ferdinand de Saussure aponta um modo adequado de apreender o fenômeno acentual enquanto efeito de um elemento linguístico. Essa primeira atitude é de extrema necessidade, visto que o *grammairien*, personagem conceitual que nos acompanha, está totalmente exposto a uma série de miragens e armadilhas que podem encaminhá-lo a falsos objetos linguísticos. As consequências da adoção de um falso objeto linguístico são trágicas, pois disso resulta a produção de uma falsa ciência.

Através de uma série de cisões e bifurcações, Saussure insiste na determinação do objeto linguístico como caracterizado pela ausência de um substrato material. Dada essa especificidade, o linguista precisa fixar quais serão os critérios que podem garantir a existência desse objeto. Nessa *reflexão epistemológica sobre o objeto da linguística*, a

articulação dos conceitos de *valeur*, *difference*, *mot* e *langue* será a ferramenta com a qual a determinação de um elemento linguístico se torna possível.

Feita essa demonstração de como Ferdinand de Saussure se preocupa em demonstrar o modo peculiar de existência dos elementos linguísticos, nos dedicaremos a retomar no manuscrito as passagens nas quais o linguista registra uma *reflexão epistemológica sobre a organização disciplinar dos estudos da linguagem*. Por fim, terminaremos com um exame do que poderia ser considerado como a *ciência por vir* que Saussure praticou em vida.

6.1 UMA FENOMENOLOGIA⁵⁸

Os linguistas da segunda metade do século XIX apresentavam uma grande preocupação em forjar um aparato metodológico que atestasse a empiria sobre a qual repousaria o objeto das pesquisas comparatista sobre as transformações fonéticas. Na tentativa de constituir uma teoria da língua firme o suficiente para organizar um projeto de pesquisa já em andamento, o ato fonatório – polêmico amálgama de matéria acústica e fisiológica – era apontado como o objeto empírico em torno do qual poderiam se organizar os estudos desse campo investigativo. As modificações fonéticas que haviam sido rastreadas pelos comparatistas, de acordo com tal modelo, deveriam ser submetidas à compreensão de que tais fenômenos são, em última instância, consequências de leis psico-mecânicas que regem a produção fônica humana (BOUQUET, 2004; MANILIER, 2006; MILNER, 1995).

Ferdinand de Saussure, como cientista de seu tempo, está imerso no projeto de pesquisa das transformações fonéticas verificadas ao longo da história das línguas. Conforme pudemos esclarecer no capítulo 4, as pesquisas em torno da acentuação lituana tinham como objetivo reconstruir os estados anteriores da língua báltica que deram origem ao acento de entonação aguda. A reconstrução desse elemento específico permitiria a Saussure apontar para dados históricos que atestariam a existência de uma correspondência entre o coeficiente sonante *ř*, cujo apagamento implicou o acento agudo, e o quarto elemento do sistema vocálico indo-europeu, vogal **A*, que havia sido deduzido no seu *Mémoire*.

A reconstrução de formas linguísticas de estados de línguas pretéritos é uma prática científica comum tanto para Saussure como para os neogramáticos germânicos que haviam ignorado seu trabalho de juventude. O que distingue o trabalho de Ferdinand de Saussure do

⁵⁸ O termo fenomenologia – coletado no manuscrito saussuriano pelos editores na elaboração da *Table de matières* – não é empregado por Saussure como referência a um ramo filosófico em específico. Além disso, as ocorrências da palavra *phénomène* nas NAL não nos permitem inferir um significado mais preciso do que o usual: acontecimento disponível à apreensão sensível

que era produzido pelos seus contemporâneos reside no fato de que as investigações do linguista genebrino não apostam na materialidade do ato fonatório como sendo a causa das mudanças fonéticas mapeadas.

Enquanto a maior parte dos comparatistas germânicos estava absorvida pelo projeto dos neogramáticos de resumir suas investigações a leis fonéticas, ou seja, literalizações matematizadas nas quais os elementos linguísticos são notados como entidades materiais de atos fonatórios individuais, Saussure se empenha, e isso fica evidente nos seus manuscritos, em negar a possibilidade de compreender o fenômeno acentual como uma materialidade em si. Esse afastamento de Ferdinand de Saussure da tentativa de reduzir os elementos linguísticos a um empirismo imediatista talvez seja a atitude epistemológica responsável pela constituição de toda sua teoria linguística.

Nas NAL, a necessidade de destacar o caráter imaterial de todo elemento linguístico se faz presente em diversas vezes nas quais são registrados os cuidados que o *grammairien* deve ter para não cair nas miragens e armadilhas que uma má compreensão do modo de existir de seu objeto de estudo pode causar. Para conduzir o *grammairien* por um caminho que desvie de tais equívocos, Saussure apontará para uma cisão que deve ser feita para que um estudo adequado do acento seja feito.

O primeiro registro dessa cisão é encontrado no conjunto das folhas numeradas, mais especificamente no fragmento [12], I Ms, fr, 3953 f. 266. Nessa passagem, Saussure está interessado em produzir uma análise silábica na qual seja possível identificar seus elementos, o que mais tarde equivalerá a uma identificação de suas características.

Na explicitação desse procedimento, Saussure afirma que o *elemento pansilábico uniforme*, ou seja, o elemento que se faz presente em todas as sílabas da mesma maneira, não existe formalmente nem para o linguista nem para a língua, visto que ele não produz diferenciação perceptível para o espírito. O *elemento pansilábico uniforme* existe, no entanto, para o fonologista, visto que esse se situa *fora da língua*. Nesse ponto, Saussure marca pela primeira vez no manuscrito uma fronteira entre o terreno do *grammairien*, o lado de dentro da língua, e o território do fonologista, o lado de fora da língua.

A metáfora da localização dos personagens conceituais separados pela fronteira da língua é complementada por uma caracterização do modo de existir dos habitantes de cada um desses territórios. Tomando o exemplo, tantas vezes repetido nas NAL, da *quantidade vocálica*, é possível compreender que os elementos do lado de dentro da língua tem uma maneira de existir distinta daqueles que estão situados do lado de fora e disponíveis para manipulação do fonologista.

A quantidade vocálica é nas línguas românicas um *elemento pansilábico uniforme*, ou seja, manifesta-se em todas as sílabas de maneira idêntica. Para o fonologista, situado no território exterior à língua, tal característica silábica pode ser investigada pelos métodos de mensuração fisiológica do ato fonatório que as tecnologias do 1870 tornaram possíveis. Para o linguista, situado no interior da língua, a quantidade é inexistente, visto que o meio de que dispõe para investigá-lo é a notação de sua diferença qualitativa com relação aos outros elementos da língua.

Não havendo produção de qualidades diferenciadoras, a quantidade vocálica é para a língua, e conseqüentemente para o linguista, um elemento ausente. Enquanto materialidade do ato fonatório – seja ele um aspecto articulatório ou acústico – a quantidade vocálica persiste existindo. Porém, ao estar destituída da possibilidade de produzir diferenças perceptíveis, ela não tem função linguística e, portanto, não existe no território em que o *grammairien* está localizado.

Ao posicionar o *grammairien* no lado de dentro da língua, torna-se necessário definir as condições de existência que esse terreno impõe aos seus habitantes. Essa necessidade é repetida em diversos momentos das NAL (III Ms, fr, 3953, f.280, VI Ms, fr, 3953, f.282, VII Ms, fr, 3953 f..288-289, VIII Ms, fr, 3953 f.290-291, IX Ms, fr, 3953, f. 292; XVI Ms, fr, 3953, f. 303). Nessas passagens, o linguista insiste na necessidade de distinguir um estudo da *natureza do acento*, ou um estudo do *acento em si*, de um estudo do *papel do acento na palavra*, ou da *relação do acento com a palavra*.

A *natureza do acento* ou *acento em si mesmo* são objetos próprios de uma prática de pesquisa do fonologista. Essas investigações têm como objetivo determinar os *valores absolutos* do acento enquanto uma coisa em si, cuja existência está garantida pela sua materialidade. O *grammairien*, por sua vez, situado no interior da língua, tem como objetivo de estudo determinar o valor do acento na sua relação com a palavra.

Para apontar o abismo intransponível entre essas duas práticas investigativas, o linguista descreve uma hipotética aproximação entre a investigação da cor vermelha ou azul enquanto um elemento da heráldica e da cor vermelha ou azul enquanto uma porção do espectro de uma emissão luminosa (III Ms. fr. 3953, f. 281).

O físico, dotado dos instrumentos desenvolvidos pela ótica, será capaz de estabelecer o *valor absoluto* das frequências de azul e de vermelho. Para cada uma dessas cores será atribuído um valor que, além de ser matematizado de maneira quantificada, é estabelecido numa relação direta entre a cor e uma propriedade física, no caso, a emissão de ondas eletromagnéticas. Um investigador que deseja determinar o papel das cores vermelha e azul

na arte do brasão não encontra nos *valores absolutos* determinados pelo físico uma contribuição para seu objetivo de pesquisa. Sua investigação só avançaria com a determinação do *valor relativo* que as cores em questão podem estabelecer com os demais elementos do brasão, e não com uma grandeza derivada da ordem material.

Essa aproximação entre heráldica e física que é facilmente considerada como inapropriada pelo leigo é formulada por Saussure como uma analogia do descabimento que ele supõe nas aproximações entre estudos linguísticos – aqueles que manipulam objetos imateriais – e estudos físicos – totalmente voltados para objetos materiais.

“La physique de l'accent et la grammaire de l'accent, on peut leur donner ces noms, sont choses aussi étrangères l'une à l'autre que la physique d'une couleur et ce qu'on peut appeler la grammaire héraldique de cette couleur” (NAL, [2003], p. 337).

A distinção entre uma física do acento e uma gramática do acento é, veremos, uma atitude epistemológica fundamental para Saussure, e não será sem motivos que a encontraremos reformuladas inúmeras vezes nas NAL. O linguista sublinha a todo o tempo a necessidade de não confundir essas duas abordagens possíveis :

C'est dire que nous ne reconnaissons aucun liaison véritable entre ces deux études ; qu'il n'y a pas entre elle la démarcation qui sépare les deux partie naturelles d'une étude, mais qu'il s'agit de deux études se mouvant en deux sphères (NAL, [2003], p. 337).

O estudo da física do acento não é sob hipótese alguma parte da gramática do acento. Por habitarem esferas distintas, o estudo da física do acento e o estudo da gramática do acento estão organizados em torno de objetos que são constituídos de modos totalmente distintos. Essa cisão radical e definitiva entre uma abordagem física, própria do fonologista, e abordagem gramatical é a marca de uma atitude epistemológica.

É importante ressaltar que Ferdinand de Saussure não propõe uma separação abissal entre os elementos que são detectados pelo lado de fora da língua e os que o são pelo lado de dentro em virtude de um desprezo pela materialidade do ato fonatório ou por uma vocação higienista, como alegam alguns de seus leitores. Retirar a materialidade física do ato fonatório do terreno da linguística não significa negar em momento algum a existência do fenômeno articulatório e auditivo que coloca músculos, tendões, nervos, correntes de ar, tímpano e boas porções do córtex cerebral em ação. Todo esse complexo fisiológico tem uma existência inegável, porém não são essas as atividades que determinam a existência ou a ausência de um elemento linguístico.

Os elementos que haviam sido detectados na análise silábica – quantidade vocálica, timbre e entonação – não poderão ser determinados como presentes ou ausentes na esfera da língua com base em um exame imediato do ato fonatório individual. Eles são considerados presentes ou ausentes na medida em que são capazes de produzir diferença em relação aos outros elementos que o acompanham em um ato fonatório em potencial. Os objetos que estão do lado de dentro da língua, que habitam essa esfera, tem um modo de existir particular, que não é garantido por uma empiria material.

Devido a essa especificidade do elemento linguístico, Saussure propõe uma renovação epistemológica. Totalmente dedicado a produzir uma ciência passível de uma literalização matematizada – preocupação reiterada ao longo do manuscrito -, o linguista se vê obrigado a apresentar uma maneira de garantir que o elemento linguístico, mesmo não sendo determinado por causas materiais do ato fonatório, seja uma entidade cuja existência possa ser investigada.

O estudo linguístico do acento que Saussure propõe realizar abdica de todo vínculo com a física do acento. Ao afirmar que os elementos linguísticos são imateriais, Saussure assume o compromisso de demonstrar de que modo tais entidades desenvolvem um regime de existência centrado na percepção de diferenças qualitativas. Para que seja possível tratar desse fenômeno – a percepção de diferenças qualitativas - enquanto um objeto, será necessário estabelecer os meios que determinam a existência de que um elemento linguístico enquanto uma entidade destituída de substância.

6.2 UM OBJETO

A busca de uma definição do objeto do estudo linguístico sustenta uma das perguntas mais retomadas em torno dos estudos saussurianos, justamente aquela que abre o capítulo III da introdução do CLG, intitulado “Objeto da linguística”: “Qual é o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto da Linguística?” (CLG, [1991], p. 15). Essa pergunta grandiosa e abrangente poderia ser reformulada numa escala reduzida no interior do manuscrito NAL da seguinte forma: “Qual o objeto, ao mesmo tempo integral e concreto, de um estudo linguístico do acento?”. Poderia, mas não o é, pois os manuscritos de Saussure não se organizam de maneira didatizada.

Ainda que não encontremos tal pergunta, sua resposta está disponível na folha 278: “l'objet central des questions d'accent n'est pas l'accent” (NAL, [2003], p. 335). Tal afirmação negativa, a princípio muito obscura, torna-se compreensível na medida em que avançamos na

leitura das NAL e conseguimos visualizar a distinção entre um estudo do *acento em si mesmo* e um estudo do *papel do acento na palavra*. Visto que só a segunda abordagem é apropriada para o *grammairien*, o leitor compreende que de fato, o acento em si não está no centro das questões referentes à acentuação. O abandono de uma abordagem dos elementos linguísticos ancorada na materialidade desses obriga-nos a trilhar a busca por uma prática científica que justifique a existência do acento enquanto um elemento linguístico. O ponto final dessa trajetória, como lemos no fragmento *Ms.fr. 3953 f. 308*, desemboca na colocação da palavra no centro do estudo acentual.

Retornando ao início desse percurso, na análise silábica proposta nas folhas 266-270 encontraremos a caracterização do acento como um *elemento oligossilábico*. Distinto do timbre e da quantidade vocálica que podem ser verificados em todas as sílabas, o acento recobre apenas uma porção do encadeamento silábico. Essa propriedade da distribuição acentual configura um problema metodológico, visto que não somos capazes de integrar o elemento acento numa ordem de diferenciação, como ocorre com os elementos timbre e quantidade.

O elemento *ü*, por exemplo, é *oligossilábico*, dado que se manifesta apenas em algumas sílabas. Porém, por estabelecer uma distinção com outros elementos vocálicos, ele pode ser compreendido como um dos termos de distinção do elemento pansilábico *timbre*. Uma língua, portanto, apresentará uma maneira específica de agenciar o timbre enquanto uma ordem produtora de diferenças entre as unidades.

Uma organização desse tipo não é suficiente para dar conta do fenômeno acentual. Saussure sustenta que inserir o acento numa ordem diferencial do tipo *tonicidade* seria insistir num equívoco, visto que não é uma distinção binária da intensidade vocal que permitiria mapear o modo como a língua faz uso do acento. O acento está vinculado não apenas com uma diferença qualitativa, mas também com o aspecto posicional dentro da palavra. Por essa razão Saussure alegará que o acento, para ser considerado um elemento habitante da esfera da língua, não deve ser tomado como um elemento silábico, mas como componente da *palavra*.

A afirmação de que o acento deve ser tratado na sua relação com a palavra pode parecer extremamente banal quando lida fora do contexto; porém quando a localizamos no seu contexto de produção, a proposição ganha relevo. Os estudos da acentuação lituana que antecedem Saussure propunham um tratamento do acento a partir de uma abordagem das diferenças de seu contorno tonal, elemento silábico, próprio da língua lituana. A análise conjunta desses dois elementos de natureza distinta sugeria a necessidade de um estudo específico do fenômeno acentual. Saussure, ao propor que o *acento* seja colocado em relação

à *palavra* da mesma forma que se colocam os elementos *ü* e *u* e em relação ao *timbre*, impede a formação de uma acentologia e insere o acento lituano no plano de estudos de uma morfologia.

Vincular o acento com a palavra é uma necessidade para o *grammairien*, visto que ele precisa atestar por meios linguísticos as relações que sustentam tal elemento. Recorrer aos valores absolutos auferidos pelo fonologista desde o exterior da língua é uma prática vedada. É no terreno da língua que a existência do acento enquanto um elemento oligossilábico deve ser verificada. Trata-se do desafio de propor um modo de abordar o acento a partir de sua imaterialidade, o que nada mais é do que um caso exemplar do desafio de elaborar uma ciência que trate de um objeto destituído de substância material que lhe dê garantia de empiria.

Os editores das NAL, Ludwig Jäger, Mereike Buss e Lorella Ghiotti, afirmam haver nesse material uma teoria linguística comprimida, como dentro de uma casca-de-noz. A imagem é extremamente apropriada, pois encontramos nesse conjunto de textos, ainda que fragmentados, as marcas de uma proposta científica completa. Há de se cuidar, evidentemente, para não superinterpretar o texto manuscrito, para não fazer dele uma tela para projetar a imagem de ciência saussuriana que já produzimos em outras leituras. Tomando esse cuidado, é possível, pela junção de algumas passagens das NAL, identificar os registros das proposições do que tradicionalmente é denominado como *teoria do valor*. Essa teoria, que só será assim nomeada por uma leitura retrospectiva, poderia ser lida enquanto uma proposição axiomática quando isolamos o seguinte fragmento:

Un système de langue (qui est un système toujours momentané) se trouve de moment en moment compris en un certain nombre de valeurs, lesquelles valent uniquement par leur différence, oppositions et relations (NAL, [2003], p. 337).

Porém, diferentemente do que está proposto nos textos derivados dos cursos de linguística geral ministrados em Genebra, o conceito de valor construído nas NAL não é apresentado de modo didático, e, quando se faz presente, não está acompanhado do arsenal terminológico que Saussure havia desenvolvido para tratar do *signo*. No entanto, é possível afirmar, de acordo com passagens como a citada acima, que existe uma *teoria do valor* nesse manuscrito, mas essa se faz presente de modo implícito.

O estudo do acento a ser desenvolvido pelo *grammairien* será feito tomando como base as características diferenciais que podem ser consideradas internas da língua. Nesse ponto, o fragmento *I Ms.fr.3953, f. 261* pode nos ser útil, ao afirmar que a identidade entre *elemento* e *qualidade*, ou seja, a sinonímia científica que Saussure propõe, para acabar com a

suposição de uma essencialidade do material linguístico, transforma o elemento linguístico em um *local de diferenças que se apresenta ao espírito* [LIEU DE DIFFÉRENCES se présentant à notre esprit] (NAL, [2003], p. 334).

Essa sequência de transformações terminológicas não são apenas um jogo de palavras, mas a formulação de uma abordagem extremamente precisa para a apreensão do elemento linguístico enquanto coisa destituída de substância. O elemento linguístico não reside sobre nenhum substrato de átomos, é somente o ponto de convergência no qual estão coordenadas as diferenças que se apresentam ao espírito.

O resultado desse labirinto de palavras é uma retomada da cisão entre o externo e o interno da língua, adicionando a essa o estabelecimento de um vínculo entre o que pertence ao limite interno da língua e o domínio do espírito. Se Saussure havia se afastado das materialidades de valores absolutos, ele o faz para fixar seu objeto no domínio dos valores relativos que se manifestam na superfície das percepções mentais.

As diferenças que convergem num elemento linguístico não se apresentam como tais a uma máquina como a de Jules Maray capaz de produzir minuciosos registros gráficos da movimentação articulatória. As diferenças que compõem o elemento linguístico são aquelas que se apresentam ao *espírito*, ou seja, são aquelas que são passíveis de serem percebidas apenas por um sujeito falante. Nesse momento, o elemento linguístico começa então a ser compreendido a partir de uma positividade. Ele é então uma entidade que, mesmo destituída de materialidade, mantém sua existência pela percepção de suas características qualitativas que a diferenciam das demais entidades que a acompanham.

Ao realizar a decomposição dos elementos silábicos, ou seja, a decomposição das características que constituem tais elementos, Saussure caracteriza como *valables* aqueles que são capazes de criar uma diferenciação, enquanto que aqueles que não possuem tal capacidade são descritos como *non valables*. O elemento linguístico, entidade destituída de propriedades físicas, é constituído como o ponto de convergência das características que produzem uma diferenciação entre os termos, diremos em resumo que o elemento será tomado pelas suas características *valables*. A determinação de tais características será, portanto, a determinação do seu *valor*, objetivo final do *grammairien*.

O *valor* é então uma maneira de tornar objetivo o estudo dos elementos linguísticos tais como eles são percebidos pelos sujeitos. Se retomarmos as metáforas espaciais elaboradas por Saussure, não temos dúvida de que tal modo de objetivação só pode ser feito pelo lado do espírito, ou seja, pelo lado de dentro de uma superfície sensível que percebe a língua enquanto um oceano de unidades qualitativamente diferenciadas.

Por esse encadeamento de raciocínios, parece-nos claro que a exclusão da materialidade fônica do território da língua não deriva de um projeto positivista de homogeneização do campo investigativo. Trata-se muito mais de uma atitude epistemológica necessária para possibilitar uma compreensão do fenômeno linguístico enquanto uma realidade mental que se organiza em torno da percepção de diferenças. O *valor* é ferramenta que permitirá fazer uma literalização dos perceptos produtores de diferença.

Retornando à especificidade das NAL, diremos então que um estudo linguístico do acento terá como meta final estabelecer seu *valor relativo*. Dado que valor linguístico não se ancora em nada externo à língua, diremos que ele será sempre relativo, ou seja, estabelecido pela coordenação de dois elementos. O elemento ao qual o acento está relacionado não é uma ordem de diferenciação pansilábica, como ocorre com o timbre *ü*, por exemplo. A ordem de diferenciação do acento – que não é do tipo pansilábico – é a *palavra*.

Or l'accent tonique, qui est le type θ , a justement pour caractère de ne pas pouvoir être distribué au hasard, par ex. de ne pas pouvoir frapper deux ou trois fois le syllabes d'un MÊME MOT ; par conséquent de connaître l'unité du mot dans sa loi, de la reconnaître comme Sa condition décisive et permanente (NAL, [2003], p. 332).

Enquanto um elemento oligossilábico, que atinge apenas algumas sílabas, as ocorrências do acento revelam que tal entidade respeita algumas regras distribucionais. O fato de não atingir mais de uma sílaba em uma palavra deixa claro que entre o elemento acento e o elemento palavra existe uma coordenação, ou seja, uma organização mútua. Em outros pontos do manuscrito, encontraremos a relação entre *acento* e *palavra* sendo explorada com mais detalhamento.

Aux différentes études d'accentuation il est inutile de chercher un centre commun dans l'accent : il y a 2 centres qui sont l'accent pour tout ce qui concerne l'accent en lui-même, et le mot pour tout ce qui concerne l'accent autrement qu'en lui-même, savoir

1° le rapport mot déterminé
position de l'accent

2° le rapport mot déterminé
qualité de l'accent

(NAL, [2003], p. 338-339).

Ainda que tal relação não seja explorada de maneira detalhada nesse material, o que está registrado é que há entre acento e palavra uma relação coordenada por duas características. A primeira delas diz respeito à *posição* do acento, ou seja, a relação que o acento estabelece ao diferenciar uma sílaba das demais que efetivamente estão presentes na

composição da palavra. Deste ponto de vista, o acento diferencia uma sílaba do conjunto total que se faz presente. A segunda relação anotada diz respeito à diferença da *qualidade* do acento, ou seja, a diferença que existe entre o tipo de acento que se efetiva na palavra e os demais tipos de acento que estão ausentes, mas virtualmente relacionados.

Embora o manuscrito mencione os dois tipos de relação que se estabelecem entre o acento e a palavra, não encontramos nesse material maiores reflexões em torno dessa questão. A interpretação desses dois modos de o acento se fazer um meio de diferenciação da palavra como um bom exemplo do mecanismo da língua, tal como apresentado nos capítulos V e VI da segunda parte do CLG, pode ser um tanto quanto arriscada. Portanto, se nos mantivermos nas NAL, encaminhamos nossa leitura interpretativa para a determinação de uma relação entre *acento*, *palavra* e *língua*. Saussure é categórico ao afirmar que o estudo do acento nada mais é do que o estudo da *qualidade* e da *posição* acentual na palavra. A palavra, como apontado na leitura analítica, ganha espaço e importância ao longo do manuscrito, visto que é ela que possibilita o estudo do acento não como coisa material, mas como coisa linguística.

Por possibilitar um acesso à sistematização que produz o acento, a palavra é o que permite verificar *cet « autre chose »*, essa segunda ordem de elemento à qual o acento está relacionado. Essa outra coisa, ordem sistêmica de diferenciação, é denominada *língua*. O estudo do acento é na verdade um estudo da maneira como a língua aplica o acento: *Ainsi le seconde étude prévue d'accent será l'étude de l'accent par rapport à la langue, du rôle de l'accent dans la langue, ou de l'application qui est fait de l'accent par la langue* (NAL, [2003], p. 340).

Saussure é apontado por muitos de seus intérpretes como o inventor da *langue* enquanto objeto do estudo linguístico. O que o manuscrito NAL nos revela de distinto sobre essa invenção é que o caminho que Saussure percorre até chegar a ela não é o da pura especulação. As poucas ocorrências do termo *langue* nos fragmentos investigados não sugerem a formulação de proposições gerais que poderiam ser tomadas como axiomas ordenadores de uma prática analítica. O que lemos na linearidade do seu texto é que a busca pelo caráter sistêmico das unidades elementares faz supor a existência dessa *autre chose* que será denominada *língua*. Portanto, a cadeia reflexiva que nos leva à elaboração da *língua* tem como início a análise silábica, ou seja, uma prática analítica de elementos específicos. A inexistência de uma ordem de diferenciação silábica à qual o acento pudesse se integrar leva Saussure a removê-lo do conjunto dos elementos silábicos e a incluí-lo no conjunto dos elementos que servem de meio de diferenciação morfológica. Após essa reorganização do

conjunto de entidades com as quais o acento interage, Saussure apontará para a *língua* como entidade organizadora da sua existência.

Vemos então que a inserção da *língua* na reflexão saussuriana ocorre num momento avançado da análise de elementos particulares. Não se trata de uma certeza axiomática tomada de antemão, mas de uma criação que se faz necessária para uma prática investigativa que tem como objeto entidades imateriais dotados de valores relativos.

A presença da *langue* no texto saussuriano – ainda que não se faça com uma conceituação explícita de termo – não deriva de uma operação de corte higiênico na massa heteróclita dos fatos de linguagem, mas de uma constatação de que há uma ordem sistêmica que produz e sustenta seus próprios elementos. Poderíamos dizer que se trata de uma atitude epistemológica que ao rechaçar a determinação da existência dos elementos por si mesmos, aposta na detecção das relações sistemáticas que os sustentam. Trata-se de uma disposição especial para determinar a presença e a ausência de um tipo de coisa cuja existência não é garantida pela materialidade.

6.3 UMA DISCIPLINA

As folhas das NAL demonstram uma insistência por parte de Ferdinand de Saussure em determinar o objeto de um estudo linguístico do acento a partir de uma divisão entre uma abordagem do *acento em si* e uma compreensão do *papel do acento na palavra*. Tal preocupação é acompanhada de algumas passagens que sugerem uma organização dos estudos que podem ser feitos quando tomamos o acento pelo lado de dentro da língua.

Esse interesse por sistematizar tal estudo em uma divisão territorial, que poderia ser descrito como uma organização disciplinar, revela a preocupação de Saussure em fazer do estudo linguístico uma prática científica consciente de suas atitudes. Um esclarecimento das diferenças entre as abordagens *fonética* e *morfológica* – que podem ser lidas como o primórdio da divisão entre diacronia e sincronia – resultam de um interesse pela organização do saber que pode ser produzido pela linguística. Com base nesses critérios, seria possível sistematizar o saber sobre o tema e propor sua manutenção e transmissão. Retornando às folhas das NAL, encontramos uma passagem peculiar, que ilustra a ausência de tais critérios para um *grammairien* decidido a desenvolver um estudo do acento:

XIX Ms. fr. 3953, f. 307

[1] Mis en face d'un système d'accentuation – comme l'est par exemple, et pour fixer les idées en choisissant un cas quelconque celui de l'ancien grec – le grammairien imbu de certaines formules courantes est généralement persuadé de trois choses :

1° qu'il aborde un terrain nouveau, très distinct et très difficile, un domaine à part, tout spécial. Tous autres départements de la grammaire []

2° que pour cette raison même, ou pour d'autres quelconques, tous les genres d'observation qu'il peut faire dans ce domaine spécial de l'accent (grec) relèvent *ipso facto* d'un seul et même genre d'études. Tout ce qui a rapport à l'accent forme un corps, [un] seul bloc naturel.

3° Dans ce corps, inattaquable en son unité, on peut d'ailleurs procéder ad libitum pour la division des parties, selon les commodités de l'exposition.

Il est persuadé aussi de plusieurs autres choses, par exemple que lorsqu'il considère la différence de $\tau\acute{\iota}\mu\acute{\eta}$ et $\tau\acute{\iota}\mu\eta\varsigma$, il étudie d'abord en général l'accent ; et nommément ensuite la *qualité* de l'accent, qui étant la chose du monde qui a le plus directement trait à l'accent, l'enfonce encore plus dans la conviction qu'il ne s'est pas un instant occupé d'autre [c]. chose]. (NAL, [2003], p. 347-348)

A ilustração coloca mais uma vez o *grammairien* diante da possibilidade de produzir equívocos. O primeiro deles seria supor que o acento é um objeto novo, de difícil acesso e distinto dos demais objetos linguísticos. Em virtude de tal suposição, o *grammairien* elabora um estudo no qual o acento ocupa a posição central e, a partir de tal estratégia, cria divisões pouco criteriosas no seu estudo. Essa sequência de equívocos é resultado de uma tentativa de criar um estudo do acento propriamente dito, uma espécie de *acentologia*. Um pesquisador dessa ciência desastrada considera que em $\tau\acute{\iota}\mu\acute{\eta}$ e $\tau\acute{\iota}\mu\eta\varsigma$ há uma diferença de qualidade em si, derivada de uma causa externa a ser identificada, sem considerar que tal diferença é própria da distinção entre os casos nominativo e genitivo feminino da língua grega.

A ilustração aponta para a necessidade de se estabelecer uma divisão do estudo linguístico que não seja feita *ad libitum*, mas baseada em critérios que caibam no território da língua. As passagens que indicam tal organização são raras e pouco desenvolvidas ao longo das NAL (II Ms. fr. 3953, f. 278-279; IV Ms. fr. 3953 f. 284).

Os estudos dos fatos de língua são agrupados em três grupos: *fonética*, *morfologia* e *teoria da fonação*. Tais abordagens se distinguem em torno da determinação de diferentes valores para os elementos que compõem um fato de língua. O estudo *fonético* se ocupa de valores *diacrônicos*; o estudo *morfológico* se ocupa de valores *momentâneos*; a *teoria da fonação* se ocupa dos valores *absolutos* de um elemento que figura num sistema em um dado momento.

A grande cisão que Saussure opera nesse manuscrito não reside na tradicional separação entre estudo diacrônico e sincrônico que é interpretada em outras porções do corpus saussuriano. O que nos chama atenção nas folhas da NAL é a necessidade de separar o estudo de *valores absolutos* – produzidos por uma *teoria da fonação* – dos *valores relativos* que podem ser obtidos tanto pela *fonética* como pela *morfologia*.

Tal divisão se justifica pelo fato de que os valores absolutos são resultado de uma abordagem fonológica que considera o elemento em si e o determina de acordo com a materialidade do ato fonatório que o sustenta. Por isso, uma teoria da fonação se ocupa dos *valores absolutos* de um elemento que figura num sistema em um dado momento, ou seja, se interessa por “fixer la valeur absolue d’un élément figurant à une moment donné dans tel ou tel système” (NAL, [2003], p. 335). Os valores absolutos são registrados por uma análise empírica do ato de fala individual; procedimento totalmente diverso do que é realizado para a determinação dos *valores relativos*.

A *fonética* – e muito pouco é dito sobre ela nas NAL – se ocupa de valores diacrônicos, que são estabelecidos pela observação de dois ou mais estados de línguas em sucessão. Já *morfologia*, que para Saussure é sinônimo de gramática, se ocupa de valores momentâneos, ou seja, dentro de um único estado de língua. Esses valores idiossincráticos são estabelecidos pela observação analítica da relação entre os elementos desse mesmo estado de língua.

Sobre a organização disciplinar da linguística, essas seriam as informações que o manuscrito NAL nos oferece. O estudo do acento que é ali proposto se insere dentro desta organização, que não permite a formação de um campo de estudos *acentológicos* por assim dizer. O acento, se for considerado como elemento linguístico, o será com base numa determinação de seu valor relativo, produzido desde uma análise *fonética* ou *gramatical*.

É interessante observar que Ferdinand de Saussure não faz uso da nomenclatura gramatical tradicional para propor uma organização disciplinar. Encontramos os termos *fonético*, *morfológico* e *sintático* como adjetivos que caracterizam de maneira frouxa a variedade do fenômeno linguístico, mas eles não passam a compor o conjunto de termos utilizados por Saussure para propor um fazer científico. Tal constatação nos encaminha para uma consideração final sobre o modo de organizar a produção de conhecimento linguístico proposta por Saussure. Para isso, atenhamo-nos à seguinte passagem:

Thèses

(1) Il n’y a de morphologie que dans un état de langue donné ; mais (2) tout ce qui est à étudier dans un état de langue donné est de la morphologie. Ainsi, étudier le

sens d'un mot est faire la même chose que d'étudier [], car dans chaque cas on ne fait qu'étudier la valeur d'un élément dans le système. Toute la différence est que l'élément est plus ou moins complexe.

On ne peut saisir la forme dans son union avec le sens que dans un état de langue donné (c'est ce qui fait qu'entre états successifs il n'y a pas que de la phonétique) ; mais dans cet état de langue, il n'existe rien qu'en vertu de la valeur significative (plus ou moins directe) que l'on constate être attachée aux éléments. (C'est qui fait que morphologie a le même sens que grammaire, et que dans un état de langue donné il n'y a que de la grammaire ou de la morphologie) (NAL, [2003], p. 338).

O problema do *sentido*, tão caro a Ferdinand de Saussure em outros de seus textos, não é abordado de maneira explícita nas NAL. O fato de não encontrarmos um fragmento específico para tal problema não significa que ele se faça ausente da reflexão desenvolvida neste texto. Quando Saussure descreve o que vem a ser um estudo morfológico, ou seja, que tem como objeto os valores momentâneos de um estado de língua, os termos *sens* e *significative* são mobilizados.

Para Saussure, o estudo do sentido de uma palavra - tradicionalmente classificado como investigação *semântica* - pertence ao domínio da *morfologia*, ou seja, da abordagem que almeja determinar os valores relativos dos elementos de um dado estado de língua. Pela proposta do linguista, da mesma maneira que estudamos a distribuição sistêmica que sustenta uma diferença silábica, podemos estudar a distribuição de uma diferença de sentido. Essa proposta é sustentada por uma unificação equalizada daquilo que costuma ser abordado de maneira cindida: forma e sentido.

A proposta saussuriana desfaz tal cisão pelo fato de que o valor – produto de uma diferença perceptível ao espírito – é caracterizado desde o ponto de vista morfológico como *significativo*. Os elementos linguísticos, dotados de características distintivas, ao serem percebidos pelo espírito passam a ter valor significativo.

O fragmento não traz mais reflexões em torno desse processo de significação. Se quiséssemos fazer uso do arsenal conceitual que Saussure viria a criar posteriormente, poderíamos traçar uma aproximação entre os termos *valor significativo* e *signo*. Tal procedimento, no entanto, exigiria diversas análises filológicas que não são possíveis de realizar no momento. Por ora, o que se pode apontar neste momento é o fato de que o linguista genebrino não faz uso da divisão tradicional de domínios gramaticais. O estudo morfológico – que toma o conjunto de elementos da língua num momento dado – abarca um estudo das formas e do sentido em relação. A reserva de um domínio de tal estudo para a semântica é algo descabido, visto que a língua é compreendida a todo momento como um sistema produtor de *sentido*.

6.4 UMA CIÊNCIA POR VIR

O nome de Ferdinand de Saussure costuma ser empregado para referir ao momento – um tanto quanto mítico e heroico – de fundação da ciência linguística. Quando fazemos uma avaliação histórica dessa narrativa simplista, tal como esclarecido no capítulo 2, somos levados a modificar nosso modo de localizar o nome de Ferdinand de Saussure no tempo e no espaço. Cientes disso, ao nos dedicarmos à leitura de um manuscrito saussuriano, buscamos, por sugestão de Johannes Fehr (1996), no conceito de *ciência em ação*, cunhado por Bruno Latour (2001), um alicerce para leitura de tal material.

Conforme mencionado, Latour (2001) afirma que toda prática científica sustenta duas faces. Uma delas, voltada para o grande público, emite proposições universais cujo ato enunciativo foi apagado. É essa a imagem da *ciência pronta*, que toma a forma de um conjunto de conceitos e práticas bem organizado e orientado para produzir o mapeamento de uma porção de fenômenos. A outra face da ciência, que não é visível ao grande público, produz enunciados localizados que são a cada instante reelaborados. Essa é a imagem da *ciência em ação*, que revela um cenário no qual diversos agentes travam disputas para elaboração das proposições que virão a ser emitidas com valores universais.

Essa dupla face de Janus da atividade científica é traduzida por Latour pela metáfora das portas. Se adentrarmos pela *porta da frente* do edifício científico, teremos acesso somente aos resultados sustentados pela imagem de *ciência pronta*. Se nos aventurarmos a entrar pelas *portas dos fundos*, veremos a confusa cozinha laboratorial na qual os fatos científicos são produzidos, e, no meio dessa desordem, veremos a *ciência em ação*.

Johannes Fehr (1996) faz uso dessa metáfora das portas para descrever o grande conjunto de textos que compõem o corpus saussuriano. Alguns deles – especialmente as publicações do RPS e a edição do CLG – são como a porta da frente do pensamento saussuriano, pois neles encontraremos imagens bem estabilizadas de uma prática científica. Outros, que o linguista não publicou justamente pela incompletude, são como portas dos fundos, pois nos permitem ver a imagem de uma *ciência em ação*.

A leitura interpretativa que fizemos até aqui sintetizou e organizou algumas das reflexões anotadas por Saussure para um tratamento do fenômeno acentual que reservaram espaço para especulação das condições necessárias para o tratamento de qualquer elemento linguístico em geral. Apontadas essas determinações, nos dedicaremos agora a examinar a imagem de ciência da linguagem que Saussure deixa registrada nesse conjunto de textos. Conforme descrito na seção anterior, as NAL reservam algumas passagens para a formulação

de uma reflexão mais ou menos precisa a respeito do que caracterizaria uma *ciência linguística* (I Ms. fr. 3953 f. 265; IV Ms. fr. 3953 f. 282-284; V Ms. fr. 3953 f. 285; XVI Ms. fr. 3953 f. 303).

De acordo com a interpretação de Milner (1995; 1987), feita a partir de uma leitura do CLG e de alguns textos secundários - a *porta de entrada* do pensamento saussuriano -, o linguista genebrino percorre um caminho reflexivo que se inicia numa imagem ideal de ciência que seria aplicada ao domínio próprio da linguística. Nessa manipulação de conceitos, Saussure se empenharia para recortar com precisão o seu objeto, *a língua*, a partir de tal atitude, elaboraria práticas analíticas balizadas pelo conceito de *signo*.

Pela *porta dos fundos* que os fragmentos das NAL nos abrem, é possível ler um encadeamento reflexivo distinto. Em momento algum encontramos uma imagem de ciência em geral que seria aplicada ao domínio linguístico. O que lemos nessas folhas é justamente o processo inverso: a tentativa de estabelecer um domínio científico em torno da especificidade que sustenta os elementos presentes numa análise linguística específica. Quando nos situamos na perspectiva da *ciência em ação*, vemos que o linguista não parte do geral para o específico; ele abre parênteses em seu trabalho analítico para que, nas peculiaridades dessa condição, seja elaborado um modo inédito de fazer ciência.

Considerando o horizonte retrospectivo que elaboramos na primeira parte deste trabalho, podemos ver que a todo momento Saussure insiste na necessidade de distinguir uma abordagem da materialidade física do acento – estudo da natureza do acento; do acento em si – de uma abordagem do acento enquanto resultado do valor diferencial de suas características – estudo do papel do acento na palavra; da relação do acento com a palavra. Essa distinção é tão necessária para o linguista que ele afirma que qualquer ligação entre essas duas perspectivas aciona uma perigosa armadilha para o *grammairien*.

Essa distinção rigorosa, inúmeras vezes refeita no manuscrito, registra a necessidade que Saussure tem de romper com as abordagens fonológicas fomentadas por grande parte dos seus colegas contemporâneos que, após abandonarem as metáforas organicistas de Schleicher, adotavam a física como ciência modelo. Ao fazer tal separação, Ferdinand de Saussure está impondo a si mesmo a necessidade de elaborar uma ciência distinta do modelo empirista e indutivo que ganhava força nos centros acadêmicos.

Essa atitude epistemológica não é fruto de uma decisão pessoal ou a marca de um gênio. Ela é consequência de uma reflexão elaborada no contato travado por Saussure com seus objetos de análise. No caso do manuscrito em questão, Saussure estabelece tal necessidade ao propor uma análise dos elementos que constituem a sílaba, tal como pode ser

lido nos fragmentos das folhas Ms. fr. 3953 f. 257-276. Fazendo o uso de uma terminologia corrente nos estudos linguísticos de então – sílaba, timbre, quantidade – o linguista aponta a necessidade de realizar uma distinção entre o elemento que existe formalmente para a língua e aqueles que se fazem ausentes.

O critério para realização dessa análise é a presença ou ausência de características que não são verificadas pelo instrumental do fonologista, visto que tais traços só são detectados no momento em que se fazem perceptíveis para o espírito. Logo, o que garante a existência de um elemento – seja ele o timbre, a quantidade ou o acento – no universo das coisas linguísticas não deriva de sua materialidade, mas sim da sua apreensão mental. Em resumo, podemos dizer que os elementos linguísticos existem como coisas que, a despeito da materialidade, são sustentadas na percepção, logo, são realidades mentais. O estabelecimento da percepção como determinante da existência do elemento linguístico é, nesse manuscrito, a principal atitude epistêmica de Saussure, visto que é como consequência dele que será desenvolvido prenúncio de uma teoria do valor.

Ao insistir na inviabilidade de aproximar a física da linguística, Saussure refuta a importação de critérios de cientificidade das ciências positivas para o campo da linguagem. O linguista genebrino se empenha o tempo todo em demonstrar a distinção entre esses fazeres científicos e, com tal diagnóstico em mente, busca estabelecer a especificidade da ciência linguística. Nesse ponto, o fragmento da folha *Ms.fr.3953 f. 285* é especialmente preciso, pois ele registra um pensamento que se faz frequente em diversos pontos do corpus saussuriano:

{1} Nous dénonçons catégoriquement à la linguistique le droit, dont elle use continuellement, de parler « *d'une chose* » à « *tel point de vue* ».
 Par exemple du mot { } au point de vue du sens, de la racine { }
 Les autres sciences ont à leur base des objets définis par leur existence, *hors de tout point de vue*. La linguistique a cela de particulier, et de grave, qu'un objet ne commence à être défini que de par le point de vue même *a, b, c*, qu'on « *y* » applique, formule encore fautive : puisqu'elle suppose encore un objet donné – mais de par le point de vue momentané qu'on applique à la *masse* des faits linguistiques contemporains, jointe à la *masse* des faits linguistiques précédents, (jointe quelquefois à la *masse* des faits linguistiques succédant) { } (NAL, [2003], p. 338).

As reflexões que Saussure registra a respeito do objeto da linguística revelam a especificidade dessa ciência. O *grammairien*, encontra-se numa espécie de solidão epistêmica. As outras práticas científicas – que se encontram adequadas ao crivo de uma epistemologia moderna – desfrutam, segundo Saussure, de objetos que são definidos fora de qualquer ponto de vista, ou ainda, são dados de maneira imediata. A linguística, por sua vez, sofre da ausência de um objeto que seja definido em si.

Quando buscamos estabelecer a distinção que Saussure marca entre a linguística e ciências como a química, a física e a astronomia, podemos entender melhor o que caracteriza a ciência linguística. Segundo o linguista genebrino, tais ciências encontram diante de si um objeto dado. Isso não significa simplesmente que os praticantes de tais ciências são capazes de apontar para seus objetos de maneira imediata. Um químico não é capaz de apontar para uma ligação de carbono; um físico não é capaz de apontar para a aceleração; um astrônomo não é capaz de apontar para a energia negra de maneira imediata. Esses cientistas dispõem de instrumentos – que nada mais são do que a materialização de suas teorias – capazes de identificar empiricamente tais objetos.

Porém, mesmo que recorram a instrumentos que materializam suas teorias – os seus pontos de vista – o químico, o físico e o astrônomo podem manipular os objetos que foram dados à apreensão imediata ou instrumentalizada a fim de compará-los e classificá-los sem que para isso eles tenham de manter com esses uma relação de percepção sensível. O físico pensa e mobiliza a aceleração de um corpo sem que para isso seja necessário perceber sensivelmente tal objeto. Coisa semelhante não ocorre com o linguista.

A manipulação dos elementos linguísticos exige que o pesquisador os considere como unidades produtoras de uma diferença perceptível ao espírito. Pelo fato de pesquisar objetos que têm somente realidade mental, o linguista necessita, ao realizar sua análise, fazer com que sua mente perceba tais objetos, pois só assim eles passam a tomar a forma de elementos presentes no terreno da língua.

A ligação intrínseca entre a percepção do pesquisador e elemento linguístico analisado é registrada por Ferdinand de Saussure nas NAL num formato que prenuncia a frase do CLG, que costuma ser interpretada como uma tese geral de uma epistemologia construtivista: “Bem longe de dizer que o objeto precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto”. (CLG, [1991], p. 15).

Para as ciências experimentais, cujos objetos são imediata ou mediatamente visíveis, dizemos que os objetos antecedem o ponto de vista pelo fato de que suas existências não dependem do ponto de vista. Para a ciência da linguagem, porém, o objeto só existe na medida em que é percebido pelo espírito. Por ser o produto de uma operação mental, o objeto linguístico só existe no ponto de vista. Por isso, podemos afirmar que “é o ponto de vista que, sozinho, FAZ a coisa” (ELG, [2004], p. 173).

A reflexão que encontramos dispersa na folha *Ms.fr.3953 f. 285* das NAL tomou, ao longo do processo de editoração e leitura do corpus saussuriano, a forma de uma tese, que pode ser lida como um axioma que rege as pesquisas linguísticas. Porém, quando nos

centramos no manuscrito, vemos que tal reflexão não é fruto de uma reflexão isolada sobre as propriedades da linguagem em geral; muito pelo contrário, é uma conclusão elaborada a partir do manuseio de um objeto de análise muito específico.

Ao conduzir seu trabalho analítico Saussure desenvolve as especulações que darão forma a uma organização da ciência linguística totalmente distinta das ciências experimentais. Em oposição ao empirismo positivista que tanto seduzia seus contemporâneos, Saussure propõe uma virada epistemológica ao afirmar a possibilidade de se fazer o estudo de um objeto destituído de um substrato material. Nessa atitude desafiadora reside a relevância de Ferdinand de Saussure para os estudos linguísticos.

Ao apontarmos para essa atitude epistemológica, podemos afirmar que Saussure é um evento na história dos saberes linguísticos, visto que seu pensamento, ainda que disseminado por um processo de autoria muito pouco ortodoxo, foi capaz de provocar o efeito de um certo desvio na marcha do desenvolvimento dos estudos linguísticos. Ao invés de apostar no método tradicional das ciências experimentais, como seria próprio de um positivista, Saussure reivindica para o campo da linguagem uma maneira distinta de fazer ciência.

A leitura apresentada das NAL não nos leva a compartilhar da interpretação de Jean-Claude Milner segundo a qual Ferdinand de Saussure propõe um contorno ao positivismo através de um retorno inconsciente a um modelo clássico de ciência aristotélica. Quando lemos essas notas, ou seja, quando entramos pelas portas dos fundos do edifício saussuriano, não encontramos o linguista dedicado a elaborar por meio de especulações filosóficas as teses que funcionariam como axiomas de uma teoria mínima da linguagem.

Não negamos aqui a possibilidade de produzir tal interpretação quando se parte de outras porções do corpus saussuriano. O que afirmamos é que o trabalho que fizemos a partir das NAL não nos leva a reforçar tal interpretação. O que lemos nas NAL são as marcas de um empenho por parte de Saussure para propor uma nova ciência. Essa ciência, como já afirmamos, não se encontra adequada ao modelo aristotélico apresentado por Milner. Restamos, portanto, verificar se seria ela uma ciência galileana.

De acordo com Milner (1987; 1995), as ciências modernas, alinhadas ao modelo da física galileana, caracterizam-se pela produção de proposições elaboradas de acordo com um sistema de escrita que funciona como uma literalização matematizada do real. A preocupação com formalismo, tão almejado pelas ciências modernas, é latente ao longo do manuscrito.

Diversas são as passagens nas quais Saussure afirma a necessidade de que os valores relativos estabelecidos pelo *grammairien* sejam passíveis de uma notação algébrica. Além disso, todos os esquemas gráficos que o intervalo examinado contém são exemplos muito

nítidos da preocupação do linguista em estabelecer um sistema de inscrições próprio para registrar as diferenças qualitativas que sustentam os elementos linguísticos. Diríamos, e já o dissemos, que nesse aspecto em específico, Saussure acata tal componente das ciências galileanas.

No entanto, as ciências galileanas, como bem descreve Milner, não são apenas produções de proposições matematizadas. Elas são produções discursivas que se caracterizam pela possibilidade de submeter suas proposições a testes de empiria. A experimentação é uma operação que o cientista realiza para dar ao conjunto de suas proposições um valor de verdade, ou seja, estabelecer um vínculo entre o conjunto proposicional e aquilo que pode ser referido de maneira precisa no tempo e no espaço.

Frente a essa exigência, a ciência saussuriana encontra seu maior desafio. O objeto do *grammairien* não pode ser referido de maneira precisa, nem imprecisa, no tempo e no espaço. Os elementos linguísticos não são objetos que ocupam espaço e nem ocorrem num período de tempo delimitado. Por serem realidades mentais, a pura experimentação não é capaz de estabelecer o vínculo entre o conteúdo proposicional do *grammairien* e um valor de verdade da mesma maneira que o faz um físico.

A proposta de Saussure é que o *grammairien*, para sustentar o valor de verdade da sua proposição, deve ser capaz de apresentar a língua, ou seja, o sistema de diferenças perceptivas relacionadas, como sendo o sustentáculo dos elementos que estão em sua proposição. Ao invés de apontar para um objeto material que comprove a sua afirmação, o *grammairien* deverá apontar para o sistema da *língua* como justificativa final do seu saber. A língua, como bem vimos, é, não o resultado de um recorte higienista na massa dos fenômenos heteróclitos, mas *cet autre chose*, realidade sem substância, mas concreta, imaterial, mas efetiva, que faz existir o elemento no qual convergem diferenças perceptivas sistemicamente organizadas.

O fato de não haver em lugar nenhum o objeto da linguística como uma entidade dada – como um substrato material que pudesse ter existência garantida para além da percepção – costuma ser interpretado como a ferida epistemológica dos estudos da linguagem. Ferdinand de Saussure fez da consciência desse calcanhar de Aquiles o centro de sua reflexão para propor um modo de fazer ciência. Trata-se de um projeto de ciência que se inicia de maneira tácita na feitura de suas pesquisas comparatistas que lhe renderam algumas publicações e reconhecimento institucional no território francês e que será disseminado em diferentes comunidades de pesquisas linguísticas.

Se retornarmos na linha do tempo, o caráter inovador do modo de fazer ciência proposto por Saussure já é percebido e declarado por Charles de Bally, no momento da

homenagem de entrega dos *Mélanges de linguistiques pour Ferdinand de Saussure*, no dia 14 de julho de 1908.

Your student`s notebooks would form a true scientific library; they would suffice to renew our ideas and our methods on a great number of points, if only you did not jealously reserve the treasures of your mind for a small circle of initiates. [...] To give an idea of your mode of exposition is something impossible because it is something unique: it is a scientific imagination, the most fecund that could be dreamed of, from which creative ideas explode; it is a method at once supple and severe which, while holding back any overly lively mental leaps, gets the maximum from one`s effort; it is also a stunning clarity of vision, which sheds light on the most obscure questions. (BALLY, 1908 *apud* JOSEPH, 2012, p. 527).

Bally, a quem nosso olhar retrospectivo atribui o epíteto de editor do CLG, aponta para existência de uma considerável biblioteca científica dispersa nos cadernos dos alunos do mestre. Evidentemente, esse conjunto de textos não se organiza na formatação de um discurso científico bem-acabado, ele apresenta justamente num conjunto de notas, acessíveis apenas a esse pequeno círculo de iniciados, uma *imaginação científica*, uma elaboração criativa e severa de um modo de fazer ciência, uma *ciência em ação*.

É o registro dessa ciência em potencial que leva Charles Bally e Albert Sechehaye, oito anos depois dessa declaração, a elaborar com fragmentos dessa biblioteca científica – os cadernos de alguns alunos – o texto do *Curso de Linguística Geral*. Essa obra, cujo peso para a linguística do século XX é indiscutível, apresenta uma interpretação dessa *imaginação científica* que Ferdinand de Saussure expunha a um pequeno grupo de iniciados.

Graças à divulgação dos manuscritos feita pela filologia saussuriana, fragmentos dessa biblioteca científica tornaram-se disponíveis para um maior número de leitores. O retorno a Saussure por meio de tais materiais restaura a possibilidade, conforme constatamos em nossa análise, de ler no correr da pena do linguista a construção de uma ciência inovadora, capaz de tratar de objetos imateriais, constituídos pela percepção da diferença, e situados no lado de dentro do sujeito.

Esse modo de fazer ciência – distinto daquele que encontramos nas ciências modernas – nos direciona para uma produção de conhecimento cujos resultados são de outra ordem. Por não supor que a matéria sustenta seu objeto, o linguista não se dedica à descoberta e ao diagnóstico de valores absolutos, constâncias e invariáveis. Por trabalhar com o que se sustenta na percepção das características diferenciais, a ciência que Saussure propõe está assentada na compreensão de que o conhecimento se produz no diagnóstico da diferença, no mapeamento das variações e catalogação das multiplicidades.

A biblioteca científica em potencial que o ensino e os manuscritos de Ferdinand de Saussure produziram nunca tomou, e talvez nunca tome, uma forma definitiva. Na segunda metade do século XX, diversas foram as tentativas de dar prosseguimento a uma ciência do múltiplo. Antropologia, psicanálise, literatura, semiologia, dentre outras práticas investigativas recorreram a imagem de Ferdinand de Saussure na busca de uma epistemologia capaz de lidar com a produção da multiplicidade. No século XXI, a publicação dos manuscritos que compõe a biblioteca científica do linguista genebrino abre uma outra porta no edifício do pensamento saussuriano para que os investigadores da multiplicidade descubram uma imagem de uma ciência em ação, em constante elaboração de enunciados e direcionamentos para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, G. Filosofia e linguística. In: AGAMBEM, G. **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Belo Horizonte: Autêntica, p. 51- 69, 2015.

ARRIVÉ, Michel. **Em busca de Ferdinand de Saussure**. São Paulo: Parábola, 2010.

ARKADIEV, P.; HOLVOET, A.; WIEMER, B. Baltic linguistics: state of art. In: _____. **Contemporary approaches to Baltic Linguistics**. Boston: De Gruyter, p. 1-70, 2015.

AUROUX, S. L'histoire de la linguistique. **Langue française**, n. 48, p. 7-15, 1980.

_____. Pour une histoire des idées linguistiques. **Revue de synthèse**, v. 109, p. 429-441, jul./dez. 1988.

_____. **Histoire des idées linguistiques, tome 1**: La naissance des métalangages en Orient et en Occident. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1989.

_____. **Histoire des idées linguistiques, tome 2**: Le Développement de la grammaire occidentale. Bruxelles: Pierre Madraga, 1992a.

_____. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992b.

_____. **Histoire des idées linguistiques, tome 3** : L'hégémonie du comparatisme Bruxelles: Pierre Mardaga, 1997.

BENVENISTE, E. Ferdinand de Saussure à l'École des Hautes Études. **École pratique des hautes études**, 4e section, Sciences historiques et philologiques, Annuaire 1964-1965, p. 20-34, 1964a.

_____. Lettres de Ferdinand de Saussure à Antoine Meillet. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Geneva: Ed. Droz, v.21, p.93-130, 1964b.

_____. **Gênese do termo científica**. In: _____. Problemas de linguística geral II. São Paulo: Pontes, 1989.

BLOOMFIELD, L. **Language**. George Alen & Unwind, London, 1973.

BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. Tradução de Carlos A. L. Salum; Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

BOUQUET, S. La linguistique générale de Ferdinand de Saussure : textes et retour aux textes. **Texto!** dez. 1999 [online]. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Bouquet_Linguist-gen.html. Acesso em: 20 mar. 2016.

BRAZÃO, M. O estudo das entonações das línguas e a importância para Ferdinand de Saussure. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2035.pdf . Acesso em: 20 mar. 2016.

BUTTERFIELD, H. **The Whig Interpretation of History**. Editado por Guido Abbattista, 2002. Disponível em: www.eliohs.unifi.it/testi/900/butterfield. Acesso em: 20 mar. 2016.

CALVET, Louis-Jean. **Saussure: pró e contra**. São Paulo: Cultrix, 1977.

CHEVALIER, J. Présentation de la revue. **Histoire Épistémologie Langage**, v. 1, n. 1, p. 1-2, 1979.

CHOMSKY, N. **Linguística cartesiana**. São Paulo: Vozes, 1971.

COLLIGE, N. **The laws of Indo-European**. John Benjamins. Amsterdam, 1985.

COLOMBAT, B, FOURNIER, J.; PUECH, C. **Histoire des idées sur le langage et sur les langues**. Paris: Klincksieck, 2010.

CRUZ, M. A filologia saussuriana: debates contemporâneos. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 107-126, 2009.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de la énonciation**. Tome II: Formalisation et opération de repérage. Paris: Ophrys, 1999.

CULLER, Jonathan. **As idéias de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 1979

DAMBRIUNAS, L. A general characterization of the Lithuanian language. **Lithuanian Quarterly Journal of Arts and Sciences**, v.10, n.3-4, 1964.

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muniz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DE LEMOS, C., LIER-DEVITTO, M.F., ANDRADE, L., SILVEIRA, E. Le saussurisme en Amérique Latine au XXe siècle. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra: Ed. Droz, v. 56, p. 165-176, 2004.

DE MAURO. **Notes**. In: SAUSSURE, F. Cours de Linguistique Générale - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, p. 406-495, 1967.

DOGIL, G. Baltic languages. In. DER HULST (org.), H. **Eurotyp 4: word prosodic systems in the languages of Europe**. Mouton de Gruyter, New York, 1999.

EIDINTAS, A., BUMBLAUSKAS, A., KULAKAUSKAS, A., TAMOŠAITIS, M. **History of Lithuania**. Vilnius: Eugrimas, 2013. Disponível em: http://urm.lt/uploads/default/documents/Travel_Residence/history_of_lithuania_new.pdf. Acesso em 20 mar. 2016.

FEHR, J. Saussure : cours, publications, manuscrits, lettres et documents. Les contours de l'œuvre posthume et ses rapports avec l'œuvre publiée. **Histoire Épistémologie Langage**, tome 18, fascicule 2, L'esprit et le langage, p. 179-199, 1996.

FEHR, J. Ferdinand de Saussure et l'interdisciplinarité des sciences du langage. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra: Ed. Droz, v. 54, p. 147-153

FOUCAULT, M. **O que é um autor?**. Lisboa: Veja, 1992.

_____. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GADET, F. **Saussure, une science du langage**. Paris : P.U.F., 1987.

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours De Linguistique Générale**, 2.ed. Genebra: Librairie Droz, 1957.

HOLTON, G. **Thematic origins of scientific thought**: Kepler to Einstein. Cambridge: Harvard University Press, 1988.

JOSEPH, J. Why Lithuanian accentuation mattered to Saussure. **Language and history**, v. 52, n. 2, p. 182-198, nov. 2009.

_____. **Saussure**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

KLIMAS, A. The importance of Lithuanian for Indo-European linguistics. **Lithuanian Quarterly Journal of Arts and Sciences**. v.15, n. 3, 1969.

KOERNER, E. F. **Ferdinand de Saussure**. Origin and Development of his Linguistic thought in Western Studies of Language, Braunschweig, Viewieg, 1973.

_____. Questões que persistem em historiografia linguística. Tradução Cristina Altman. **Revista da ANPOLL**, n. 2, p. 45-70, 1996

_____. História da linguística. Tradução Susana Fortes. **Revista Confluência**, n. 46 , p. 9-22, 2014.

KOYRÉ, A. **Études d'histoire de la pensée scientifique**. Paris: Gallimard, 2010.

KUHN, T. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

KYHENG, R. Principes méthodologiques de constitution et d'exploitation du corpus saussurien. **Texto!**, 2007, vol. XII, n. 2. Disponível em: http://www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Kyheng/Kyheng_Corpus-saussurien.html. Acesso em: 20 mar. 2016.

LALANDE, A. **Vocabulaire technique et critique de la philosophie**, Paris : P.U.F., 2006.

LATOURET, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

MANILIER, P. **La vie énigmatique des signes** : Saussure et la naissance du structuralisme. Paris : Éditions Léo Scheer , 2006.

MEILLET, A. Nécrologie - M. Ferdinand de Saussure. **École pratique des hautes études**, Section des sciences historiques et philologiques. Annuaire 1913-1914, 1913, p. 115-123.

_____. **Introduction à l'Étude Comparative des Langues Indo-Européennes**. Paris: Librairie Hachette, 1908.

MENALDI, M. **La voz normal**. Buenos Aires: Médica Panamericana, 2005.

MILNER, J. **Introduction à une science du langage**. Paris: Éditions du Seuil, 1995.

_____. **O amor da língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

_____. **El périplo estructural: figuras y paradigmas**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

MOUNIN, G. **Ferdinand de Saussure ou le structuraliste sans le savoir**. Paris : Seghers, 1968.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2010.

_____. Langue/parole : constitution et enjeu d'une opposition. In: **Langages**, Paris, v. 12, n. 49, p. 66-90, 1978.

OLANDER, T. Indo-European heritage in Balto-Slavic accentuation system. In KEYDANA, G., WIDMER, P., OLANDER, T. **Indo-European Accent and Ablaut**. Museum Tusulanum Press, Copenhagen, p. 129-148, 2013.

PETIT, D. New insights on Lithuanian accentuation from the unpublished manuscripts of Ferdinand de Saussure (1857 – 1913). **Baltic Linguistics**, v.1, p. 143-166, 2010.
Disponível:http://www.balticlinguistics.uw.edu.pl/sites/default/files/full_texts/BL1_Petit.pdf.
Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. Ferdinand de Saussure, l'Indoeuropeo e il Lituano. **Res Balticae**, n. 13, 2013, p. 5-33.
Disponível em : <http://resbalticae.fileli.unipi.it/wp-content/uploads/2015/06/XIII-5-33-Petit-Daniel.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

PETIT, D.; QUIJANO, C. Du nouveau à propos du voyage de F.de Saussure en Lituanie. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, Genebra, n. 61, p. 133-157, 2008.

PEDERSEN, H. **The Discovery of language: Linguistics Science in the XIX Century**. Indiana: University Press, 1959.

POPPER, K. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1972.

PUECH, J. L'esprit de Saussure: reception et héritage (l'héritage linguistique saussurien : Paris contre Genève). **Les dossiers de Histoire Épistémologie Langage**, n. 3 [supplément électronique], Société d'Histoire et d'Épistémologie des Sciences du Langage, Paris : 2013.
Disponível em: <http://htl.linguist.univ-paris-diderot.fr/num3/puech.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

RAMONIERE, M.; PRESS, I. **Colloquial Lithuanian**. New York: Routledge, 2011.

SABALIUSKAS, A. La langue lituanienne vue par les linguistes français. **Cahiers Litvaniens**, Genebra, n. 2. p. 21- 27, 2001.

SAUSSURE, F. **Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes**. Leipsick: B. G. Teubner, 1879. Disponível em: <https://archive.org/details/memoiresurlesyst00saus>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. **Mélanges de linguistique offerts à M. Ferdinand de Saussure**. Libraire Paris : Ancienne Honoré Champion, 1908. Disponível em: <https://archive.org/details/mlangesdelingu00saus>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. **Recueil des publications scientifique**. Texte établi par BALLY, C. et GAUTIER, L. Librairie Payot, Genève 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/recueildespublic00sausuoft>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, com colaboração de Albert Riedlinger. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. **Cours de linguistique générale**. Edition critique par Rudolph Engler. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1967.

_____. **Escritos de linguística geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, com a colaboração de Antoinette Weil. São Paulo: Cultrix, 2004.

_____. Notes sur l'accentuation lituanienne. Editado por Ludwig Jäger, Mereike Buss e Lorella Ghiotti. In: BOUQUET, S. (Org). **Cahiers de l'Herne**. Saussure. Paris: Éditions de l'Herne, 2003, p. 323-350.

SILVEIRA, E. O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.21, n.34, jan./jun. 2014, p. 25-36.

SILVEIRA, E.; BRAZÃO, M. Saussure entre o geral e o particular: o caso do lituano. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, 43 (1): p. 309-318, jan-abr 2014

SLJUSAREVA, N. Deux lettres de Ferdinand de Saussure a J. Baudoin de Courtenay. **Cahiers Litvaniens**, n. 27, 1972, p. 7-17.

STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand de Saussure. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SUKAČ, R. **Introduction to Proto-Indo-European and Balto-Slavic Accentuation**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013.

TRABANT, J. Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs ? Notes item sur l'étymologie saussurienne. In: CHISS, Jean-Louis; DESSONS, Gérard. *Langages*. Paris, n.59, septembre 2005.

VASILIAUSKIENE, V.; SLOCUM, J. Baltic Online. Linguistics **Research Center/UTexas**. Austin: University of Texas, 2014. Disponível em: <http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/eieol/litol-1-r.html>. Acesso em: 20 mar. 2016.